ATANAGILDO

SEMEANDO E COLHENDO

OBRA PSICOGRAFADA POR HERCÍLIO MAES

Instituto
Hercílio Maes

SUMÁRIO

Preâmbulo

Algumas palavras

Prefácio

O quebra ossos

Não se levanta!...

O ergástulo de carne

A mina

Os romeiros

Assim estava escrito

Inquisição moderna

O cantor

A serraria

Um mau negócio

Frustração

Adestramento materno

Hei de ser rico!

A vida contra a vida

Expurgo psíquico

Anjos rebeldes

CADERNOS DA BOLSA DOS INÉDITOS

Apresentação

O Polvo

Minha gratidão ao professor Breno Trautwein. Imensamente grato pela inestimável ajuda e sugestões, que contribuíram para a melhor contextura desta obra de contos mediúnicos.

PREÂMBULO

Estimados leitores: quando eu vivia na Terra, nascido em são Paulo, viajava frequentemente pelo interior do Brasil, como topógrafo ou agrimensor e, muitas vezes, preocupou-me a natureza trágica e dramática de certas existências terrenas. Embora conhecedor da Doutrina Espírita, cultor de ensinamentos esotéricos, teosofistas e rosa-cruzes, que me esclareciam quanto ao processo reencarnacionista e à disciplina da Lei do Carma sobre o espírito encarnado, confundia-me o raciocínio certas tragédias, as quais não compreendia dentrodas normas da Justiça Divina.

Logo depois de desencarnado e entregando-me às atividades próprias do Mundo Espiritual, desejei conhecer a origem cármica de alguns dramas tristes e cruciantes que eu conhecera na vida carnal. Então, consultei os Maiorais da metrópole onde vivo,[1] solicitando-lhes permissão para investigar as causas e os acontecimentos funestos na forma de narrativas singelas, no intuito de proporcionar-lhes ensinamentos imediatos. O próprio médium, ao saber de meus propósitos, pediu-me para esclarecer casos do seu conhecimento, inclusive alguns fatos dolorosos de sua parentela. Daí, surgiu o plano e a sequência desta obra, guardando-se o necessário anonimato quanto à identidade dos protagonistas a fim de não se ferir suscetibilidades de parentes encarnados ou expor o médium a processos desagradáveis.

Aliás, atendendo a sugestões superiores, procurei evitar, propositadamente, a identificação dos personagens destas histórias. Mudei os locais, datas, circunstâncias e pormenores dos fatos narrados, porque as suas famílias ainda encontram-se na superfície terráquea no labor e aprendizado da vida. Evidentemente, alguns leitores poderão associar assuntos e coincidências destes contos, de modo a comprovar fatos e dramas que presenciaram ou tiveram conhecimento. Mas, o meu intuito é o de evitar, tanto quanto possível, essa identificação, pois ainda me soa aos ouvidos as recomendações de meu preceptor espiritual, ao me advertir: “Atanagildo, não se esqueça que os mortos bem-intencionados não devem dificultar a existência dos vivos; deixe isso para os obsessores.”

Também não procurei fazer ficção nestes contos reencarnacionistas, nem os dramatizei de modo a merecer mais apoio ou lisonja dos leitores. A

verdade é que descrevi, o mais fielmente possível, as coisas como elas aconteceram e, se alguém julgá-las exageradas, ou inverossímeis, ou demasiadamente dramáticas para comover o público, isso é assunto de fácil comprovação pela simples leitura cotidiana dos jornais.

Desejoso de cooperar para a evolução de meus irmãos encarnados, dirigi-me à administração da metrópole "Grande Coração", onde solicitei permissão para a tarefa a realizar. Atendido fraternalmente pelos mentores daquela comunidade, muni-me das credenciais necessárias para fazer as pesquisas das origens cármicas empreendidas pelos protagonistas desta obra. Desloquei-me para algumas comunidades espirituais situadas nas regiões asiáticas, europeias e sul-americanas a fim de colher dados e apontamentos sobre as causas que originaram certas vidas tão lastimáveis, que eu defrontara na minha última existência física. Também devo agradecer ao espírito de J. T.,[2] conhecido escritor brasileiro que ajudou-me a compor o enredo dos contos, de modo a não causar confusões aos leitores, ensinando-me a sintetizar as ações e os fatos, em afinidade com esse gênero literário tão difícil.

Aliás, devo explicar que não fui escritor na Terra, nem publiquei qualquer trabalho literário. Não cheguei mesmo a compor a indefectível poesia própria da adolescência. Na minha profissão de topógrafo, aproveitava a disponibilidade do tempo para estudar obras espíritas, teosofistas, esotéricas, rosa-cruzes ou iogues, dominado pela avidez de saber, e não pela ambição de criar. Em consequência, não pretendo fazer literatura; mas apenas informar os irmãos da Crosta sobre os fatos e as consequências que produzem as cruciantes torturas aos desencarnados no Além-túmulo. Despreocupei-me dos rendilhados e atavios estilísticos, que fizeram a tortura de Flaubert, Victor Hugo, Machado de Assis, Maupassant e outros escritores, para só comunicar os acontecimentos na sua expressão exata. O leitor não deve confundir o mensageiro, cujo trabalho é informar, com o artista que comove. A principal finalidade dos "contos reencarnacionistas" é de utilidade espiritual, numa tentativa de esclarecer dramas, tragédias, vicissitudes e dores, tão comuns à vida de muitos leitores.

Esforcei-me para lhes dar uma visão panorâmica dos diversos matizes cármicos gerados pela "lei de retorno" na vida do ser imortal. Há problemas trágicos, frustrações, escândalos, ingratidões, impiedades e as mais variadas

situações no seio de todas as famílias humanas, em analogia com muitos acontecimentos sucedidos nestes contos reencarnacionistas. Independente da consagração na esfera da literatura mediúnica, preocupa-me somente a satisfação íntima e impessoal de advertir, sugerir ou confortar os leitores para que, ao retomarem à pátria espiritual, possam fazê-lo de modo pacífico, agradável e consciente, em vez de sofrerem as torturas e angústias dos personagens imprevidentes de “Semeando e Colhendo”.

Evidentemente, o médium que me serve ainda se prende às convenções do mundo material e talvez preocupe-se em ajustar vocábulos mais afidalgados para melhor compor a singeleza do meu pensamento. É justo que isso possa acontecer, no tocante à sintaxe e altiloquência do enredo destes contos; mas confio na sua proverbial boa intenção e deixo a seu critério não trair a realidade dos fatos pelo requinte de estilo.

Oxalá, as narrativas verídicas que constituem o texto desta obra possam proporcionar novos ensejos de discernimento e conforto espiritual nos leitores, compensando a mim e aos demais participantes da tarefa o esforço singelo, mas bem-intencionado.[3]

Curitiba, 30 de janeiro de 1965.

Atanagildo

ALGUMAS PALAVRAS

Estimados leitores: Paz e Amor! Não nos cabe abusar do Tempo Precioso do leitor a fim de comentar o conteúdo benfeitor desta obra, pois irmão Atanagildo é bastante conhecido através de duas co-participações conosco,[4] quando divulgou certos acontecimentos do "lado de cá". Investigador percuciente e espírito laborioso, sinceramente interessado em auxiliar a solução das dificuldades espirituais dos irmãos encarnados, ele se propôs a transmitir, através do médium, obra de leitura amena, agradável e, ao mesmo tempo, instrutiva, buscando atrair os leitores pelos enredos sugestivos, preocupado, principalmente, com a valiosa advertência espiritual dos fenômenos e com as consequências dolorosas comuns aos seres humanos.

Semeando e Colhendo é obra que enfileira uma série de contos esquematizados em acontecimentos verídicos, cujos protagonistas viveram os fatos descritos que ali se relata; e quase todos ainda lutam, afanosamente, pela sua angelização.

É tempo do homem integrar-se na frequência vibratória da realidade imortal, evitando existência imprudente e prejudicial, que depois o fará desencarnar entre terrores e sofrimentos, abalando a contextura do perispírito no cenário atemorizante do Astral Inferior. É frequente a leva de almas enlouquecidas, atribuladas e esfrangalhadas pela imprevidência e desinteresse das coisas espirituais, que aportam diariamente ao Mundo Oculto depois de viverem existência epicurística, gozadora e inescrupulosa. Aí, no plano carnal, muitos zombam e riem dos tolos que pesquisam a origem de si mesmos; mas é impressionante vê-los depois acovardados nas sombras tristes e ameaçadoras das regiões purgatoriais.

Eis porque achamos oportuníssima a obra "Semeando e Colhendo", de Atanagildo, cujas narrativas identificam dezenas de situações inconvenientes e perigosas à ventura do espírito, após a morte do corpo carnal. O autor descreve acontecimentos trágicos, ocorridos no mundo material, para mostrar, em seguida, as condições dos personagens depois do desligamento do organismo físico, conforme o rendimento espiritual benéfico, ou maléfico, de suas atividades materiais. Finalmente, completa o seu labor de advertência, ao remontar às origens dos dramas, que se geraram no processo

cármico e justo de “semear e colher”. Não é obra de estilo rebuscado, nem se valoriza pelas filigranas e tessituras literárias, porém, manual didático, compêndio de informações e até livro de consultas. São condições dolorosas, expiativas, atribuladas dos personagens tão comuns em nossas vidas carnais, ou que podem se suceder na trama dos futuros destinos delineados pelos nossos Maiorais. Os leitores encontrarão motivos para avaliar e comparar acontecimentos relacionados com as próprias vidas, discernindo a conduta, a reação ou a solução mais favorável para o seu caso espiritual.

Também é conveniente considerar-se a grande diferença existente entre os objetivos visados pela literatura mediúnica e a forma convencional da escrita no mundo material. As entidades desencarnadas, em geral, assumem perante os “Mestres da Evolução” o compromisso de transferir para a Terra somente advertências, esclarecimentos ou revelações inusitadas, sem qualquer preocupação estilística. Basta-lhes a clareza, a realidade, a singeleza e a utilidade imediata, sem as preocupações de burilamento da forma, requintes de sintaxe ou fluência verbal. São as obras mais didáticas, tendo algo da frieza técnica dos compêndios científicos e ilustrativos de fatos prosaicos. *Semeando e Colhendo*, portanto, não é obra de ficção para exercitar a emotividade humana; mas, acima de tudo, compêndio escolar de ensinamentos e revelações da vida além da carne; o espírito enfrenta problemas imensuravelmente mais complexos do que os fenômenos corriqueiros do mundo material. Aqui, nós operamos na matriz das formas através das leis utilíssimas da vida imortal e, por isso, distinguimos o que é melhor para a criatura humana. Felizmente, pouco a pouco, o homem assume a responsabilidade direta dos seus atos compreendendo os ensinamentos sensatos e lógicos do Espiritismo e desvencilhando-se do infantilismo das lendas bíblicas do Catolicismo e das provas de fé do Protestantismo. Entende, conscientemente, que, além da evolução religiosa e do amor ao próximo, resta-lhe o dever e o compromisso íntimo de ampliar sua consciência espiritual pelo trabalho, estudo e amor, e não pela crença e adoração. Jamais pode confiar na salvação ou conversão à última hora, sob a aquiescência de prestimoso sacerdote, pois o paraíso não é concessão de nenhum credo religioso.

Finalmente, Atanagildo deixa entrever nos epílogos dos seus contos a

esperança de que a felicidade espiritual é realmente o tema fundamental da vida do homem. Todos podem sofrer, errar e desanimar, porém, jamais alguém deixará de ser feliz.

Curitiba, 30 de dezembro de 1965. Ramatís

PREFÁCIO

Meu prezado amigo Hercílio: Não Pude aTinar o moTivo Plausível para que me fosse dada a primazia de escrever o prefácio desta obra. Na Terra, vez ou outra, aceitei prefaciar alguma coisa no trato da cultura livresca do "bicho homem". Mas, quanto a prefaciar coisas de mortos, jamais eu poderia imaginar isso na massa cinzenta da caveira. Chegado ao Além, e depois de acomodar as malas na estalagem sideral, passei a examinar mais ponderadamente o cidadão terrícola que, de um canto, desintegra o átomo para fundir milhares de colegas em Hiroshima e, de outro lado, é capaz de hipotecar os bens da vida e secar o depósito lacrimogênico no melodrama de arrancar um pombo preso na cumieira da Catedral.

Se evoluiu o homem, pergunta-me você? Morava, antigamente, em cavernas de pedras; hoje habita elegantes canudos de cimento; apanhava pelos cabelos a mulher do vizinho e a arrastava pelas sebes espinhentas da era paleolítica; hoje faz a mesma coisa usando coruscantes "rabos de peixe".[5] Matava a tacape, de frente e berrando; no século XX ataca à traição, empunhando luzidia automática de tiro silencioso. Outrora, fazia o delinquente estrebuchar na corda tesa da forca provinciana, após ligeiro conluio de um juízo sonso; agora, põem-no amarrado à lúgubre cadeira elétrica e ainda recorrem ao invento de Edson,[6] torrando o infeliz para gáudio de sádica assistência. Matava-se, antes, por emoção ou ignorância; hoje, um bando de togados, exalando cultura de ranço jurídico, liquida o desgraçado, fria e calculadamente entre um sanduíche de pernil e um copo de água mineral.

A velhacaria humana ainda é a mais séria competição à matreirice da raposa, à covardia da hiena ou à traição da serpente. Matam-se milhões de seres de todas as raças e credos e depois atribui-se essa resolução cretina aos deuses. Aqui, Jeová, feroz e racista, sanciona imoralidades e cruezas bíblicas; ali, Maomé defende Allah, pregando a tolerância no massacre sangrento de infiéis; acolá, Brahma protege a casta sacerdotal e a aristocracia hindu, mas escorraça os párias para os monturos de lixo. O Deus dos católicos patrocina a "Noite de São Bartolomeu" nas punhaladas dos huguenotes hereges ou, então, paraninfa a queima de judeus e de mouros nas fogueiras da Inquisição, divertimento macabro concedido aos padres

pelo piedoso Rei Felipe II, um sacripanta digno de ser torrado no primeiro braseiro. Só os católicos? Não! Os protestantes, por sua vez, também trucidaram hereges e feiticeiros nas terras do Novo Mundo com o santo intuito de limpar cracas e detritos para candidatá-los ao Paraíso. Aliás, Miguel Servet foi queimado por Calvino em Basileia.

Se evoluiu o homem? Matava atrabiliariamente sob as hordas ferozes de Tamerlão, Gengis-Can, Átila, Aníbal, Júlio César ou Napoleão, abrindo crânios inimigos à custa de bordoadas; mais tarde, espingardeava crianças, velhos e mulheres indefesas, socando pólvora nos trabucos de museus. Sem dúvida, o terrícola progrediu consideravelmente no tocante à exigência sanitária em matar, como fez a corja hitlerista gaseificando judeus nos fornos dos campos de concentração de Dachau, Belsen,Auschwizt ou Buchenwald. Parece-me que o "bicho homem" não evoluiu, mas deve ter perdido os pêlos por causa de alguma "dermatose"[7] imprevista e, assim, ingressou atabalhoadamente na civilização. Entrou de contrabando, sem a devida promoção ou autorização dos meirinhos de fronteiras.

Mas, que estou a dizer neste prefácio, caro Hercílio? Que devo expor além do dito por Ramatís e por Atanagildo? Na Terra, às vezes escrevia assuntos que julgava de critério saneador, porém, logo me saía matéria abrasiva a queimar a pele das sensitivas das letras. Embravecia os embasbacados pelo mundo, quando mexia-lhes com os penduricalhos de ferro e baeta ou subestimava-lhes as comendas e os pergaminhos. Investia nas minhas quixotadas contra supostos apiários e caía-me o queixo ante a surpresa dos vespeiros. Mas, é tempo de parar meu atrevimento de "falecido", sem abusar da condição privilegiada do heroi de Wells[8] a beliscar impune a pele dos "vivos". Afinal, a morte corpórea é apenas reajuste à vida imortal, mostrando-nos as burrices feitas na carne. Talento, galões, comendas de ferro e baeta, diplomas de papel "couchê" e solitários faiscando no dedão acadêmico são apetrechos usados no mundo, num "faz-de-conta" infantil, e que a Parca,[9] um dia, intromete-se acabando com o brinquedo. O Além é o chuveiro que tira a "craca" das ilusões humanas, limpando o cidadão do pó do mundo que ele junta na sua espiada ilusória através do corpo carnal.

Não vou me demorar, caro leitor!

Leia a obra do bom Atanagildo e você mesmo perceberá, na série de

narrativas extraídas da vida dos protagonistas, dores, lutas, vicissitudes, dramas, tragédias, frustrações ou sucessos, coisas evidentes em todas as existências humanas. Acontecimentos que nós já vivemos, ou que teremos de vivê-los nas próximas encadernações. Na Terra, vez ou outra, ria ou blasonava da sobrevivência do espírito, apesar de haver traduzido obras de outras línguas; mas, depois, o espanto tomou-me a alma e caí em mim, desenxabido e aparvalhado, reconhecendo-me gasoso, mas vivo. Quanta coisa por fazer, quanta coisa por começar e, evidentemente, por corrigir? Muito valente que fazia coro comigo, rindo às bandeiras despregadas à simples hipótese de sobreviver à forma de nervos, ossos e músculos, hoje bate-se por aqui, aos gemidos, aos sustos e pulos, fugindo da própria sombra.

Aliás, Atanagildo compôs o rumo certo dos seus protagonistas, pois suas vidas foram algo de nossas vidas. Em verdade, todos nós temos algo da obstinação de Clementino em “ser rico”; da lubricidade instintiva de Claudionor; do orgulho ferido de Romualdo; dos temores intuitivos de Salústio; da resignação mórbida de Matias; da generosidade de Verinha; da ferocidade de Sesóstri; do fatalismo desesperado de Leonardo ou da avareza de Cardoso! E os pressentimentos de Rosalino, a simplicidade de Gumercino, a tragédia de Fabiano, a frustração de Cristina ou a tara psíquica de Marilda e Sônia?

Semeia-se cacto, colhe-se espinho! O terreno fértil da carne dá de tudo: abobrinhas, morangos ou pepinos; mas cautela e caldo de galinha, pois também nela brota capim-navalha, erva tiririca ou piolheira. Lavoura fértil ou lavoura estéril; e se colhem os bons e os maus frutos. E nisso Atanagildo foi felicíssimo; pôs sua gente a colher do bom ou do pior; mas, depois, explicou as razões de fulano chorar pelo mau toucinho que encontrou no seu jacá![10] E também valorizou os préstimos de quem semeou bem e colheu melhor.

Que dizer do que disse Atanagildo? Afora da narrativa “Anjos Rebeldes”, que pede interesse e perspicácia dos leitores pelas revelações ocultas nas entrelinhas, os demais contos explicam por si a natureza da infelicidade humana. E fico por aqui, devolvendo a “caneta viva” que Atanagildo me emprestou na pessoa do caro Maes, prometendo voltar, quando Deus o quiser; mas sem “beliscar” os caros irmãos!

Curitiba, lº de janeiro de 1966.

J. T.

O QUEBRA OSSOS

Paulo! chame a ambulância! ligeiro, homem! Matias está quebrado, lá embaixo! Os operários desciam dos andaimes, apressados, pela escada improvisada de madeira tosca; os mais afoitos escorregavam pelas cordas. Sobre retalhos de sarrafos, ripas e tábuas de pinho, jazia um homem de bruços, imóvel, gemendo, sem que ninguém se animasse a tocá-lo, tais eram os gritos lancinantes que soltava ao tentarem socorrê-lo. Vinte minutos depois, se fez ouvir o uivo estridente da ambulância correndo amalucadamente pelas ruas de São Paulo, aproximando-se do local do acidente. Chegou e partiu dentro de alguns minutos levando a vítima, na qual o médico responsável pela tarefa constatou várias e dolorosas fraturas ósseas.

"Não sei o que há com esse homem!", dizia "seu" Joaquim, o feitor, quando prestava declarações no inquérito formal da companhia seguradora. "Esta é a sétima vez que Matias se acidenta em nossa firma, durante onze anos de serviço. Até parece mandinga, pois ele se quebra todo nos ossos." E, numa sugestão desconsolada, aduziu: "Creio que é tempo de ele se aposentar!"

Matias não podia ser exonerado sem o consentimento do "Sindicato de Construções Civis", porquanto era empregado estável, com mais de dez anos de trabalho na mesma firma. Realmente, em onze anos de trabalho acidentara-se sete vezes, caindo de andaimes, de escadas e do caminhão que servia para o transporte de materiais. Então, ele ficava engessado algumas semanas, no hospital. Houve casos em que os médicos ajustaram os ossos de modo deficiente, e o infeliz teve de ser quebrado outra vez para retornar à forma normal. Haviam-no apelidado de "quebra ossos", e a quantidade de chapas radiográficas que ele possuía era suficiente para comprovar uma das mais tristes histórias de sofrimento e azar.

Vinte dias depois desse último acidente, Matias obtinha alta do hospital e se apresentava novamente ao serviço. O capataz olhou-o com fisionomia azeda e desconsolada.

Homem de Deus! Por que você não se aposenta duma vez? Que adianta trabalhar assim, se vive mais no hospital, todo quebrado?

Que é que vou fazer, "seu" Joaquim? Tenho mulher e cinco filhos. O que

o Instituto paga não dá nem “pro” sustento, quanto mais “pro” futuro?

Encolheu os ombros, desacorçoado:

Pode ser sina, não digo que não; mas se Deus quer assim, que vou fazer? Um dia isso termina, nem que seja mesmo com a morte!

Qual, homem! — atalhou Joaquim, o capataz. — Desse jeito você ainda vira farinha de ossos!

Joaquim, apesar de enérgico e rústico, era dessas almas simples e laboriosas, malgrado enfrentar os tipos mais ordinários em sua função espinhosa de feitor. Tirou o chapéu e passou a mão pelos cabelos, numa arrumação pensativa; em seguida, decidido, deu um leve empurrão em Matias, como a disfarçar a sua boa intenção:

Vai, homem! Você, daqui por diante, fica na guarita, apontando os empregados e controlando os caminhões de carga.

Abrindo-se num sorriso satisfeito, arrematou, sem maldade: Acho que do chão você não passa!

Matias assumiu a nova tarefa com o desânimo a lhe minar a alma. Parecia ouvir uma voz íntima predizendo o fatalismo incessante de novas dores e quebradeiras ósseas. Sentia-se vencido pela má sorte; batido pelo cansaço que o deixava desencorajado para o futuro. No entanto, nenhuma criatura reagia tão vigorosamente na reparação dos ossos fraturados. O organismo de Matias zombava de suas angústias, parecendo ter pressa em lhe reconstituir os ossos, a ponto de, algumas vezes, corrigir os enganos médicos e acertando-lhe a conformação anatômica. Depois de uma fratura reparável somente em dois ou três meses, bastavam semanas para ele se recompor. Os médicos do Instituto, surpresos, examinavam-lhe a ossatura recuperada, as suturas coerentes e a rapidez da cura. E o laudo, portanto, era sempre o mesmo: “Apto para o serviço!”

De há muito tempo, Matias sonhava com a aposentadoria por invalidez e depois complementaria o orçamento familiar fazendo alguns “bicos”. Entretanto, sentia-se dominado por um complexo: naquela existência malvada, já temia andar pelas ruas, desviando-se das cascas de banana, contornando o asfalto úmido. Custava atravessar uma rua movimentada. Não subia mais escadas. Não se arriscava ao mais suave degrau. Não aceitava qualquer convite para uma passagem de caminhão. Inutilmente, tentava se libertar do gênio mau e sarcástico que parecia rir-se ao predizer, no âmago

do seu espírito, a sina dolorosa de ser esmigalhado até o último osso. Graças a “seu” Joaquim, podia ficar protegido, junto ao chão, como apontador e porteiro da construtora, longe dos andaimes traiçoeiros, das cordas fracas e dos degraus podres que se desmantelavam à sua passagem.

“Acho que do chão não passa!”, dissera “seu” Joaquim, consolador.

A sua infância fora bem azarada; a velha Maria Turquesa cansara de arrumar-lhe os ossos dos braços, das pernas e, certa vez, precisou consertar-lhe o queixo fraturado numa queda do muro.

Matias! — clamou “seu” Joaquim. — Abra o portão dos fundos; o caminhão vai entrar por lá! Avia-te, homem!

Era o terceiro mês que ele servia como apontador de operários e fiscal das cargas trazidas para o almoxarifado da construção. Sentia-se bem, muito bem; havia engordado cinco quilos naquela vida tranquila. Apanhou o molho de chaves e desceu para os fundos do terreno, onde terminava o esqueleto da construção. Abriu o portão e calçou as duas folhas pesadas de madeira; fez sinal ao chofer e indicou-lhe o caminho para levar a carga de ferros, cimento e quase uma tonelada de cano galvanizado para a rede de água e esgoto. O pesado veículo roncou forte e o motorista pisou firme no acelerador para vencer o declive da calçada e dobrar, rápido, em direção ao almoxarifado, cujo terreno cedia facilmente. O ar tresandou a gasolina e os pneus estalaram no cascalho solto. Um golpe violento de direção, uma derrapagem e quando o motor amainou foi que ouviram os “ais” de Matias, atirado numa poça de sangue junto ao pilar do primeiro pavimento. O feixe de canos galvanizados, que se sobressaía do caminhão, apanhara Matias na curva da entrada e o lançara a mais de dez metros de distância, como arremessado por certeira catapulta.

Quando os companheiros do infeliz chegaram, ele agonizava nos últimos estertores, pois dessa vez, além dos ossos partidos, haviam-se rompido as vísceras. Um filete sanguinolento escorria-lhe dos lábios entreabertos e ouvia-se a dispneia da agonia. Joaquim, o feitor, chegou afobado e estacou, descrente do que via. Mas, era tarde; Matias expirara ali mesmo, e os homens entreolhavam-se surpresos e intrigados pelo fado implacável, cruel e vingativo, consumado no fatal acidente.

Oito quebradeiras de ossos! Santo Deus! Assim nunca vi! Isso até parece praga de madrinha! — desabafou Joaquim passando a mão na testa, vendo-se

frustrado nos seus bons intentos.

Enquanto mãos piedosas erguiam dali o corpo inerte de Matias para conduzi-lo ao necrotério, do outro lado da vida, o seu espírito também era socorrido por almas benfeitoras, amparando-o amorosamente. Um sono pesado entorpeceu-o e, pelas faces perispirituais, espraiou-se uma expressão venturosa de paz e serenidade. Momentos depois, os espíritos auxiliares afastaram-se respeitosamente ante uma entidade venerável, de cabelos níveos e faces ternas nimbadas de luz, que se curvou sobre o corpo perispiritual de Matias. Em seguida, fez um aceno de despedida a todos e alçou-se num vôo angélico, conduzindo em suas mãos fulgentes a carga preciosa em direção à alguma moradia feliz.

Tempos depois, o espírito de Matias, o "quebra ossos", despertou bastante surpreendido num ambiente sereno e confortante, todo iluminado por suave luz cor de topázio com reflexos róseos. Sentia-se eufórico e recuperado em suas forças vitais. Naturalmente, pensava, devia encontrar-se abrigado em moderno hospital e sob os cuidados de médicos renomados, tal a sensação de saúde e bem-estar que sentia. Procurou mover-se com extremo cuidado, receiando as dores habituais das contusões; mas estranhou a leveza do corpo, a ausência de dor ou de edemas provindos de contusões. Surpreso, viu-se completamente livre, sem ataduras ou moldes de gesso que tanto o incomodavam depois de cada acidente.

Ao se virar no leito, ainda ficou mais surpreso, e quase assustado, ao deparar-se com um ancião de cabelos brancos e fisionomia ascética que, num gesto bondoso, acalmou-o:

Matias, fica tranquilo, pois a tua conformação na vida carnal libertou-te das culpas pregressas!

E, ante o espanto do mesmo, prosseguiu, bondoso:

Doravante, quando voltares à matéria, terás um fardo mais suave; mais aprendizado espiritual e menos retificação cármica. Agora estás em harmonia com a Lei que violentastes no passado, pois vivestes, resignadamente, o programa crucial de uma retificação espiritual. Os ossos do teu corpo físico quebravam-se sob o determinismo da Lei; mas tua alma fortaleceu-se na prova redentora.

Matias arregalava os olhos sob os influxos magnéticos que saíam das mãos do venerável mentor; sua memória clareava-se surgindo-lhe quadros

nítidos na mente. Acontecimentos estranhos, mas que ele sentia tê-los vivido alhures, projetavam-se à semelhança da projeção de filmes na tela cinematográfica. Confuso, porém, consciente, viu-se travestido noutro homem um robusto espanhol tostado pelo Sol, arbitrário, de mau gênio, agressivo, cruel e vingativo. Alguns homens da mesma têmpera cercavam-no com respeito e temor, enquanto ele transmitia instruções severas. Chamava-se Manuel Gonzales, o contrabandista, e tinha por hábito perverso vingar-se dos desafetos nas fronteiras de Espanha e de Portugal, atirando-os dos altos penhascos para vê-los esfacelarem-se nas quedas desamparadas contra as rochas aguçadas, quebrando-lhes os ossos.

Então, Matias volveu os olhos umedecidos para o mentor generoso e, reconhecendo-o na sua indumentária espiritual, agradeceu-lhe como uma criança, após reparar alguma imprudência. Uma doce paz tomou conta do seu coração, enquanto esvanecia-se dele o remorso que há muitos anos crepitava causticamente no imo da alma. Curvou a cabeça, reverente, murmurando num tom venturoso e de incontido alívio:

Obrigado, meu Deus!

NÃO SE LEVANTA!...

Já mosTravam-se exulTanTes, JunTo à Pia de baTismo na Igreja de Santo Antônio. O padre Marino, espanhol magriço e ossudo, arengava um latim ininteligível e aspergia de água benta a Hortência, a primeira filha do casal. Os patrões de João Batista, "seu" Marcos e dona Merenciana, sua esposa, donos do armazém "Arco-Íris", faziam as honras de padrinhos. A festinha do batizado fora simples e pródiga de doces, salgadinhos, refrescos e cervejas, terminando quase de madrugada, após muitas danças ritmadas pela harmônica do Germano.

Hortência era moreninha; de cabelos pretos e olhos castanhos. Muito viva aos cinco meses. Os pais pobres e o advento da primeira filha, embora significasse um acontecimento auspicioso, aumentara as preocupações agravando o orçamento do lar. Infelizmente, passado um ano do nascimento de Hortência, João Batista sentiu-se mal no armazém, febril e com dores no baixo-ventre. Apesar das tisanas de camomila, chá de losna e erva-doce, receitadas pelas comadres vizinhas, o médico foi chamado às pressas. Mas, já era tarde, pois João Batista mal chegou ao hospital, falecia de apendicite com peritonite. Margarida, além de viúva, ficou grávida, sem aposentadoria, sem seguro de vida ante a imprudência do esposo, nada provendo para a família no futuro.

Decorridos quatro meses da morte de João Batista, nascia Guiomar, outra menina morena, bem nutrida, significando novos gastos. Margarida atirou-se, decididamente, à luta e pôs-se a lavar, passar e serzir roupas para criar as filhas. Felizmente, elas gozavam de boa saúde; mas, à medida que cresciam, era fácil de se observar a diferença entre o caráter e o temperamento de ambas. Guiomar, quieta e afável, entretanto, de espírito calculista, sovina, exigindo recompensas pelo mínimo favor prestado a qualquer um. Hortência, embora mais pródiga, era má e irascível, além de orgulhosa.

Margarida pedalava a máquina de costura durante o dia e pela madrugada afora a fim de obter o sustento mínimo da família. Infelizmente, má alimentação, trabalho excessivo e fadiga, minaram-lhe a resistência orgânica e a tuberculose tomou conta dos pulmões. Nem chegou a sofrer os quadros trágicos da doença insidiosa. Morreu em poucos dias, justificando plenamente os dizeres dos vizinhos: "Margarida estava à beira do túmulo; a

tuberculose unicamente lhe deu um empurrão!”

Hortência tinha quinze anos quando ficaram sozinhas no mundo, obrigadas a aceitar toda a sorte de empregos para sobreviverem no lugarejo pobre onde haviam nascido. Eram infelizes órfãs entregues à própria sorte, num mundo agreste e mau.

Certa manhã, Hortência levantou-se apreensiva, pois alguma coisa estranha ocorria-lhe nos ossos, à altura da coluna vertebral, onde uma força esquisita parecia-lhe inclinar o corpo para a frente. Assustada e aflita, semanas depois, ela percebeu os braços pendendo em demasia para diante, contrariando a forma habitual. Lentamente, foi-se modificando. Decorrido algum tempo, ela já se movia num balouço grotesco com braços e mãos pendentes, lembrando a oscilação dos pêndulos de relógios.

O rosto moreno, amarelecento, de traços duros e antipáticos. A cabeça, angulosa, coroada por uma cabeleira espetada e fosca. Este aspecto asqueroso tornava-lhe a vida mais difícil. Negavamlhe trabalho, e os conhecidos antigos procuravam evitar até o simples encontro com ela. Nas festas da igreja local, desprezada, ela se refugiava num canto, obstinada e de olhar duro, sem esconder sua agressividade. Guiomar, bem feita de corpo, de formas arredondadas e voluptuosas, passava de braços com as companheiras, numa garridice e trejeitos sensuais de moçoilas casamenteiras. Hortência, no entanto, via fugir, a cada momento, a possibilidade de arranjar um marido que a amparasse pela vida afora.

A doença estranha avançava rápida e impiedosa. Quando Hortência foi examinada por um especialista da capital, o diagnóstico foi chocante e desconsolador: era a hipertrofia da coluna vertebral com deformações irreversíveis. Ela, então, foi-se curvando, paulatinamente, para o chão; os braços, para a frente, davam-lhe um aspecto ridículo. Alguns meses depois, ela tocava o chão com as pontas dos dedos, despertando piedade nas almas boas e repulsão nas insensíveis.

Guiomar ficou atarantada com a desgraça insuperável da irmã e deplorava o fardo oneroso que isso lhe causava na vida moça, cheia de sonhos. Porém, tornou-se indiferente à sina de Hortência e sua alma primária e inescrupulosa sentia certa satisfação mórbida ao vê-la caminhar trôpega e balouçante, oscilando os quadris e os joelhos, tocando no solo com os dedos sujos e unhas enegrecidas.

Hortência, ao completar vinte e cinco anos, tinha a fisionomia completamente simiesca, causando susto e asco. A testa era um mapa geográfico, com mil rugas, pelo esforço de olhar para a frente, sem poder erguer a cabeça. O movimento espasmódico e antinatural fizera dela um objeto de escárnio para a gurizada traquinas e inconsciente, que a apelidaram de “relógio de parede”. A infeliz aleijada já cogitara, algumas vezes, o suicídio. Todavia, o espírito egocêntrico, e ainda essencialmente apegado à vida física, dava-lhe forças para prosseguir naquele corpo deformado. Confiante no milagre de uma cura imprevista, vibrava-lhe, na alma, a esperança de encontrar algum mago poderoso, capaz de livrá-la da enfermidade tão repulsiva. Isso lhe animava o andar trôpego pelas ruas, malgrado reconhecer-se uma caricatura humana. Certa vez, abalada nas fibras do ser, ouviu alguém verberar a estupidez de Deus, que, ao “fazer a criatura à sua imagem, produzira um monstro!”

Guiomar, enojada, punha-lhe a comida no prato e Hortência alimentava-se como um cão esfomeado, abocanhando os alimentos, fuçando o prato, sacudindo-se toda para partir um pedaço de carne com os dentes e sem o auxílio das mãos ossudas e rígidas, que não se dobravam, apesar do máximo esforço. Quando se lavava, metia o rosto na bacia de água e depois enxugava-se esfregando as faces de encontro aos ombros. O banho do corpo simiesco só era possível com a ajuda de Guiomar ou de qualquer outra alma caritativa.

Infelizmente, Guiomar, espírito irresponsável e ocioso desviava-se cada vez mais da rota de mulher digna e punha-se a especular com o seu corpo vistoso em troca de moedas aviltantes. Algumas vezes, retornou ao lar com visíveis sinais de embriaguês e, censurada por Hortência, esbofeteou-a num assomo de nojo, ira e ódio, exclamando sob o efeito do álcool:

É uma bruxa!... Bruxa!... Há de pagar tudo o que me fez!

No dia seguinte, sóbria, sentia remorsos por bater numa aleijada e punha-se a chorar de modo piegas, enquanto a infeliz irmã, curtida pelo destino humilhante, suplicava-lhe, num gesto de mendicância:

Guiomar! Leva-me desta aldeia miserável! Leva-me para a Capital e lá pode me abandonar!

E depois de se mover bamboleante pelo quarto, envolta em trapos, Hortência aninhava-se na enxerga imunda com lágrimas ferventes nos olhos

esgazeados pelo intenso sofrimento.

Guiomar conseguiu juntar algum dinheiro e resolveu livrar-se da irmã atendendo-lhe as próprias súplicas. Em fria madrugada, partiram de carroça, levando solicitação do juiz local para pernoitarem durante uma semana no albergue noturno. Ao entardecer, chegaram à Capital, rumando para o albergue, onde encontraram sopa nutritiva, pouso e banho refrescante de chuveiro. Na manhã seguinte, saíram cedo à rua com Hortência deformada a se mover numa ginga grotesca semeando confrangimentos, repulsas e até sarcasmos. As faces cada vez mais embrutecidas pelo sofrimento, os olhos frios e duros a disfarçarem-lhe a revolta surda, os gestos, bruscos e agressivos, então, formavam um conjunto dissonante e indesejável na cidade, enquanto Guiomar sentia-se cada vez mais revoltada em ser o "cicerone" de uma criatura teratológica. Irritada e impiedosa, passou a hostilizar Hortência, responsabilizando-a também pela sua própria vida inútil e libertina.

Mas, dias depois, um acontecimento inesperado transfigurou Guiomar e encheu-lhe os olhos de cobiça e avidez ante a fabulosa descoberta. Em apenas uma hora, depois de Hortência recostar-se na parede de um muro arruinado, fatigada de suas andanças, dezenas de pessoas, condoídas daquele quadro burlesco, despejavam dinheiro, enfeites e até adereços de bom valor no regaço da infeliz. Era um acontecimento inédito no lugarejo pobre onde viviam. Lá, ambas mal conseguiam adquirir os meios para se alimentarem; nos últimos dias, aceitavam roupas e auxílios dos conhecidos mais generosos. À noite, Guiomar contou a féria e ficou perturbada. Ali estava uma pródiga fonte de renda para si e a possibilidade de amealhar dinheiro fácil, cabendo-lhe unicamente a tarefa de custodiar a irmã aleijada.

No princípio, tratou Hortência com fingida ternura e afabilidade, velando por sua saúde e bem-estar; mas, decorridos alguns dias, o seu espírito mercenário e calculista passou a explorar todas as circunstâncias favoráveis na especulação da desgraçada irmã. Percebendo que o aspecto melhor de Hortência também lhe reduzia a féria diária, Guiomar negou-lhe os mínimos recursos de higiene e bem-estar, cuidando propositadamente de lhe dar um ar lúgubre, grotesco e trágico. Empurrava Hortência para os lugares de maior afluência de pessoas; fazia-a levantar-se de madrugada e impelia-a pela rua escurecida a fim de apanhar o primeiro transeunte; e, altas horas da noite,

ainda a sustinha nos pontos estratégicos de boa renda e muita gente. Obsidiada pela mórbida especulação sobre a deformidade da irmã, Guiomar, às vezes, transportava Hortência de automóvel, de um canto para outro, a fim de apanhar festas de igreja, saída tumultuosa dos cinemas ou término das novenas bem frequentadas. Largava-a quase aos arrastos na porta dos templos repletos de fiéis, ou lhe apurava o trote largo pelas ruas da cidade, na precipitação de alcançar a chegada de trens na gare ferroviária.

Hortência atingira os trinta anos e estava horrenda. O crânio alongado com ralos cabelos eriçados, o rosto terroso e comprido formavam um esboço humano mal-acabado, esculpido por grosseiro artista. Também perdera a maioria dos dentes e os que restavam eram pontudos, acentuando-lhe o aspecto animalesco.

Algumas criaturas de coração magnânimo compraram-lhe um carrinho de rodas de borracha, facilmente movido à mão. Guiomar ficara furiosa com aquela providência caritativa que logo reduziu grande parte das esmolas e, certa noite escura, enquanto Hortência dormia, ela largou o carrinho no trilho da estrada de ferro e um trem o esfacelou. Dali por diante, pôs-se a vigiar Hortência como um felino vigia a sua presa, impedindo-a de contato com qualquer outra criatura. Evitava as proximidades de associações beneficentes, só lhe permitindo o direito de pedir uma esmola pelo amor de Deus! Toda a contextura espiritual primária de Guiomar veio à tona por força da ganância e da sovinice. Ela batia em Hortência quando a féria era magra, verberando-lhe a moleza no pedir, e deixava-a propositadamente sem comida até conseguir determinada importância. Explorava-lhe todas as possibilidades do ganho fácil, verificando que a própria fome melhorava a receita de Hortência.

Eis que certa organização espírita, condoendo-se da situação pungente de Hortência, promoveu uma subscrição entre os associados e conseguiu pecúlio suficiente para interná-la numa instituição hospitalar adequada à sua enfermidade. Em seguida, entregou certa importância em dinheiro para Guiomar adquirir roupas e utensílios necessários à irmã. Mas, para surpresa de todos, Guiomar desapareceu com o dinheiro subscrito, deixando a irmã na mais extrema miséria. Mais tarde, soube-se de toda a verdade: Guiomar retirara farto pecúlio da Caixa Econômica e sumira para lugar ignorado em companhia de conhecido vigarista da Capital.

Passaram-se os anos. Um dia, Hortência desapareceu da instituição em que fora acolhida. Algum tempo depois, no lugarejo de Taperibá, o dia estava quente e abafadiço, o ar estagnado. Os próprios pássaros refugiavam-se nos ramos imóveis dos arvoredos. Entre os tufos de capim amarelecidos e pintalgados pela poeira vermelha que subia da estrada principal, existia um caminho estreito e sinuoso entre os arbustos e sob os arvoredos copados. Ao longe, na estrada, trotava uma carruagem deixando uma nuvem cor de tijolo à retaguarda. No riacho, debaixo de uma ponte, algumas mulheres lavavam roupas nas tábuas lisas, depois de as esfregarem com sabão de cinzas. Algumas delas fumavam cigarros de palha, espalhando no ar o cheiro acre do fumo caboclo; outras tagarelavam e riam numa prodigalidade de gestos próprios do mulherio de cortiço.

Entretidas na faina laboriosa e como não eram dotadas com a "faculdade de vidência",[11] elas não podiam perceber a cena insólita que se passava justamente sobre a ponte onde se abrigavam do sol causticante. Ali, sem se preocupar com o calor estorricante, encontravam-se três homens de vestes translúcidas, envoltos por uma luminosidade suave e um "lusco-fusco" lilás safirino. Jamais as lavadeiras poderiam ouvir-lhes o diálogo, pois eram realmente espíritos em alguma tarefa importante naquela zona.

Creio estarmos bem orientados! — exclamou o mais idoso entre eles, um senhor de aspecto agradável, tipo latino, mas envergando uma túnica de seda branca como usavam os antigos gregos, a qual lhe caía harmoniosamente até um pouco abaixo da cintura. Apontando para o atalho sinuoso entre os arbustos, ele acrescentou: — A nossa cliente deve agonizar nessa direção! — e sorriu com certo ar travesso, mas cordial, ao mencionar a palavra "cliente".

Os outros dois companheiros trajavam um costume branquíssimo lembrando a figura de enfermeiros. Cada um deles segurava um pequeno aparelho prateado que refulgia sob as cores dum verde-suave respingado de lilás emanado das próprias auras. Em seguida, eles se puseram a caminhar lentamente, alcançando o caminho estreito. Depois de alguns minutos de caminhada, num cordial entretenimento espiritual, chegaram defronte a uma cabana arruinada, que só por um milagre estava de pé. Foram recebidos por uma mulher de meia-idade, envolta num halo cinzento e sem claridade definida, cuja fisionomia rejubilou-se ao comprovar a chegada dos espíritos.

Graças a Deus! — disse ela, pondo a mão no peito e apontando para dentro do casebre. — Ela está sofrendo demais e não pode se libertar sem o socorro desencarnatório. Eis por que rogo-lhes desculpas pelo meu apelo aflito.

Os três espíritos penetraram no casebre e não puderam ocultar um choque vibratório desagradável que os atingiu, causado pelos fluidos densos e mortificantes e pela multiplicidade de miasmas, germens e bacilos psíquicos ativados no entretenimento de sua vida inferior. Num canto, atirada sobre uma enxerga de trapos e capim infecto, Hortência, a mulher simiesca e repulsiva, estertorava em tormentosa agonia, com os olhos esbugalhados para o teto esburacado da cabana. Não havia qualquer semelhança com algum ser humano; mas apenas uma caricatura que fosse esculpida no tronco de uma árvore carcomida. O espírito mais idoso curvou-se sobre ela num gesto de profunda comiseração e, ao mesmo tempo, de pesquisa, como o técnico que procura alguma falha em peça valiosa. Em seguida, ele esclareceu, erguendo-se:

Realmente, o cordão umbilical rompeu-se e o chacra laríngeo está se apagando pela evasão do éter-físico, o que se comprova pela perda da voz e a dispneia na tentativa de falar. Já foi superada a fase instintiva e o nosso trabalho agora resume-se na região mental, onde se aninha a última onda de vida carnal.

Os dois jovens postaram-se ao lado de Hortência e, conforme as instruções do seu mentor, moviam os seus aparelhos em complicados processos a despedir clarões de um alaranjado brilhante e, às vezes, matizado de um prateado fulgurante. Dali a pouco, via-se perfeitamente o duplo astral de Hortência projetado uns três palmos acima do seu corpo físico, mas ainda ligado por um cordão prateado,[12] que resplandecia como um fio elétrico incandescente.

Alguns minutos depois, o espírito mais idoso apanhou de um estojo castanho claro uma espécie de tesourão pequeno de podar arvoredos e ligou-o numa caixa presa à cintura de um dos jovens companheiros, algo parecido com um pequeno transformador. Ato contínuo, despediram-se milhares de fagulhas serpenteantes do referido tesourão, num tom azul-aço, e, dali a pouco, pendia da região bulbar do perispírito de Hortência o cordão prateado, de cuja ponta balouçante fluía o “tônus vital” em clarões

intermitentes. O venerável espírito voltou-se para os companheiros e para a mulher, que então se achava amparada por outro espírito desencarnado, de aspecto modesto e humilde, dizendo-lhes:

Irmãos Margarida e João Batista, entrego-lhes o espírito de Hortência, que foi sua filha na última existência terrena, e deixo a cargo de vocês a assistência que ela poderá necessitar. Almejo a todos compreensível vivência espiritual e eficiente programa redentor para o futuro.

Retornaram pelo mesmo caminho sinuoso entre os tufos de capim avermelhado, enquanto o mentor comentava:

O problema cármico, na Terra, ainda é complicado e bem tormentoso! No entanto, quando o espírito aceita espontaneamente a prova redentora e a cumpre com resignação, conformidade e estoicismo, é sempre compensador ajudá-lo no seu transe final a se desvencilhar dos últimos grilhões da carne. Hortência, a irmã que atendemos, apesar do orgulho e da ferocidade do passado, aceitou e cumpriu, resignada, a prova trágica e dolorosa que impôs a si mesma para a sua mais breve retificação espiritual.

Irmão Demócrito — indagou um dos jovens espíritos —, qual foi a causa que gerou um destino material tão horripilante para essa irmã?

A simpática entidade, depois de um momento de abstração, explicou:

Hortência foi, no século passado, dona Francelina, esposa de abastado fazendeiro paulista; mulher cruel e tirânica que administrava pessoalmente os bens do marido, o qual consumia a existência e a fortuna no bulício de Paris, sustentando vaidosa e fútil amante. Dona Francelina não fora nascida mulher para o lar, pois, se fosse homem, seria um feroz sargento de quartel. Era espírito de comportamento masculino, resoluto e despótico, vigiando tiranicamente a vida e as negaças dos escravos da senzala. Ela sabia extrair o máximo do trabalho cativo no eito. Escravo doente, defeituoso ou exaurido, era vendido de modo inclemente para outros fazendeiros menos privilegiados. Não vacilava em separar os filhos dos pais. Não escondia sua desusada volúpia quando, apanhando escravos em falta grave, podia se vingar deles separando-os dos familiares.

Demócrito fez uma pausa, como a coordenar lembranças:

Mas a vingança mais impiedosa e sádica de dona Francelina consistia em obrigar a escrava ou o escravo faltosos a ficarem de quatro, o dia todo, com as mãos no chão, só permitindo-lhes alimentarem-se com a boca, como

fazem os cães. Qualquer gesto ou tentativa de burlar o castigo e livrar-se da posição incômoda e dolorosa, ela mandava vergastar. E, enquanto os feitores castigavam o lombo dos infelizes cativos, ela gritava num tom de voz varonil e no sotaque arrastado de mulher nortista:

Não se levanta!... Não se levanta!...

Atingida a ponte de cimento, Demócrito arrematou:

Sob a lei de que a "semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória", dona Francelina retornou à Terra na localidade de Taperibá, vivendo a figura da infeliz Hortência e nas condições dramáticas que vocês puderam verificar, modelando durante anos, na sua deformidade insuperável e posição quadrúmana, a mesma configuração que, no passado, ela impunha impiedosamente a seus infelizes escravos. Considerando-se que o "amor une" e o "ódio imanta" as almas entre si, junto de Hortência nasceu-lhe como irmã, Guiomar, a escrava mais pérfida da fazenda, da qual dona Francelina mais se desforrava pela chibata. O esposo, boêmio, irresponsável, e sua amante parisiense, também se aliaram à prova de Hortência na carne, vivendo as figuras de João Batista e Margarida, seus pais, a quem ainda a pouco entregamos a filha.

Enquanto os dois espíritos moços refletiam sobre a trama cármica que reajusta a entidade faltosa na busca da felicidade perdida, Demócrito, num gesto de sincera ternura, acrescentou:

Que eles sejam felizes; mas, em face do seu primarismo espiritual, ainda precisam de muitos séculos para alcançar a ventura angélica!

O ERGÁSTULO DE CARNE

Ali pelo ano de 1923, eu fora convidado Para ir a Curitiba a fim de proceder um levantamento topográfico em terrenos de propriedade do governo do Estado do Paraná. Embora estivesse habituado ao ruído e à agitação da capital paulista, onde nasci e vivia, agradei-me bastante da tranquila "cidade sorriso", como a chamavam na época, pelo seu povo pacato e afável. Depois do almoço, no "Grande Hotel", à Rua XV de Novembro, convidei Hamilcar, sócio de minha empreitada de agrimensor, para então visitarmos alguns logradouros públicos e conhecermos melhor a cidade.

Achava-me à porta do "Café Brasil"[13] tomando um cafezinho gostoso a 200 Réis a xícara, servido em mesas e com direito à dobradinha quando, de súbito, percebi, quase a meus pés, uma criatura de aspecto repulsivo que, em movimentos ofídicos, arrastava-se pela calçada, ora firmando os cotovelos, ora de joelhos e, às vezes, a própria cabeça contra o solo. As mãos estavam calejadas; os cotovelos e os joelhos, que lhe serviam de apoio para se arrastar, protegidos por retalhos de couro. Ele se movia numa oscilação desconexa; erguia, por vezes, a metade do corpo como a foca no jogo de bola e deixava-se cair novamente sobre o chão, despertando sentimentos contraditórios nos transeuntes, entre o asco e a compaixão. Os mais compassivos metiam-lhe nos bolsos do paletó moedas de valores variados. Ele os olhava, inexpressivamente, cansado e indiferente diante da própria situação horrível. Não se mostrava grato às esmolas pródigas, nem se lhe notava qualquer gesto de revolta ou ressentimento contra os que se recusavam a ajudá-lo ou injuriavam-no.

Graças aos meus estudos esotéricos e às conclusões filosóficas espíritas, eu podia identificar naquela criatura infeliz apenas um espírito endividado e submetido à retificação cármica para se ressarcir de algum passado tenebroso. O meu cérebro trabalhava inquiridoramente, condoído de tal desgraça:

"Que fez essa alma, no passado, para gerar destino tão trágico?"

Olhei-o demoradamente e, nesse momento, ele voltou-se. Então, percebi por que as criaturas mais otimistas ou insensíveis estremeciam, num gesto de repulsa, quando o aleijão lhes passava perto. O seu ouvido direito era uma

chaga aberta, cujas bordas ainda apresentavam os sinais indefectíveis de uma corrosão impiedosa. Às vezes, num gesto maquinal, sacudia a cabeça, tentando enxotar as moscas que voejavam em torno. Diante do quadro tão infeliz, voltei-me para Hamilcar, interrogador:

Qual seria o motivo de essa criatura enfrentar um viver tão cruel?

Um oficial, médico da Polícia Militar, que ali se achava, destacando-se de um grupo de pessoas que se aquecia do Sol, informou-nos gentilmente:

Essa criatura surgiu há duas semanas aqui em Curitiba, trazida por um trem de carga do Sul. Nasceu no Uruguai e, muito cedo, foi abandonado ao léu, criando-se à custa de esmolas e dos favores públicos. Arrasta-se de um canto para outro, até o dia em que Deus lhe termine a existência tão complicada.

Oferecendo-nos um cigarro "Liberty", que agradecemos por não fumar, o médico militar concluiu, solícito:

Contaram-me que o desventurado, há dois ou três anos, dormia acomodado no chão do laboratório de uma farmácia, em Porto Alegre, quando, ao voltar-se, num espasmo, bateu com violência no suporte inferior da prateleira onde se achava próximo. Para sua desgraça, entornou-se um frasco de ácido nítrico, caindo a rolha de vidro e vazando-lhe o conteúdo corrosivo diretamente no ouvido direito.

Sorvendo longa baforada de fumo, o oficial médico assim arrematou, na sua linguagem impessoal e curtida pela profissão:

Dizem que os gritos dele acordaram toda a vizinhança, como berros de um animal sacrificado no matadouro. Depois dessa tragédia, e apesar do tratamento mais generoso, ele só dorme à custa de anestesiantes e soporíferos em altas doses. As esmolas — assim no-lo disse — mal servem para cobrir-lhe os gastos de comprimidos.

A chaga do ouvido parecia resistir a qualquer terapêutica e já lhe havia atingido o ouvido interno. Naquela época, a Medicina ainda não gozava dos benefícios bactericidas e antibióticos, pois as infecções semelhantes eram tratadas à base de iodo, arnica, nitrato de prata ou, então, pelas tradicionais pomadas de Reclus ou pasta de Lassar.

Jamais pude esquecer a configuração tétrica e arrasadora daquele homem, rastejando pelo solo na forma de um verme humano, exaurindo-se no

gasto de suas energias, a fim de avançar alguns palmos de calvário de sua vida estigmatizada pelo infortúnio. Não me confrangi de examiná-lo atentamente; mas o fazia como um clínico interessado em minorar o sofrimento do paciente. Verifiquei-lhe a atrofia dos braços, que se mostravam estranhamente colados até os cotovelos no dorso, e as pernas, que ele as virava, num só movimento, como se estivessem amarradas. O seu esforço exaustivo para empurrar o corpo para a frente lembrava-me o mineiro ao se arrastar pelos túneis de ligação às galerias das minas, ou alguém tentando passar debaixo de uma cerca ou portão. Não havia dúvida! Ali se mostrava uma criatura realmente "amarrada" pelos cordoames implacáveis dos nervos e dos músculos atrofiados!

Depois que desencarnei[14] e me reajustei no Além-túmulo, ingressando nas atividades socorristas da metrópole espiritual "O Grande Coração", desejei conhecer alguns destinos trágicos ou catástrofes que surpreendem e confrangem os encarnados na face da Terra. Logo recordei-me do "amarrado vivo", que tanto impressionara o meu espírito durante a visita feita a Curitiba. Através do "Departamento Sideral de Fichas Cármicas", de minha metrópole, soube que a referida entidade havia-se encarnado no Uruguai, mas era espírito egresso de colônias espirituais situadas no Astral da Espanha. Munido de credenciais superiores, tive acesso aos "registros akhásicos" ou "anotações etéricas" de processos cármicos da colônia espiritual conhecida por "Mansão do Vale".

Embora eu fosse um razoável psicômetro, isto é, com a faculdade de ler, no Éter, alguns acontecimentos do pretérito, solicitei ao mentor responsável o obséquio de projetar por certo aparelho, sem analogia na Terra, apenas os quadros cármicos que haviam gerado a existência tão cruel e causadora do aleijão, que eu conhecera em Curitiba como um "amarrado vivo". Logo, um técnico sideral pôs em funcionamento o aparelho, ao mesmo tempo projetor e receptor no Astral, e, em seguida, desenhou-se numa tela leitosa a configuração de uma cidade que reconheci tratar-se de Barcelona, ali pelo século XVI, na época de Felipe II.

Em seguida, a cena foi se esfumando e Barcelona desapareceu na tela esbranquiçada, surgindo, pouco a pouco, os contornos de um vasto porão, cuja abóboda era sustentada por uma série de arcos de pedras enegrecidas. Em virtude das projeções tela-cinematográficas no mundo astralino

revelarem, em sua intensidade, todos os fenômenos oriundos dos acontecimentos em projeção, como seja o colorido local, a temperatura, os sons e os odores, diante daquele porão construído na forma de arcada, senti um bafio desagradável de umidade e as exalações repugnantes de sangue misturadas ao cheiro acre da fumaça de enxofre. Ouvia o remexer de ferros e alguém mover-se sobre o chão de pedras polidas.

Subitamente, o aparelho focalizou, no campo etérico, a figura de um homem agigantado com traços de mouro, vestindo calções de algodão ordinário e tendo o dorso completamente nu. Os cabelos curtos, espessos, recobrindo parte da testa, tão duros como a piaçaba, davam-lhe um aspecto simiesco e agressivo. Era um tipo de magarefe rotundo, pernas curtas e "bíceps" assustadores; suava em bicas e mexia alguns ferros em dois cadinhos de material refratário, onde ferviam enxofre e chumbo sobre forte chama avivada por um fole.

Em seguida, o projetor localizou, junto à trempe do brazeiro, um homem amarrado do pescoço aos cotovelos, cujos pés também estavam atados por uma vigorosa corda de couro cru. Os seus olhos revelavam um sofrimento indescritível. Dos cantos dos lábios fluía uma baba sanguinolenta. Os dedos retalhados das mãos sangravam prodigamente pelos ferimentos parcialmente queimados com enxofre. Seus cabelos deviam ter embranquecido algo rapidamente, pois ele ainda era moço e sua barba em ponta, repartida ao meio, bem-feita e bem tratada, era quase preta. Toda vez que algo respingava do brazeiro e queimava as mãos do rotundo magarefe daquele porão, ele grunhia de raiva e, à guisa de compensação, também respingava gotículas de chumbo ou enxofre fervente nos pés da infeliz criatura amarrada ali no solo, fazendo-a sacudir-se numa crise de estremecimentos convulsivos e gemidos estertorados.

A cena confrangedora deslocou-se, pouco a pouco, e reconheci os primeiros degraus de uma escada de pedra encardida, a qual devia dar acesso ao porão. Assim como acontece na cinematografia terrena, o aparelho projetor foi subindo a escada e, subitamente, surgiram duas botas cor de manteiga, de couro finíssimo e macio, magnificamente trabalhadas por exímio artesão. Em seguida, gradualmente, delineou-se na tela a figura imponente de um homem robusto, espécie de requintado fidalgo da Corte de Felipe II, diante do qual o magarefe curvou-se servil e atencioso. Alto e

forte, o fidalgo movia-se numa pose estudada, traindo a preocupação de não decepcionar o público; num gesto voluptuoso e narcísico, retirou as luvas de pelica branca e sacudiu os punhos rendados. Vestia um gibão de veludo cor de jaboticaba sobre a blusa de seda imaculadamente branca, da qual sobressaíam-se as mangas frisadas e rendilhadas. O traje se completava por um calção de veludo, cor de avelã madura, e preso pelos canos bordados das botas flexíveis, acima dos joelhos. Sobre a cabeça, usava um gorro de veludo azul-marinho, caído em dobras delicadas e com preciosos bordados de fios de seda formando volutas prateadas. Os cabelos negros e ondulados sobressaiam-se soltos sobre os ombros e salientados pelos lavores do gorro. O seu rosto era quase redondo, mas o queixo agudo avançava decididamente sobre as rendas branquíssimas, que lhe envolviam o pescoço não muito vigoroso; o nariz, por mais que ele o disfarçasse, tinha aquela curvatura peculiar do homem de mau instinto, um quê de ave de rapina à cata dos despojos humanos. Malgrado a sua estudada movimentação, o esmero dos gestos e a fanática vigilância para não causar qualquer impressão desagradável alheia, aquele fidalgo da Corte de Felipe II trazia estampada, na figura, o estigma da serpe traiçoeira ou a avidez felina pelo bem alheio.

Desceu os degraus de pedra. Os olhos faiscaram ao dar com o homem manietado a seus pés. Rodeou-o, como a hesitar no ponto em que deveria feri-lo. Sem disfarçar o estremecimento de ódio, que o dominou num relance, virou-se para o magarefe, indagando-lhe:

Ele confessou?

Nada, Excelência! — respondeu-lhe o interlocutor numa curvatura servil.

Transmutou-se o fidalgo! As faces, maquiladas pelo mais fino creme à moda da fidalguia espanhola, coraram violentamente pelo sangue afluindo de roldão; os olhos ficaram congestos e as mãos se crisparam sob as rendas finíssimas, num movimento de incontida fúria interior. Percebia-se, ali, a alma de instintos vis disfarçada superficialmente pelos retoques protetores da civilização. Aquele fardo humano, jogado a seus pés, devia ser-lhe algum entrave a objetivos ambiciosos ou impecilho às suas paixões.

— Vamos! Confessa, miserável! Onde escondeste Consuelo? exclamou, mal podendo conter a força que se abafava sob os seus nervos tensos.

Ante o silêncio e a indiferença da vítima, desabafou num tom perverso e ameaçador:

Não adianta calares; revolverei toda a Espanha e hei de encontrá-la! Fala, se ainda queres ver a luz do Sol!

O homem perdera a compostura, o requinte humano, e surgia a fera! Os movimentos, antes tão comedidos, agora transformavam-se em impulsos de ariete ameaçador. Irritado com a atitude estoica do adversário jungido a seus pés, parecia rebuscar mil vinditas e torturas inimagináveis para vencê-lo. Finalmente, fez um sinal irritado ao carrasco, apanhou um dos cadinhos de cabo comprido, aproximando-se do infeliz amarrado, que estremeceu de pavor ao perceber o chumbo derretido em efervescência. O temor da vítima pareceu animar o algoz, tentando convencê-la com voz melíflua e insincera:

Vamos, Lorenzo! Conta onde se encontra Consuelo e ficarás em liberdade, pois, do contrário, seria melhor que não tivesses nascido!

Num supremo gesto de desespero, como se desejasse terminar todo o sofrimento duma só vez, Lorenzo ergueu a cabeça e escarrou sobre as botas finíssimas, que se achavam próximas de sua cabeça. O fidalgo perdeu as estribeiras; num turbilhão de cólera incontrolável pôs-se a dar pontapés com selvageria na cabeça do adversário impotente, fazendo-a sangrar em diversas partes. Subitamente, como se estivesse arrependido de sua precipitação em liquidar Lorenzo, cessou a brutal ofensiva e, acenando para o carrasco, ordenou-lhe, irado:

Não o mates! Quero deixá-lo apodrecer vivo!

O verdugo, com meticuloso cuidado, deixou cair um filete de chumbo líquido no orifício do ouvido da vítima, a qual se transformou num grito lancinante e prolongado até atingir o esgotamento vital pelo desmaio sob o impacto da dor cruciante. Depois de algum tempo, o fidalgo abaixou-se e auscultou-lhe o coração a bater vigorosamente.

Leve-o daqui para onde sabes! Ponha-lhe a mordaça!

O bruto amordaçou Lorenzo, ergueu-o do solo, saindo por certa porta disfarçada entre as pedras, pondo-se a subir silenciosa ladeira. Após algum tempo de exaustiva caminhada com o fardo vivo às costas, deixou-o completamente manietado no seio da mataria fechada em lugar ermo e inóspito, jogado sobre o “humus” das árvores.

Depois das cenas terríficas que presenciei, acontecidas em Barcelona no século XVI, a tela leitosa mudou para um tom mais espesso ou cremoso. Surpreso, revi novamente o infeliz aleijão que eu denominara de “amarrado

vivo", a ras-tejar pelas ruas de Curitiba. Mas ele era uma cópia fiel daquela criatura que fora pisoteada e torturada pelo chumbo derretido no macabro porão. Percebendo a trama retificadora do carma em existência tão deserdada, indaguei ao espírito que comandava a projeção de registros cármicos no Éter da "Mansão do Vale":

Naturalmente, é o algoz que transitava pelas ruas de Curitiba naquele terrível ergástulo de carne, não é assim?

Realmente, irmão Atanagildo, quem se arrastava pelas ruas da sua pátria terrena, manietado pelos músculos atrofiados, vítima da prova do ácido nítrico no ouvido, era Dom Ramon Avelleda y Guadalquivir, isto é, o responsável por diversos corpos encontrados nas matas de Barcelona em deplorável estado, depois de serem impiedosamente torturados. Era o modo cruel de ele se desvencilhar dos seus competidores políticos, rivais amorosos, judeus ou protestantes, e depois lhes arrebanhava a fortuna sob o beneplácito da Inquisição do Santo Ofício. E fazendo um gesto ao técnico sideral, o venerável mentor de linhagem espanhola, recomendou: Focalize, no Éter, o término da vida carnal de Dom Ramon Guadalquivir quando ele, então, resolveu resgatar suas culpas pretéritas, depois de quatrocentos anos de sofrimentos e revoltas no Mundo Astral.

A tela cremosa iluminou-se novamente e percebi uma estrada lamacenta em noite chuvosa e sob o clarão de relâmpagos. Nela se movimentava um carroção típico do sul do Paraná e, no assento dianteiro, iam o carroceiro e mais dois homens encharcados pela chuva, com visíveis sinais de embriaguez, a passar uma garrafa de bebida de boca em boca. Então, pude distinguir, deitado no fundo do veículo vazio, o "amarrado vivo" que eu conhecera rastejando pelas ruas de Curitiba, provavelmente conduzido à cidade próxima por favor daqueles indivíduos.

Numa verdadeira tomada de câmera cinematográfica, vi-lhe a chaga horrenda, que já havia destruído a orelha e parte dos músculos do pescoço. Subitamente, em decorrência da violenta sacudida do carroção, o infeliz foi lançado contra a grade direita e dos seus bolsos caíram diversas moedas que brilharam à luz rápida dos relâmpagos nas tábuas escuras do assoalho. Aquilo foi uma tentação irresistível para os homens rudes e bêbedos do carroção, avivando-lhes a cobiça, pois, numa confabulação quase instintiva, decidiram-se a espoliá-lo dos bens. Tudo foi rápido e implacável; os dois

acompanhantes do carroceiro lançaram-se sobre o aleijado e limparam-lhe os bolsos, aliás, bastante recheados! Depois, entre chacotas e pragas impiedosas, tiraram-no da carroça e o jogaram mata a dentro, sobre o lodaçal de detritos orgânicos e folhas apodrecidas.

Era uma clareira de mato batido pela chuva torrencial. O aleijado retorcia-se entre gritos cruciantes e brados de desespero, decidido a extinguir a vida tão tormentosa. Sangrava fortemente das mãos e dos pés deformados, numa crise histérica incontrolável, pois atirava-se contra as farpas dos troncos de pinheiros ou enterrava-se de bruços no lodo fétido, esperançado de afogar-se. Sem anestésicos ou comprimidos para suas dores, Dom Ramon Avelleda y Guadalquivir, fidalgo da Corte de Felipe II da Espanha, no século XVI, acertou suas contas com a Lei do Carma. Reproduziu, em noite chuvosa, a mesma espécie de morte que ele costumava sentenciar aos seus desafetos e competidores.

A MINA

Salús tio mulinari, Pensativo, segurava a lanterna acesa e, quando a movimentava, as pernas da mesa e a cafeteira formavam estranhos bailados de figuras sombreadas na parede de tábuas amarelecidas da cozinha. Maria, a esposa, trouxe-lhe a manta de pelúcia, pois um vento frio zunia fora do casebre. Faltavam apenas vinte minutos para a turma da noite começar o serviço na “Plumbum S.A.”, mina de chumbo dos franceses, próxima à casa de Salústio.

Ele ficaria encerrado vivo, naquela tumba, até ao amanhecer, a dezenas de metros abaixo do solo e cavando o minério, que seria transformado em chumbo. Mas Salústio vivia cada vez mais absorto e melancólico. O seu espírito se distanciava do presente e se punha a reviver o passado triste e doloroso. Já fazia nove anos que Geraldo, seu filho, moço robusto e alegre, havia sucumbido num desabamento trágico. Desde menino, se devotava à fatigante tarefa de catar as escórias da mina e fazer alguns miúdos para auxiliar em casa. Crescera forte e disposto; decidido a triunfar na vida através da própria capacidade. Foi, para ele, um grande dia quando assinou o primeiro contrato de serviço da “Plumbum S.A.” com a perspectiva de ganhar bom salário e assim cooperar nas despesas onerosas dos pais.

Satisfeito, vivia cantarolando, mas impaciente para começar o serviço marcado para o início do mês, com a turma da madrugada. Enchia de vida o casebre de tábuas de pinho e resfolegava, ruidoso, quando lançava as mãos cheias de água fria sobre o rosto recém-saído das cobertas. Correto no horário, fazia seu trabalho jubiloso sem reclamar da exploração dos franceses, que se serviam do braço pobre do lugarejo a troco de migalhas. Sem vacilar, era o primeiro a mergulhar no ventre traiçoeiro da mina, retesando os músculos ao mover a pá chumbada no solo; as veias pareciam saltar à superfície da pele queimada pelo Sol. Ele tinha um gosto sadio por tudo, irradiando otimismo; à sua chegada, até velório se encantava! Era de riso farto, bom gênio e solto de bolso.

Quase sempre, pai e filho substituíam-se à luz da madrugada, pois Geraldo partia cedo para a mina e Salústio retornava à noite de sua faina exaustiva. Geraldo herdara a resignação otimista do temperamento caboclo de Maria e a exuberância emotiva do sangue quente de Salústio, nascido na

viçosa Itália. Um dia, lembrava-se Salústio com angústia, ele chegara exausto e desconsolado, pois se metera na dura empreitada de escorar o teto precário da galeria dezesseis, cuja madeira poía-se com a vibração do bater das picaretas na rocha apodrecida pelas infiltrações de água. Ao retornar para casa atrasado, reconheceu Geraldo, que já atingira a ponte na entrada da mina, cujo vulto recortava-se à luz tênue da madrugada, tendo por fundo a moldura cinza do céu. O filho, então, pareceu-lhe um ser imponderável no seu andar bamboleante nas pranchas soltas da ponte. Imerso nessas reflexões, aproximaram-se um do outro.

Bênção, meu pai!

Salústio, surpreso, caíra em si, superando o mau presságio que lhe toldava o espírito e trazia-lhe a dolorosa inquietação de uma desgraça iminente.

Deus lhe abençoe, filho!

E num desafogo repentino, havia indagado:

Dormiu bem?

Nem se pergunta, pai. Quando me deito sou que nem o chumbo dos franceses!

E, num gesto amplo, passando a lâmpada para a mão esquerda, Geraldo bateu afetuosamente nos ombros de Salústio,

aconselhando:

Vai dormir, pai; o café está na chocolateira. Sei que está cansado; deixa-me terminar o serviço que você começou na mina.

Até à noite!

Salústio dera alguns passos quando, repentinamente, voltara-se aflito:

Geraldo, você não se aventure pela dezesseis, pois o estaqueamento dela está ruindo. Só por milagre, o Casimiro e eu não ficamos soterrados. Queixe-se de doença, de dores, do que quiser; mas não deixe o velho Jean mandá-lo para a galeria dezesseis! — e num arremate angustioso, desesperado, completou:

Meu filho, mesmo que seja preciso, peça demissão da “Plumbum”, mas não entre na dezesseis!

Fique sossegado. Não vou assim às cegas; sei onde piso!

Salústio tinha parado, outra vez, além da ponte, pois algo o induzia a

olhar demoradamente para Geraldo. Quisera vê-lo bem antes de se deitar. A sua figura robusta e o engraçado balanço do corpo comoviam-no de modo estranho. De longe, o filho acenara-lhe com a lanterna num movimento cordial, mostrando o rosto risonho a mover-se à luz mortiça. Em seguida, tomando o elevador, mergulhara pela boca do túnel nas profundezas do subsolo plúmbeo.

O repique do sino de alarme quebrou o sossego da manhã fria. Salústio, porém, já estava de olhos abertos, insone, vagueando pela noite, como a esperar o lúgubre som da mina traiçoeira e assassina. Fora o primeiro a chegar ao portão e a penetrar no pátio, enquanto dezenas de pessoas corriam de suas casas em trajes precários para saber dos familiares trabalhando no fundo da mina.

Salústio sentia terrível abandono na alma, vendo a multidão a se comprimir junto ao pesado portão da "Plumbum", aos brados, gritos e súplicas. Ele tinha os olhos fitos sobre as roldanas de ferro do elevador e, quando elas se moveram e o cabo de aço começou a subir, ansioso, esperou até aparecer o gancho da gaiola, a qual logo surgiu trazendo Jean, o feitor, e quatro mineiros sujos de pó e terra. Temendo ao som das próprias palavras, indagara temeroso:

"Seu" Jean, onde foi o desastre?

Na dezesseis!

Era justamente a zona de trabalho dele e de Geraldo. Faltaram-lhe as forças sob a terrível intuição que lhe dominava a alma. Não o deixaram descer para o fundo da mina e ajudar a socorrer; para isso existia equipe adestrada. Salústio retornara à casa com passos estugados e uma vontade imensa de beber, de embriagar-se para esquecer a angústia e a dor daquela premonição de desgraça. Abraçou Maria, e lágrimas caíram pelo rosto queimado, enquanto ela, num gesto doloroso, foi caindo de leve, sobre a cadeira, lutando para vencer o choro convulso que também lhe subia à garganta. E, por estranho que pareça, quando o cadáver de Geraldo foi retirado dos escombros da galeria dezesseis, ao meio-dia, até as velas para o velório já estavam providenciadas, tal a certeza de Maria e Salústio na morte do filho.

E agora, decorridos nove anos, Salústio sentia o estranho pressentimento que antes o advertira da morte do filho. De repente, ouviu o som familiar,

longo e estridente, da sirene avisando os retardatários.

Ponha a manta, Salústio, faltam cinco minutos para fechar os portões! — advertiu-lhe Maria, fazendo-o livrar-se das reminiscências lúgubres dos acontecimentos trágicos que há nove anos vitimaram Geraldo na mina.

Salústio detestava a maldita mina dos franceses. Era um serviço duro e o salário reduzido, além dos acidentes frequentes, das doenças do chumbo, que causavam aos mineiros cólicas cruciantes. Em seguida, saiu rápido, enquanto Maria, encostada melancolicamente na porta da cabana, tinha os olhos úmidos. Talvez recordasse o desastre de Geraldo, naquele mesmo dia, há nove anos. Atravessou a ponte do escoadouro da mina e, ainda movido pelas lembranças tristes do passado, pareceu-lhe ver Geraldo; mas de cabelos louros, ricamente vestido, a sorrir-lhe do mesmo jeito habitual, à porta do elevador, e fazendo-lhe acenos afetuosos. Passou a mão pela testa, pois sentia-se cansado do esforço mental para desanuviar as lembranças tristes e angustiosas de sua imaginação.

Depois olhou o túnel; as lanternas dos companheiros brilhavam lá embaixo, fazendo dançar-lhes as imagens nas paredes lustrosas. Ele penetrou no elevador e a carga humana desceu, lentamente. Salústio, entontecido e indiferente à sua tarefa de mineiro, apanhou a picareta e aumentou a luz da lanterna, seguindo a fila em direção à galeria vinte e seis, onde tinha sido descoberto farto veio de chumbo.

Maria, enleada num cobertor e sentada na cadeira de balanço, completamente insone, ainda chorava quando o sino repicou desesperadamente, anunciando outro acidente. Era aniversário da morte de Geraldo, e ela não sabia se a dor estranha que lhe subia do fundo da alma era proveniente da lembrança da morte do filho ou era fruto do pressentimento de nova desgraça. Sentia-se desassossegada, com a memória aguçada, e inquieta pelo mau presságio. De onde proviria o motivo daquela esquisitice? Por que, antes de Salústio sair para a mina, ela fora algumas vezes ao quarto vê-lo no seu sono repousante e sentindo-se completamente inquieta?

Por isso, quando o apito da “Plumbum” deu sinal da nova tragédia e trouxeram-lhe a notícia da morte de Salústio na galeria vinte e seis, Maria levantou-se, resignada, e acendeu o fogo para fazer o café do velório. Dali por diante, passou a viver do socorro dos vizinhos, pois não havia, na época,

a legislação trabalhista e institutos de aposentadorias que protegiam a família do trabalhador. Um profundo desencanto minou-lhe a saúde abreviando-lhe a vida. A tuberculose insidiosa e irrecuperável, num lugarejo pobre e longínquo, não encontrou a mínima resistência para lançá-la desamparada no curso de lenta agonia. Numa noite fria e de forte garoa, depois de três horas de sofrimento atroz, Maria partiu da carne apenas assistida por um casal de vizinhos caritativos e generosos, embora o casebre, depois, ficasse lotado pela vizinhança pobre, mas amiga.

Ao aproximar-se o desencarne, os sentidos perispirituais se aguçam sob o impulso liberativo do espírito. Maria agonizava, mas sentia-se surpreendida pela projeção cinematográfica regressiva de sua vida a se suceder na tela indestrutível da memória sideral. Sob a ação de estranha força, ela via-se consciente de todos os atos bons e maus de sua existência humana.

Um sonho misterioso fazia-a retroceder para a mocidade, para a meninice e para o próprio berço de recém-nascida. Incapaz de tolher o impulso que a projetava para trás, sentiu-se prosseguindo além do próprio berço, reconhecendo-se situada num ambiente estranho à sua atual memória. Viu-se envergando riquíssimo traje de veludo bordado com joias faiscantes, recostada em luxuosa poltrona, examinando alguns objetos preciosos retirados de uma caixa de marfim. Ao seu lado, estava Salústio, falando-lhe idioma estranho, mas diferente; era um homem de cabelos claros, gestos nobres, mais requintado e de porte aristocrático. Ele se lamentava das exigências absurdas dos mineiros de sua mina de carvão e dos enormes prejuízos causados pelos acidentes tão frequentes. Maria pouco escutava o marido, pois, num gesto coquete, arrumava o cabelo castanho, bem tratado e solto sobre a gola de rendas finíssimas. Ela se mostrava completamente indiferente à sorte dos trabalhadores desconhecidos, que só traziam preocupações e mau humor ao seu esposo. Salústio, então, puxou o cordão da campainha, junto à porta, e ordenou ao criado que o atendeu:

Chame o doutor Charles; preciso falar com ele!

Envolvida nessa alucinatória regressão de memória à beira da morte, e tendo consciência simultânea de duas vidas, Maria surpreendeu-se ao reconhecer Geraldo entrando sob a aparência do doutor Charles, um homem jovem, forte, de cabelos louros e trajando impecável costume. Era alegre,

despreocupado e de riso fácil. Ante a indagação de Salústio sobre os percalços da mina de carvão, das exigências dos mineiros e dos prejuízos produzidos pelos acidentes, Geraldo, ou doutor Charles, o engenheiro louro e sócio de Salústio, ria-se, despreocupado, fazendo um muchocho nos lábios e concluindo impassivelmente:

Quem são os mineiros? Criaturas miseráveis a implorar serviço em troca da própria vida! Evidentemente, eles têm bem mais do que o destino lhes determinou.

E encolheu os ombros, num gesto de indiferença.

Porventura cabe a nós a culpa dessa situação? Não fizemos o mundo, nem criamos os mineiros, não é assim?

Rindo-se, eufórico, acendeu luxuoso charuto, enquanto Salústio, mais calmo, arrumava uns documentos no cofre, atrás do quadro, e suspirava aliviado do remorso que ferira sua alma por alguns momentos. A visão esfumou-se e Maria, no término de sua agonia, sentiu-se precipitada no vórtice de um turbilhão flamejante. Era o fim. O espírito culposo desprendia-se do corpo, sublime instrumento de resgate dos erros passados e ensejo de progresso angélico do futuro!

OS ROMEIROS

Era domingo. o ar estava Tranquilo, proporcionando sensação de agradável quietude. A canoa deslizava silenciosa sobre a superfície da água cristalina e mansa. O Sol fulgurante atingia o fundo pedregoso e limpo do rio, mostrando o cardume de cascudos e pintados em movimentos lépidos e sinuosos. Um majestoso pé de chorão inclinava-se na margem do rio e fazia deliciosa sombra. Abaixo dele, estendia-se a faixa de areia suja de cavacos, pedregulhos e do lixo varrido pela chuva dos barrancos de terra descarnada. Árvores esguias, mas copadas e verdejantes, pareciam achegar seus troncos escuros até o espelho líquido do rio, como se apenas desejassem molhar as raízes na água límpida. Alguns pássaros, de plumagem branca e pontas das asas sarapintadas de um azul escuro arroxeado, voejavam baixo à cata de peixes imprudentes.

Rapazes e meninos estavam de cócoras na praia do rio, jogando botões e baralho, quando Gumercino e Bonifácio encostaram a canoa e foram acolhidos por gestos amistosos. Arriaram os remos, saltaram da canoa e os pés descalços imprimiram sua marca na areia. Depois, subiram o barranco por uma escada rústica feita de costaneiras de madeira. Alguns metros mais adiante, num tabuleiro de terra cor de tijolo pontilhada de grama rasteira e amarelecida, quatro rapazes tostados pelo Sol e de nervos retesados jogavam argolas de ferro em piquetes de madeira. Fizeram um gesto amistoso quando Gumercino dirigiu-se a um deles:

Atanázio, você não sabe se o Estanislau está com o caminhão livre? Ou se ele desceu para Itaioca?

Atanázio, homem alto e espinafrado, um tanto curvo para a frente, coçou uns restos de barbicha, respondendo numa voz dolente e arrastada:

Homem, saber mesmo num sei. Mas parece que ouvi o ronco do caminhão dele hoje de madrugada.

E apontando para a direita, em direção a uma casa feita de tábuas de canela brava, acrescentou:

Acho que o Miroslau, filho dele, está lá, no Sezefredo, e deve saber do pai.

Gumercino seguiu o carreiro de terra arenosa, que se abria entre tufos de

ervas secas e capim empoeirado, não tardando a chegar à casa cor de café desbotado. O caminhão do Estanislau estava num largo de terra batida e alguém mexia nele. Miroslau, um rapagão de cabelos cor de mel, olhos azuis e faces apagadas, próprias do mestiço de caboclo e polonês, apareceu sendo interpelado por Gumercino:

Olá! O Estanislau está aí?

O pai está de cama; pegou febre nos baixios do Xerém. Estou lidando com o caminhão e aprontando as cargas para Itaioca.

Nós queremos alugar o caminhão para a festa do Bonfim, desde quinta-feira até o domingo — replicou Gumercino.

Mas, tenho o compromisso do carregamento de Itaioca.

Mas você não vai voltar na terça-feira? Nós só vamos na madrugada de quinta-feira; acho que assim vai dar certo!

Miroslau pensou, titubeou, indagando algo hesitante:

O negócio tem de ser fechado agora mesmo?

Ah! Isso tem! Nós somos uns vinte e três e já havíamos combinado o preço com o Estanislau. Sabe como é; o pessoal tem suas coisas para arrumar e precisa saber com antecedência a certeza da viagem. Em caso contrário, temos de arranjar outro caminhão.

Gumercino pensou e reforçou a proposta:

Outra coisa, nós garantimos todas as despesas de você!

Serve?

Miroslau ainda cismava, indeciso; mas, em seguida, concordou:

Tá bem! Desço hoje mesmo para Varginha e de madrugada sigo até Mirinsinho. Na quarta-feira, então, eu engraxo o caminhão e arrumo as instalações elétricas para não termos surpresas durante a viagem de noite.

Gumercino, típico caboclo nortista, forte e atarracado, pele cobreada com veias à mostra, tinha as calças arregaçadas até o meio das canelas e vestia uma camisa sem mangas, xadrez, preto e vermelho. Usava chapéu de palha trançada, meio atirado à nuca. Tirou o palhinha encharcado dos lábios e, circundando a mão num gesto significativo, inquiriu, resoluto:

Feito o negócio, Miroslau?

Mas o pai falou que precisa mais uns vinte por cento por causa do aumento da gasolina.

Gumercino estacou num gesto de desânimo e, ao mesmo tempo, especulação:

Não dá, Miro! De jeito nenhum! Tem dó; seja companheiro, pois a turma está chiando no preço combinado e há gente desistindo. Imagine qualquer aumento! O que posso fazer, e isso eu garanto, é arranjar mais uns cinco romeiros e assim você melhora a diferença. Serve?

Dali há pouco, ele e Bonifácio remavam rio acima, devagar, e suando em bicas sob o sol dardejante das duas horas da tarde. Novamente, a canoa foi encostada no baixio de uma enseada-mirim, onde o rio descansava da corredeira. Gumercino amarrou a canoa na estaca fincada no barranco e, quando Bonifácio pulava para a margem, recomendou:

Bonifácio, dê a notícia pro pessoal. O caminhão está fretado e agora não tem mais esse negócio de vai ou não vai. Quem assinou a lista tem que ir ou então paga sua parte. Tá?

Quinta-feira. A madrugada estava deliciosamente fresca e o céu límpido, pontilhado de estrelas a tremeluzirem sobre a superfície tranquila das águas preguiçosas do rio raso. Três canoas encostavam na margem, ao pé dos chorões, e delas desciam diversas pessoas bulhentas, carregando sacos de roupas,

sacudindo canecos, bules, frigideiras e panelas, e subiam alvoroçadas os degraus de madeira tosca fincados na terra e entremeados de erva rasteira. Depois, misturavam-se com outros grupos em torno do caminhão de Miroslau, num vozerio ruidoso e atrapalhado. O veículo estava coberto por um toldo alto esticado sobre seis pés direitos; no seu interior, estendia-se a fila de cinco bancos colocados transversalmente.

Vamos pessoal! Ponham as tralhas debaixo dos bancos, cada uma no seu lugar, e não misturem para não dar confusão

orientava Gumercino num tom enérgico. — Os lampiões, pendurem nas estacas da tolda; mas cuidado com o querosene; as lonas, dobrem debaixo dos pés.

Gumercino! — gritava “nhá” Verônica. — Os farnéis, onde pomos?

Como um general, compenetrado de sua responsabilidade, Gumercino apoiou o queixo na mão esquerda e correu os olhos pelo caminhão, em cujo fundo havia sacos de aniagem, cestos, caixas de papelão, cobertores,

caixotes contendo talheres, pratos, copos, bules, bacias, frigideiras e panelas. Então, decidiu-se:

Os farnéis temos que arrumar no banco do fundo; nem que alguém viaje encostado na grade.

Subitamente, olhando o teto da cabine, gritou:

Ei, quem é que vai levando tarrafa, que só enche lugar?

Sou eu, Gumercino!

E a voz tímida e embaraçada do velho Favoreto sobressaiu-se na algazarra geral.

Quero dar umas tarrafadas no rio da Várzea, junto à ponte das Araras, e pegar uns cascudos dos bons! Vai servir para todos nós e garanto que não escapa um!

Gumercino, pensativo, trepou no estribo do caminhão, apalpou a tarrafa, que fazia um volume grande sobre a cabine atuchada de coisas, e conformou-se:

Bem, desta vez, você leva; mas os farnéis bem que podiam estar aqui!

Dá muito soco! — atalhou Miro numa voz profissional.

Os galos já haviam cantado algumas vezes. As galinhas e os marrecos saíam a ciscar e a se debicar no terreiro, enchendo de bulha o ar fresco da manhã. Gumercino vistoriou tudo, mais

uma vez, e, num gesto de aprovação, deu o sinal de partida.

Toca, Miroslau!

O motor já estava aquecido e o caminhão partiu costeando a casa do Sezefredo. Em seguida, desceu para a esquerda, como se fosse para o rio; mas, de repente, num ronco forte e surdo, virou à direita em curva fechada e subiu a encosta dirigindo-se decididamente para a estrada arenosa talhada no selo do capinzal. Mas a marcha do veículo foi interrompida pelos gritos de alguém que parecia desesperado, superando o próprio barulho do motor.

Pare, Miro! Pare, homem de Deus!

Era o Bonifácio, que, então, saltou para o chão, alvoroçado:

Espera um pouco, Miro, esqueci a cachaça e os torresmos lá no Jeremias!

E saiu a correr desabaladamente em direção à venda do Jeremias,

recortando a silhueta agitada contra o horizonte, iluminando-se pela luz do Sol vencendo a noite. Minutos depois, ele voltava esbaforido, carregando pequeno saco de aniagem nos ombros e um engradado de garrafas de pinga tinindo no sacolejo apressado. Com extremado carinho, os romeiros içaram a carga para o interior do caminhão.

Êta, Bonifácio! — exclamou o velho Favoreto. — Quase esquece o principal!

O motor roncou novamente e, dali a pouco, o caminhão corria pela estrada à margem do rio rumo à capital. De longe, ainda se ouvia o som da harmônica cromática, puxada por alguém, executando uma trepidante rancheira acompanhada aos trancos pelas vozes dos romeiros jubilosos. O início da viagem se mostrava festivo. Dentro em pouco, corria entre eles o café quente, os bolos de goma, de polvilho e as panquecas de milho cozido, enquanto o cheiro forte dos cigarros de palha juntava-se ao aroma da cachaça.

Diz um velho adágio que: “em dia de divertimento, ninguém percebe passar o tempo” e, assim, chegou o domingo com o fim da festa do Bonfim, com os festeiros e vendedores procurando ganhar os últimos tostões de qualquer maneira. O leilão de prendas corria apressado e a roda da fortuna dava três e quatro prêmios de cada vez, num estímulo para os últimos candidatos. O padre Timóteo movia-se atribulado entre o povo bulhento, expedindo ordens e fiscalizando coisas, atendendo crianças e orientando festeiros. Os derradeiros foguetes eram disparados para o céu, num estouro contínuo e seco. O churrasco sobejava chiando nas trempes aquecidas, e os churrasqueiros berravam a plenos pulmões sobre o vozerio humano:

— Vamos, minha gente! Dois churrascos por um! Aproveitem!

Está gostosinho! A farinha é de graça e à vontade!

O povo ria e, mais adiante, as moças anunciavam:

Vai correr a colcha de seda! São os últimos bilhetes! Os últimos bilhetes!

No meio da multidão festiva, as pretas velhas vendiam gostosos acarajés, nadando no azeite de “dendê”, bolinhos de camarão com pimenta malagueta, mungunzá feito de milho no caldo de côco, cocadinha, pipoca na manteiga, paçocas de milho cozido, “quindins” de gema de ovo no côco ralado, amendoim torrado, bolos de arroz, de polvilho, de carne e aveia; os vendedores ambulantes ofereciam pentes, bexigas coloridas, espelhinhos,

colares de contas de vidro, bijuterias e toda sorte de quinquilharias.

Os dois sinos da igreja batiam festivamente anunciando o fim de festa com a saída da procissão. A pinga e a cerveja corriam soltas. Os namorados passavam sobraçando bonecas, estatuetas, garrafas de vinho, cestinhas, bolos enfeitados e imagens de santos, prêmios que haviam ganho na roleta, na pesca e no leilão. Atrás da igreja, juntavam-se as carroças e os caminhões dos romeiros. Tudo ali era movimento; desmanchavam-se barracas, enrolavam-se lonas, recolhiam-se roupas, caixotes com utensílios e garrafas vazias. O vozerio e a atrapalhação dominavam o ambiente; alguns manobravam os veículos, apontando-os para a estrada; outros apressavam-se a conferir as cargas, a juntar os trastes e a separar coisas, enquanto ainda era dia.

Vamos pessoal; a noite está chegando e precisamos sair logo daqui, senão perdemos a última balsa do rio da Várzea! Gritava Gumercino, enquanto Miro punha água no radiador do “Chevrolet”.

Eram nove horas da noite quando eles chegaram à margem do rio; dez caminhões já esperavam, em fila, a vez de passar à balsa. Na outra margem, as casas eram grotescas figuras sob o efeito da cerração formada na superfície da água.

Duas horas depois, chegou a vez do caminhão do Miro; a balsa deslizou de enviés, movida pela força da própria corredeira do rio, e, momentos depois, o veículo já roncava fortemente na subida da outra margem. Dentro, os romeiros procuravam se acomodar para cochilar, enquanto outros conversavam trocando poucas palavras, frases soltas e sem ânimo, pois era visível o cansaço e o desejo de chegar ao lar. Em breve, fez-se completo silêncio e só de vez em quando se ouvia alguma tosse ou o ronco do mais dorminhoco.

Quando o caminhão fazia as curvas, os farois então projetavam sua luz sobre os palanques das cercas, as rochas descarnadas e as árvores, cujas sombras dançavam na superfície da estrada arenosa um bailado fantasmagórico. Às vezes, um mocho voava subitamente do cimo de algum arvoredo ou um lagarto, lépido, cruzava a estrada numa corrida rasteira. Nas descidas, a luz dos farois sumia-se nos descampados das curvas engolidas pelos precipícios.

Gumercino, o chefe daquela empreitada, não abusara da bebida para

comprovar sua responsabilidade. Viajava sentado junto do Miro, na cabine do caminhão, satisfeito e tirando longas baforadas do cigarro de palha; mas sem dominar estranha inquietação. Singulares lembranças lhe invadiam a mente. A estrada amarelecida e ensaibrada, às vezes lhe parecia branquíssima e pedregosa, enquando os pneus do caminhão, de repente, perdiam o seu chiado costumeiro, transformando-se em rodado de carruagens barulhentas.

Repentinamente, ele bateu no joelho direito com excessivo vigor:

Que bobagem! Miro voltou-se, calmo:

Que foi que disse, “seu” Gumercino?

Nada! Bobagens, Miro. Para não cochilar, eu pensava no mundo e, não sei por que, prendi meu pensamento em coisas da Itália! Ora, veja só; da Itália! Nunca me incomodei com isso!

A viagem prosseguiu monótona e aos sacolejos. Os romeiros estavam completamente fatigados e, a maioria, num sono confortante. O caminhão gemia nas subidas da estrada e, depois de vencer os topes, ganhava velocidade no declive, acordando o pessoal e fazendo alguém esparramar-se pelos bancos. Olhando para os lados, Gumercino franziu os supercílios, algo inquieto, pois as árvores, os palanques, as encostas rochosas da estrada surgiam e desapareciam cada vez mais rapidamente. Sem poder dominar o temor que o invadiu, ele exclamou:

Cuidado, rapaz! Não corra tanto que aí vem a curva do Gancho! A mais perigosa de todas!

Era tarde! Miro, desesperado, tentava mudar de marcha e metia o pé no freio até o fim; porém, tudo em vão! O caminhão crescia em velocidade. A luz dos farois lambia violentamente as margens da estrada, os palanques e as árvores relampejavam num relance. Os pneus chiavam sem atender ao esforço inútil de Miro para aguentar o veículo no declive cada vez mais abrupto. Gumercino gritou forte e o pânico tomou conta dos romeiros quando surgiu a curva do Gancho. A estrada ali parecia suspensa sobre o abismo devorador.

Miro, desesperado, torceu a direção num golpe seco e violento para a esquerda, tentando jogar o caminhão contra o barranco rochoso da margem direita e evitando o precipício. Mas o caminhão não aguentou o impacto por causa da velocidade muito acelerada e foi tombar de lado, chocando-se

violentamente no chão, estilhaçando parte da grade, moendo o pára-lama direito e, impulsionado pela força centrífuga, virou de rodas para o ar e continuou aos trambolhões, a triturar paus, cabine, bancos, mulheres e homens. O motor deslocou-se ao solo; a carga voava por todos os lados; e, depois do seu valsar tão macabro, o caminhão parou à beira do abismo, completamente destroçado. Deixara atrás de si a destruição e a morte num coro trágico de gritos e gemidos dos acidentados.

Dez minutos mais tarde, outro caminhão de romeiros surgia no local e os seus ocupantes ficaram estupefatos diante do espetáculo confrangedor descortinado à luz dos farois. As manchas de gasolina e óleo confundiam-se com as poças de sangue dos corpos mutilados. Aqui, romeiros jaziam de bruços, com os corpos reduzidos a frangalhos; ali, alguns gemiam ou gritavam de dor sob destroços; acolá, outros haviam sido atirados contra o barranco rochoso e pareciam bonecos sangrentos. De baixo do motor, sobressaíam-se as pernas de alguém completamente esmagado; das grades do caminhão, pendia um braço esfacelado e um ferido arrastava-se pela estrada sem rumo definido.

O balanço do desastre fora trágico; dos vinte e oito romeiros, dez haviam sucumbido sob o massacre do caminhão; dois estavam desaparecidos e três outros não resistiram à viagem de retorno, morrendo antes do amanhecer em decorrência da forte hemorragia das vísceras rompidas. Miro ficara pouco ferido. Ao torcer a direção, a portinhola abrira-se e fora lançado contra a margem arenosa, sofrendo escoriações pelo corpo e fratura da perna direita. Gumercino morrera esmagado pelo motor, que lhe caíra em cima depois de saltar do caminhão; Bonifácio havia sido lançado com extrema violência sobre as pedras, rompendo o tórax e sucumbindo na primeira golfada de sangue. Entretanto, o seu rosto não parecia contrafeito naquela morte violenta; talvez, tenha sucumbido inconsciente e sob o torpor da pinga de que ele tanto abusava.

Salvaram-se treze romeiros entre mulheres, velhos e rapazes, embora alguns bastante feridos e com fraturas generalizadas. No dia seguinte, foram encontrados os corpos do velho Favoreto e de seu filho André, arremessados pelo grotão abaixo e estatelados nas lajes do riacho do Gancho. O Sol mostrou-se radiante no céu azul e claríssimo, refletindo-se na superfície da estrada manchada de óleo e sangue.

Enquanto nove dos falecidos eram sepultados no modesto cemitério de Itaperica, outros seis cadáveres seguiam de canoa para a outra margem do rio a fim de serem enterrados no seu lugarejo. Num gesto que fez todos chorarem, “seu” Jeremias estendeu a tarrafa sobre o corpo do velho Favoreto, cujo destino implacável o havia impedido de pescar alguns cascudos na bacia rasa do rio da Várzea, junto à ponte das Araras. A noite chegou, outra vez pontilhada de estrelas a luzirem indiferentes sobre a quietude das águas do rio das Pedras. Itaperica dormia; mas, em alguns lares, diversas criaturas choravam os parentes acidentados no desastre da serra do Gancho.

No entanto, espíritos familiares dos desencarnados também haviam-se exaurido em prestar-lhes toda assistência possível no Mundo Espiritual. Quase todas as vítimas da trágica romaria já haviam sido acomodadas em postos de socorro situados nas adjacências da Crosta terráquea. Algumas delas mostravam-se agitadas sob o impacto da morte violenta, e outras imobilizavam-se numa espécie de “choque” psíquico. Entidades benfeitoras dispendiam todos os recursos para livrar os desencarnados da “queda específica” na direção dos charcos do Astral Inferior, embora se tratassem de almas primárias e bastante presas às algemas da carne animal. Decorridas algumas semanas, os espíritos mais calmos foram encaminhados para as moradias astrais de sua ascendência espiritual, situadas na área astrafina brasileira.

Gumercino, o cérebro organizador da romaria fatídica, era o principal personagem daquele drama inesperado. Sua esposa, dona Merenciana, não quisera acompanhá-lo na excursão, alegando “maus presságios”; Gabriel, seu cunhado, chegara atrasado e depois benzia-se pela boa sorte. Bonifácio tinha alegado o impossível para escapar da tragédia que estava a pressentir no âmago de sua alma; mas a esposa obrigara-o a ir de qualquer modo para depois chorar inconsolável de remorso.

Gumercino abriu os olhos, lentamente, e pôs-se a examinar o quarto singelo onde se encontrava, estranhando a claridade fosforescente. Descansava em cômoda poltrona de assento tão macio como espuma; um cobertor leve o aquecia produzindo um efeito vitalizante, pois sentia um frio cortante quando se descobria. Os pés estavam apoiados num respaldo revestido de algodão. Ao lado, havia uma jarra cristalina com um líquido

róseo, escuro, muito parecido ao suco de morango; junto à janela de caixilho de alumínio brilhante balouçavam-se duas cortinas branquíssimas rendilhadas de bordados verde-malva agradabilíssimos. Alguns vasos de material translúcido, semelhantes a conchas do mar voltadas para cima, estavam guarnecidos de ramalhetes de flores azulíneas, róseas, lilases e topazinas. Tudo era simples; mas agradável e tranquilizante.

Gumercino sentia-se algo confuso e perturbava-se quando as luminosas cores empalideciam e o ar pesava-lhe nos ombros, despertando um desejo veemente de fugir dali em direção às vozes que o chamavam para o lar no vilarejo. Naqueles momentos, desaparecia a fosforescência opalina para dar lugar a uma cor cinzenta e sombria; e ele jurava ter entrevisto a imagem da esposa lacrimosa. Ainda julgava-se entontecido pelas pancadas recebidas na queda espetacular do caminhão, tratando de identificar o lugar onde estava hospitalizado.

Alegrou-se, aliviado, vendo penetrar no aposento um senhor idoso, de porte alto, majestoso e nobre. Os cabelos eram bastos e brancos, com reflexos prateados. Na face, destacavam-se as sobrancelhas escuras, grossas, arqueadas sobre os olhos fulgurantes e dominadores, o que lhe dava um aspecto incomum no contraste singular com os cabelos esbranquiçados. Vestia uma espécie de túnica, com gola alta, presa à cintura por um cinto largo com lavores bronzeados. Trajava calças fofas, de seda cor de manteiga, que se prendiam junto aos tornozelos por um par de botas pequenas de belo matiz castanho. Apesar do seu traje lembrar algo da indumentária grega, a fisionomia de exuberante vitalidade mostrava as características próprias do tipo italiano e os traços másculos do calabrês.

Aproximou-se do leito e Gurmercino notou as belas mãos de dedos finos e compridos, de molde aristocrático, das quais ele podia jurar que saíam reflexos azulados quando, num gesto suave e harmonioso, tocou-lhe a testa, a região cardíaca e o plexo solar, numa auscultação profissional. Em seguida, meneando a cabeça, dirigiu-se a Gumercino com voz cordial e cálida:

Meu irmão acha-se muito bem! Folgo em cumprimentá-lo por isso e pela sua boa disposição perispiritual.

Embora algo surpreendido pelo tratamento tão afetivo e o estranho diagnóstico, que nada o esclarecia, Gumercino apressou-se a dizer, num suspiro de alívio:

Doutor, eu estava desassossegado e confuso, sem saber onde me encontro — e depois riu, num desabafo quase infantil.

Creia, doutor, eu cheguei a imaginar que havia morrido. Por favor, pode me dizer onde fui hospitalizado depois do desastre, e o que é feito do meu pessoal?

O senhor idoso, malgrado a sua fisionomia severa, deixou transparecer no rosto uma expressão travessa e, fitando Gumercino bem dentro dos olhos, fazendo-o estremecer sob a energia crepitante que lhe penetrava no cérebro e descia-lhe pela coluna vertebral, avivava-lhe a mente despertando-lhe imagens e recordações longínquas. Gumercino, espantado, identificava ambientes, revia criaturas estranhas e conhecidas em lugares que lhe eram familiares; mas não se lembrava de tê-los visto em toda sua existência.

Em vez da paisagem bucólica de Itaperica e das ribanceiras do rio das Pedras, ele só percebia um terreno montanhoso atravessado por estrada branquíssima, feita de pedras talhadas entre jazidas de mármore. Atônito, sentia-se outro homem movendo-se na paisagem diferente; reconhecia-se a si mesmo, porém, nada tinha a ver com Gumercino. Ainda sob a força magnética projetada pelo senhor de olhos chamejantes e sobrancelhas hirsutas, ele teve um sobressalto, um verdadeiro estalido no cérebro e, sem qualquer peia, exclamou num tom de profundo espanto:

Santo Deus! Morri?!

E, ante o aceno afirmativo do seu interlocutor, perguntou, surpreso:

Dom Giovanni?

Sim, Gumercino, sim, caro Pietro, “il Consentino”; eu sou Dom Giovanni!

Gumercino abriu a boca, embaraçado, abaixou a cabeça, pois tudo se aclarara na sua mente, quanto ao pretérito. Traindo extrema humilhação, indagou, confrangido:

Morreram todos?

Quinze! Não eram quinze?

Sim! Como isso aconteceu tão rapidamente, dom Giovanni? Ainda me sinto em Consenza, namorando o mar Jônio, Tirreno e o pico Polino! — e num longo suspiro: — Parece que foi ontem; aceitamos o seu conselho e o programa de recuperação. Não foi assim?

Impulsionado por rápida lembrança, acentuou:

Que pena! Carletto fugiu à prova?

Não! — redarguiu dom Giovanni. — Carletto também estava presente no desastre. Conseguimos burlar a vontade dele e encaminhamo-lo para a Terra no devido tempo. É certo que não lhe cabe o mérito da escolha!

Quem era ele?

Bonifácio — elucidou o mentor. E acrescentou: — A Lei é severa, mas justa! Nenhum estranho sofreu no acontecimento trágico, porquanto foram afastados, à última hora, quem nada tinha a ver com a prova. Os sobreviventes feridos, em breve, prosseguirão na sua existência educativa, ainda mais fortalecidos para o futuro.

Hum! — fez Gumercino, sacudindo a cabeça. — Estaríamos quites com a Lei?

Dom Giovanni não respondeu; mas encaminhou-se à janela e, de um só lance, abriu as cortinas, desvendando formosa colina envolta por uma tênue nuvem luminosa, em cujo sopé se via modesta vivenda esbranquiçada sobressaindo-se entre flores e arbustos delicados. Bandos de pássaros voejavam como flocos de luz viva em bela policromia, pousando ora nos ramos das árvores, ora se rejubilando no frescor de deliciosa fonte de água cristalina. Gumercino sentiu a alma bafejada por inefável gozo espiritual e, num impacto quase infantil, inquiriu, algo suplicante:

Virgínia?

Espera-o para o repouso sideral no devido tempo.Vocês começarão o programa ideado a séculos e agora já podem auxiliar os retardatários. Virgínia empenhou-se a seu favor e, por isso, você está aqui bem assistido. Malgrado o seu pretérito violento, a existência simples na figura de Gumercino serviu-lhe bastante para a recuperação espiritual. Antes a singeleza de uma vida laboriosa e prestativa de um caboclo brasileiro do que a indesejável fortuna de Pietro “il Consentino”, não é assim?

Enquanto dom Giovanni também parecia evocar suas lembranças amargas na sucessão dos séculos findos, Gumercino fechou os olhos e se viu, outra vez, na figura daquele célebre Pietro “il Consentino”, mentor de uma quadrilha de bandoleiros chefiados por Carletto, que assaltavam os viajantes ricos e, diante de qualquer reação, os lançavam com as próprias carruagens,

encosta abaixo, fazendo-os estatelarem-se nos abismos insondáveis da Calábria, na Itália. Suas reminiscências foram interrompidas pela voz severa e fraterna de dom Giovanni:

Primeiramente o erro! Depois a dor! E, finalmente, a recuperação! Agora cabe-lhe “reiniciar” o curso educativo, pois só o amor, o bem e o estudo é que realmente fazem o espírito progredir — e, refletindo, acentuou: — A dor e o sofrimento não fazem evoluir, mas apenas retificam!

ASSIM ESTAVA ESCRITO

Eram duas horas da madrugada. a noite estava quente e abafadiça. As mariposas e os besouros dançavam alvoroçados ao redor das lâmpadas elétricas da praça. Os bancos estavam vazios, e ouvia-se os grunhidos de algum bêbedo tentando encontrar o rumo de casa. Às vezes, o silêncio da noite era quebrado repentinamente pelo barulho dos carros de padeiros fazendo bulha nas pedras da rua, ou pelo latido de algum cão notívago. Ali, junto ao meio-fio, estacionavam dois automóveis de aluguel. Os choferes dormiam esparramados sobre os assentos e gozando de rápido sono, enquanto não lhes apareciam fregueses.

Das sombras, saiu um vulto de mulher pequena que, em movimentos rápidos, esgueirou-se por trás de um renque de cedros e pequenos arbustos da praça; atenta a qualquer movimento exterior, ela evitava mostrar-se à luz das lâmpadas. Movia-se aos pulinhos, como os pássaros; surgia, de relance, recortando o seu vulto na claridade difusa e depois sumia pelas sebes e pelos arbustos compactos. Subitamente parou, indecisa. Orientou-se no meio da escuridão e aproximou-se, com passos cuidadosos, dos automóveis estacionados. Cautelosamente, ela se certificou de que os choferes dormiam. Em seguida, tomou um embrulho e, num gesto furtivo e rápido que mal lhe desenhou a silhueta sob a réstia de luz, largou-o sobre o coletor de lixo, junto ao banco de cimento, e sumiu, definitivamente tragada pela escuridão.

Tudo continuou quieto como se nada tivesse acontecido; mas a quietude logo foi quebrada por uma voz masculina e vigorosa:

Olá, Waldemar! Acorda, homem!

O passageiro bateu fortemente no vidro da porta do automóvel. O chofer acordou, sonolento, esticou os braços, num movimento de aliviar a tensão do corpo, e deu conta do que acontecia. Abriu, rápido, a porta do veículo para o freguês notívago. Nesse instante, ambos ouviram, ali perto, um choro abafado, que fê-los mover a cabeça num gesto unânime de surpresa em direção ao coletor de lixo.

Ué! — interveio o passageiro, desistindo de entrar no automóvel. — Ali, há coisa!

O chofer saiu do carro, rodeou-o, curvando-se sobre o embrulho deixado

pela mulher misteriosa no coletor de lixo. Livre dos panos que o oprimiam, o recém-nascido entrou num choro convulso e interminável.

Ora, mais essa? — exclamou o chofer, perplexo, erguendo o boné e coçando o cimo da cabeça.

Caminhou para o outro veículo e bateu forte na porta, arrancando o colega do sono gostoso:

Armando!... Armando! Acorda, homem! Temos coisa por aqui!

E, quando o companheiro achegou-se, ainda esfregando os olhos e mal acordado, mostrou-lhe o bebê a berrar sobre o banco de cimento, e mofou, num tom chocarreiro:

Olha aí teu filho, homem! Eu bem que desconfiava!

O quê?! — exclamou o outro, atarantado, enquanto o passageiro ria alto e considerava depois:

É um ser humano, não é? Acho que devemos levá-lo à Polícia para ela dar um jeito! — e num gesto familiar: — A não ser que um de vocês queira adotá-lo!

Eu?! — fez o segundo chofer. — Mal dou conta das minhas cinco bocas em casa!

Quanto a mim, sou solteiro. Não tenho jeito para ama-seca! — desculpou-se o primeiro.

Na “Delegacia de Ordem Social”, o suplente da noite tirou uma baforada de fumo do cigarro e, sem qualquer emotividade, considerou:

Naturalmente, isso é de alguma vagabunda. Elas enchem a barriga e chutam o filho para os outros criarem! Isso é muito comum. Essa teve algum remorso ou escrúpulo, pois, renegou o filho, mas não o matou.

E, depois de uma pausa, coçando a cabeça, aventou uma solução:

Não podemos obrigar uma sem-vergonha a criar os filhos. Quanto a isso, nada posso fazer, nem abrir um inquérito ou qualquer punição. Talvez esse diabo aí esteja com fome. Não para de berrar. Olhe, vou dar a vocês uma recomendação para gente minha conhecida, e que já tem me “quebrado uns galhos” como este! — e, apontando o enjeitado, indagou: — É menino ou menina?

Menina! — redarguiu o chofer.

O suplente sentou-se, puxou da caneta e redigiu um rápido bilhete,

entregando aos choferes:

Levem isso à “Casa Madalena”, dos espíritas, e digam à dona Lavínia para recolher essa enjeitada até amanhã. Mais tarde, eu passo por lá e darei uma solução definitiva. Contem como a acharam numa lata de lixo!

A “Casa Madalena” era um edifício novo, amplo e de estilo moderno. Fruto de doações generosas dos espíritas e destinada, exclusivamente, ao amparo das meninas órfãs e enjeitadas, podia abrigar cinquenta crianças. Entretanto, ali se internavam 65 meninas. Malgrado as alegações justas de dona Lavínia, mulher laboriosa e responsável pela vida cotidiana da instituição, ela se viu obrigada a aceitar a menina para não a deixar ao relento e também atender ao suplente amigo e cooperador da casa.

Marilda, assim escolheram o nome para a enjeitada, cresceu entre as demais meninas, quase todas da mesma idade, pois a “Casa Madalena” fora fundada há pouco tempo e amparava a primeira leva de órfãs abandonadas. Apesar dos subsídios precários do governo, sempre de má vontade para com as instituições espíritas benfeitoras e bastante atencioso e pródigo para as realizações do Clero Católico, que lhe dá o apoio político, foi possível terminar a obra filantrópica, graças aos donativos pródigos de alguns confrades magnânimos. Felizmente, a instituição possuía todas as condições necessárias para proporcionar às abrigadas o conforto e o amparo desejável.

A casa erguia-se no centro de florido jardim emoldurado por delicado tapete de grama esverdescente, verdadeiro veludo vegetal. As roseiras, em grupos isolados, estavam pensas de flores e coloriam o ambiente de matizes “bordeaux”, gema de ovo, branco, rosa quase lilás e um vermelho tijolo. Circundava todo o edifício uma espaçosa varanda onde as meninas bordavam, estudavam ou palestravam acomodadas em confortáveis poltronas e espreguiçadeiras. Aos domingos ensolarados, e conduzidas pelo ônibus da própria instituição, elas desciam à praia ou se rejubilavam em excursões aos lugares mais pitorescos.

A “Casa Madalena” lutava com falta de mentores adequados para o seu generoso labor, como acontece à maioria das instituições espíritas. Lavínia, mulher abnegada, e”seu”Morales, espírita da velha-guarda e bom caráter, mal podiam atender às necessidades físicas das internadas, em número superior ao que fora previsto no programa filantrópico. Não lhes sobejava tempo suficiente para cuidarem dos problemas emotivos e de esclarecimento

espiritual; tudo era feito às pressas e ambos se davam por felizes quando, à noite, podiam orar convictos de haverem cumprido o seu dever.

Sem dúvida, a magnanimidade dos espíritas havia contribuído para oferecer o bom e o melhor às enjeitadas pelo mundo. A cozinha era até luxuosa com o chão de mosaico sempre lustroso; as mesas de imbuia lavrada e tampos de mármore polido; os fogões a gás, sempre luzidios e limpos, decorados com panelas de pressão cintilantes; os talheres de alpaca e os pratos de porcelana fina garantiam a higiene desejável na alimentação coletiva. As próprias cadeiras, estofadas de gobelim, proporcionavam agradável conforto durante as refeições. Os quartos eram limpos e claros, acortinados de veludo e seda, em harmonia com os leitos guarnecidos de colchões de molas, cobertos de lençois alvíssimos e colchas rendilhadas sob os macios travesseiros de espuma. Pequeninos tapetes com delicados desenhos floridos preservavam as meninas de um contato desagradável com o assoalho gélido nos meses de inverno.

Sob a direção inteligente dos diretores da “Casa Madalena” não se despersonalizava as internas, coisa comum em instituições semelhantes. As meninas trajavam-se de modo diferente entre si, demonstrando o gosto individual até no corte do cabelo. Quando saíam à rua, moviam-se jubilosas em grupos afins, rindo venturosas. Não manifestavam aquele aspecto de rebanho de outras organizações religiosas ou de assistência pública, que passam pelas ruas em compridas procissões, na fusão descolorida do mesmo uniforme, sapatos, meias, gorros e tipo de cabelos. Os próprios quartos eram diferentes e permitiam um certo toque pessoal: variavam o estilo do abajur, o colorido dos tapetes e o bordado das colchas. Os salões eram amplos e bem decorados em estilo moderno. O principal divertimento era o rádio; mas, alguns anos depois, a direção conseguira um aparelho de cinematografia projetando filmes como distração. Ultimamente, elas haviam sido presenteadas com excelente aparelho de televisão.

Marilda crescia nesse ambiente amigo, confortável e prazenteiro. Entretanto, não demorou a mostrar o temperamento obstinado, rebelde e desobediente, sempre inconformada com a disciplina e as obrigações cotidianas. Dona Lavínia viu-se obrigada a lhe fazer severas advertências, além das admoestações de “seu” Morales, homem brusco, incisivo, justo e coerente. Malgrado as concessões afetivas e tratamento amistoso e até

ameaças de reclusão, Marilda transformava-se, dia a dia, num problema sério e espinhoso para a "Casa Madalena", porque o seu mau comportamento também semeava exemplos nocivos. Ela desfazia, irritada, todo o bem que lhe proporcionavam, caso não lhe permitissem agir discricionariamente. Mal iniciou a puberdade, ela se punha de rosto sombrio e amuada quando os responsáveis pela instituição impediam-na de "flertar" junto aos portões de ferro, onde alguns rapazes ociosos burlavam a vigilância dos zeladores em acenos galanteadores às internas.

Sônia, outra moçoila de procedimento leviano, aliou-se incondicionalmente à Marilda na tarefa inglória de contrariar os zeladores, procurando encontros furtivos à noite.

Finalmente, Lavínia e Morales consultaram a diretoria da instituição, solicitando prerrogativas para agirem com mais rigor e evitarem consequências piores, pois ambas as moças já atingiam os dezesseis anos de idade e se mostravam completamente contrárias à disciplina da casa. Além disso, tiveram de ser isoladas das outras, ante a descoberta de revistas galantes e perniciosas que elas contrabandeavam de fora.

Apesar da mais severa vigilância e do segregamento disciplinador, certa manhã, dona Lavínia quase desfaleceu arrasada pela amarga notícia: Marilda estava grávida!

Morales e Lavínia, feridos no zelo e no devotamento às internas, não puderam esconder a dor e a frustração incalculáveis pelo fracasso na função educativa de menores. Qual seriam os motivos daquele evento e da ingratidão de Marilda, sempre tratada com carinho e submetida somente a corretivos suaves, malgrado suas frequentes rebeldias? O autor da desgraça de Marilda fora o próprio condutor de ônibus da instituição que, arrependido, assumiu plena responsabilidade do ato, e o casamento foi realizado na própria "Casa Madalena".

Lavínia e Morales não conseguiam livrar-se do ressentimento que lhes feria o espírito amargurado. Dali por diante, ambos modificaram o tratamento habitual para as demais moças e passaram a agir com o máximo rigor e vigilância, alegando terem sido advertidos severamente quanto ao futuro. Restringiram os divertimentos, as excursões e os passeios tão comuns. Tornaram-se sisudos e bruscos, alegando que Marilda prevalecera-se do excesso de carinho e condescendência deles para agir de modo

ignóbil. As moças tinham de se recolher mais cedo e as visitas, afora de parentes, foram praticamente proibidas. As imprudentes que se aproximassem dos portões de ferro seriam, imediatamente, reclusas e proibidas de assistir à televisão.

Quando Sônia foi denunciada como a principal alcoviteira de Marilda, caiu-lhe em cima toda a mágoa e desforra de Lavínia e Morales. Dali por diante, ela foi seguida em todos os passos, e vigiavam-na minuto a minuto, vasculhando-lhe todos os armários, as bolsas e rouparia, à cata de revistas censuráveis ou bilhetes de namoricos. Sob qualquer pretexto, segregavam-na de todo divertimento.

Sônia era moça astuta e dissimulada. Seu espírito matreiro encouraçava-se numa silenciosa ofensiva contra os zeladores, e pouco se preocupava com as ameaças de expulsão, se tentasse qualquer ligação com o exterior. Ela aceitava, tranquilamente, as reprimendas antecipadas por aquilo que "poderia fazer" de errado; mas seus olhos não escondiam o sarcasmo e a desforra arquitetada dia a dia no âmago da alma.

Certa manhã fria e chuvosa, Lavínia e Morales foram surpreendidos com a chocante notícia: Sônia fugira, alta noite, com um jovem aprendiz de carpintaria, auxiliada por diversas companheiras ocultas sob anonimato; porém, o pior viera depois: o sedutor era casado! Lavínia e Morales ameaçaram de castigo severo todas as internas, até serem denunciadas as alcoviteiras de Sônia. Contudo, ninguém fez qualquer denúncia; mas os zeladores perceberam, nos olhos e nos gestos das moças, a zombaria e a desforra. Passaram a irritá-los dali por diante, e o ambiente cordial foi substituído pelo temor, e a tristeza tomou conta do ar.

Transcorrido pouco mais de um ano, os responsáveis pela instituição sofreram novo e duro golpe. Marilda e Sônia, portadoras de um mesmo temperamento indócil e irresponsável, tornaram-se amigas inseparáveis no mundo profano e, profundamente desajustadas e inexperientes para enfrentar a responsabilidade e as lutas de um lar pobre, revoltaram-se contra a vida conjugal e, sob o espanto dos vizinhos, um dia, mudaram-se para o mais baixo meretrício da cidade.

Lavínia e Morales, que haviam-se mostrado recuperados de sua amargura e ressentimentos anteriores, dessa vez, quebrantaram-se completamente frustrados. O destino inglório das moças pesava-lhes nos ombros para

sempre. Não podiam compreender os motivos daquela decisão condenável, após tanto carinho, instrução e mesa farta proporcionados na "Casa Madalena". Ademais, sabia-se que os companheiros de Sônia e de Marilda, embora modestos operários, viviam contentes e sustentavam razoavelmente a casa, felizes com o primeiro filho. Não podiam explicar os motivos daquela queda moral e espiritual das moças. Onde, o equívoco de Lavínia e Morales?

Onde, as falhas da instituição no amparo às meninas sem lar? Dali a dias, alegando a inutilidade do amor e do bem às criaturas imperfeitas e de má fé, Morales demitiu-se em sinal de protesto ao seu amor próprio ferido.

A diretoria da "Casa Madalena" mostrava-se bastante hesitante no tocante à responsabilidade, temendo a falência dos esforços caritativos para o futuro de renovação espiritual das internas e integração à sociedade. Conviria prosseguir na obra? A implacabilidade da Lei Cármica parecia negar, propositadamente, o lar amigo àquelas criaturas desamparadas. Sônia e Marilda podiam ser um caso excepcional de meninas de mau caráter e que haviam-se unido através da afinidade de sentimentos censuráveis. Como distinguir, futuramente, quais seriam as órfãs de "bom" ou "mau" caráter acolhidas pela instituição? Entre 63 abrigadas, quantas Marildas e Sônias ainda existiam em potencial e capazes de repetir a façanha deplorável?

Sem dúvida, era profundamente doloroso comprovar-se que os sacrifícios, as preocupações e o ideal, esposados pelos espíritas no advento benfeitor da "Casa Madalena", terminassem num fracasso inglório! Duas sementes vivas, plantadas ali naquele jardim submetido ao melhor adubo para a alma, transformaram-se em frutos apodrecidos na maturidade. Entre as primeiras jovens chegadas à idade adulta, depois de acariciadas e educadas sob os preceitos espirituais sadios, elas haviam optado pelo prostíbulo, negando os preceitos aprendidos. Após comovente reunião dos diretores, ficou resolvido de se consultar a entidade Abelardo, mentor da casa e sempre atencioso em auxiliar na solução de problemas de ordem espiritual.

Em noite tranquila, com a presença de Lavínia e de todos os componentes da instituição, fez-se a reunião destinada a ouvir as considerações do Alto. Feita a leitura do Evangelho, capítulo "Buscai e Achareis" (Mateus, 7: 7,11), Abelardo pôs-se à disposição dos companheiros encarnados, atuando

através de Agostinho, médium de bom quilate espiritual. Lavínia, mulher decidida e acostumada ao mando, mal podendo conter a tortura que lhe ia na alma, indagou, logo, de modo intempestivo:

Irmão Abelardo, creio que conheceis os motivos desta reunião mediúnica, pois fomos seriamente abalados em nossos labores assistenciais na “Casa Madalena”, onde abrigamos dezenas de meninas órfãs. O nosso carinho, desinteresse e abnegação tributados às internas, as forças maléficas talvez interferiram para subverter os objetivos benfeitores e cristãos. Fazendo uma pausa, aumentando a expectativa dos presentes, Lavínia inquiriu, nervosa e até desesperada:

Por que essas meninas, Marilda e Sônia, destruíram tantos anos de afeto e benefício, a ponto de prevaricarem como qualquer moçoila leviana criada nas favelas e cortiços, sem afeto e sem bom trato no mundo? Qual o nosso equívoco? Qual a causa desse fracasso?

Abelardo, calmo e atencioso, a transparecer na fisionomia do médium um vislumbre inteligente, respondeu:

Meus queridos irmãos, a própria terra, depois de lavrada, não oferece exclusividade de vegetais e frutos sadios, mas também fecunda ervas daninhas. Planta-se o trigo, e o joio existente na terra nasce junto. Nem podemos separá-los. É certo que, sob o carinho, o discernimento e a perseverança do lavrador, o solo torna-se cada vez mais fértil e a messe melhor. Obviamente, nós só podemos aguardar a segurança dos frutos sazonados depois de dominarmos as surpresas da plantação e ultrapassarmos o período da experimentação sáfara. Algo semelhante também pode acontecer convosco na direção filantrópica da “Casa Madalena”, cujo terreno ainda se mostra inculto e agreste. Talvez faltam-vos conhecimentos psicológicos e freudianos, experiências e métodos modernos de educação; melhor controle emotivo e discernimento de educadores para aperceber-vos melhor da índole e das reações desses espíritos comprometidos espiritualmente na prova cármica da orfandade bastarda.

Considerando-se a não existência da injustiça no seio da Divindade, é evidente que essas criaturas atiradas em portas de igrejas ou latas de lixo desprezaram seus pais, seus preceptores ou seus benfeitores noutras existências. São espíritos primários e egoístas, presos às sensações inferiores do sexo. Se, depois disso, elas ainda viessem a encarnar-se em

lares pródigos, afetivos ou venturosos, então, a lei de retificação espiritual seria apenas uma fantasia.

Além da assistência material e do amparo físico, tendes de desenvolver a habilidade, a experiência e o estoicismo espiritual nessas criaturas a fim de que elas superem os impulsos animais, as frustrações e os óbices com os quais inevitavelmente irão se defrontar quando forem devolvidas ao mundo profano. Isso acontece com o lavrador: ele arranca violentamente as ervas daninhas, fere a planta sadia na poda retificadora; usa o inseticida mortal no extermínio dos insetos nocivos para obter a planta resistente e sazonada.

Naturalmente, referi-vos à nossa inexperiência no programa assistencial às órfãs, não é assim? — interveio um dos diretores da instituição.

Sem qualquer laivo de censura ou crítica estéril, reconhecemos que as instituições espíritas filantrópicas, no momento, defrontam-se com a falta de preceptores para o bom êxito e a segurança dos programas benfeitores. Há muitos servidores de boa vontade para atender as exigências humanas dos deserdados da sorte; mas é bem reduzida a "equipe" de preceptores para esclarecê-los e ensiná-los a enfrentar as vicissitudes da vida.[15] Repito: não basta ao lavrador apenas plantar as mudas ou sementes em bom terreno, preservá-las dos insetos daninhos, da chuva torrencial, da aspereza das geadas ou da violência dos tufões. Embora o solo esteja bem adubado e as espécies bem amparadas, é preciso podar as vergônteas nocivas no "tempo certo" e quando tenras, dando condições ao vegetal para sobreviver naturalmente.

E Abelardo arrematou o esclarecimento numa voz conciliadora e cordial:

Assim como a "qualidade" da muda da laranjeira superior deve predominar sobre a rudeza violenta da laranjeira brava, apesar de presa ao "caule selvagem", a qualidade superior do espírito humano também precisa sobrepujar a "tendência" inferior do instinto animal da carne.

E que deveríamos fazer, caro irmão Abelardo, se depois de mobilizarmos esforços, capacidade, recursos e inteligência para melhor solução de nossos problemas assistenciais, ainda fracassamos pela imprevisão? — solicitou o presidente da mesa.

Trabalhar e prosseguir! Cada fracasso, inexperiência, imprevisão e prejuízo significam novas advertências e ensinamentos para o êxito futuro. O mundo em que viveis também não é perfeito e está cheio de desilusões; mas

o Pai continua a trabalhar para o nosso eterno Bem!

Não seria mais coerente deixarmos os “enjeitados” cumprirem o carma sob a espontaneidade própria da vida? Que podemos fazer, perante à Lei Espiritual, que os obriga a sofrer os efeitos das atividades nocivas do passado?

Em primeiro lugar, ao fazermos o bem ao próximo só estamos “fazendo aos outros”, exatamente, o nosso próprio bem. Amar é evoluir. Ademais, se essas almas forem lançadas, desde cedo, a uma vida sem lar e sem rumo, embora meninas impúberes, elas serão transformadas em matéria-prima carnal para a exploração prazenteira de criaturas inescrupulosas e perversas, que as prostituiriam desde crianças, não lhes dando oportunidade de redenção. A infelicidade, a começar de tenra infância, aumenta-lhes a revolta contra o Criador. A cooperação amorosa e benfeitora de mulheres e homens, como Lavínia e Morales, no ambiente sadio de instituições socorristas, proporciona-lhes agasalho, alimentação farta, diversão e amizades, e se, mesmo assim, se prostituírem pela força das paixões inferiores, elas jamais poderão esquecer o bem recebido. Porém, se forem atiradas desde cedo no mundo, não ficam devendo obrigações à humanidade. Mas, não esqueçamos que o Pai procura redimir pelo amor e não pela dor, pois esta é solução drástica quando falham todas as inspirações superiores! Sob o acolhimento de instituições benfeitoras, não poderão odiar o mundo que lhe é benfeitor desde os seus primeiros dias de vida.

Abelardo cessou de falar, como era de seu costume, antes de emitir qualquer conceito final às suas explanações:

Em verdade, queridos irmãos — prosseguiu ele depois —, ninguém odeia em sã consciência o bem recebido; mas sempre há de se arrepender dos benefícios que destruiu pela própria maldade. Marilda e Sônia devem odiar os homens que as tornaram infelizes, porém, não podem prolongar esse ódio à “Casa Madalena”, onde viveram momentos felizes, tanto na infância como na mocidade.

É aconselhável prosseguirmos uma obra como “Casa Madalena”, embora antevendo certos fracassos no futuro? — interrogou o tesoureiro da instituição.

Depende da disposição espiritual dos irmãos — redarguiu Abelardo.

Gostaríamos de ser melhor esclarecidos!

Caso pretendam, realmente, ajudar o próximo sem qualquer preocupação de glória, lucro ou posse de algum título no Paraíso, eu recomendo o mesmo conselho transmitido daqui por outra entidade espiritual, através de excelente médium, e que assim recomendou "Ajude e Passe".[16] Desse modo, a caridade será absolutamente desinteressada e exclusiva do Bem pelo Bem, sem indagações sobre resultados ou recompensas.

E os nossos sentimentos magnânimos, porventura não influíam nos deserdados pelos quais somos responsáveis? — inquiriu Lavínia.

Apesar de mobilizarmos os mais puros sentimentos de amor e abnegação aos nossos irmãos infelizes, jamais poderemos livrá-los da retificação espiritual pelos seus erros pregressos. O anjo não é produto de fabricação em massa, mas conquista real e gradativa do próprio ser. Cada um de nós terá de progredir perante o processo geral que estimula e reajusta, impulsiona e corrige, orienta e gradua. Os espíritas, principalmente, sabem que a Lei Sideral não se modifica nem se desvia em seu ritmo educativo para atender privilégios e sentimentalismos humanos. "Quem semeia urzes colhe espinhos e não morangos", pois se a "semeadura é livre a colheita é obrigatória."

Mudando o tom de sua prosa, Abelardo prosseguiu novamente:

Jamais poderíamos olvidar a renúncia, o afeto e a ação benfeitora de todos os batalhadores da "Casa Madalena". Meditemos, porém, sobre a natureza e a qualidade espiritual de criaturas que não mereceram um lar. Por quê? Sob a lógica da Lei Cármica, são almas atrasadas que, em vidas anteriores, desprezaram os pais e os lares pelos prazeres materiais. Egoístas, levianas, sensuais, ociosas ou revoltadas, cuidaram somente de si e fizeram da vida humana uma incessante diversão. Pagaram todo o bem recebido com a mais fria ingratidão. Entretanto, a pedagogia espiritual preconiza que "o espírito será beneficiado segundo suas obras" e não conforme o "amor alheio". Embora amparadas, elas teriam de efetivar a colheita boa ou má de sementeira pretérita.

Abelardo fez nova pausa, deixando pressentir que alinhava premissas para a sua conclusão final:

Marilda e Sônia desceram à carne para cumprir uma prova de desventuras esquematizadas pelas imprudências de outrora. Sem dúvida, a Lei Cármica marcou-as com a orfandade sem o direito do lar amigo, que já

haviam conspurcado ou desprezado antes. Planificaram a atual existência conforme linhas de forças espirituais geradas carmicamente, que não lhes davam o direito ao berço quente e amigo. Graças aos sentimentos generosos de criaturas bondosas, elas foram ternamente acolhidas na “Casa Madalena” e passaram a usufruir de conforto, prazeres, estima ou favores, a que ainda não tinham direito. Todavia, a Lei Espiritual, que não é punitiva, porém, educativa, aguardou a regeneração de ambas nessa oportunidade e só voltou a agir quando verificou que elas, incautas, continuaram a repetir os erros passados, cedendo novamente aos impulsos animais inferiores. Almas primárias, reagiram iradas e insatisfeitas contra a primeira advertência justa e disciplina corretiva. Embora materialmente amparadas, não estavam suficientemente esclarecidas para enfrentar as dificuldades e os sofrimentos próprios da vida cotidiana e foram atraídas para a prostituição pelas tendências ancestrais pregressas.

Lavínia mostrou-se inquieta e nervosa, interpelando o guia:

Porventura, irmão Abelardo, ainda fomos insuficientes a essas órfãs?

Em verdade, não faltou amor nem proteção às jovens frustradas, porém, esclarecimento de modo a superar as ciladas da vida profana — e insistiu Abelardo cordialmente: — Não se pode culpar os integrantes da “Casa Madalena” por essa omissão involuntária quando os seus servidores mal conseguem atender às necessidades materiais das internas.

E Abelardo completou, num sorriso fraterno:

Aliás, isso já aconteceu a todos nós!

Não compreendo! — redarguiu Lavínia, algo confusa.

Criaturas como Sônia e Marilda não conseguirão dominar os desejos, as tentações e as dificuldades da vida humana enquanto não forem convenientemente educadas espiritualmente. Até as almas de melhor padrão espiritual, por vezes, fracassam no intercâmbio com as paixões humanas. Espíritos primários reagem voluntariamente ante a primeira contrariedade, magoam-se pela diferença de tratamento alheio e revoltam-se quando lhes impedem a realização imediata dos seus desejos.

Mas isso é suficiente para justificar-lhes a prostituição? insistiu Lavínia, inconformada.

Cinjo-me apenas aos fatos já ocorridos, sem examinar sentimentos ou

tecer críticas à vossa boa intenção. Embora a ternura, o devotamento e a renúncia sejam virtudes que vos glorificam perante Deus, nem por isso elas modificam a aplicação correta e educativa da Lei do Carma sobre os espíritos falidos. Examinamos, "friamente", a vida agradável e sem obrigação onerosa de Marilda e Sônia transcorrida na "Casa Madalena" até os dezessete anos de idade, em comparação com os contrastes que ambas defrontaram no trabalho penoso de mulheres casadas com homens pobres.

Na "Casa Madalena" elas andavam sobre assoalhos de "parquete" encerado, repousavam em poltronas fofas e aveludadas, dormiam em colchões de molas, macios e confortáveis, guarnecidos de lençois alvíssimos e cálidos acolchoados. Viviam despreocupadas e alegres, assistindo a filmes cinematográficos e a programas de televisão. Aos domingos, excursionavam às praias e outros lugares pitorescos. Durante o inverno, eram protegidas pelos aquecedores e, no verão, dormiam tranquilamente em aposentos amplos e de boa ventilação. Em suas dores e incômodos, sempre tiveram assistência médica carinhosa. Cumpriam as tarefas escolares entre jardins floridos e alimentavam-se fartamente, acrescidas de gostosas sobremesas. Durante o Natal e a Páscoa, os espíritas ofereciam-lhes presentes e bombons de chocolate, ou então festejavam-lhes os aniversários em comemorações joviais em torno dos simbólicos bolos de velas. Infelizmente, em virtude de seu primarismo espiritual e cegas pelo egoísmo e amor-próprio, elas atingiram a mocidade sem desenvolver a paciência, a resignação, a coragem e o estoicismo, virtudes necessárias às mulheres oneradas com a pobreza. Sem dúvida, julgando vingar-se dos benfeitores, terminaram cavando a própria ruína na rebeldia contra a disciplina e os estatutos da "Casa Madalena" e depois não puderam superar os "contrastes violentos" e óbices imprevistos encontrados no mundo.

Agradeceríamos ao irmão Abelardo suas considerações de modo a nos elucidar quanto a esses "contrastes violentos" que Sônia e Marilda defrontaram ao deixar nossa instituição solicitou o diretor da casa.

De início, devemos examinar os motivos psicológicos que minaram a resistência espiritual dessas moças desventuradas e assim obtermos ilações proveitosas para o futuro. Talvez elas sobrevivessem num ambiente de conforto, prazer e amparo, que já haviam usufruído na "Casa Madalena"; mas, em face do seu passado delituoso, a Lei Espiritual não lhes permitiu

outros favores além de um lar pobre e companheiros incertos e modestos. A infância e a mocidade de Sônia e Marilda, na vossa instituição, foi um prêmio antecipado a que elas ainda não faziam jus. Entre a vivência agradável anterior e a vida repleta de obrigações próprias de mulheres casadas, formou-se um profundo abismo que não puderam transpor. Os salários deficientes dos companheiros só lhes permitiam existência difícil, ateando-lhe o fogo da revolta nas almas débeis. O choque ou o contraste entre a vida benfeitora anteriormente vivida na "Casa Madalena" e a situação da vida real foi de mudança demasiadamente violenta; um "salto" psicológico violento e imprevisto do "bom" para o "ruim", da "ociosidade" para a "responsabilidade", do"conforto" para a"miséria", da"alegria" para a "tristeza"!

Tudo mudou para pior: o chão de parquete, sempre limpo e encerado da "Casa Madalena", foi substituído pelas tábuas de um assoalho encardido de pinho no barracão de subúrbio onde foram habitar; o fogão a gás e os utensílios polidos da cozinha moderna transformaram-se numa trempe fumarenta aquecendo panelas de barro e de ferro; a enxerga de capim malcheiroso ficou no lugar do colchão de molas confortável. O antigo aposento luxuoso, amplo e claro, todo acortinado de seda e veludo, onde elas passaram a infância, jamais poderia comparar-se ao quarto escuro e desbotado, cujas janelas eram decoradas com panos de algodão à guisa de cortinas. O banheiro moderno e as instalações limpas e coloridas da instituição nada tinham a ver com aquela guarita sanitária de tábuas bolorentas.

Durante o inverno rigoroso, Marilda e Sônia levantavam-se alta madrugada a fim de aprontarem o café e o lanche dos companheiros madrugadores. A alegria da televisão e o divertimento da cinematografia desapareceram, mal substituídos por um rádio guinchante; a mesa sempre farta de alimentos, guloseimas e frutas de antigamente, depois mal podia oferecer o feijão aguado com pedaço de carne na refeição pobre de modestos operários. O primeiro Natal que ambas comemoraram depois de casadas foi sem festas e sem presentes; da Páscoa, nem se aperceberam, vazia dos tradicionais "bombons" de chocolate. Além disso, a pequena economia do lar consumiu-se nas doenças dos filhos de poucos meses, agravando-lhes a revolta, a frustração e o desespero numa existência repleta

de vicissitudes e sofrimentos.

Em consequência, sob a força da animalidade fustigante e pela debilidade espiritual, elas julgaram se desforrar daquele destino odioso de pobreza e responsabilidade, preferindo o meretrício em troca das preocupações e dos deveres onerosos do lar — concluiu.

Abelardo fez um longo silêncio, deixando perceber que havia terminado o assunto principal de sua preleção. Então, Lavínia, num desabafo, cuja voz mal conseguia disfarçar o protesto e a decepção de sua alma, inquiriu, quase ríspida:

Então, pouco vale o nosso amor e a nossa dedicação aos deserdados da sorte se, além de não podermos salvá-los de suas infelicidades, ainda assumimos a culpa dos seus deslizes e frustrações!

Abelardo tomou o médium novamente e, numa voz terna, mas significativa, esclareceu:

Meus irmãos, sem dúvida a vossa generosidade e renúncia em favor dos infelizes são sentimentos sublimes que vos elevam perante Deus, ratificando as virtudes superiores da Vida Imortal.

E, numa síntese em que ele resumia todo o seu pensamento fraterno, então concluiu:

Mas a verdade, meus caros irmãos, é que “ninguém ajuda ao próximo”, porém, “só ajuda a si mesmo!”

Mensagem de Humberto de Campos, psicografada por Francisco Cândido Xavier e publicada na revista *O Reformador*, de julho de 1965.

Lição nas trevas

Irmão X

No vale das trevas, delirava a legião de Espíritos Infelizes. Rixas, obscenidades, doestos, baldões.

Planejavam-se assaltos, maquinavam-se crimes.

O Espírito Benfeitor penetrou a caverna, apaziguando e abençoando...

Aqui, abraçava um desventurado, apartando-o da malta, de modo a entregá-lo mais tarde a equipes socorristas; mais adiante, aliviava com suave magnetismo a cabeça atormentada de entidades em desvario...

O serviço assistencial seguia difícil quando enfurecido mandante da crueldade, ao descobri-lo, se aquietou em súbita acalmia e, impondo respeitosa serenidade à chusma de loucos, declinou-lhe a nobre condição. Que os companheiros rebelados se acomodassem, deixando livre passagem àquele que reconhecia por missionário do Bem.

Conheces-me? — interrogou o recém-chegado, entre espantado e agradecido.

Sim — disse o rude empreiteiro da sombra —, eu era um doente na Terra e curaste meu corpo que a moléstia desfigurava. Lembro-me perfeitamente de teu cuidado ao lavar-me as feridas...

Os circunstantes entraram na conversação de improviso e um deles, de dura carranca, apontou o visitador e clamou

para o amigo:

Que mais te fez esse homem no mundo para que sejamos forçados à deferência?

Deu-me teto e agasalho. Outro inquiriu:

Que mais?

Supriu minha casa de pão e roupa, libertando-nos, a mim e a família, da nudez e da fome...

Outro ainda perguntou com ironia:

Mais nada?

Muitas vezes, dividia comigo o que trazia na bolsa, entregando-me abençoado dinheiro para que a penúria não me arrasasse...

Estabelecido o silêncio, o Espírito Benfeitor, encorajado pelo que ouvia, indagou com humildade:

Meu irmão, nada fiz senão cumprir o dever que a fraternidade me impunha; entretanto, se te mostras tão generoso para comigo em tuas manifestações de reconhecimento e de amor, que reconheço não merecer, porque te entregas assim à obsessão e à delinquência?!...

O interpelado pareceu sensibilizar-se, meneou tristemente a cabeça e explicou:

Em verdade, és bom e amparaste a minha vida; mas não me ensinaste a viver!...

Espíritas, irmãos, cultivemos a divulgação da Doutrina Renovadora que nos esclarece e reúne! Com o pão do corpo, estendamos a luz da alma que nos habilite a aprender e compreender, raciocinar e servir.

INQUISIÇÃO MODERNA

Giordano alencastro atingira os vinte e dois anos, pródigo de vida e belo de formas. Tinha consciência de sua exuberante vitalidade; usufruía a gostosa volúpia de

se sentir um rapagão admirado na cidade, cujo corpo fremia nos movimentos amplos e arrogantes. A natureza exagerara; dera-lhe fartura de viço e perfeição de formas. Sua alma transbordava de felicidade, desconhecendo a dor ou a frustração comuns à vida humana. Tudo nele era em excesso; suas mãos, embora vigorosas e decididas, mostravam certa graça nos movimentos sinuosos e sensuais. Giordano ria, de lábios vermelhos, mostrando os dentes tão regulares e branquíssimos que fariam inveja a muita mulher bonita.

Não temia qualquer esforço ao erguer caixotes pesados, pranchas, tábuas e fardos de materiais, para colocá-los sobre os veículos da firma paterna. Jamais precisaria fazer aquilo, nem substituir empregados, mas ele o fazia por desafio e vaidade, provando, na prodigalidade do gesto, a sua força extraordinária.

Deixa disso, “seu” Giordano! — censurava o preto Solano, servente de caminhão.

Giordano batia de leve nas costas de Solano, satisfeito:

Eu preciso de exercício, Solano! Dê graças a Deus que eu te ajude, pois isso para mim é ninharia.

E, comprovando o seu dizer, ajustava a rede de nervos e músculos sob o róseo da pele, erguendo um fardo de azulejos que dois homens mal podiam mexê-lo. E, depois, o recolocava mansamente no solo, fazendo cair o beiço de Solano ante a façanha. O preto admirava o ritmo, a proporção e a coordenação segura dos movimentos de Giordano, que se esmerava incentivando-lhe o culto ingênuo ao seu corpo sadio e poderoso. Depois ria, satisfeito e zombeteiro, ao ver o negro coçar a cabeça, surpreso, e repetir a mesma frase de sempre: Santo Deus, “seu” Giordano! Vaçumecê inté parece guindaste de osso e carne!

Dona Bianca, mãe de Giordano, mulher de grande beleza, cuja cor dos cabelos mudava ao sabor da moda volúvel, atraente e sensual, vivia feliz

pela dádiva de Giordano, o filho preferido. Durvalino, o outro filho, era uma antítese perfeita do primeiro; fraco, exaurindo-se ao mínimo esforço. Tinha os olhos tristes e camuflados pelos óculos espessos. Os seus gestos eram tímidos, e quase pedia desculpas ante a figura de escandalosa vitalidade do irmão mais jovem. Mas Durvalino, além de ser simples e laborioso, era dócil e boníssimo. Tudo o que lhe faltava em vitalidade e atração física, sobejava-lhe na riqueza espiritual. A mente dele era aguçada e perspicaz, raciocinava com precisão e rapidamente. Enquanto Giordano abandonara o ginásio na primeira série, Durvalino formou-se em Direito e ainda cursava Filosofia.

Inexplicavelmente, dona Bianca não escondia sua frustração diante daquele filho modesto e descolorido. Durvalino não se sentia à vontade diante da mãe, como se ela lhe fosse estranha; por isso, deixava todo o espaço livre para ela cultuar o filho magnífico, embora Giordano fosse glutão, sádico e sarcástico. No entanto, ele se afinava admiravelmente com dom Camilo, o pai, espanhol eufórico, estouvado e ruidoso, que se acertava às mil maravilhas com o filho sisudo, calado e ordeiro até para apontar um lápis.

Malgrado a diferença de temperamento, ambos eram justos e bondosos, além de hábeis e prudentes na direção da indústria de madeiras constituída depois de intensa luta e perseverança. Giordano, ao contrário, abusava dos proventos da firma, consumindo grandes somas nos antros de vício de São Paulo e do Rio de Janeiro, acobertado sempre pelo beneplácito imprudente de dona Bianca. Ante qualquer advertência de Durvalino sobre o procedimento negligente de Giordano, dona Bianca enfurecia-se e fitava-o de modo hostil e insultuoso:

Ponha-se no seu lugar, Durvalino! — exclamava sob intensa ira. — O que você faz em cinco anos, Giordano realiza num dia. Não se intrometa na vida dele, que é rapaz adulto e sabe se governar!

Durvalino, constrangido, baixava os olhos. A mãe voltava-lhe as costas e subia para o quarto, batendo a porta desaforadamente. Não havia afinidade entre os irmãos; um ébrio de força e saúde, cinismo e orgulho; o outro, mobilizando todas as reservas de energias precárias para sobreviver. Giordano, ruidoso e desabusado, traindo um gosto pela malvadeza; Durvalino, quieto, sisudo e desviando o curso dos passos para não destruir

um inseto imprudente. Durvalino recusava-se a assistir a morte de uma galinha; Giordano ria-se escandalosamente e fazia a ave demorar na morte pelo estrangulamento sádico.

Uma noite, há horas avançadas, dom Camilo despertou com o chamado urgente pelo telefone interurbano de São Paulo. Dona Bianca acendera a luz, apreensiva e temerosa de alguma complicação amorosa de Giordano. Talvez nem fosse coisa de se preocupar; apenas um pedido de dinheiro para cobrir algum gasto mais vultoso, fruto da vida boêmia e tão natural a um moço tão saudável. Dom Camilo escutava ao telefone com profundo vinco entre os supercílios; lentamente, levou a mão ao lenço e enxugou o suor que lhe porejava a testa.

Sei, sei! Sigo já, de auto, até aí. Não, ele nunca teve tal coisa. Eu é que agradeço, doutor, o senhor fez o que devia fazer e tem minha total aprovação. Não há dúvida; deixo tudo a seu critério profissional.

Assentou o fone no gancho, olhou incisivamente para dona Bianca e, pela primeira vez, seus olhos brilharam severamente diante dela.

Eu sabia que isso iria acontecer!

Levantou-se, lépido, e pôs-se a mudar a roupa, ordenando:

Mude-se duma vez, Bianca! Não adianta olhar-me com esse ar de mártir. O seu excesso de mimos estragou nosso filho e num tom incisivo: — Giordano está à morte num hospital de São Paulo depois de uma farra brutal!

Chegados à capital bandeirante na tarde outonal do dia seguinte, dona Bianca e dom Camilo, acabrunhados e nervosos, penetraram no saguão do Hospital de Beneficência Portuguesa. Logo foram encaminhados até o quarto, enquanto um cheiro forte e enjoativo de medicamentos entrou-lhes pelas narinas. Aos poucos, eles distinguiram Giordano sobre o leito alvíssimo; ele tinha os olhos cerrados e o queixo erguido fortemente, num espasmo nervoso e incômodo, em razão de sofrimentos atrozes. Dona Bianca sentiu as pernas dobrarem-se, desamparadas, e o sangue afluir-lhe à cabeça, deixando-a entontecida, tudo a rodar-lhe em torno. Dom Camilo, a princípio, ficou confuso, dominado por estranhas recordações que lhe afloravam à mente diante do quadro doloroso. Não amava profundamente aquele filho, mas não podia compreender o estranho sentimento que o fazia ter aversão a ele. No entanto, as fibras paternas vibraram instintivamente, ante a possibilidade de perder o filho.

O médico não demora; o moço está inconsciente há dois dias — informou o enfermeiro com impassibilidade profissional. — O companheiro de quarto dele é que notou as mãos roxas, o rosto congesto e a respiração dificultosa. Se não fosse isso, talvez o moço já estivesse liquidado.

Mas, qual é o diagnóstico dos médicos? — indagou dom Camilo, estranhando a própria frieza.

Só o doutor Loureiro é que poderá dizer-lhe o diagnóstico exato. O moço foi operado de um tumor muito perigoso no lado direito da cabeça.

Mais tarde, o médico responsável pelo caso confirmou o que o enfermeiro havia dito. Dona Bianca estava desesperada e realmente recordava-se das dores de cabeça de que Giordano queixava-se frequentemente nos últimos meses. Sentia-se até ferida no seu amor próprio, perante os componentes daquele hospital que, habituados aos dramas cotidianos da vida humana, falavam de um modo impessoal e objetivo, desinteressados de sua dor pungente.

Finalmente, veio a pior notícia quando os médicos comunicaram a dom Camilo a realidade trágica — o rapaz era portador de um câncer avançado no cérebro, à altura do osso parietal direito. Os nervos motores estavam comprometidos e, mesmo que ele sobrevivesse, ficaria cego, surdo, mudo e possivelmente imóvel para o resto da vida. Alguns dias depois, dom Camilo fretou um avião e conduziu o filho, inconsciente e imobilizado, para a sua cidade no Rio Grande do Sul. E ali iniciou-se o calvário interminável para toda a família, que passou a viver em torno do "cadáver vivo" do filho, cujos dias tormentosos sucediam-se sem qualquer solução.

Decorrido três meses daquela tortura constante, Giordano ainda mantinha-se imóvel, os olhos cerrados, a respiração opressa e com leves estremecimentos nas extremidades hirtas. No lado direito do crânio trepanado, via-se um curativo do qual tresandava um líquido fétido. A pele, antes rosada e aveludada, escurecia aos poucos, num tom sépia e emurchecida; os traços apolíneos do corpo esplendoroso desfaziam-se ao impacto do sofrimento intenso. Giordano era o centro convergente de complicado equipo de apetrechos e aparelhos médicos. O dorso dos pés estavam espetados por agulhas injetando um líquido cor de café. O soro gotejava-lhe nos braços entumecidos formando edemas que eram reabsorvidos à custa de compressas de água quente ou de aplicações de

pomadas descongestivas. O plasma sanguíneo filtrava-se com extrema dificuldade nos fleimões, enquanto o tórax arfava aspirando o oxigênio artificial. Quando a morte se avizinhava pela sufocação iminente, o enfermeiro acudia, lépido, acionando cruel aparelho, cujo tubo de metal nobre penetrava pela traqueia aberta, a insuflar e a sugar os pulmões quase em colapso.

Na família tudo era desolação. Dona Bianca ainda resistia, algo rebelde, à fatalidade daquele destino inexplicável, mobilizando todas as reservas egocêntricas para não trair a sua desdita. Por que Deus lhe dera um filho tão formoso e depois o destruía tão estupidamente? Por que havia de ser Giordano, estuante de vida e saúde, e não Durvalino, débil, enfermiço e titubeante? Os seus belos olhos perdiam o viço e se apagavam, pouco a pouco. A vaidade abatia-se, impotente, ante a sina trágica de ser a espectadora de sua própria ruína, vivida nas faces convulsas daquele filho adorado. Desorientada, cobria-lhe mil vezes os pés perfurados e arrumava-lhe o macabro turbante de gazes, estremecendo, hesitante, quando suas mãos tateavam a terrível depressão deixada pelo câncer junto na cabeça.

O calendário, implacável, mareava cento e quatro dias tormentosos e de lenta destruição de Giordano. O enfermeiro fazia a sua ronda habitual; tomava-lhe a temperatura e a pressão, graduava o maquinário como hábil técnico, movendo-se pelo quarto como um verdugo moderno. Mudava a seringa da veia do pé e, num gesto apático, varava outro ponto da pele, mostrando certa satisfação profissional quando percebia o êxito do seu labor. As mãos de Giordano estavam frouxas, inertes e descarnadas. A pele toda contundida pelas agulhas hipodérmicas e semeada de manchas roxas e azuis. A traqueia edemaciada produzia o ronco longínquo dos brônquios, lutando por um pouco de ar. Os tubos de borracha oscilavam presos pelos esparadrapos e sob a pressão dos líquidos em convergência para o enfermo.

Um dia, Durvalino olhava pensativo para o irmão que se aniquilava e jamais lhe dera um momento de alegria ou conforto. Nascido do mesmo ventre, nutrira-se com o mesmo sangue e, contudo, sempre lhe fora um estranho hostil. Subitamente, movido por singular intuição, pediu silêncio a todos e, curvando-se sobre o ouvido de Giordano, falou-lhe incisivamente:

Giordano! Giordano! Se estás nos escutando e tens consciência do que te acontece, faz um esforço; reúne todas as tuas energias dispersas e concentra-

te de modo a moveres a pálpebra direita. Somente a pálpebra direita! Isso será um sinal convencionado para sabermos se estás consciente! Se puderes, repitas o sinal outra vez!

Ante a surpresa dos presentes, curvados, ansiosos, sobre o enfermo torturado, eis que Giordano pareceu ficar mais quieto, mais hirto, numa coordenação propositada, enquanto lhe cessavam todos os tremores dos pés e das mãos e se moderavam os estertores dos pulmões. Decorridos alguns segundos após a expectativa dramática, a pálpebra esquerda[17] estremeceu fortemente, no único sinal de vida do corpo imóvel. E, ante o espanto de todos, repetiu mais duas vezes, atendendo aos propósitos de Durvalino. Depois, como se o esforço hercúleo houvesse exterminado todas as energias, Giordano teve um estremecimento e recaiu na costumeira apatia.

— Misericórdia! Ele ouviu-nos durante todo esse tempo!

bradou dona Bianca, entre soluços de dor e humilhação — e completou numa voz pungente: — Só lhe demos notícias más e desesperadoras!

Levou a mão ao peito e, num gesto de angústia, desfaleceu. Mas, naquele instante, expirou na mulher todo o orgulho e a arrogância por ter gerado filho tão atraente e saudável. Sob o impacto da vaidade ferida, ela havia tombado ao solo; mas, ao despertar, dona Bianca era sombra da figura ostensiva anterior. Realmente, dolorosa era a verdade, pois, se os familiares ignoravam o curso implacável e retificador das Leis Espirituais, Giordano não estava inconsciente, porém, mentalmente desperto na sua trágica situação. Malgrado a impotência motora, os sentidos estavam aguçados e o relacionavam com o mundo exterior. Ele ouvia a voz inconformada da mãe, o choro silencioso dos seus parentes, os comentários funestos em torno do seu leito e a notícia sinistra do câncer. Sofria o mais terrível suplício imaginado por um ser humano, sem poder libertar-se do corpo mortificante pelo benefício da morte! Esperançado do recurso inteligível de Durvalino, quis gritar; um clamor interminável e potente, que pudesse ferir o ouvido de alguém na face da Terra! Sua mente superexcitava-se sob o domínio de estranhas recordações, enquanto fluíam do seu corpo as derradeiras energias, que uniam sua alma ao organismo físico.

Ouvia gritos lancinantes, sentia-se diferente, estava distante de si mesmo num delírio infernal! Percebeu-se fora da carne hirta e massacrada, flutuando em lugar estranho, a ouvir alguém bradar:

Matem-me, pelo amor de Deus!

Giordano sentiu-se aturdido e espantado, pois a voz era de Durvalino, que se debatia à sua frente, os braços e as pernas presos por fortes correias às tábuas de uma roldana de tortura. Todavia, ele, Giordano, ordenava sem piedade: “Aperte o torniquete! Aperte!” E um homem de rosto bestial obedecia, torturando Durvalino, que, a seguir, diluiu-se numa nuvem esbranquiçada. No seu lugar, para espanto de Giordano, surgiu dom Camilo com farpas nas unhas dos pés e das mãos, o torniquete apertando-lhe o crânio e as carnes violáceas torturadas pelas tenazes aquecidas, também a clamar num protesto heroico:

Mate-me! Jamais trairei companheiros!

Giordano enfureceu-se, preso de um ódio louco, quando dom Camilo, num assomo de desforra e, talvez, impelido pelo desejo de libertar-se da tortura pela morte, conseguiu cuspir-lhe no magnífico traje clerical de monsenhor. Ainda sob o guante de intensa cólera, sua surpresa foi ao auge quando, a seu lado e sob os ricos trajes de abadessa, ele viu dona Bianca, a sorrir-lhe de um modo sensual, dizendo-lhe:

Monsenhor Valdéz! É inútil converter esses hereges tão endurecidos! Não só perdeis o vosso precioso tempo, mas ainda perturbais a vossa calma habitual.

E, numa expressão de cruel prazer, arrematou:

Mande-os para a fogueira; eles precisam tanto de purificar seus pecados!

Depois de fitá-lo de modo esquisito e pecaminoso, a abadessa dona Bianca beijou-o longamente. Giordano sentiu-se encabulado, pois o beijo de sua mãe nada tinha de maternal, senão a avidez e o fogo de uma violenta paixão. Em seguida, ela também foi-se esfumaçando no traje de abadessa, ou sóror Conceição, cujo nome soava-lhe de modo insistente. Aterrado, sentiu-se retornando para o seu martírio carnal, tomando contato sensorial com os familiares, pois ouvia-lhes os passos e as vozes em torno do leito. Mas isso tudo não passou de um rápido vislumbre. Em seguida, viu-se envolvido no vórtice de um turbilhão que tragava os últimos resquícios de consciência, enquanto ouvia a sentença venturosa do médico da Terra, junto ao seu corpo:

Nada mais temos a fazer! O senhor Giordano faleceu!

O CANTOR

Rosalino sampaio era um menino pobre, muito meigo e de bom gênio. Toda vez que ele ouvia o preto Jerônimo pontear o violão com seus dedos compridos e ossudos a deslizarem velozmente sobre as cordas do instrumento, produzindo um cascatear de sons transformados sob a forma de chorinhos sapecas, maxixes, mazurcas aligeiradas e compridas valsas românticas, ele sonhava fazer aquilo um dia. Seria muito admirado. Atenderia convites para tocar nos batizados, nas festinhas de amigos e parentes, como Jerônimo, em suas noites boêmias.

Jerônimo — pedia frequentemente Rosalino —, quer tocar a valsa "Abismo de Rosas"?

Enquanto o preto, sempre afável e sorridente, satisfazia-lhe o pedido, executando com maestria aquelas passagens vivíssimas e rápidas pelo pescoço do violão até a sua base encordoada, Rosalino embevecia-se hipnotizado pela melodia romântica e saudosa.

Quando ele fez onze anos de idade, frei Tibúrcio, que era o vigário da Igreja do Senhor Bom Jesus, convidou-o para ser coroinha e ajudar a missa; Rosalino sentiu-se feliz. Saiu correndo para dar a notícia alvissareira à velha tia Nica, irmã de sua mãe, que o criara depois de ter ficado órfão. Alegre, ante a perspectiva de aparecer em público, vestiu a sobrepeliza branca e rendada, sobre o saiote de cetim vermelho de sacristão, para ajudar frei Tibúrcio a rezar a missa.

Era o coroinha mais compenetrado no serviço religioso; movia-se junto ao altar com a delicadeza de um beija-flor sobre perfumada flor! Atencioso, mas tímido, sempre com aquele sorriso meigo aflorando-lhe ao rosto, Rosalino atravessava a nave com a bandeja de esmoler, agradecendo gentilmente com acenos de cabeça toda vez que alguém doava moedas para ajudar o Senhor Bom Jesus. As meninas sorriam enamoradas para ele, admirando-lhe o porte ereto, quase angélico, quando carregava a pequena cruz do Cristo nas procissões a preceder as "filhas de Maria" que cantavam a "Salve Rainha" com suas vozes encantadoras.

Algum tempo depois, a comunidade da Igreja do Bom Jesus resolveu organizar um coro de meninos a fim de participar dos festejos da "Semana do Evangelho" com as demais associações religiosas dos municípios

vizinhos. Frei Benito, muito experiente na organização de coros desde sua juventude, na Itália, além de profundo conhecedor das composições musicais dos grandes clássicos como Bach, Handel, Hayden, Mozart e outros especializados em peças sacras, visitou as famílias católicas mais nobres e pediu que mandassem seus filhos para ele organizar o conjunto coral da paróquia.

Após muitos ensaios e "testes", com a participação de inúmeros candidatos, conseguiu selecionar cinquenta meninos que, durante as primeiras horas da noite, enchiam a nave com suas vozes cristalinas seguidas pela música suave do órgão tocado por frei Barnabé. Atendendo aos apelos de frei Tibúrcio, as senhoras cristãs compuseram os trajes adequados ao conjunto coral. Constituía-se numa túnica branca, de punhos rendados, com o emblema do Coração de Jesus e um laço de fita vermelha na gola; completando o uniforme, um saiote azul escuro todo de pregas.

O solista do coro infantil era o menino Gabriel, um dos melhores alunos do catecismo. Sua voz, embora pouco sonora, um tanto aguda, não muito clara, era volumosa e, assim, ajustava-se às necessidades daquele encargo.

Aproximava-se a "Semana do Evangelho" e crescia a expectativa dos paroquianos para a estreia do "Coral dos Meninos do Bom Jesus". O bispo viria especialmente para rezar a missa campal e fazer as crismas esperadas há mais de três anos. Ao faltar vinte dias para os festejos, surgiu aflitivo contratempo: o tenorzinho Gabriel adoeceu com pneumonia, deixando frei Benito perplexo e angustiado, pois era de urgência encontrar outro substituto do enfermo. Procurou aliciá-lo entre os demais meninos do coral, mas ficou decepcionado. Não conseguia uma voz capacitada para interpretar os seus arranjos musicais. Entretanto, as coisas devem acontecer de acordo com a vontade do Governo Oculto do mundo.

Frei Benito caminhava apressadamente pelo comprido varandão do convento, a meditar sobre o problema do novo solista, quando estacou, surpreso, ao ouvir uma voz de menino, suave e de agradável sonoridade, interpretando com ânimo e ternura a "Ave Maria" de Schubert, justamente a melodia mais ensaiada pelos seus pupilos e escolhida como a peça de abertura do programa sacro. Frei Benito correu à janela, alvoroçado, mas não viu o misterioso cantorzinho. Aguçou os ouvidos e parecia-lhe que a voz, inexplicavelmente, vinha do porão da sacristia. Desceu as escadas de

pedra, excitado, mas lentamente, sem fazer qualquer ruído, estacando perplexo ao identificar o coroinha Rosalino, que arrumava caixotes vazios, enquanto cantava.

Frei Benito sentiu os olhos cheios de lágrimas e uma dor apertada no coração, rogando perdão a Deus pelo remorso de não ter experimentado, no seu conjunto coral, aquele menino tímido e quieto. Entre as arcadas do porão, aquela voz infantil ecoava sonora, harmoniosa, com belo efeito de acústica e sem qualquer ressonância. O frade subiu as escadas dominado por profunda emoção; ajoelhou-se diante do Senhor Bom Jesus e agradeceu-lhe a dádiva de poder estrear o seu coral de meninos no dia aprazado.

Em seguida, do alto da escada, chamou Rosalino num brado forte e cordial e pôs-se a indagar da sua qualidade apreciável de cantor precoce. O menino, acanhado e desculpando-se pela sua ousadia, contou que depois de assistir os ensaios descia ao porão e ali repetia os trechos mais fáceis e comuns, porque somente gostava de cantar. Jamais tencionava tomar o lugar de qualquer outro menino do coro.

E que sabe você cantar, além da “Ave Maria” de Schubert? — indagou frei Benito um tanto aflito por verificar que faltavam só quinze dias para o ensaio geral.

Bem! — respondeu Rosalino, encabulado. — Eu acho que sei, mais ou menos, aquelas músicas que o senhor chama de cantatas e oratórios...

De Bach, Hayden, Mozart e Beethoven? — indagou o frei num espanto feliz.

Acho que é, frei Benito, se é estes os nomes das músicas que o senhor fazia os meninos cantarem!

E, depois de uma pausa, enquanto frei Benito ia até à janela disfarçar as lágrimas, Rosalino acrescentou:

Também acho que sei aquelas outras duas “ave marias”...

De Verdi, Bach-Gnoud? — rejubilou-se frei Benito, erguendo as mãos para o alto d’ante do Bom Jesus, num sorriso aberto e lavado de lágrimas. — Obrigado! Obrigado, Senhor! Estamos salvos!

E, esquecendo o menino, saiu a correr varandão afora a fim de dar a notícia alvissareira aos outros frades.

Frei Benito devotou-se de corpo e alma a educar a voz de Rosalino, o

qual, muito dócil, receptivo e atencioso, assimilou-lhe as recomendações com incrível facilidade. Aprendeu a respiração disciplinada entre os hiatos das longas frases melódicas; a empostar a voz de modo que o ar fluísse pela garganta, em vez de comprimi-la, e a aliviar a tensão dos músculos ocipitais, evitando a voz nasal muito comum no espasmo vocal. Em poucos dias, mostrava-se um cantor de voz afinada, comovente e expressiva.

Sua participação no "Coral dos Meninos do Bom Jesus" foi um sucesso interminável e ele empolgava os fiéis na transcrição musical dos oratórios, cantatas e páginas sacras arranjadas por frei Benito. A igreja ficava superlotada. Dizia-se que muitos anti-clericais e ateus a frequentavam só para assistir ao canto angélico de Rosalino, acompanhado pelo murmúrio doce ou pela sonoridade mais grave do "coral" dos meninos, numa suave mistura mística de sons e da fragrância do incenso e do odor peculiar das velas de cera!

Rosalino cresceu. Sua voz melhorou de timbre e de volume. Ficou mais nítida e sonora. Ele se sentia desafogado na vida de pobre e pôde realizar o velho sonho de criança: aprendeu a tocar violão! Agora já podia compensar os dias em que ficava boquiaberto admirando o preto Jerônimo quando ponteava as cordas do "pinho" com maestria nunca vista.

Tornou-se um cantor de fama nacional; passou a cantar em rádios; gravou milhares de discos e sua fama atravessou as fronteiras do Brasil. Então, começou a ganhar rios de dinheiro podendo coordenar a sua vida de modo venturoso.

Casou-se; mas, por circunstâncias inexplicáveis, jamais o seu lar teve a graça de um filho. Talvez este fosse o motivo do desacerto com a esposa, a qual já vivia contrariada pelas suas atividades de cantor, sempre obrigado às noitadas boêmias e à prodigalidade de gastos com os "fãs". Nessa época, ele conheceu Lumila, jovem de rara beleza e mãe solteira de dois filhos pequeninos, frutos da união comum de um companheiro falecido. Rosalino sentiu-se atraído por ela e chegou a crer tê-la conhecido alhures. Separado espiritual e fisicamente da esposa, ele resolveu enfrentar a opinião pública. Montou casa para Lumila e passou a viver com ela.

A nova companheira, tolerante e meiga, talvez por força da condição insegura de amásia de Rosalino, tributava-lhe carinhoso afeto, sem advertí-lo ou irritar-se pela vida boêmia que levava. Assim Rosalino resolveu os

problemas de ordem afetiva, pois já tinha resolvido os de condição financeira. A vida transcorria-lhe num "mar de rosas", como diz o adágio de senso comum. Era um dos cantores mais bem pagos do Brasil e proporcionava à nova companheira e aos dois filhos adotivos uma vida regalada.

No entanto, algo lhe ensombrava a vida — o fogo! Parecia tolice ou fobia, mas, quando apanhava uma revista onde o colorido da rotogravura lhe mostrava incêndios, desastres de aviões, explosões ou automóveis em chamas, ele se sentia tomado por inesperado temor a se refletir no brilho febril dos olhos. Essa fobia agravava-se dia a dia. Numa reação quase infantil, ele evitava assistir aos filmes cinematográficos, cujos enredos mostravam o fogo na sua faina destruidora. Jamais embarcava num avião ou se arriscava a quaisquer empreendimentos em que o fogo estivesse por perto.

Rosalino, você não acha melhor consultar um médico sobre esse nervosismo que sente diante do fogo? Deus faça que isso não o deixe enfermo! — aconselhava-lhe a companheira.

Não! Isso é algum complexo ou recalque de infância que eu mesmo terei de resolver! — respondia Rosalino, sem esconder sua preocupação.

Não sei, realmente, o que se passa comigo; mas, diante do fogo ou das chamas de qualquer espécie, sejam em pinturas ou fotografias, eu me sinto angustiado! O fogo me horroriza!

e voltando-se para Lumila, acrescentou: — Lembra-se você quando irrompeu o incêndio no "Edifício Oriente", diante de nossa casa? O fogo violento lambia os caixilhos das janelas! Fiquei tão atemorizado que precisei tomar calmantes para os nervos!

Rosalino ainda continuou cismando, vendo, através da janela, as riscas luminosas do asfalto molhado convergirem todas entre si, fundindo-se num feixe de luz amarela esbranquiçada para, em seguida, transformarem-se em chamas vermelhas, a dançarem entre veículos velozes. Fechou a cortina, desassossegado, e voltou a sentar-se.

Por que você não consulta os espíritas? — lembrou a companheira.

Já consultei. Disseram-me que deve ser recalque de vida passada, quando fui queimado em algum incêndio. Por isso, associo o fogo às minhas lembranças do pretérito, sentindo-me aflito ante a sensação de perigo

iminente.

Silenciou, preocupado, para dizer num tom dramático:

Everaldo, médium espírita e meu amigo, acha que eu fui queimado nas fogueiras da Inquisição, noutra encarnação, pelo pecado da heresia. No entanto, desde pequenino, eu sempre senti a mais terna devoção pela Igreja Católica e, às vezes, chego a lamentar porque não sou um bispo ou um padre, cujas vestes clericais tanto me fascinam. Nenhum menino sentiu-se tão jubiloso como eu a envergar as vestes de coroinha da Igreja do Bom Jesus. Parece-me bem incoerente a hipótese de ter sido um herege queimado nas fogueiras da Inquisição, quando sinto a mais ardente devoção e amor ao Catolicismo.

Bem, Rosalino — insistia a companheira —, alguma coisa deve ter fundamento da parte dos espíritas. Se você não encontra outro motivo para justificar o nervosismo contra o fogo! Acredito que deve ser mesmo alguma coisa de outra existência, como dizem eles!

Rosalino completava os cinquenta anos de idade, sempre afável, generoso, paciente e simpático. Não era egoísta nem ganancioso. Semeava venturas, atendia necessitados, fazia donativos às instituições caritativas e ajudava muitos amigos a solucionarem os seus problemas financeiros, graças a sua grande fortuna. Era cantor de respeito. Amava a própria terra e punha todo o coração naquilo que cantava. Escolhia as mais belas canções, eliminando o que era torpe, fescenino e desagradável. Preferia cantar estrofes sem malícia e evitava as gírias antipáticas. Cantava certo e limpo, além de tocar com arte o violão.

Certa noite chuvosa e fria, no aconchego do lar, Rosalino sentiu-se dominado pelas recordações de sua infância, comovendo-se pelas lembranças de frei Tibúrcio, frei Benito e frei Barnabé, os três frades humildes, bondosos e santificados, que o haviam ajudado na gloriosa carreira de cantor famoso. Enternecido ao evocar a figura dos meninos que foram seus companheiros no célebre “Coral do Bom Jesus”, pôs-se a lembrar da luz mortiça das velas, do odor agradável do incenso e da quietude das imagens dos santos nos altares, com enfeites dourados sobre as toalhas alvíssimas e imaculadas. Gostaria de fazer algo em favor de alguma instituição de caridade. No dia seguinte, fez um contrato vultoso com a companhia produtora de discos e gravou como solista entre o “Coral de

Meninos da Igreja de São Francisco", cuja renda seria toda em favor das crianças pobres. O disco foi um sucesso incomum, arrecadando excelentes proventos para os garotos.

Aquela gravação fora também o cântico de cisne de Rosalino. No dia seguinte, ao retornar da gravadora situada no Rio, o seu automóvel chocou-se violentamente contra a traseira de um ônibus na "via Dutra" e caiu grota abaixo, perecendo Rosalino preso entre as ferragens e completamente carbonizado. O fogo que ele tanto temia, o havia apanhado na forma daquela morte trágica! O terrível presságio se realizara fatalmente!

Mas, enquanto as chamas violentas lambiam os destroços do automóvel, Rosalino era assistido no "outro lado" da vida por uma singular equipe de espíritos vestidos de branco. Eles o envolviam numa densa nuvem de gás esbranquiçado com fluorescências azuis, que lhe penetrava pelos poros perispirituais. Ela provinha de um aparelho semelhante aos extintores de incêndios da Terra. As criaturas encarnadas que tentavam arrancá-lo das ferragens ainda quentes, não poderiam supor que o espírito já se achava livre do seu corpo físico torrado pelo fogo. Os homens de branco o afastaram dali e deitaram-no numa rede macia revestida de uma espécie de pó muito parecido ao talco e que produzia reflexos luminosos. Em seguida, puseram-se a caminho, em marcha disciplinada, para além da zona do desastre. Rosalino tinha os dentes cerrados, as sobrancelhas arqueadas num espasmo nervoso e seu perispírito sacudia-se num tremor convulsivo, como a fugir de algo horroroso. Naquele momento, os homens trajados com macacões branquíssimos e ajustados até os tornozelos, submeteram-no a fluidos sedativos. O cantor acalmou-se e, em minutos, a fisionomia desenrugou-se, os lábios descerraram-se acusando repouso. Esse processo socorrista pareceu exigir muita paciência e abnegação, pois os "homens de branco", em sucessivas etapas, ficaram o dia e a noite aliviando Rosalino das angústias e prováveis pesadelos que ocorriam na sua mente recém-liberta do corpo físico.

Decorrida uma semana, certa manhã em que o Sol punha-se a vaporizar o orvalho cintilante pousado na grama verdejante e fazia escorrer a umidade dos telhados das casas, surgiu à porta do posto socorrista "Os Samaritanos", onde se encontrava Rosalino, um senhor vestindo um traje de túnica e calças brancas, bem elegante e um tanto faceiro, cujo rosto corado e alegre e a

maleta que conduzia, traía a figura de um médico experimentado. O seu cabelo mostrava algumas estrias prateadas, dando-lhe o ar de respeito e venerabilidade.

Então, meus amigos? — exclamou ele num gesto longo e afetuoso, espalmando as mãos para cima. — Qual é o problema? O chefe da expedição espiritual dos “homens brancos”,

Domício, respondeu à indagação:

Mandei-o chamar, irmão Cristiano, porque Rosalino acusa sinais de despertamento de sua consciência espiritual. O seu espírito, já deve ter-se livrado das imagens aterradoras do fogo e das aflições dos seus últimos momentos de vida carnal; mas percebemos a interferência de algumas ideias reflexas de existências anteriores, associadas na sua mente excitada e capazes de causarem-lhe alguma confusão mental ao despertar em nossa esfera. Creio que ele precisaria cingir-se apenas aos quadros educativos da última vida carnal, de cantor, para melhor ajustar-se à atual vigília espiritual. Sem dúvida, o nosso trabalho socorrista foi muito beneficiado pelas vibrações sedativas transmitidas da Terra pelas preces enviadas pelos seus conterrâneos e dezenas de beneficiados. Isso reduziu bastante o período aflitivo, peculiar a esse tipo de desencarnação violenta, além de ajudá-lo a se reajustar na sua verdadeira condição espiritual de vida no Além-túmulo.

Irmão Cristiano sentou-se ao lado do leito de campanha revestido com lençois alvíssimos e sedosos e concentrou os olhos como duas lentes a convergirem sobre a região do hipotálamo de Rosalino. Os demais companheiros mantinham-se silenciosos e expectativos. Depois daquela concentração vigorosa, ativa e minuciosa, ele exclamou, satisfeito:

A recuperação de Rosalino é excelente! — e, levantando-se num gesto de quem deseja aliviar a musculatura perispiritual, acrescentou:

Embora estigmatizado pela prova retificadora do fogo, a qual ele pressentia incessantemente na vida carnal, Rosalino retorna para nós em condições melhores do que muitos desencarnados comuns. Ele se preparou bastante antes de descer à carne e solucionar suas dívidas cármicas de Sevilha, Portugal e Lombardia. A sua nova disposição espiritual de meiguice, bondade, desprendimento, generosidade e honestidade elevou-lhe o padrão sidério a ponto de imunizá-lo na desencarnação contra os efeitos estigmatizantes de sua contextura perispiritual. Merece, portanto, a messe de

orações transmitidas da Terra por seus amigos, parentes beneficiados e pelo povo que o amava, amenizando-lhe as angústias da partida violenta da matéria.

Irmão Cristiano olhou comovido para Rosalino, imóvel, aduzindo:

São decorridos apenas seis dias e ele está quase recuperado!

Naquele momento, penetravam pelo aposento flocos luminosos parecidos com escamas de peixes transparentes e dum colorido entre o lilás suave e o róseo puro. Pousavam na zona cerebral de Rosalino e ali se desfaziam em pulverizações cintilantes. Em seguida, ele desenrugava a fronte contraída e os pulmões pareciam elevar-se num ritmo suave e repousante.

Os encarnados jamais poderão imaginar o poder da prece amorosa produzida pelos corações plenos de gratidão, cuja natureza benfeitora e energética tanto fertiliza os fracos como balsamiza os sofredores! — comentou Cristiano.

Depois dessa apreciação, ele pôs a mão no queixo e, fitando demoradamente o rosto tranquilo de Rosalino, acrescentou:

O cântico também é uma prece! Rosalino, apesar de ter sido apenas um cançonetista popular no Brasil, soube escolher o assunto que cantava. Além de sua voz sonora e cativante, ele também sabia atrair pelas estrofes ternas e respeitosas das canções afetivas, catalisando as melhores vibrações dos sentimentos humanos dos ouvintes, em louvor à pátria, ao lar, aos amigos, à família, à criança e à paz!

Pousou a mão direita sobre a fronte e a esquerda na parte posterior da cabeça de Rosalino; depois, ergueu os olhos para o Alto e, numa voz tranquila, profundamente afetuosa, orou:

“Senhor da Vida!

Fortalece-nos para transmitirmos ao nosso irmão Rosalino as energias mentais de equilíbrio e harmonia, de poder e controle, para que ele possa reajustar-se ao ambiente de nossa vigília espiritual. Senhor, ajuda-nos, porque já aprendemos a confiar no vosso Amor e na Vossa Sabedoria!”

Logo a seguir, o halo de luz que circundava a cabeça do espírito de Cristiano, apresentando uma cor verde-seda ou verde-palha, das folhas tenras, foi-se esmaecendo, substituído por um matiz amarelo claríssimo, atraente e respingado de tons de bronze velho a diluir-se rapidamente para

um amarelo dourado translúcido.[18] Através dos braços da venerável entidade, fluía até suas mãos, colocadas em concha sobre a cabeça de Rosalino, aquele tom amarelo vivo esmaecendo nas extremidades. Alguns minutos depois, Cristiano mostrou-se satisfeito e bem recompensado do labor espiritual quando verificou que o amarelo dourado transferido pelas suas mãos também se polarizava em torno da cabeça do paciente, formando um halo amarelo, menos brilhante, mas tarjado de nuanças lilases e fulgurações violetas.[19]

Bela recuperação espiritual! — repetiu Cristiano, algo emocionado. — Alguns séculos de contradições, egoísmos, frieza, fanatismo, cobiça e Rosalino os resgatou em meio século de sua existência humana, conseguindo o desligamento cármico pela renúncia, ternura, humildade e filantropia. E, louvavelmente, ainda partiu da carne com as credenciais de benfeitor!

Em seguida, o espírito de Cristiano caminhou para a porta e, fazendo um aceno cordial com a mão direita, despediu-se de todos, acrescentando, jovialmente:

Alô, Rosalino! Podem acordá-lo; ele alcançará "Mansão Esmeralda" com as próprias forças! Tenho certeza!

Domício, o chefe dos "homens brancos", estendeu os braços sobre o corpo imóvel de Rosalino e pôs-se a fazer-lhe passes longitudinais, demorando-se um pouco em cada plexo perispiritual e gastando mais tempo à altura do ventre na região do plexo solar. Depois, prosseguiu lentamente até os pés, fechando as mãos e recuando num gesto de desligar-se da corrente magnética na técnica da polarização. Dali a poucos minutos, Rosalino manifestava estremecimentos nas pontas das mãos e dos pés. Os lábios mexeram-se. Contraiu as pálpebras, serpenteando-lhe pelo corpo um movimento de vida a superar o repouso demorado.

A circulação perispiritual se restabelece — explicou o passista, voltando-se para os demais amigos e aduzindo: — Como disse, irmão Cristiano, a recuperação de Rosalino é uma coisa surpreendente! Assim dá gosto da gente trabalhar!

Ergueram-lhe um pouco a cabeça no travesseiro minúsculo e outro assistente enfiou-lhe nos lábios uma chupeta ligada a um frasco parecido com as mamadeiras dos recém-nascidos e apertou-o, como se fosse de plástico, fazendo Rosalino ingerir o tradicional líquido, que eu já me

acostumara a observar em certos casos, cuja cor de morango ou cereja mostrava sempre uma aura radioativa. Decorreu certo tempo, ele abriu os olhos calmamente e, volvendo-os em torno, mostrou-se um pouco surpreso ao defrontar-se com os espíritos sorridentes e até mesmo divertidos que o cercavam no leito. Depois também sorriu, bastante lúcido em sua consciência espiritual, pois franziu a testa num esforço memorativo, e a fisionomia inundou-se de júbilo.

Estou na "Mansão Esmeralda?" — indagou, emocionado.

Ainda não, irmão Rosalino; mas vamos para lá! — redarguiu Domício, gentil.

E vocês são a "Equipe Branca"?

Para o servir, companheiro!

E todos curvaram-se, delicadamente, num gesto de extrema cortesia. Rosalino sentou-se no leito de campanha, envergou um caprichoso traje cinza-claro, que lhe estendeu um companheiro. A um sinal do chefe, a caravana, sem muita hesitação e dramaticidade, pôs-se em movimento rente à superfície da Crosta até alcançar um "posto socorrista" junto à orla de uma praia santista. Ali viviam diversos tarefeiros do reino vegetal, dirigidos por um espírito de aspecto rude, alto, robusto e majestoso, contudo cordial e serviçal, que os atendeu:

Mestre Guaciro! — exclamou Domício, cujo tratamento, especial e lisonjeiro, pareceu agradar bastante ao interpelado.

Quer ter a bondade de manipular alguma cota de energia vital de mamoeiro, abacateiro ou mangueira, para a revitalização do irmão Rosalino, porque daqui iremos num vôo longo e energético até a "Mansão Esmeralda".[20]

Com todo o prazer! — retrucou a entidade de aspecto primário, vestida com traje simples em cor verde-mar, o que não conseguia disfarçar-lhe o porte imponente do cacique brasileiro. O interpelado reuniu meia dúzia de selvícolas e todos desapareceram por entre as frondes das árvores frutíferas da propriedade terrena, onde se situava o posto espiritual socorrista denominado "Mestre Guaciro".

Repousemos um pouco, enquanto nossos irmãos cooperadores do reino vegetal preparam o "tônico vital" pela extração das emanações abençoadas

das árvores frutíferas criadas pelo Pai — convidou Domício, sentando-se na grama verdejante, cujo toque perispiritual ativou os eflúvios luminosos do "éter físico" a fluir por entre as folhinhas tenras.

Reparando na atitude de Rosalino e pressentindo-lhe as elucubrações mentais ou memorizações do passado, disse-lhe num tom afetuoso e conselheiro:

Aproveite esse hiato, irmão Rosalino, para fazer a catarse das lembranças confrangedoras que tumultuam-lhe a mente. Limpe-a o melhor possível para chegar à "Mansão Esmeralda" liberto do pretérito e ensejar uma vida sadia e venturosa no futuro. Extinga as sombras obscuras do espírito e a nossa volição será mais segura e mais rápida.

Rosalino agradeceu com o olhar compreensivo. Recostouse num belo tronco de magnólia, entrecerrou os olhos mergulhando no mar revolto das imagens agitadas na mente pela sua hipersensibilidade perispiritual. Sob o poder fabuloso do espírito, senhor da memória sideral de todos os gestos, pensamentos e atos pregressos, ele regressou ao passado fixando-se no momento em que teve início aquele débito espinhoso na contabilidade divina.

Viu-se sentado junto à pesada mesa de mogno e investido nas funções de monsenhor Domingos Serrano, um dos juízes do Santo Ofício da Inquisição de Sevilha, no século XV, sob o reinado dos reis católicos, Fernando e Isabel. Ele também havia sentenciado hereges, judeus, renegados e relapsos católicos às fogueiras estorricantes em nome da Justiça de Deus. Adquirira o terrível "carma do fogo" naquela existência clerical, onde confundira a devoção, a fé e o sentimento religioso com as próprias paixões de cobiça, ambição, fanatismo e vinganças políticas. Exausto das vidas pregressas tumultuosas e censuráveis, saturado da companhia de inúmeros comparsas que o instigavam das Sombras, deixou-se tocar pela inspiração divina do espírito que lhe fora mãe carnal e curvou-se, submisso, ao programa cruciante de purgação dos tóxicos nocivos perispirituais. Rosalino sofreu por quatro vezes a tortura das fogueiras da Inquisição, às quais ele condenara diversas criaturas, sendo queimado em Aragão, Lisboa e Sevilha. Na penúltima existência, encarnando-se na Itália, em Lombardia, na figura de um belo e famoso cantor de estradas, cuja voz encantava nas trovas amorosas, ele ainda se deixou tentar pela cobiça e falsidade. Uniu-se a uma

jovem aldeã, herdeira de excelente fortuna, mas, em vez de cumprir a promessa de união conjugal, não só a abandonou num dia infeliz com dois filhos espúrios, como despojou-a dos bens mais valiosos. Entretanto, o "carma do fogo", sob a implacabilidade da Lei, estava à espreita; e o trovador Rosalino, como também se chamava naquela existência, foi saqueado por bandidos que o limparam de joias, ouro, moedas e valores roubados da companheira infelicitada. Ao procurarem dar sumiço à prova do roubo, os salteadores espancaram-no, atearam-lhe fogo ao corpo, atirando-o semivivo grota abaixo.

Rosalino, ao terminar a evocação pretérita, suspirou longamente, compreendendo o motivo por que o fogo sempre angustiava-lhe a alma. Ele temia o fogo como inimigo e algoz, certo de que seria enlaçado por suas línguas coruscantes e destruidoras, ante o primeiro descuido. Fugia dele! Enervavase ante a sua imagem, mesmo pintada ou fotografada. Assustava-se com o clarão dos relâmpagos, das luzes súbitas dos farois de automóveis ou da ideia de aviões em chamas. Mas agora sentia-se calmo e venturoso. Gozava de inefável paz de espírito, com a esperança de ter cumprido o destino tormentoso e conseguido boa nota espiritual. Aliás, também resgatara a dívida que contraíra com Lumila e os dois filhos adotivos, tendo-lhes devolvido, através do canto, a fortuna surrupiada na Itália quando era um belo rapagão de alaúde em punho a cantar trovas românticas. Oxalá, estivesse definitivamente liberto da angústia do fogo e pudesse viver, em futuras existências educativas na carne, sem aquele recalque atemorizante! Subitamente, sem poder dominar o fenômeno ideoplástico mental, Rosalino viu-se inexplicavelmente diante de línguas de fogo serpenteantes a crescer em sua direção. Surpreso, porém, não assustado, ficou espiando tranquilamente o fogaréu, quase divertido com as volutas chamejantes. Jubiloso e desafogado, verificou que o fogo já não se mostrava seu adversário ou algoz. Era o amigo purificador na própria lei de que "os semelhantes curam os semelhantes".

Nesse momento, Mestre Guaciro retornou. A sua silhueta recortava-se contra o sol da tarde, traindo o porte de um gigantesco tupinambá à paisana. Trazia a preciosa substância vital extraída das emanações "etéreo-físicas" das árvores frutíferas. Sob a técnica e o conselho de Domício, Rosalino fez-se bastante receptivo para absorver, pelos poros do perispírito e pela

respiração, a carga energética do “tônus-vegetal” que lhe era ministrada numa operação sem similitude na matéria.

Dali a pouco, a caravana chefiada por Domício volitava segura, sustentada pela energia mental originária da jubilosa sincronia espiritual. O céu estava claro, de um azul translúcido. A superfície da Crosta terráquea matizara-se de tons verde-escuro das florestas e verde-claro dos campos. O litoral surgia emoldurado pelo bege das praias arenosas e recortado pelo oceano banhando as orlas de Santos, São Vicente e Guarujá. Rosalino sentia-se a ave feliz de retorno ao ninho querido situado entre flores siderais.

Algum tempo depois, ele divisou ao longe, como preciosa joia suspensa no Espaço, a silhueta da “Mansão Esmeralda”, estância espiritual venturosa a refulgir luminosa entre o arminho do éter multicor. Ali, naquela comunidade espiritual transitória, verdadeiro “oásis” de repouso às almas fatigadas pela ascensão na busca da consciência cósmica, Rosalino também estagiara algum tempo, quer aprimorando sentimentos e treinando bons propósitos, quer haurindo energias espirituais necessárias para o êxito da prova cármica no Brasil.

Logo à frente, surgiu munificente portal recortado num azul suave e emoldurado por um halo lilás delicadíssimo. Quatro colunas confeccionadas de um alabastro refulgente suportavam a arcada, cujo tom azulado pendia para um verde de folha nova. A luz interior revelava nitidamente os rendilhados e arabescos, comprovando sublime ourivesaria angélica. Encantadora cortina de lilás-róseo e de pingentes prateados balouçava as dobras sob o impulso de misteriosa brisa carregada de perfumes e combinações odorantes, que faziam lembrar os lírios, os narcisos e os jasmins da Terra.

Rosalino, profundamente enternecido, não pôde conter as lágrimas a lhe aflorarem aos olhos diante do pouso edênico da comunidade espiritual, de tão grata recordação antes de reencarnar-se no Brasil. Em seguida, ele ouviu um conjunto de vozes infantis cantando sublime melodia e ficou mais comovido ao reconhecer o primeiro verso da “Nona Sinfonia”, de Beethoven, quando as vozes humanas misturam-se com a orquestra e atingem o primeiro “clímax”, na canção “E o Querubim Está Diante de Deus”,[21] cuja melodia era a saudação tradicional da “Mansão Esmeralda” aos filhos que retornavam da carne libertos do processo de retificação cármica.

A cortina de lilás-róseo abriu-se, de chofre, e Rosalino sentiu vibrar todas as fibras da alma, ante as frondes formosas dos arvoredos, dos caminhos polvilhados de areia fina e sedosa, que se abriam para a formosa estância de repouso espiritual e preparo reencarnatório.

A mansão estendia-se através de inúmeros pavilhões decorados ao gosto oriental, submersos entre flores e vegetação encantadora, envolta na musicalidade dos pássaros multicores, semelhantes aos pintassilgos, sabiás, azulões, rouxinois e rolinhas brasileiras. Ele pousou os joelhos no solo aveludado e beijou-o com ternura e afeto. O filho retornara à pátria querida, depois de longo período de ausência. Nesse momento, esplendorosa mulher, nimbada de luz solferina e filigranada de focos prateados, achegou-se a Rosalino e o atraiu para si, num amplexo amoroso, dizendo-lhe satisfeita:

Rosalino, meu filho, seja bem-vindo ao lar!

Enquanto isso, ele aconchegava-se em doce quietude no seio daquela alma benfeitora que, algumas vezes, fora sua mãe carnal na Terra e o convencera de se libertar dos pecados pretéritos aceitando o sofrimento retificador. Eis que também se aproxima dele um grupo de”querubins” vestidos de sobrepeliza rósea e saiote azul-claro, oferecendo-lhe um buquê de violetas e rosinhas miúdas de suave fragrância. Rosalino enterneceu-se diante dos coroinhas do Céu, que lembravam-lhe o saudoso “Coro dos Meninos da Igreja do Bom Jesus” naquela gentil oferenda de flores simbólicas da saudade e do amor.

De repente, arregalou os olhos sob deliciosa suspeita quando viu, de costas para si e empunhando a batuta de regente, um espírito ladeado por afinidade de focos de luzes verde-claro, pontilhados de raios azuis e brancos, dirigindo o coral de meninos à sua frente. Rosalino, quase nas pontas dos pés, deu a volta e pôs-se diante daquela entidade tão refulgente e ali ficou, boquiaberto, fitando-a com indizível espanto.

Frei Benito, rosto alvo e a barba de capuchinho, estava metido num magnífico hábito branco de mangas largas e cordões de um carmim puro. Sorriu jubiloso, sem disfarçar sua emoção angélica e exclamou, espalmando a mão direita num aceno cordial:

Olá, Rosalino!

Erguendo a batuta e rodeando-a no ar, como era costume fazer na Igreja do Bom Jesus, na Terra, então comandou com voz angélica, ao mesmo tempo

afetiva:

Vamos, menino, é a sua vez de fazer o solo!

Enquanto o coral dos meninos mais semelhantes a serafins rosados iniciava um murmúrio caricioso e encantador, Rosalino elevava a voz cristalina e atraente, pronunciando as primeiras frases musicais da terníssima “Ave Maria” de Schubert.

A SERRARIA

Mês de Junho. o sol resplandecia num céu azul-claro, prateando, num toque mágico, as nuvens dispersas. Os telhados brilhavam e escorria o orvalho da noite, pois, embora estivesse bastante frio, ainda quase não geara. O barracão da serraria estava na encosta da colina suave, firmado sobre esteios de toros compridos e cortados de pinheiros finos, que ainda deixavam à mostra os nós resinosos. Os grotões mais profundos desapareciam sob as toneladas de serragem de um fofo pardacento, que a locomóvel não pudera consumir. A chaminé da casa da máquina soltava um fumo preto, enovelado, de começo de fogo. Os operários saíam das casas, alguns agasalhados por blusões de flanela, outros tiritando de frio. Quando falavam ou tossiam, soltavam vapores dos lábios a confundir-se com a fumaça azulada dos cigarros. Ouvia-se o mugir dos bois ao serem atrelados nos carretões de puxar toras do matão. A estrada para a mata subia escorregadia por entre os barrancos de capim amarelecido e, depois, se perdia, lá ao longe, no meio dos bosques ricos de pinheiros, canelas, imbuias e perobas.

Subitamente, ouviu-se um silvo longo e sonoro, respondido pelo eco a morrer longínquo nas encostas. Era o apito habitual de todas as manhãs, apressando gentes para os serviços, fazendo outros acertarem os relógios nas choupanas pobres ou nas vivendas ricas. No alto do morro, o sino da capelinha convidava os mais folgados à missa das seis. Os caminhões começaram a esquentar os motores e a vida a se fazer. O ar enchia-se do pio de galinhas, grito de aves, papagaios, grunidos de porcos, mugir de bois, balidos de ovelhas e pelo grasnar rachado dos marrecos. Era um atropelo entre eles, às bicadas e mordidas, deixando o terreiro em desassossego. A tudo isso misturava-se o grito dos boiadeiros e as ordens estentóricas dos capatazes.

Leonardo, maquinista improvisado por força da morte do velho Gustavo, a quem antes ajudava na limpeza da máquina e cuidava do fogo, examinava o manômetro da “Wolff”, locomóvel moderna, que ele tratava melhor do que sua mulher, pois dizia: “ela só falta falar”.

O dorso de ferro cintilante estava luzidio. Os corrimões niquelados faiscavam bem como os dourados das cintas, dos êmbolos e dos frisos das

portinholas. A máquina resfolegava, satisfeita, numa respiração tranquila, enquanto os seus pulmões de aço expiravam o vapor usado pela chaminé comprida e segura pelos cabos de aço. De vez em quando, Leonardo abria a fornalha econômica, adquirida ultimamente pela firma “Indústria e Comércio Irmãos Cardoso Ltda.”, e jogava para dentro da boca chamejante algumas pás de serragem avivando o fogo e aumentando a fumaça em cima.

Estopa na mão, limpa aqui, esfrega ali, lustra acolá, ele pensava no rumo descolorido de sua vida naqueles confins. As dificuldades humanas cresciam cada mês. Chegara aos quarenta anos, bom de saúde e forte de corpo; mas já havia falido duas vezes nas empreitadas de toras no mato, ora por causa do excesso de chuvas, ora em virtude da mesquinharia do velho Cardoso. Ainda seria simples ajudante de caminhão, ou empilhador de madeiras, se o velho Gustavo não o tivesse aceito como ajudante de maquinista. Quando ele esticou os cambitos, Leonardo passou de foguista a manobrar a “Wolff”, cuja tarefa lhe era bastante familiar, pois, há tempos, substituía o velho Gustavo nos seus porres compridos. Contudo, os sovinas dos patrões fingiam não perceber a mudança e deixaram tudo correr sem lhe dar o aumento de ordenado correspondente à nova responsabilidade. Decorriam três anos e Leonardo continuava a assinar a folha de pagamento com o salário de um simples empilhador de madeiras. Tinha de começar o fogo pela madrugada a fim de tocar a serra “Tissot” às sete horas, no inverno, e às seis horas, no verão. Além disso, era o último a sair e, quando havia serão, ele dormia ali mesmo, na casa da máquina, atento ao despontar da madrugada.

Leonardo compensava a falta de interesse dos patrões tratando bem a locomóvel, aquela “diaba” de ferro, aço e metal cromado, confidente silenciosa de alguns anos de suas queixas e lamentos. Precisava ganhar mais; porém, estremecia ante a ideia de enfrentar o velho Cardoso, seu patrão, português usurário e capaz de roer as unhas para não gastar, reclamando de tudo e de todos.

Uma onda de azar amargava-lhe a vida. O salário magro da serraria sumia-se na comida e nas doenças de casa. A situação era desesperadora. Quando Leonardo soube que o velho Joaquim Cardoso havia melhorado alguns operários que ameaçavam trabalhar na fábrica de pasta mecânica de Tijucas, então, encheu-se de coragem e resolveu tentar a sorte pedindo aumento de ordenado. Espionou, uma semana, os passos do velho Cardoso;

queria pegá-lo de boa-maré. Viu-o sentado no escritório, a sós, remexendo em papéis sobre a escrivaninha.

Leonardo acendeu um cigarro, concentrou suas energias mentais e entrou no escritório rústico, feito de tábuas de pinha de terceira qualidade pintadas a cal. Achegou-se ao balcãozinho de ferro paulista, pôs o chapéu no canto, mirando, de esguelha, o patrão todo absorvido a examinar romaneios, notas fiscais e papéis do serviço do guarda-livros Waldemar, que fora almoçar mais cedo. Cardoso, como se fosse tomado por um mau presságio, ergueu os olhos do "pince-nez" sujo de pó de serragem e, sem mesmo esconder a sua antipatia, indagou, cauteloso e frio:

Que é que há, "seu" Leonardo?

Ele sentiu o sangue fugir-lhe das veias. A respiração afogueou-se e não podia compreender porque ficava gelado e temeroso diante daquele homem velho, obeso e desumano, mas fácil de ser batido com um soco do braço musculoso. Decidido e brusco, largou a bomba:

Eu queria pedir um aumento, "seu" Cardoso. As coisas andam cada vez mais ruins lá em casa. Estou com a mulher doente e os guris encrencados. O senhor sabe, vai um dinheirão pros médicos!

Cardoso nem pestanejou. Continuou remexendo papéis, impassível e alheio à aflição de Leonardo. Depois, num gesto de protesto, voz mansa e seca, advertiu:

Leonardo, o senhor escolheu a pior época do ano para pedir aumento. A crise vem aí e faz a gente até pensar em acabar com a firma.

Leonardo coçou-se, desajeitado.

Bem, bastava o senhor me dar o salário de maquinista e algumas horas extras e vai me deixar servido e satisfeito. Acho que não é pedir muito!

Desta vez, Cardoso largou a papelada e fitou o empregado com um ar sério e mal-humorado:

Raios! Homem de Deus! Então, não basta a confiança que depositamos no senhor? Alguém lhe tirou a máquina, desde que morreu o velho Gustavo?

Bem — gaguejou Leonardo, indeciso —, mas acontece que o serviço aumentou. Antes, eu era ajudante, agora trabalho como maquinista responsável. Tenho feito serão e madrugadas para dar conta do recado.

Se for para a firma lhe pagar salário especial, então, é melhor contratar

um maquinista de longa prática, que saiba poupar a "Wolff" — e, depois de um pigarro cronicificado pelo fumo malcheiroso, o velho acrescentou, significativo: — Não tivemos parados dois dias, em fevereiro, só porque o senhor não conseguiu desentupir as válvulas?

Bem, "seu" Cardoso, as válvulas entupiram naqueles dias, porque é preciso limpar a locomóvel todo mês com gasolina e ar comprimido. Ela trabalha de sol a sol sem parar.

O caso é que o senhor é o responsável, não eu! Podia fazer isso muito bem num domingo sim e noutro não — e num gesto de censura: — O que fica fazendo aos domingos, aí nesses matos? Jogando truque, bebendo pinga, atirando castanholas? Eu aproveito o domingo para pôr muitas coisas em dia.

Bem, a gente vai para a casa da sogra, tem de visitar os parentes ou precisa ir à uma festa de vez em quando, pois somos mortais!

Cardoso mostrava-se inquieto e não ajeitava a papelada na mesa; entretanto, parecia desmanchar o serviço feito. Havia necessidade de anular aquele impulso oneroso para a firma. Doía-lhe fazer concessões. Sem saber porquê, alguma coisa estranha fazia-o até sentir prazer em negar favores a Leonardo.

Outra vez, a "Wolff" não começou a patinar, caindo a produção e esquentando as juntas? E daí?

A locomóvel patinou só por falta de breu nas correias, mas a culpa foi do almoxarifado, que deixou acabar o estoque velho sem fazer pedido.

Cardoso afastou a cadeira, puxou a calça caída abaixo do umbigo, movendo o corpo obeso e atarracado entre a mesa e o balcão, apanhou a cuia de chimarrão fumegante, que o servente aprontara no fogareiro a álcool, ajeitando a bomba de metal com relevos de prata. Subitamente, num gesto de cordialidade, estendeu-a em direção a Leonardo, oferecendo-lhe:

Aceita?

Era o único elo de aproximação humana que, às vezes, se fazia entre o patrão e os empregados mais velhos e importantes, pois ele os considerava matéria-prima tão incolor e útil como suas toras e tábuas.

Aceito! — acedeu Leonardo com esperança de amolecer o velho na troca cordial do chimarrão.

Enquanto durava o silêncio, apenas interrompido pelos goles de água fervente e esverdeada da erva-mate que Leonardo chupava, ele refletia: “O velho Cardoso era o exemplo de dureza, sovinice e egoísmo. Ficara cada vez mais rico. Era o tipo do madeireiro muito comum naquelas bandas. Sempre inconformado com as leis fiscais e o imposto de renda. Lamentava o tempo, a chuva, a carestia, as quebras dos caminhões, o caruncho nas madeiras e os aumentos de salários. Conforme suas queixas incessantes, jamais tivera lucros na indústria; no entanto, derrubara a casa velha e erguera, no lugar, ampla vivenda sobre pisos de cimento e áreas de lajotas São Caetano. Comprava terrenos, imbuias, pinheiros e perobas, possuindo reserva de madeira para serrar cinquenta anos sem parar. De seis em seis meses, trocava as juntas de bois por outras luzidias e fortes. No fim do ano, chorava os prejuízos dos gastos nos caminhões velhos; todavia os trocava por uma frota nova e mais possante. Abria estradas no mato recheado de árvores para o corte. Ampliara a afiação e pusera trilhos decauville para os vagonetes transportarem madeiras dentro da serraria, do pátio para o monturo de serragem. Quando tudo parecia de mal a pior, eis que chegou a Wolff, toda empinada num carretão e descida em Curitiba, para substituir a velha locomóvel Lincoln.”

Quem é que tem coragem de aumentar sua indústria com essa política errada do Governo, cujos afilhados roubam como ratos nos celeiros? Se não fosse a família, há muito tempo eu teria desistido de tudo isso! — e Cardoso fez um gesto largo com a mão num círculo precário, tentando abarcar toda a vasta propriedade espalhada por quilômetros e quilômetros. Curvando a cabeça, meio calva, apontou os cabelos desbotados, dizendo: — Olhe aqui, perdi meus cabelos nessa empreitada só de sacrifício!

Encheu a cuia de chimarrão e estendeu outra vez a Leonardo:

Vai mais uma?

Vai!

“A família do Cardoso”, pensava Leonardo, sorvendo, outra vez, a água quente esverdeada, “tinha do bom e do melhor. Os filhos estudavam na cidade; um deles seria médico naquele ano; outro, engenheiro; e o mais moço cursava Direito. Os dois mais velhos, filhos da primeira mulher, gerenciavam o escritório de exportação em Curitiba e a casa de despachos no porto de Paranaguá. Os genros cuidavam do entreposto de tabuado em

Jaguaré, São Paulo. Quando vinham visitar o velho, quase sempre traziam automóveis do último tipo, num esbanjamento de dinheiro. Os "Irmãos Cardoso" exportavam imbuia para a Alemanha e serravam toras para as laminadeiras da capital. Aproveitavam os quadradinhos das costaneiras de pinho e faziam cabos de primeira qualidade para os Estados Unidos e as sobras vendiam no mercado interno de São Paulo. As tábuas de terceira e quarta qualidade entravam nas cotas do Instituto do Pinho, sendo exportadas para a Argentina."

Leonardo terminou de chupar o chimarrão e de pensar.

Passou a cuia e disse, reagindo às queixas do patrão:

O senhor está feito na vida; mas, desta vez, preciso de aumento. Já nem é aumento, porém caridade! Minha mulher está esperando o quinto filho e, falando com franqueza, não posso comprar as roupinhas dele, quanto mais pagar a parteira!

A voz dramática de Leonardo quase fez estremecer a bomba pulsante que o velho tinha no lugar do coração. Agora ele estava à janela, meio abstrato, olhando para o pátio, onde os carretões despejavam excelentes toras de pinho provindas das matas da Tijuca.

Leonardo! — interrompeu ele, meio amuado. — Não me julgue mal; sinceramente, sinto não poder atendê-lo, por causa da crise, das novas leis do Imposto de Renda, fiscalizações arbitrárias, taxas de exportação e as despesas do porto de Paranaguá, cada vez mais escorchantes! Garanto a você: nenhum serrador, nestas redondezas, vai poder aumentar os seus empregados. Ah! Isso não vai! Sabe quanto por cento aumentaram os fretes, os impostos de vendas e as consignações, o imposto de consumo por cabos beneficiados? Sabe?

Leonardo não sabia; apenas pôde balbuciar sem convicção:

Desta vez, necessito de melhora,"seu" Cardoso! O negócio é sério mesmo!

Cardoso não ouviu-lhe a nova solicitação. Inflamado pelo protesto contra a carestia e o roubo nos impostos, enfiou as mãos nos bolsos da calça e, num tom quase profético e desesperador, aduziu:

Ontem, ainda falei com o Zenatto, o feitor, e trocamos ideias para demitir os empregados mais novos, porque, segundo vão as coisas, teremos grandes

prejuízos ou vamos trabalhar só de graça.

E, num arremate filosófico, onde pôs toda a força verbal e veemência:

Então, o negócio vai ser nessa base: vamos trocar “seis” por “meia dúzia”!

Leonardo estava desesperado. A mãe envelhecida e reumática morando com ele; a mulher escarrando sangue e pondo em perigo as crianças, sem poder lavar roupa para fora num bom ajutório. O segundo filho era um infeliz retardado, a olhar para o forro do quarto o dia todo, no fundo da cama, paralítico. A sogra, que o ajudara um pouco e vivia da renda de uma chacrinha na colônia Muricy, mudara-se para Curitiba, escrevendo para ele vender o terreninho a fim dela viver os últimos dias sem passar fome.

É! A vida de operário é miséria mesmo! — falou num tom vago e desconsolado.

Numa tentativa algo estratégica, fruto do desespero, aventurou-se:

Acho que tenho de mudar o rumo de minha vida! Devia me meter com qualquer coisa por aí, para ganhar um pouco mais. Assim não é possível, pois a gente fica marcando passo e as coisas piorando.

Cardoso nem tugiu, nem mugiu, fazendo ouvidos moucos ao tom lacrimoso do interlocutor. Impassível, calculou rapidamente o tempo de serviço de Leonardo; quase nove anos de registro e perto da perigosa estabilidade com indenização dupla. Seus olhinhos miúdos piscaram atrás do “pince-nez” e a voz se fez algo acariciadora:

Eu não costumo segurar os meus empregados. Quero que eles progridam, embora eu sinta a sua ausência. Um dia, eu também abandonei um emprego sem futuro e tentei trabalhar por minha conta. É certo que fui um boi, dia e noite, sem descanso! Mas, se tenho alguma coisa, devo a essa minha decisão: me libertar de emprego!

Depois de uma pausa, acertando a mira do fuzil para o tiro final, exclamou com disfarçado desinteresse:

O Travassos, maquinista dos “Irmãos Prevedelo”, ainda na semana passada me pediu emprego. Ele tem um sitiozinho aqui por perto e quer que os filhos façam plantação. Eu só não me interessei por ele para não deixar você sem emprego.

Então, encolheu os ombros, encheu a cuia de água fervente e estendeu-a

novamente para Leonardo:

Vai mais uma?

Não! Obrigado! — replicou Leonardo, agora sem interesse de aproveitar aquela circunstância cordial, mas inútil. Vendo-se ameaçado, longinquamente, de deixar o emprego, Leonardo olhou para a chaminé da locomóvel e, num gesto desolado, alegou:

Bem, vou aumentar o fogo na fornalha, acho que está no fim.

E saiu do escritório como um cão surrado. Junto à "Wolff", ele se desabafou:

É, minha velha! Esse mundo é uma infelicidade mesmo; os patrões ficam podres de ricos e choram miséria chupando o sangue da gente! — e num longo suspiro, arrematou: — Mas, Deus é grande!

A vida do infeliz Leonardo piorou dia a dia. O quinto filho nasceu com os membros atrofiados e terrível infecção no couro cabeludo. Marquito, guri vivo e solerte, quebrou o braço ao cair de uma guabirobeira e devia ir a Curitiba consultar um especialista. Belinda, a mulher, tentou fazer alguns acolchoados de penas de ganso para vendê-los em São José, mas alguém malévolo contou que ela era tuberculosa e ninguém comprou-lhe a produção modesta.

Chegou o dia em que ele ficou em pânico e atordoado. O médico exigiu o internamento imediato da mulher atacada por tuberculose miliar, em adiantado estado. O caso era sério, grave e perigoso, e sobretudo contagioso. Leonardo não teve outra solução; iria falar com o patrão de qualquer forma. Achegou-se a ele, mais uma vez, arrasado e nervoso:

— "Seu" Cardoso! O senhor sabe que estou numa urucubaca danada!

É! Eu soube! A doença estraga a nossa vida. Eu mesmo não me sinto bem ultimamente. Tenho umas dores que não me deixam dormir direito — e botou as mãos sobre os quadris, à altura dos rins, acrescentando num tom confrangedor: — Creio que são os rins, não é?

Deve ser! — grunhiu Leonardo, com os olhos fixos nas tábuas do soalho. — Eu preciso de um empréstimo para descontar em seis vezes. Estou arruinado com as doenças! Só dando um tiro no ouvido, eu mudava a situação!

Cardoso mal continha a sua ira, pois era homem que perdia a cabeça

quando alguém tentava arrancar-lhe dinheiro com motivos sólidos, que não podia negar. Uma tempestade rugia sob os seus nervos tensos. Restos de decoro humano ainda o impediam de emergir à periferia o seu caráter mesquinho, sórdido e duro. Então, desabafou numa voz de censura e advertência:

Leonardo, eu não sei trabalhar assim, com empregado em volta de mim a pedir aumento, ajutório e empréstimo! Raios! Preciso ter a "cabeça fria" para dirigir isso aqui, pagar as dívidas e os compromissos em dias certos! Se vocês trabalham e ganham o pão de casa, é porque sofro as preocupações, nessa teimosia de tocar a indústria para a frente e sem resultado compensador. Sei que suas despesas aumentaram, porém, que diabo faz você dos seus salários? Por que não faz economia? Não guardou algum dinheiro para essas horas de apuro?

E, num gesto quase heroico:

Já pensou o que seria de mim, se não fosse econômico, com a família que tenho?

Leonardo estava alheio a tudo, preso a uma ideia fixa.

Se não precisasse não pedia, "seu" Cardoso. Mas, desta vez, apelo para o seu coração. Sei que não vai me deixar perecer; tenho certeza! Eu lhe pago; nem que tenha de trabalhar dia e noite; mas preciso internar Belinda no hospital com toda urgência. É um perigo para as crianças. O senhor já pensou na tuberculose dela espalhando-se pelos filhos?

Cardoso já havia previsto aquilo e, há tempos, preparava-se para ouvir os argumentos do maquinista. Não tinha diplomas acadêmicos, contudo, sentia-se talentoso e mais eficiente do que muitos homens de "cultura". Defendia-se do mundo pela couraça de obstinação e, acima de tudo, de avareza. Não era homem de ajudar ninguém e nunca faria um negócio sem "ganhar"! Isso era próprio de sua estrutura egocêntrica e da estranha volúpia que sentia ao levar a melhor numa especulação. Ninguém havia de rir às suas costas, nem pôr dúvida à sua sagacidade, astúcia, capacidade e segurança financeira. Ele não cedia empréstimos e também não os pedia. Nunca se ajoelhara diante de gerentes de bancos. Pagava tudo em dia, com desconto. No silêncio da noite, louvava-se pela habilidade e o proveito do dia findo.

Ali estava seu empregado, com um motivo sólido e pungente. Seria capaz de comover uma fera e arrancar-lhe o dinheiro. Mas, Leonardo já era um

caso perdido, estava afundado em tudo e significava-lhe um “mau” negócio. Um negócio perdido, falido! Isso deixava Cardoso frenético e apoplético pela ira surda. Tentavam quebrar-lhe a linha rígida de vida, perturbar-lhe o seu modo tradicional de viver, progredir, comandar e lucrar! Não poderia “perder” ou “ceder”, cujos verbos soavam-lhe numa língua estranha, porquanto era unicamente habituado a exprimir o verbo “ganhar”. Sua alma vil e avara fazia cálculos velozes. De repente, animou-se percebendo uma solução, onde poderia conjugar tanto o negócio como o ajutório.

Leonardo, empréstimo não posso fazer. Jamais farei uma coisa contrária aos meus hábitos. Você sabe, não dou dinheiro emprestado; mas também não peço a ninguém. Não quero abrir precedente na firma.

Encarou o infeliz empregado e, num ar de expectativa, indagou maciamente:

Quanto tempo você trabalha na firma?

Bem. Trabalhar mesmo, trabalho há mais de dez anos.

O Waldemar é que sabe direito.

Não preciso indagar ao Waldemar — redarguiu Cardoso, num tom amistoso. — Confio em você. Sempre confiei. Escuta, Leonardo. Quer fazer um negócio que vai ajudar a resolver seus problemas e você não precisa ficar devendo favor?

Leonardo tornou-se inquieto e apreensivo. A proposta cheirava vantagens para o patrão.

Depende, “seu” Cardoso, da proposta.

Quanto era o empréstimo que você queria?

Vinte mil cruzeiros. Menos não adianta.

Você está louco, homem!? Vinte mil cruzeiros? E pagar como?

Desconto uns dois mil por mês.

E iria viver só com mil e seiscentos, fora o desconto do IAPI? Se você não consegue se equilibrar com o salário de três mil e seiscentos, como vai viver com menor?

Pois é, “seu” Cardoso. Eu não tenho culpa. É a falta de sorte que me persegue.

Cardoso foi à janela, avaliou a situação e fez cálculos rápidos e frios, sem emoção ou complacência. Leonardo significava-lhe apenas um negócio.

Poderia lhe dar lucro ou prejuízo. Voltou-se, decidido, propondo:

Se você pedir demissão, pago metade da indenização e metade das férias. Assim você resolve a situação, recebe uns quinze mil cruzeiros e fica sem dívidas! Que tal?

Leonardo mostrou-se aflito e uma revolta subiu-lhe pelo peito. Sentiu um asco enorme daquele homem, obeso e viscoso, cujos olhos miúdos, atrás do "pince-nez", tinham a expressão das aves de rapina. A sua indenização exata, contando aviso-prévio, duas férias completas e nove anos de serviço registrado, daria uns 45 mil cruzeiros, conforme lhe dissera o advogado do sindicato, em Curitiba.

Tenho uns 45 mil para receber de indenização, incluindo duas férias, nove anos de firma e aviso-prévio de lei! O senhor me paga 30 mil, eu topo a parada. Saio até já!

Cardoso nem pestanejou e ficou descontrolado, sem esconder a ira.

Nada feito, Leonardo! Eu não o despachei, entendeu? Ofereci-lhe a oportunidade de resolver a sua situação sem fazer dívidas! — e encolheu os ombros, agastado. — Você aceita se quiser!

Moveu-se agitado, pelo escritório, arrumando o tinteiro, mexendo em papéis ou armários. E, num ímpeto decisivo, quase agressivo, exclamou:

Para liquidar o caso, dou-lhe 20 mil cruzeiros, nem mais um tostão! — e virou as costas, dando e deu por findo o negócio.

No dia seguinte, Leonardo aceitou os vinte mil do Cardoso. Estava desesperado! Assinou os papéis de demissão, mandou a mulher para o hospital e pagou as dívidas mais urgentes, inclusive o médico para Marquito. À noite, quis beber uma pinga no polaco e verificou, surpreso, que já estava sem dinheiro. Sem dinheiro e sem trabalho! Uma semana depois, voltava a ser ajudante do empreiteiro de mato Juvenal, com salário minguado e serviço mais duro do que tocar a "Wolff"!

As despesas da casa passavam de quatro mil cruzeiros, e agora só recebia uns dois mil cruzeiros na sub-empreitada do corte de pinheiros. Então, enterrou-se na venda do polaco.

Acabou-se o medicamento para o filho paralítico que, dali por diante, foi atendido pela vizinhança desde a comida. Marquito e Onofre, menores, ficaram dispersos pela redondeza. O recém-nascido, encostado na casa dos

padrinhos até solução melhor. Belinda tinha os dias contados no hospital, em Curitiba, onde faleceu numa tarde triste e nevoenta. Leonardo pusera-se a beber e jogava toda a culpa de sua desgraça naquele velho sovina, completamente arrependido do gesto impensado em aceitar a injusta indenização.

Uma ideia fixa tomou-lhe a mente: a sua desgraça chamava-se Cardoso! Dominava-o a gana mórbida e destruidora de que o velho patrão devia ser responsabilizado por todo o seu sofrimento. E sua cólera ainda aumentava sob o potencial do álcool, a que se entregava cada vez mais frequentemente. O filho nascera-lhe paralítico, e o outro quebrara o braço, ficando defeituoso. A mulher morrera tuberculosa e o caçula também sucumbira só pele e osso. Morte, tragédia, dor e pranto, ele os atribuía à sovinice, à astúcia e à esperteza do velho Cardoso, que o pegara num dia infeliz e o fizera abandonar o emprego, iludindo-o com miserável indenização.

Agora todos estavam na miséria. Os dois menores, aos trapos, viviam de expedientes censuráveis, furtando das vendas e dos caminhões nas estradas. Hilário, o mais velho, com dezoito anos, entrou à noite no almoxarifado da serraria dos Cardoso e roubou um jogo de facas de plaina, duas engrenagens de tupia e duas circulares de oito polegadas, vendendo-as por preço de banana na serraria dos Prevedelos. Quando Leonardo soube disso, o filho encontrava-se encarcerado em São José por causa da queixa apresentada pelo velho Cardoso, que estimou o roubo de dois mil cruzeiros em mais de vinte mil, “só para aliviar o imposto de renda”, como lhe disse o guarda-livros Waldemar, numa roda de pinga.

Foi o estopim dos acontecimentos. Leonardo mergulhou definitivamente na cachaça e, aos tombos pelos carreiros do mato, gritava como louco, que iria incendiar a serraria dos Irmãos Cardoso e liquidar aquela raça infame. E, nas bebedeiras sem controle, na ira exacerbada pelo instinto animal, um dia, ele armou-se de um cacete de cabriúva e pôs-se a bater furiosamente na porta da casa do antigo patrão. Quebrou-lhe os vidros das janelas, os vasos da área, fazendo estripulias, enquanto o pessoal alvoroçado abandonava os leitos em trajes íntimos. Depois de muita luta, conseguiram dominar Leonardo, que se debatia aos pontapés e soltava os nomes mais indecorosos, dando vazão à violência mal contida em sua alma. Um empregado pegou o “Ford” e, dali a pouco, trazia o cabo e os soldados do destacamento.

Quando Leonardo acordou-se, na manhã seguinte, os olhos em brasa e a cabeça a romper-se pelos vapores alcoólicos, viu-se, surpreso, na miserável enxerga da cadeia local. Levantou-se, atarantado, e olhou pelas grades da prisão; ao longe, um caminhão carregado de tábuas de pinho roncava na subida do morro da Pitanga, rumo à capital. A manhã estava quieta e fria, emoldurada por céu cinzento escuro. As casas de madeira, em grupos espaçados, derramavam-se pelas margens da estrada e pareciam subir, de lado, acompanhando o caminhão. Passava um cavaleiro de chapéu de couro, grande e virado na frente, caindo-lhe o cordão bordado até o ombro; ia num trote largo, quase rente à cadeia. As crianças, de aventais, pareciam manchinhas brancas movendo-se pela estrada nos carreiros que sulcavam o campo em direção à escola de dona Cotinha. Leonardo achegou-se mais à janela gradeada e espichou o pescoço para a esquerda; lá estava a serraria dos Cardoso. A chaminé da "Wolff" soltando o fumo preto sob a competência do Fontana. O novo maquinista, conforme diziam, ganhava um ordenadão. Chegava até ele o eco do grito dos boiadeiros empurrando os carretões pela encosta do mato. No silêncio da alma, o coração de ferro da locomóvel parecia pulsar junto do peito, avivando-lhe a saudade daquela irreparável separação.

Tudo aquilo entrou fundo na alma de Leonardo; ele sentiu um gosto amargo na boca e um espasmo angustioso na garganta. Lembrou-se de sua mocidade; fora sempre um rapaz alegre, forte e disposto, que se metia nas empreitadas fatigantes e no futebol do clube dos italianos, em Curitiba. Era assíduo frequentador de todos os bailes do seu subúrbio e gozava da simpatia das moças. Casara-se com Belinda. Foi um festão de dois dias, quando os pais dela ainda não tinham falido no armazém. Era moça bonita, atenciosa e trabalhadeira, embora sempre sentisse fraqueza, queixando-se de cansaço por coisa à toa. Lembrava a alegria do primeiro filho — Hilário — agora preso em São José e acusado de um roubo vultoso pelo miserável do velho Cardoso, que havia exagerado o montante do valor surrupiado. Indubitavelmente, o velho infame fora o autor da sua infelicidade, o verdadeiro responsável pela sua desdita!

Saindo daqui hei de matar aquele malvado! — clamou impelido por um pensamento de vingança.

Recostou-se na parede da cadeia e pôs-se a pensar em como liquidar o

velho sovina. Arma de fogo? Mas, comprá-la sem dinheiro? Uma paulada? Mas, podia só tontear e não matar o velho! Ah! Havia coisa mais fácil; uma "peixeira", daquelas facas pernambucanas que o Hilário costumava usar!

Enfim, Leonardo, homem sem coragem para exigir o salário a que tinha direito, reuniu todas as energias disponíveis e delineou o plano definitivo para meter vinte centímetros de aço cortante na barriga do velho Cardoso!... As mãos crispadas nas grades, os olhos injetados pelo ódio, o peito a arfar e a raiva extravasando por todos os poros, antegozava, antecipadamente, os estertores da agonia do ex-patrão. Mata-lo-ia como a um porco!

No dia seguinte, todo o lugarejo alvoroçou-se com a notícia trágica: ao abrir a porta da cadeia para soltar Leonardo, curtido do porre da noite anterior, o cabo de polícia encontrou-o enforcado com uma cinta de couro numa trave do forro.

Um pesadelo medonho tomou conta do espírito de Leonardo. Ele se sentiu num torvelinho diabólico, arrastado para grotões, onde o ar revoluteava impregnado por uma poeira grossa de fuligem sufocante. Às vezes, ele submergia num terreno pantanoso e subia-lhe até às narinas o cheiro nauseante de animais putrefatos. Doutra feita, quase perdia os sentidos batendo contra rochedos invisíveis, que lhe maceravam as carnes e enchiam-no de dores cruciantes, principalmente na região do pescoço, onde acreditava que a cinta teria arrebentado e frustrado o suicídio.

Fazia um esforço tremendo para se ajustar aos acontecimentos; mas uma substância qualquer, impetuosa e incontrolável, saía de dentro de si mesmo, aos borbotões, fluindo-lhe pelas narinas, olhos e boca, com um cheiro acre e gosto amargo, que o descontrolava. Causava-lhe ânsia, sufocava-lhe, deixando-lhe a fortidão da amêndoa amarga. Precisava fugir, fugir para algum outro lugar. Abria os olhos, desmesuradamente, procurando enxergar em torno de si: o aposento, as grades e a paisagem. Entretanto, não lobrigava nada além daquele ar fuliginoso. Subitamente, a estranha força o impelia para grotões, pântanos nauseabundos ou túneis pegajosos, cortados por um vento frio e uivante. Às vezes entrevia clarões vermelhos e silhuetas negras, sarcásticas e ferozes, que passavam junto dele numa procissão grotesca como as árvores em fila parecendo correr velozmente ao passarem pela janela de um trem em movimento. Ouvia vozes insultuosas, palavras bárbaras, sussurros macabros, uivos de lobos e risos sinistros. Algumas

vezes, formavam-se frases completas, revelando queixas, brados de socorro, ais dolorosos e clamores desesperados, gargalhadas loucas, cantorias obscenas e ignóbeis, que o deixavam alarmado. Punha-se quieto, auscultando aparvalhado, sem poder atinar a origem daquilo. Subitamente, recebia bofetadas ou saraivada de socos, que o deixavam exausto, atirado no chão viscoso e duro, cabendo-lhe a vez de gemer e gritar de dor e de desespero.

Quanto tempo durou isso? Leonardo não tinha consciência do tempo; mas precisava acordar do pesadelo tão tormentoso! Um dia, sentiu algo diferente. Era o amainar da tempestade que o feria tanto de fora, como na própria alma. Achavase num estado de coma vital, grudado ao solo, quando julgou ouvir uma voz familiar, que lhe dizia no âmago do ser, fazendo-lhe o coração vibrar de esperança:

Leonardo, o recurso mais eficiente para o homem unir-se a Deus é a oração! Ore sem preocupações ou interesses pessoais, semelhante às crianças quando recitam o “Pai Nosso” antes de dormir. Não é preciso rebuscar palavras apropriadas, basta a confiança no Criador e o desejo sincero de ser amparado. Vamos! Peça a Deus que dê a você a paz e o alívio para o seu espírito atribulado! Abra clareiras de luz na alma a fim de que possamos ajudá-lo!

Ele ainda ficou à escuta, alguns momentos e, abrindo os olhos, percebeu ligeira claridade fosca a lhe impregnar o ambiente, pela primeira vez silencioso e de estranha expectativa. Desaparecera a fuligem horrorosa, embora a pressentisse revolutear ao longe. Também se aliviara um pouco o peso bárbaro que lhe esmagava o corpo exausto e a dor na região cervical. Afrouxou os nervos e regressou, em pensamento, à infância, quando sua mãe, dona Miloca, mulher simples e laboriosa, fazia-o ajoelhar-se sobre o leito pobre e depois lhe recomendava, tímida:

Agora vamos rezar para o Papai do Céu cuidar de você e dar-lhe bons sonhos!

Que estranha era a sua vida, e como a voz que lhe soava no interior também era tão parecida com a de dona Miloca. Leonardo, mentalmente de joelhos e esquecendo a sua personalidade humana, conseguiu juntar as mãos em concha, como o menino sem problemas. Com a ternura de uma criança abandonada no mundo e suplicando o socorro divino, ele começou o “Pai Nosso”.

Deve ter dormido inesperadamente, pois quando abriu os olhos o Sol entrava aos jorros para dentro da cabana onde se encontrava. O Sol? Aquilo era uma luz tão radiosa e parecia vir de todos os cantos da cabana. Penetrava dentro dele mesmo, ou vinha da própria alma! Seu coração acelerou-se quando ouviu o canto longínquo da rola de peito azulado e do sabiá na sua cavatina modulada como o ranger suave do carretão subindo a encosta. Sentia a mensagem agreste da natureza tocando-lhe as narinas, misto do odor da casca do pinhão novo e de serragem úmida das toras resinosas. Tivera um pesadelo tenebroso! Pensava ter se enforcado na cadeia de Pitanga, mas, decerto, falhara no gesto impensado, tendo sonhado todas aquelas coisas tão desagradáveis. Decerto bebera demais, outra vez, refugiara-se naquela cabana, dormindo sacudido por estranhos sonhos e detestáveis quadros mentais próprios dos pesadelos.

Sentia-se bem-disposto, sem os efeitos tormentosos da ressaca. De repente, percebeu que estava deitado numa “cama de vento”, tendo ao lado uma mesinha de madeira tosca com um jarro de água de um azul esverdeado, transparente e quase luminosa, além de uns biscoitos miúdos, parecidos às amêndoas natalinas. Quem teria sido o generoso hospedeiro? Sob um impulso incontrolável, apanhou o copinho junto à jarra e o encheu com a água esmeraldina e translúcida, bebericando, aos poucos, com indizível prazer, a ingerir os biscoitos que se fundiam na boca como flocos de neve, deixando-lhe realmente o gostoso sabor de amêndoas ou avelãs. Generosa vitalidade tomava-lhe o corpo cansado, quase o induzindo a caminhar, trabalhar, fazer ginástica ou espreguiçar-se. Esfregou as mãos com vigor, surpreendendo-se por algumas faíscas que julgou brilhar nas pontas dos dedos. Experimentou novamente, e aquilo repetia-se, embora de maneira muito sutil. Agora distinguia melhor o cântico dos sabiás, das rolas, dos pintassilgos, dos azulões e o ritmo acelerado dos canários. Havia no ar um odor de canelas bravas, pitangueiras e guabirobeiras misturado com o cheiro picante e adstringente do araçá do campo. Reconheceu o grito efusivo dos periquitos em bandos festivos, quase à porta da cabana, e o barulho que faziam na folhagem seca mexida no solo. Sentou-se à beira da lona que lhe servia de colchão e pôs os pés fora do leito, ali ficando, um pouco, num balanço gostoso e doido para ver e ouvir o que se fazia lá fora.

Foi nesse momento que a claridade reinante na cabana, feita de

costaneiras de pinho, acentuou-se e ele pôde ver, encostado no umbral da porta, um homem robusto com um chapéu grande e quebrado na frente. Ele usava botas de fole, castanhas e lustrosas, uma bombacha de gaúcho, blusão xadrez, preto e salmão; um lenço de seda branco, salpicado de desenhos cor de vinho, envolvia-lhe o pescoço e caía num laço vistoso sobre o peito. Na mão direita, ele tinha uma chibata, que batia de leve no cano da bota esquerda. O rosto era redondo, gordo e largo; os olhos mostravam um ar de confraternização tão pura, que Leonardo nem esperou ele falar:

Bom dia, moço!

Bom dia, mano!

Acho que é o dono desta cabana, não é?

Não, sou apenas um dos zeladores do lugar! — e sorriu abertamente, sem esconder um ar divertido nos olhos.

Puxa! — disse Leonardo, coçando a cabeça. — Como vim parar aqui? Abusei demais da pinga! — e abaixou a cabeça, meio envergonhado.

Nós trouxemos vaçumecê, há dias, para aqui — esclareceu o visitante que traía no seu aspecto a figura do gaúcho.

Recebemos ordens de lá! — e apontou para o alto, enquanto Leonardo franzia o cenho, sem entender.

Bem, quero me apresentar. Sou conhecido por “Nhô” Pedro e comando uma patrulha de “recolhimento de almas” em dificuldades nas regiões de lama e purgatoriais. Somos treinados há séculos nisso e, sempre que volto da carne para cá, regresso ao velho serviço de minha especialidade. É o vício da gente! — e riu mostrando os dentes perfeitos. — Foi uma luta para recolher vaçumecê, pois como se debatia! Santo Deus!

Estendeu a mão, num gesto cordial, concluindo:

Minha parte está feita; o resto é aí com o seu parente! Às ordens,”seu” Leonardo! — e, recuando para fora, desapareceu, enquanto Leonardo, de boca aberta e julgando-se vítima de uma alucinação, viu à porta da cabana o padrinho Jerônimo, falecido há muito tempo. Olhos arregalados, agachado como quem pretende saltar de improviso, contudo, ficou paralisado vendo o padrinho aproximar-se num aceno cordial e abrindo as faces rejuvenescidas num vasto sorriso.

Não se perturbe, Leonardo! Agora você pode saber a verdade! — e,

batendo-lhe no ombro, fazendo-o recuar meio assustado, esclareceu sem qualquer outra atenuante: — Você atualmente é um “morto”, um “falecido” como eu, entende? O pior já passou. Agradeça a Deus e aos bons samaritanos desta região, que o ajudaram a sair do Umbral e a entrar em contato conosco!

Leonardo não era espírito primário, pois em existências passadas havia participado de instituições com avançada cultura e religiosidade. A sua memória sideral era bastante flexível quanto ao entendimento espiritual, malgrado na última existência haver sofrido apreciável “redução intelectiva” a fim de não fugir à prova cármica da humilhação e tolerância. A luz estranha da cabana, as palavras do gaúcho, do padrinho e a leveza de corpo fizeram-no despertar à condição de espírito imortal. Bateu a mão na testa a recordar-se de tudo, soltando um imenso suspiro de alívio, como o escravo alforriado do cativeiro atroz. Lentamente, gaguejante, indagou com profunda timidez:

Padrinho, suicidei-me, não foi?

Hum! Hum!

Na cadeia?

Sim! Mas não regresse às lembranças mórbidas do passado. Concentre todas as energias dispersas a fim de nos acompanhar na volição até à colônia “Mirim”.

Creio que o atenderei sem me perturbar, e pressinto ter feito isso outras vezes. E pondo-se de pé, inquiriu:

Devo ter sido arrastado para os charcos, onde sofri os horrores infernais. Quanto tempo estive lá?

Jerônimo refletiu e depois acrescentou:

Mais ou menos doze anos do calendário terreno, porquanto você reencarnou-se com um esquema biológico de vida física previsto para cinquenta e quatro anos de idade. Suicidouse aos quarenta e dois, isto é, cortou o “fio da vida” doze anos antes do tempo fixado no seu programa biológico. Em consequência, teve de sofrer tormentos e martírios nas regiões purgatoriais correspondentes ao período de regresso antecipado e na qualidade de rebelde espiritual.

Estou aqui há quanto tempo? — indagou Leonardo, apontando a cabana.

Neste entreposto socorrista, você entrou em estado de coma perispiritual há trinta dias, mais ou menos, trazido pelos volantes de “Nhô” Pedro, esse valoroso espírito, que esconde sua torrente de luz naquele corpo de gaúcho e se priva de viver em regiões venturosas para recolher seus irmãos infelizes, derrubados nos purgatórios do Além-túmulo.

Jerônimo foi até a porta e convidou Leonardo a sair para fora, ambos mergulhando no seio fragrante da natureza esplendente de cores, oxigênio e vida palpitante. Depois que ele suspirou, a longos haustos, o vitalismo daquela manhã radiante, surpreendia-se ao ver passar, por dentro de si mesmo, os pássaros em vôos rasteiros e festivos.

Bem, caro afilhado! — interrompeu Jerônimo, afável.

Concentre suas energias, nivele o pensamento às regiões superiores e ponha-se em prece, para não pesar na volição. Pressinto que os nossos companheiros se aproximam.

Leonardo deu dois passos e, numa voz súplice, indagou:

Posso clarear o meu esquema cármico antes de seguir a fim de neutralizar quaisquer ressentimentos contra os que me “lixaram”[22] na carne?

Sim — respondeu Jerônimo num encolher de ombros.

Por exemplo, o velho Cardoso? Que significuei eu para ele?

Jerônimo sorriu, procurando sintetizar a resposta em poucas palavras.

No século passado, vivia riquíssimo proprietário rural em Lisboa, Portugal, conhecido por comendador Henrique Paiva Azevedo, o qual se apoiava desaforadamente na política da época. Era um homem sovina, coração empedernido, inescrupuloso, egoísta e insaciável. Sua fortuna e propriedades cresciam dia a dia, através de processos maquiavélicos contra os mais desvalidos, num roubo sistemático de terras dos ingênuos. Explorava os aldeões, sequestrando-lhes os bens com documentos viciados, responsável por muitos desesperos e fugas das vítimas espoliadas.

Esse homem fui eu, não é assim? — interrompeu Leonardo, afoito.

Não! Esse homem foi o velho Cardoso da última existência! E conforme você mesmo pôde avaliar, ele quase nada progrediu como madeireiro sovina no Brasil.

Mas, então, porque situei-me junto dele, sofrendo-lhe as sovinices e perturbando-me em virtude de sua impiedade? Por que deixou-me à míngua,

impassível, ante a ruína do lar e a desgraça de meus filhos?

Jerônimo ficou silencioso, refletindo no que devia dizer, e parecia usufruir do odor delicioso das pitangueiras e guabirobeiras, cheias de pardais e pintassilgos sacudindo-lhes os frutos vermelhos e dourados. Depois falou:

Henrique Paiva Azevedo não poderia efetivar quaisquer empreendimentos inescrupulosos e assaltos ao patrimônio alheio, se não dispusesse de instrumentos vivos capazes de lhe assegurarem a cobertura dos seus propósitos desonestos. Para esse fim, ele contava com a fidelidade canina do capitão Lamontano e cinco soldados, indivíduos inescrupulosos, bem pagos e protegidos pela política local.

Leonardo teve um pressentimento.

Como se chamou esse capitão em nova existência carnal? Jerônimo riu, sem malícia, dizendo significativamente:

Não devemos dramatizar as consequências que nos proporcionam a ventura espiritual; mas o capitão Lamontano retornou à Terra na figura de um tal Leonardo, e os praças que tanto o ajudavam em suas proezas inescrupulosas nasceram-lhe como filhos: Marquito, Odilon, Hilário e Leontino, o caçula. Aliás, Lamontano, cujo espírito despertava em consciência, às vezes, sentia remorsos e decidia-se a abandonar a vida censurável; entretanto, havia Carmela, sua amante, mulher ociosa e bonita, que o estimulava a proceder assim para se manter na fartura e no luxo. Não importava, àquela mulher tola e vaidosa, a fome e a miséria dos outros, desde que ela pudesse aproveitar a vida e ostentar suas pedrarias e joias valiosas, ou participar dos banquetes e festividades junto ao seu “capitão”. Quantas moças haviam-se prostituído ou se desgraçado, só para ela acrescentar mais rubis aos anéis, mais diamantes aos brincos ou pérolas aos colares?!

Leonardo olhou demoradamente para Jerônimo, fez um gesto de compreensão e aduziu:

Belinda, não é?

Hum! Hum! — fez Jerônimo, assentindo com a cabeça.

O velho Cardoso, então, foi minha “lixa” da última vez?

Contudo, eu não era seu amigo, no passado?

A Lei imantou você junto dele, porém, desta vez, em situação de penúria e súplica, e fê-lo conhecer e sentir, na própria pele, o efeito do egoísmo, da sovinice e da maldade do astuto comparsa do passado!

Bem, eu comprometi-me com a Lei e fui "lixado" pelo próprio espírito daninho a que servi fielmente no pretérito; mas porque isso também não ocorreu com ele, ex-Henrique Paiva Azevedo, transformado posteriormente em Joaquim Cardoso? Jerônimo fixou o olhar sobre uma pequena elevação a uns 50 metros distantes, e Leonardo também pôde distinguir alguns espíritos, que ali pareciam ter pousado naquele momento.

Você já possui mais sensibilidade para entender e aproveitar, com certa consciência, o curso retificador espiritual. Assim, poderia sofrer mais em seu próprio benefício cármico. O velho Cardoso, espírito bastante "compacto",[23] ainda não poderia elucidar-se espiritualmente nas próprias vicissitudes e dores morais. Por enquanto, ele vai mobilizando as energias animalizadas e o egoísmo do "eu" inferior, no sentido de compensar os males praticados contra seus irmãos, desenvolvendo, acumulando e pagando, com juros, o que explorou e se apossou dos outros.

E, fazendo um sinal amistoso aos recém-chegados, Jerônimo acrescentou:

O velho Cardoso trabalhou como um mouro na última existência, privando-se até de pequenas alegrias pessoais, castigado pela sua própria sovinice, calculando e recalculando a fortuna fabulosa que terá de deixar para 47 descendentes, como filhos, filhas, noras, genros e netos, devolvendo a essas vítimas do passado, uma boa porcentagem do que lhes roubou em Lisboa quando era o avarento e corrupto Henrique Paiva de Azevedo.

Dando a mão a Leonardo e a outra entidade mais próxima, Jerônimo ordenou ao grupo formado por oito espíritos:

Vamos, meus amigos! A segurança e o êxito de nossa volição dependem, fundamentalmente, da harmonia de pensamentos e confiança recíproca.

Num impulso mental evolutivo, todos alçaram-se acima do solo terráqueo e, momentos depois, desapareceram no seio da cortina etérea iluminada pelo Sol no firmamento cerúleo, levando mais um filho que a Lei fizera resgatar através da dor e da vicissitude o seu débito contraído com o próprio planeta!

UM MAU NEGÓCIO

Claudionor recostava-se na janela do vagão luxuoso da “Central do Brasil” e olhava o rio que acompanhava teimosamente a linha férrea e, às vezes, parecia querer beijar a ponta dos dormentes. O rio sumia-se atrás dos morros para surgir numa curva imprevista, debaixo dos pontilhões de cimento, ou se mostrava entre as clareiras dos bosques. Havia, próximo à estrada, casas esbranquiçadas, casebres de madeira poída ou caprichosas vivendas entre jardins floridos. As árvores, à margem dos trilhos de ferro, corriam rapidamente em sentido contrário ao comboio numa fuga veloz. A paisagem também ia se modificando, pouco a pouco, cada vez mais limpa de arvoredos e pontilhada de pequeninos regatos entre as pedras polidas, à medida que a serpente de aço descia a serra avançando para o litoral carioca e deixando, à retaguarda, punhados de fumaça escura como novelos de lã suja. Ao longe, despontava Guaratinguetá, mostrando as torres brancas de suas igrejas, o casario espalhado à beira do rio e a ponte de cimento, comprida e de pernas esguias.

Claudionor embevecia-se, venturoso, à perspectiva de chegar ao Rio, a Cidade Maravilhosa. Ansiava conhecer o mundo de sonhos, de cores, de luzes, e Copacabana, a praia mais linda do mundo e o recanto das mulheres mais formosas. Ele fremia, impaciente, só à perspectiva de se defrontar com as louras cobreadas pelo Sol ou as morenas alouradas, cujos corpos ondulantes e quase despidos descansariam à sombra dos guardassois coloridos.

Tinha dezessete anos e o pai, Eduardo Pereira Benevides, tipo de industrial “feito por si mesmo” e emigrado criança de Portugal, possuía uma das grandes fortunas paulistas. Ele mandara o filho cursar Direito no Rio de Janeiro, pois, a seu ver, um advogado formado na Capital Federal valia mais do que qualquer outro diplomado em São Paulo. Benevides, sovina e desleixado, um mouro a trabalhar dia e noite, dono do bastante para viver quinhentos anos, fazia questão de que o último filho fosse “doutor”. Infelizmente, na luta fatigante para vencer na vida, ele não pudera proporcionar a mesma coisa aos dois filhos mais velhos, Camilo e Cristiano, casados e gerentes das filiais de Sorocaba e Campinas, homens feitos e de responsabilidade. Tereza, a única filha, havia-se casado muito bem com

Dom Marquito, um dos melhores fornecedores de matéria-prima às indústrias de artefatos metálicos. Restava só Claudionor, nascido em "berço esplêndido" e destinado a enfeitar a família Benevides com a indefectível moldura acadêmica.

Este menino não puxou a família — dizia Benevides, sorridente. — Ah! Isso não! Claudionor é de outra têmpera; um rapaz inteligente! Muito inteligente! — e, num largo gesto, espalmando as mãos, completava a frase ingênua: — Quem haveria ele de puxar? A mim, que fugi da escola no segundo ano primário, ou a ti, Margarida, que és uma analfabeta?

Obrigada pela parte que me toca! — respondia a esposa num tom conformado.

Camilo, o mais velho, não era homem de estudos ou cultura; mas tinha espírito aguçado, irônico e interferia:

Claudionor, inteligente? Bondade sua, pai! O senhor confunde esperteza com inteligência, porque ele já nasceu filho de pai rico. Queria vê-lo trabalhar no duro, de madrugada, à noite alta, como nós o fizemos.

E, depois de levantar-se da mesa, vendo o pai na espreguiçadeira, as calças abaixo do umbigo e a esgravatar os dentes de modo fragoroso, Camilo acrescentava, gozador:

Claudionor, mal botou calças compridas, disparou atrás de toda saia que passava pela rua. Pelo menos, aí nesse caso, ele deve ter puxado alguém da família. Isso eu garanto! E riu de um modo sacudido e cínico.

Seu indecente, pensa que ando atrás das mulheres? Que seria capaz de me deixar explorar por essas sirigaitas? — respondia Benevides, de olhos fuzilando.

Chegado ao Rio, Claudionor fez questão de se hospedar num hotel modesto, na proximidade de Copacabana, reservando o dinheiro economizado para as despesas do transporte de bonde até o centro da cidade. Adiou a matrícula por mais alguns dias e fez questão de, primeiramente, conhecer os lugares mais pitorescos, num reconhecimento antecipado à campanha de prazeres e divertimentos, que já havia programado. Deliciava-se ante a forma exuberante das moças cariocas esparramadas pela areia branca de Copacabana, num festival de carnes e cores vistosas. Tudo lhe era novidade e movimentava-se como um príncipe num reino encantado e mal se continha de apregoar ao mulherio que ele era o

filho de Benevides, um dos mais ricos industriais paulistas. Todavia, franzia o nariz, aborrecido, ao se lembrar da faculdade de Direito, onde deveria ficar retido pela manhã na tarefa inglória de estudar para ser o primeiro doutor na família. Não sentia propensão para o estudo, pois arrastara-se no curso ginasial, simulando doenças para justificar ao velho as reprovações frequentes. Não precisava se preocupar com o futuro, pois a fortuna a ser herdada pela morte do pai dar-lhe-ia para viver folgadamente o resto da existência, sobrando-lhe fartura de tempo para a caça de mulheres.

Claudionor, um mês depois de estagiar no Rio, já era conhecido como filho de rico industrial de metalúrgica paulista cursando Direito. Isso o tornava um centro de atração dos olhares cobiçosos das moças casadoiras quando frequentava a residência dos colegas mais abastados. Mostrava-se cortez, recatado e maneiroso, aparentando conduta exemplar; mas, à noite, sumia-se para o outro extremo do bairro em companhia de colegas mais tarimbados, em busca de farras nas boates e orgias nos apartamentos de reuniões clandestinas. No entanto, saturou-se dos excessos prazenteiros, além das severas admoestações que recebia do velho Benevides em face da prodigalidade de gastos nas aventuras menos dignas. Claudionor logo reconheceu a necessidade de um hiato em sua vida dissoluta, necessitando de um repouso para o corpo fatigado pelos excessos censuráveis.

Foi nessa época que ele conheceu Lucília numa festividade campestre, em Niteroi. Chamou-lhe atenção os traços finos de um rosto seráfico, a revelar alma terna e boa, num semblante sereno e recatado. Lucília surgia-lhe como um refrigério abafando o calor de suas paixões agitadas. Era o sedativo almejado para uma juventude inquieta e neurótica. Moça tranquila, de linguagem simples e elevada, sem os cacoetes das jovens modernas e as histerias pelos cantores hermafroditas, significava a fonte de água pura a mitigar-lhe a sede insatisfeita na água poluída do mundo. Ele sentiu por ela estranha paixão, reconhecendo-se cansado do cinismo, do primarismo e do deboche das mulheres pervertidas. Ela descendia de família pobre; mas de bom renome. Seu pai falecera num desastre da “Central do Brasil”, onde chefiava comboios, enquanto sua mãe, professora do curso secundário, conseguira criar a filha de modo digno e diplomá-la em Filosofia.

Claudionor não era bonito, embora simpático e muito jovial. Robusto e atarracado, de olhos miúdos e piscantes num rosto amorenado, tinha os

lábios cheios e traía nos gestos uma agressividade sensual. Lucília, percebendo-lhe o desejo ardente, pôs-se instintivamente em guarda, como a sensitiva ante o toque estranho. Não o repudiava movida por qualquer impulso ou sentimento hostil e, às vezes, chegou a crer tê-lo conhecido alhures.

Claudionor mobilizou todas as energias, astúcia e eloquência para conquistar a moça. Nenhum homem foi mais cortês, atencioso e respeitoso do que ele em assediá-la por todos os meios. Enviava-lhe flores em belos estojos sob os mais simples pretextos. Presenteava-lhe com livros raros de poesia e obras de boa literatura, que lhe tocavam o coração. Jamais retornava de São Paulo sem trazer lembranças delicadas ou presentes valiosos. Finalmente, insinuou-se na amizade de dona Helena, mãe de Lucília, convocando a cooperação materna a seu favor. Movimentou colegas e incentivou amigos, que se encarregaram de fazer chegar até Lucília as melhores referências a seu respeito. Cursava o terceiro ano de Direito e atirou-se ao estudo com ânimo e dedicação, certo de que isso também contribuiria para elevá-lo no conceito da jovem amada.

Dona Helena, extasiada pela generosidade e a afeição de Claudionor, passou a influir de modo persistente no ânimo da filha, louvando sempre os excelentes predicados do moço paulista.

Lucília! — dizia ela, num tom conselheiro — Claudionor é um moço recatado, ajuizado e sensato, alimentando os mais belos propósitos de vida. Não sou eu quem o diz; mas esta é a opinião de todos que o conhecem. Aliás, ele devota a você a mais sublime idolatria e exalta suas qualidades de moça acima das ilusões e futilidades do mundo.

Mãe! — retorquia Lucília. — Não tenho motivos plausíveis para antipatizar-me com Claudionor, porque ele sempre me tratou com gentileza e respeito. No entanto, fico angustiada e sob estranho temor, só por imaginar-me sua noiva. Por que esse presságio desagradável, mãe?

Filha! Todos nós tememos o futuro, o qual só a Deus pertence. Qualquer perspectiva de modificação em nossa vida, desperta-nos uma série de pressentimentos bons ou maus. Isso, às vezes, não passa de um excesso da imaginação ou talvez de um pessimismo injustificável. Não quero influir no seu destino, mas acredito: Claudionor faria você muito feliz!

A sugestão materna, suave, mas convincente, e a pintura sempre generosa

de Claudionor por parte dos amigos e conhecidos, asseguraram-lhe um alto gabarito moral e terminaram por vencer a resistência de Lucília, que passou a aceitar-lhe a corte. Meses depois, então, Lucília principiou a viver uma onda de passeios, teatros, festividades, cinemas, bailes e ceias nos melhores restaurantes da cidade. Claudionor, felicíssimo, dispendia todas as horas disponíveis no doce aconchego da amizade pura de dona Helena e do amor suave de Lucília. Ele se encontrava no quinto ano de Direito e, contrariando os protestos da família Benevides, que não o queria casado com "moça pobre", noivou e marcou os esponsais para em seguida do término do curso de Bacharel. Assim, à custa de assédios calculados, obséquios inumeráveis e influência dos amigos junto ao objeto de sua paixão, Claudionor não somente conquistara Lucília, como ainda conseguira neutralizar o mais sério rival: Odílio. Moço de excelentes qualidades morais, anteriormente gozara a perspectiva de ser o eleito do coração de Lucília.

Findava o ano de 1930, e Claudionor colava grau de Bacharel em atraente festividade no Teatro Municipal. Dias depois, os novos bacharéis solicitaram auxílio ao governo a fim de visitarem Buenos Aires numa caravana para efetivar melhor contato com a cultura e as instituições jurídicas portenhas. Antes de viajar, sempre gentil e atencioso, Claudionor elaborou longa lista de todos os apetrechos que deveriam compor o enxoval de Lucília, submetendo sua escolha à orientação de dona Helena, que protestava, surpresa, pela suntuosidade das peças a serem encomendadas. Querida Lucília — dizia ele, jovial —, o melhor e o mais formoso do mundo ainda é muito pouco para você! Quero fazê-la a mulher mais feliz do mundo.

Chegara o dia da festiva excursão. O navio pintado de branco afastou-se lentamente do cais "Pharoux", singrando leve as águas da Guanabara e deixando um rendilhado de espumas. A orquestra de bordo tocava a marcha "Cidade Maravilhosa", fazendo fundo sonoro com o solo do apito. A caravana de bacharéis vibrava, festiva; os novos diplomados recostavam-se na amurada de metal dourado e polido, fazendo acenos aos parentes e amigos, enquanto agitavam bandeirinhas brasileiras e argentinas. Claudionor, num entusiasmo infantil e eufórico, cruzava as mãos sobre a cabeça e depois as abanava de modo frenético, fazendo Lucília e dona Helena rirem divertidas.

Que Deus o acompanhe! — desejou dona Helena, com os olhos úmidos.

— Tenho Claudionor à conta do filho que tanto desejei depois de você, para ser o meu arrimo na velhice! e ergueu o busto num longo suspiro.

Ora, mãe! Não suspire a senhora por maus presságios. Daqui a um mês estaremos casados e a senhora será a minha companheira para sempre. Claudionor a quer tanto, quase como a própria mãe dele! Está bem?

Quinze dias depois, a caravana retornava de Buenos Aires. No cais, moviam-se parentes e amigos dos novos bacharéis, ansiosos de os abraçarem. Surpresas, dona Helena e Lucília não viram Claudionor desembarcar, o que lhes despertou mau presságio no coração. Felizmente, Heráclito, amigo e colega de quarto do noivo, livrando-se dos abraços dos familiares, achegou-se, sorridente e alegre, para Lucília:

Não se preocupem! Claudionor desceu em Santos e subiu até São Paulo para abraçar os velhos e deixar-lhes os presentes e as lembranças adquiridos em Buenos Aires. Em seguida, retornará ao Rio e pediu-me para lhes dar o recado e estas lembranças. O resto das encomendas ele virá trazê-las pessoalmente.

Embora a notícia não fosse tão grave, Lucília e Helena sentiram-se inquietas pela decisão repentina de Claudionor, pois ele mesmo havia decidido que todos seguiriam para São Paulo, logo após o seu retorno de Buenos Aires, a fim de cuidarem dos papéis para o casamento. Ademais, os pais haviam estado com ele, no Rio, durante a semana da formatura. Algo estranho havia naquela súbita saudade de vê-los e na interrupção da viagem.

No fim da semana, os maus pressentimentos se comprovaram. Claudionor escrevia adiando o casamento para daí a três meses, alegando motivos imperiosos que desejaria esclarecer pessoalmente no Rio. Decorrido uma semana da promessa, ele comunicava, em rápido bilhete, que viajara, às pressas, para Buenos Aires a fim de adquirir matéria-prima para a firma. Isso foi o início do calvário de dona Helena e culminou com o acontecimento funesto. Nunca mais ela viu Claudionor, enquanto Lucília definhava assustadoramente.

Infelizmente, o desfecho apagou da fisionomia de dona Helena a sua beleza tão doce e serena, extinguindo-lhe, na alma, o interesse por qualquer coisa do mundo. Lucília, sua filha querida, tão meiga e recatada, havia-se suicidado com formicida ao saber que Claudionor casara-se repentinamente com formosa jovem platina.

Lamento profundamente, dona Helena, que Lucília tenha destruído a vida por criatura tão mesquinha como é Claudionor. Sempre o detestei pela sua dissimulação e avidez egoísta! — considerava Odílio, o mais sincero e fiel amigo da família. — Porventura, ela o amava tanto, a ponto de sentir-se incapaz de viver sem ele?

Dona Helena levantou-se, abriu a gaveta da pequena cômoda da saleta e dali retirou uma folha de papel. Estendeu para Odílio, num gesto amargurado e com os olhos marejados de lágrimas. Ele, então, reconheceu a letra miúda e delicada de Lucília:

> "Adeus, mãe!
>
> Não posso sobreviver depois disso; antes de Claudionor viajar para Buenos Aires, eu fraquejei e ele se aproveitou de mim. Perdoe-me, querida mãe, não sei viver enodoada.
>
> Lucília."

Durante o primeiro ano de casado, Claudionor fixou residência em Buenos Aires, às expensas da família e sob o pretexto de um curso de aperfeiçoamento jurídico. Entretanto, o verdadeiro motivo era o temor de enfrentar qualquer pessoa das relações ou do conhecimento de Lucília e de dona Helena. Somente retornou a São Paulo quando soube que dona Helena havia falecido, o que se dera poucos meses depois do suicídio de Lucília. O velho Benevides deu-lhe a gerência da nova filial, em populoso bairro paulista, e fê-lo advogado da firma para atender as complicações da indústria e do comércio junto aos poderes públicos.

Após um ano de casado, Claudionor começou a perceber o terrível equívoco: Zulmira, que ele encontrara na festa dos bacharéis em Buenos Aires e lhe havia ateado um desejo ardente de posse, dia-a-dia mostrava os seus maus predicados e causava-lhe inúmeras decepções. Era uma jovem de formas sensuais e toda ela a fremir pelos prazeres materiais, revelando nos modos e nas ações um primarismo grosseiro.

Ela fora criada por uma tia viúva e rica, além de receber vultosa mesada dos pais, que lhe proporcionava um viver de prodigalidade e exageros para sustentar a vaidade e a faceirice, numa vida ociosa e divertida. Era egocêntrica e idolatrava o corpo vistoso. Fazia questão de ressaltar as formas e tentar os homens, semeando conflitos entre os jovens estimulados por paixões imprudentes. Formosa e afortunada, era cobiçada e vezeira em negaças amorosas, tendo causado dissabores pela volubilidade. Invejada

pelas moças e criticada pelas velhas solteironas, Zulmira penetrava nos teatros, cinemas, igrejas e festividades sociais como a candidata de concursos de beleza comparecia, mobilizando todos os seus recursos e atavios do corpo para atrair os aplausos do público. Movia-se ereta, o busto vistoso e arfante, de lábios entreabertos a fluir o fogo que lhe grassava nas carnes palpitantes.

Claudionor, espírito escravo dos impulsos apaixonados, facilmente perdia o controle mental quando acicatado pelo desejo. Ao ver Zulmira, ficara obsediado pela sua figura voluptuosa, convencendo-se de que jamais teria tranquilidade sem aquela mulher. Entretanto, Zulmira, além de excessivamente sensual, era fanática por roupas luxuosas e berrantes, que abandonava nos guarda-roupas abarrotados de vestimentas em desuso. Enfeitava-se de modo espalhafatoso, sobrecarregando o corpo de joias valorizadas em milhares de cruzeiros e sob as formas de penduricalhos pelo pescoço, orelhas, braços e dedos, onde cintilavam rubis, esmeraldas, diamantes e muito ouro, num gozo infantil e próprio do bugre civilizado. Graças ao progresso financeiro da firma, cuja fortuna o velho Benevides havia triplicado, Zulmira possuía um luxuoso “Buick” de aros e enfeites niquelados, que impressionava muitíssimo na época. Frequentava todas as reuniões de mulheres ricas, ociosas e fartas da vida, devotadas apenas ao culto prosaico do corpo perecível. Passavam os dias a mastigarem docinhos, bebericando alcoólicos afidalgados e fumando “cigarrilhas”, que ela mesma trazia de Buenos Aires nas viagens quinzenais.

Exigia plena liberdade para as atividades e iniciativas onerosas, mostrando-se furiosa ante as veladas advertências do velho Benevides, quanto aos gastos excessivos. Claudionor sentia-se cada vez mais fatigado da vida frenética e perturbado pela estultícia de sua mulher e evitava acompanhá-la nas suas excursões frequentes e obrigações sociais. Como o desejo carnal depois de farto gera o tédio e, com o tempo, a própria repulsa, ele deplorava o estúpido casamento e sentia-se cada vez mais inibido quanto às exigências intermináveis da esposa. Além disso, Zulmira tornava-se cada vez mais volumosa e se punha à mesa de modo estabanado, ruidoso e grosseiro, gritando com os criados em linguagem ofensiva. A boca cheia de pão, confundindo o ato de comer com o de falar, era de uma verbosidade avassalante! Ria-se às bandeiras despregadas, sacudindo o corpo farto por

qualquer asneira do velho Benevides. Depois de nascer Manuela, a primeira filha, modificara-se bastante o porte esguio e suas formas atraentes. A pele, rósea e macia de pêssego aveludado, perdia a cor atraente mostrando-se cada vez mais graxosa e áspera. Terezinha, a segunda filha, foi responsabilizada pelos noventa quilos que Zulmira atingira na gestação, dominada por uma fome insaciável.

Claudionor não era mais o moço néscio e insensato de solteiro. Por necessidade de sua profissão liberal, entrara em contato com advogados e juízes de cultura, exercitando e afinando o raciocínio pelas reflexões mais sérias. A saudade de Lucília e o sentimento de culpa insistente feriam-lhe a alma, acrescidos das atribulações ridículas e dos insultos recebidos da mulher, sensibilizando-o, pouco a pouco, o coração no preparo para os sofrimentos futuros. Ele sentava-se à mesa, sombrio e silencioso, observando de esguelha as banhas fartas, a papada e os braços taurinos do mulherão em que se transformara Zulmira. Os olhos grandes e belos, apelidados por ele de "jabuticabas aveludadas", desapareciam espremidos pela gordura do rosto. Sem força de vontade para fazer dietas de emagrecimento recomendadas pelos médicos, algum jejum esporádico ainda lhe triplicava o apetite e assim ela recobrava os quilos perdidos, ficando mais obesa.

Claudionor percebia, cada vez mais, a enorme diferença entre a doçura, o recato e a inteligência de Lucília, os seus modos realmente femininos, o seu vestir singelo e agradável, comparados à eclosão sensual e ao primarismo de Zulmira, cuja figura parecia talhada num bloco de toucinho a resfolegar ruidosamente sobre o prato de alimento. Até o fim da vida, ele teria de suportar a engorda, a grosseria, a insatisfação e os trajes circenses da esposa mal-educada, no mais vivo contraste à imagem delicada e sonhadora de Lucília, cada vez mais remoçada na sua mente angustiada. Deus lhe havia posto na vida duas mulheres formosas; uma talentosa e pudica, outra imbecil e embrutecida. Era um sofrimento masoquista, uma tortura contínua, e o fogo da lembrança da própria infâmia a lhe queimar o espírito. Pensando em Lucília e vivendo com Zulmira, ele agora reconhecia o castigo que decretara a si mesmo sob a força do egoísmo e do desejo puramente sexual. À noite, recolhia-se à saleta de fumar e apagava as luzes, naquela postura sacrificial de se maltratar, lembrando a cortesia e a leveza de espírito das duas

criaturas sublimadas, como eram Lucília e Helena. No entanto, jamais ouvira uma palavra incomum, um dito inteligente, um pensamento construtivo ou aparte sutil de Zulmira, que apreciava contar e ouvir as histórias de baixo calão. Ela esmiuçava detalhes de assuntos desagradáveis à mesa de refeições, comentava coisas repugnantes num contraste repulsivo com o alimento a ser ingerido; deliciava-se com as notícias fesceninas e, não sabendo contar uma anedota razoável, supria a sua ignorância e insuficiência de espírito associando expressões escatológicas. Faltando-lhe o senso de humor, ria-se desbragadamente ante a clareza dura de uma piada que exigia o recato de um sorriso disfarçado; depois silenciava, aparvalhada, sem compreender os motivos por que outros riam com alguma sutileza de espírito.

Assim que nasceu Sarita, a terceira filha, Claudionor, apático e frustrado no desejo de ter um filho homem para o substituir na velhice, decidiu-se à continência sexual. Então, Zulmira mostrou-se furiosa, invocando os dias apaixonados em que ela, sendo mulher formosa,"prestava" para ele. Mas, diante da indiferença do marido, ameaçou-lhe de "traição", insultando-o de maneira grosseira e procurando feri-lo na sua dignidade masculina, embora ele a deixasse falar sozinha, subindo as escadas para o seu quarto no condomínio de Benevides, ainda ouvindo dela os gritos e os palavrões.

Cansado daquelas cenas indecorosas e bem próprias de cortiços, Claudionor adquiriu bela vivenda retirada do centro da cidade, semioculta entre agradáveis ciprestes e arvoredos de folhagem robusta, bastante isolada da vizinhança indiscreta. Cada vez mais irascível e queixosa, pondo a culpa de sua frustração, obesidade e insatisfações nos ombros do marido, Zulmira desmedia-se pela violência nos gestos e gritos estentóricos ante a muralha de silêncio dele. Servida por uma equipe de criados, arrumadeiras e jardineiros, fazia questão de humilhá-lo diante dos empregados, num prazer sádico de compensar a própria perturbação espiritual com o sofrimento alheio. E, ainda, conseguira o pior: à custa de intrigas, perfídias e acusações infundadas, despertara verdadeira repulsa e ódio silencioso das filhas Manuela e Terezinha contra o pai que, dali por diante, passou a ser ignorado por elas, mesmo quando lhes dirigia a palavra. Em troca dessa ofensiva sádica e maldosa contra o esposo, Zulmira aliara-se incondicionalmente às filhas, prodigalizando-lhes toda a sorte de favores, mimos e presentes,

dando-lhes plena liberdade de ação, sem cogitar qualquer reprimenda ou advertência às suas aventuras de moças cada vez mais imprudentes e volúveis.

Era muito comum ela e as filhas retomarem de madrugada para o lar, e Claudionor jurava que habitualmente estavam alcoolizadas. Qualquer ensejo favorável servia para Zulmira dar vasão à sua desforra implacável contra o marido, atormentando-lhe o sono com as dispneias, perturbações hepáticas, pressão alta e desmaios melodramáticos, que punham as filhas em polvorosa e só faltavam surrá-lo depois dos piores insultos. Zulmira aguardava todas as ocasiões para desabafar-se colericamente, relembrando pequenos descuidos e senões do marido, enquanto lamentava os excelentes candidatos que havia desprezado por causa dele e a deformação do seu corpo tão atraente pela gestação das filhas. Comumente, insultava-lhe a família de portugueses sovinas e malcheirosos, que a criticavam, por causa dos gastos exagerados e das excursões censuráveis.

Manuela e Terezinha possuíam o próprio automóvel e, com a mãe, passaram a viajar frequentemente para o Rio, alegando empreendimentos e obrigações associativas filantrópicas. Cristiano, filho mais velho de Benevides, jurava tê-las encontrado com estranhos em certa boate suspeita, no Rio; mas Claudionor mostrou-se indiferente à notícia.

O escândalo estourou, ruidoso e irreparável, no seio da família laboriosa do velho Benevides. Zulmira e as filhas, em companhia de outras amigas volúveis, haviam sido apanhadas pela polícia carioca num bairro aristocrático da Capital Federal em desenfreado bacanal com rapazes corruptos, onde, além do excesso de bebidas alcoólicas, as autoridades encontraram resíduos de cocaína. Infelizmente, a tempestade não amainou, pois ante o repúdio da própria família conservadora de suas virtudes ancestrais, Zulmira e as filhas passaram a desforrar-se esbanjando fortunas em banquetes, noitadas alegres em boates e locais de exploração viciosa. Durante o dia, elas dormiam a sono solto e, à noite, cobriam de pó e creme as fisionomias maceradas pelo desgaste orgânico dos tóxicos e alcoólicos, em violenta ofensiva contra Claudionor pelas suas negativas em financiar as orgias censuráveis. Sob a investida insistente da parentela, revoltada por tais acontecimentos, ele se viu obrigado a deserdá-las por edital público, eximindo-se de quaisquer responsabilidades que viessem a praticar sem sua

prévia autorização. Mas, ao retornar ao lar, no dia seguinte, esperava-o nova surpresa: Zulmira e as filhas haviam-no despojado de todos os valores, títulos transáveis, joias e demais objetos de uso e utilidade. Inquirido o mordomo, ele explicou que elas haviam recheado os dois carros com todos os pertences transportáveis, limpando os guarda-roupas, as cristaleiras e as cômodas, protegidas por três indivíduos de aspecto agressivo.

Ao certificar-se da ruína do seu lar, Claudionor reconheceu o castigo merecido por ter desprezado Lucília. Desapareciam as esperanças de, no futuro, usufruir a desejada paz de espírito! Alguns meses depois, soube que Manuela e Terezinha haviam desaparecido com dois rufiões na mais lastimável degradação moral. Zulmira faleceu um ano após e foi encontrada em coma etílica num modesto hotel de subúrbio entre garrafas de rum e gin, que ingerira a noite toda por ter sido abandonada pelo amásio, vulgar proxeneta que lhe havia consumido todos os bens.

Anos depois, Claudionor, envelhecido e trêmulo dos nervos, com apenas 51 anos de idade, desencarnava na luxuosa vivenda. O destino, apiedado de sua tragédia, fechara-lhe os olhos em presença da carinhosa Sarita, a filha que sobrevivera à enxurrada lodosa e lhe fora anjo amigo até os últimos momentos de vida carnal, depois de sofrer tanto por causa de sua imprudência espiritual.

Por aí vocês verificam — dizia-nos Epaminondas, o mentor espiritual de nosso grupo de estudos psicológicos da esfera “Grande Coração”, ao narrar a história de Claudionor como é difícil e demorada a nossa ascese angélica no desempenho do programa redentor na carne. Além das paixões, vícios e circunstâncias ou desejos que nos acometem na existência humana, ainda defrontamos com a sobrecarga dos equívocos cármicos de nossa imprevidência com os adversários pregressos. Partimos do Espaço jurando o aproveitamento de todos os minutos em exclusivo favor de nossa ventura espiritual e, assim que ingressamos no esquecimento da carne, preocupamo-nos unicamente em “ser rico” ou satisfazer todos os apetites animais.

Epaminondas fez um silêncio significativo, como a reunir fragmentos de suas próprias lembranças milenárias, e depois prosseguiu calmamente:

Claudionor, em existência anterior vivida na França, abusou da fortuna e prostituiu algumas jovens confiantes em promessas falazes. Para isso, servia-se de três mulheres alcoviteiras que, em troca de bom dinheiro,

providenciavam-lhe a mercadoria carnal, jovem e apetitosa, para ele saciar os desejos lúbricos. Embora também houvesse nas suas vítimas uma certa tendência inferior, porque "as santas não se pervertem" e, segundo a Lei Espiritual, "cada alma colhe o que semeia e conforme as suas obras", Claudionor assumiu a responsabilidade direta por lançá-las no desregramento sexual. Possivelmente, essas jovens imprudentes degradar-se-iam de qualquer modo sob outros ensejos lúbricos. Mas o certo é que o nosso amigo Claudionor foi, na verdade, o "detonador psíquico", a lhes deflagrar as tendências para a prostituição. Como sabemos, "o amor une e o ódio imanta" e, por isso, ele se ligou carmicamente às vítimas e às próprias alcoviteiras que lhe forneciam a carne moça para as satisfações carnais.

Depois de uma pausa, Epaminondas esclareceu:

Claudionor atraiu para a intimidade da última existência as alcoviteiras com quem se imantou no passado e, por isso, teve de lhes sofrer a natureza primária de espíritos imaturos! Uma delas foi Zulmira, e as outras duas Terezinha e Manuela, cujas existências findaram-se nos prostíbulos. Nenhuma revelou qualquer afinidade ou afeição a ele, assim como o comerciante não fica devendo favores afetivos aos fregueses.

E Sarita? — perguntei.

Sarita é a primeira vítima de Claudionor a ser "reembolsada" dos prejuízos causados na vida anterior, pois ela recebeu excelente educação e viveu confortavelmente, sendo a herdeira universal dele. Quanto às outras vítimas do passado, também hão de ser indenizadas no momento oportuno! — completou Epaminondas, com um sorriso cordial.

E Lucília? — perguntou Morais, outro espírito estudioso dos problemas espirituais de nossa preferência.

Lucília é um espírito de boa estirpe espiritual, estimado pela sua ternura e escrúpulo, com algum crédito razoável na contabilidade divina. Embora tenha falhado pelo suicídio, foi socorrida no transe cruciante até onde merecia pelos benefícios prestados anteriormente a outrem. Sob o impulso do "amor-próprio" da personalidade humana, ela se esqueceu da obrigação espiritual para com Helena, que havia encarnado especialmente para a amparar na hora nevrálgica das provas espirituais.

Mas não seria demasiadamente chocante para um espírito do quilate de Lucília enfrentar o sarcasmo do mundo na condição de "mãe solteira"? —

considerou Laudálio, companheiro de nossas excursões à Crosta.

O mentor Epaminondas, de cabeleira embranquecida e com um halo mental prateado, elucidou:

A verdade é que “não cai um fio de cabelo dos homens que Deus não saiba”, e isso nos induz a crer na mais perfeita justiça e proteção aos nossos espíritos, por parte do Criador. Ademais, sabem vocês, o cidadão angélico é aquele que desintegra a personalidade transitória do mundo de formas; mata o “homem velho” estruturado pela animalidade carnal e nasce o “homem novo” sem vínculos à substância material. Em cada existência humana resgatamos nossas culpas ou equívocos passados, justamente com os comparsas a quem ferimos ou nos feriram em atividades contrárias ao bem e ao belo.

Confortada pela generosidade de Helena em acompanhá-la à carne, Lucília aceitara a existência de resgate e reajuste cármico para compensar certos acontecimentos desairosos de sua responsabilidade em vidas anteriores. Claudionor, embora espírito imaturo, havia-lhe prestado favores na Espanha, onde reconhecera um filho bastardo de Lucília, em cuja época ela falhou em sua promessa conjugal com Odílio, que suicidou-se desesperado. É óbvio que ninguém é induzido fatalmente ao suicídio só porque inspirou outros a se matarem, nem há de ser desprezado só porque desprezou outrora. A Lei alicia os personagens do mesmo drama pretérito, coloca-os sob circunstâncias semelhantes invertendo, muitas vezes, a posição na carne a fim de se comprovar que o espírito receba “conforme semeou”. Os conflitos, as frustrações, as desforras ficam por conta das virtudes morais, dos sentimentos cristãos ou das paixões inferiores do ser, pois o espírito revela, na matéria, o que ainda alimenta potencialmente dentro de si mesmo. O homem que mata o companheiro, não fica estigmatizado pelo fatalismo cármico e implacável de também ser assassinado na próxima existência; mas, sendo um cidadão com afinidade de assassinatos, então elege-se para nascer no meio de criminosos. A sua vida, portanto, dependerá do comportamento que mantiver entre os delinquentes a cuja companhia faz jus, pelo passado atrabiliário.

Epaminondas sacudiu os ombros para avaliar a responsabilidade alheia, completando em seguida:

Se esse espírito for humilde, resignado, bom e tolerante ante os

assassinos em potencial, onde irá viver, é bem maior a sua probabilidade de continuar vivo; porém, se resistir ou ferir, devolvendo insulto com insulto, desforra com desforra, é evidente que aumenta a possibilidade de ser assassinado. Portanto, não é a Lei do Carma que o obriga a ser assassinado, mas é a própria imprudência, obstinação ou cólera, a criar condições indesejáveis para a morte violenta, como punição do passado.

Mas Helena deve ter sofrido injustamente pelo suicídio inesperado de Lucília, pois havia-se encarnado para ajudá-la no reajuste espiritual, não é assim?

Evidentemente, irmão Atanagildo — replicou Epaminondas, assentindo com a cabeça. — Jesus também desceu à Terra para ajudar a humanidade terrícola e crucificaram-no; no entanto, sabemos que ele não era responsável por nenhum carma de crucificação. Entretanto, quem pretende ajudar também se candidata a dissabores, surpresas, tormentos ou frustrações dos seus pupilos, conforme aconteceu com Helena. Quando, no Espaço, ela concordou em amparar Lucília na carne, aceitou também a "cota" de sacrifício e dores que lhe pudesse advir nessa empreitada, decorrente das situações de sua protegida. Sem dúvida, sofreu atrozmente pela morte da filha; mas o sofrimento cessou depois de desencarnada, ao verificar que isso já estava previsto no esquema da vida de Lucília como uma possibilidade em potencial. Helena foi muito bem assistida e desencarnou sob a terapêutica de "fluidos desvitalizantes", deixando o mundo alguns meses depois do suicídio da filha, porque sua encarnação era mais de natureza protetora e não expiativa.

Zulmira, Manuela, Terezinha e Sarita são do mesmo grupo espiritual de Claudionor, Helena, Lucília e Odílio? — indagou Raul, participante de nossas tertúlias educativas.

Não são propriamente da mesma família espiritual, se considerarmos à parte os ascendentes genéticos siderais ou afinidades de grupos e propósitos individuais sob a mesma raiz espiritual. Em verdade, só existe uma família: é a humanidade! Mas, primeiramente surge o indivíduo, a família, a tribo, a raça e a nação; depois, a aldeia, a cidade, o estado, o país, o continente, o globo, a constelação planetária e, enfim, o Universo. Futuramente, só haverá uma parentela sideral oriunda da mesma fonte divina que é Deus! Mas, no momento, Zulmira, Terezinha, Manuela e Sarita juntaram-se à vida de

Claudionor “imantadas” pelo mesmo carma. São espíritos primários, cuja encarnação ainda se processa por “força de atração” da carne e não pela escolha espontânea ou consciência de obrigações assumidas nos programas de redenção espiritual. Uniforme no todo “psíco-físico” e demasiadamente presos às reações da animalidade, eles são atraídos para o corpo orgânico pelas linhas de força do magnetismo inferior. Vivem existências indisciplinadas e turbulentas, dirigidas exclusivamente pelos desejos e paixões. Reagem apenas pelos instintos primários, como o animal ao se defender ou atacar no seio da própria espécie e sem qualquer intenção sacrificial. Espíritos “imediatistas” buscam só os momentos propícios à satisfação egocêntrica e prazenteira, proporcionadas pelo seu sistema sensorial desabrochado para o mundo exterior. Sem escrúpulos ou preocupações pelos prejuízos alheios, pois não possuem a noção consciente do Bem, baixam à carne e retornam ao Mundo Espiritual, quase inconscientes do que lhes aconteceu na existência praticamente sonambúlica.

Muitíssimo egoístas, são capazes de arrasar um tomateiro para provar um tomate, incendiar uma casa para aquecer o corpo ou dinamitar uma fonte d’água para lavar as pontas dos dedos! Quando se filiam à religião católica, transformam a Igreja numa passarela de modas e exposição de joias. Se ingressam no Protestantismo, gastam fortunas em Bíblias de ouro e pedras preciosas; mas ignoram a associação de caridade e jamais compreendem a desgraça alheia. Sob a égide do Espiritismo, vampirizam os médiuns no vício do “papa-passe”, ou requerem receitas mediúnicas para a mais singela dor no cotovelo. Obrigam os confrades a deixarem os leitos, em madrugada gélida, só para lhes atender a dispepsia provocada pelo excesso de carne de porco ou, então, eliminar o resfriado consequente da cerveja ou do “whisky” gelados. Dramatizam a gripe mais inofensiva à conta de uma consequência cósmica; mas ignoram o câncer do vizinho antipático.

Epaminondas cessou de falar, refletindo na própria descrição do tipo de almas que enunciara, quando espíritos mais conscientes vão à imprudência de “imantá-las” às suas vidas educativas no futuro.

Não há dúvida — continuou ele —, a inconsciência e o egoísmo são estados naturais de todas as almas no princípio de formação da consciência espiritual, embora depois sejam outros tantos anjos e deusinhos. Não devemos condená-las nem repeti-las, pois tais ascendentes nós também já os

revelamos alhures. No entanto, convém examinarmos as características desse tipo espiritual, antes de qualquer con-luio ou requisição de seus serviços no mundo, porque depois precisamos de muita renúncia e tolerância para vivermos aturando sua bagagem inferior.

Em consequência — inquiri, curioso —, poderemos supor que Claudionor estava predestinado a sofrer tremendo tumulto em sua vida, em virtude da qualidade inferior da esposa e das filhas?

Absolutamente, não! — atalhou Epaminondas. — Se você atrair um macaco para o seu palácio ornamentado de cristais, porcelanas, móveis estofados de seda e veludo, depois não deve se queixar porque o animal quebrou-lhe a louça, a porcelana e rasgou os belos estofados. Em verdade, isso não é determinação implacável do destino para acontecer fatalmente; mas é decorrência natural do"estado evolutivo" do macaco, que é um animal indócil e daninho. Portanto, as companhias que atraímos para a órbita de nossa vida espiritual acompanham-nos em todas as transladações e vidas futuras, cujos laços culposos não devem ser rompidos, mas desatados. Elas nos perturbam mesmo quando já definimos o nosso rumo espiritual para o Norte Angélico, caso ainda não estejamos completamente libertados do magnetismo inferior.

Pressupomos, então, que Zulmira, Terezinha e ManueIa são algo de "macacos", que Claudionor atraiu para sua vida e, por isso, sofreu-lhes os danos próprios das naturezas espirituais primárias, não é assim?

Epaminondas sorriu com certa finura:

Bem, dei a vocês um exemplo rudimentar e sugestivo, quanto à conveniência de selecionarmos com cuidado as companhias para as nossas viagens futuras no trajeto educativo da vida carnal e, assim, evitarmos atrapalhos e sofrimentos decorrentes de suas inferioridades. Já pensaram na vantagem de Claudionor se, em vez de ligar-se a espíritos instintivos, como fê-lo para gozar sua vida anterior, ele tivesse recorrido aos serviços de seres da estirpe de Francisco de Assis, Terezinha de Jesus, Vicente de Paula ou o próprio Jesus?

Porventura, Claudionor não poderia ter-se apaixonado exclusivamente por Lucília, sob a premonição espiritual de que ela seria a companheira eletiva à experiência terrena?

O tipo espiritual de Claudionor, fundamentalmente impulsivo, egoísta,

inescrupuloso e desgovernado no comando do sexo, toda vez que fosse colocado diante do binômio cármico que ocorreu em sua vida, ele sempre desejaria o tipo plácido e doce de Lucília, para esposa, como um verdadeiro refrigério à sua vida intempestiva e excitante, e Zulmira, na sua ostensividade tentadora e sensual, para a amante. Mas, infelizmente, para ele, Zulmira era espírito astuto e egoísta, que percebeu logo a vantagem imediata pelo desejo vulcânico ateando através das formas opulentas e dos acenos lúbricos. Ela soube controlar-se até levá-lo ao casamento, para só depois ceder aos seus caprichos. Sem dúvida, ele teria sacrificado metade da vida, caso pudesse reconsiderar o ato inescrupuloso e desposar Lucília, livrando-se do estafermo que lhe foi Zulmira.

Ainda uma pergunta, irmão Epaminondas — acrescentei: — Que aconteceria a Lucília, caso não se suicidasse?

A Lei já havia colocado no seu caminho um ótimo companheiro, que não só a esposaria movido por um afeto sincero gerado em vidas pretéritas, como ainda acabaria reconhecendo-lhe e legitimando o filho espúrio de Claudionor.

Mas, em face do suicídio de Lucília, esse bom samaritano, que naturalmente estaria indicado para ser o esposo, porventura não ficou frustrado na sua programação pela morte dela?

Não é bem assim, irmão Atanagildo — retrucou Epaminondas, atencioso. — Esse alguém nascido para amparar Lucília também terminou encontrando no caminho outra Lucília, espírito afim e que não se suicidou. Compreendeu?

Epaminondas levantou-se e deu a entender que havia terminado os esclarecimentos instrutivos sobre a vida de Claudionor, cujo espírito estulto havia trocado o amor puro e sublime de Lucília pela paixão inflamada e fugaz de Zulmira. O nosso mentor e amigo, cuja humildade e bom ânimo encobria uma das mais abalizadas experiências do mundo espiritual, encerrou a história:

Claudionor, como a maioria dos encarnados imprevidentes, prendeu-se à beleza exuberante e efêmera da flor do cactus de um dia, deixando de colher a violeta singela e duradoura! Sem dúvida, o pobre homem fez “um mau negócio.”

FRUSTRAÇÃO

Margarida atingira o oitavo mês de gravidez sem problemas, tranquila e jovial, sem as manifestações violentas ou desagradáveis próprias das parturientes

menos felizes. Romualdo Moreira, o esposo, advogado de renome e bem-posto na vida, mal conseguia suportar a demora dos dias que ainda faltavam para fruir a venturosa condição de pai. Sua mente fértil e dinâmica havia delineado o futuro do primogênito. Sem dúvida, seria um "menino"! Mentalmente, via-o crescer, alegre e robusto, a soletrar as primeiras letras do alfabeto na escola primária; em seguida, o ginásio, o "pré-acadêmico" e, finalmente, um curso brilhante, entre palmas festivas e a comoção de Margarida, graduando-se médico pela "Faculdade de Medicina" local. O menino chamar-se-ia Honório em homenagem a Honoré de Balzac, seu autor predileto, cuja fertilidade de espírito muito o agradava. Embora ainda moço, ele possuía regular fortuna, assegurando-lhe o ensejo de presentear Honório, futuro médico, com o melhor consultório da cidade.

Enfim, Margarida recolheu-se ao hospital, aproximando-se o momento nevrálgico da "delivrance" e o consequente advento do primeiro filho. Romualdo jamais duvidara de que seria um menino, embora Margarida estivesse certa de "ganhar uma menina". Quando aumentaram as dores do parto, Romualdo pôs-se a fumar freneticamente, num "vai e vem" nervoso pela ante-sala de cirurgia. O médico, doutor Monteiro, muito amigo da família, surgiu calmamente à porta e também resolveu aderir à impaciência do futuro pai e aceitar um cigarro. Romualdo inquiriu, nervoso:

Tudo bem, doutor?

Até agora, Margarida vai otimamente! Não se preocupe.

Olhou o relógio de pulso e depois bateu amistosamente no ombro do amigo:

Creio que dentro de uns 30 ou 40 minutos, você será pai de algum robusto garoto! — e acrescentou num sorriso algo travesso:

A não ser que venha alguma encantadora menina! — e retornou para o quarto, atirando fora o cigarro meio queimado.

A porta fechou-se e Romualdo demorou-se a fitá-la com um ar tão trágico

como se todo o seu futuro dependesse do que iria acontecer lá dentro. Ele rumou outra vez para a janela e ficou espiando a rua ensolarada, onde um bando de guris se movimentava aos gritos, correndo atrás de uma bola de pano. O hospital ficava numa elevação de terreno e dali se podia descortinar parte da cidade. Os edifícios esguios e altos surgiam por cima da copa dos arvoredos da praça e as janelas cintilavam à luz do Sol. Os canteiros de grama estavam bem verdes, crivados de verbenas, miosótis e amor-dos-homens, rodeados pelas touceiras de cravos brancos, róseos e vermelhos. Algumas pessoas ociosas e sem rumo sentavam-se nos bancos de mosaico, vulgarizados pelas frases comuns das propagandas comerciais. O dia estava tranquilo. A brisa suave mexia com as folhas dos arvoredos, sacudindo os desenhos de luz e sombra, que o Sol traçava sobre a areia miúda dos caminhos e nos canteiros.

Romualdo tentava matar o tempo entretendo-se em observar a paisagem agradável. Logo ouviu o ruído da porta do quarto de Margarida ao se abrir, dando passagem ao médico. Voltando-se, precípite, nem reparou na fisionomia triste do doutor Monteiro, denunciando má notícia.

É menino ou menina? — indagou alvoroçado.

É homem! — respondeu o médico num tom de voz soturno, que espantou Romualdo.

Que aconteceu, doutor?

Romualdo, meu amigo, você não desespere. Francamente, a gente nem sabe como comunicar certos fatos a um amigo.

Romualdo empalideceu pressentindo a dolorosa surpresa que devia esconder-se atrás das palavras aflitivas do médico. Provavelmente Margarida sucumbira durante o parto, ou talvez o próprio recém-nascido. Então, afrouxou os nervos preparando-se para receber a notícia grave e dominar a emoção indisciplinada. Em seguida, falou num tom conformado:

Bem, doutor Monteiro, pode dizer o que aconteceu?

Margarida está bem! — aliviou o médico, de princípio.

E o menino, além de sadio e encantador, seria um sucesso se não fosse a “focomelia”.

O quê? — exclamou Romualdo, sem entender o termo patológico.

Ele praticamente não tem os braços! — respondeu o médico com certo

atropelo nas palavras.

Sem braços? Como? Não pode ser!

Romualdo recuou, num gesto de assombro e horror, deixando as mãos caírem desamparadas próximas do corpo. Os olhos percorreram os quatro cantos da sala. Algo entontecido, fez um gesto de entrar no quarto de Margarida, mas logo mudou de ideia, clamando numa voz desesperada:

Não! Não quero vê-lo, doutor! Esperei, minuto a minuto, esse filho! Vivi-lhe todos os desejos e sonhos no meu pensamento. Acompanhei mentalmente seus passos desde o berço, antecipando-me a ventura de o fazer médico. Queria que ele exaltasse ainda mais o meu nome feito com sacrifício e honradez.

E, num gesto resoluto, sacudindo a cabeça com inusitada veemência, ratificou num tom de voz implacável:

Não quero vê-lo, doutor! Jamais hei de vê-lo!

Acalme-se, amigo Romualdo; de início, tudo é assim mesmo! Não é a primeira vez que participo de acontecimentos semelhantes; mas asseguro que depois você sentirá estima e ternura por...

É inútil, doutor Monteiro! É inútil! Eu não quero ver esse filho de modo algum. Esperei um companheiro para a minha velhice; mas não um mutilado que insulta a minha própria configuração física! Como é possível um casal sadio gerar um ser disforme? Como isso é possível, doutor Monteiro?

Romualdo achegou-se à janela, olhando para fora sem ver a paisagem.

Eu não quero vê-lo! Nunca o verei! — repetia sem cessar.

Romualdo! A culpa não é dele! Isso cabe ao Senhor da Vida e deve ser algum destino cujo objetivo ignoramos. — tentou contemporizar o médico.

Não! A mim, pouco importa quem seja o culpado, pois não transigirei num milímetro a minha resolução. Não darei o meu sobrenome a um aleijão, que depois o levará pelo mundo afora como um estigma deplorável à minha linhagem sadia. Criem-no, quem quiser; menos eu! O assunto está encerrado, doutor Monteiro! Ainda não sou pai, nem tenho filho — completou num tom melodramático.

Depois, tentando moderar o seu nervosismo, indagou:

Margarida sabe disso?

Não. Achei que seria prematuro dizer-lhe a verdade, enquanto ela não se

refizer do parto. Poderá esperar alguns dias para o saber, pois terá de vê-lo despido — redarguiu o médico, profundamente constrangido.

Doutor Monteiro, queira dizer a Margarida que eu fui chamado com urgência para atender um interurbano no escritório. Preciso andar, andar muito e pensar nesta desventura. Quero ficar a sós, algumas horas, comigo mesmo, a refletir quanto à maneira de enfrentar minha mulher para lhe dizer do meu repúdio a esse filho teratológico. Até logo, doutor!

E Romualdo rompeu corredor afora, lábios fortemente cerrados e as mãos crispadas nos bolsos da calça. Repentinamente, voltou-se, dizendo com voz algo ameaçadora:

Por favor! Não diga a Margarida o que aconteceu até eu o avisar, doutor. Primeiramente, procurarei decidir quanto à atitude mais sensata neste caso desagradável.

Tranquilize-se, Romualdo; ela ainda levará alguns dias para sabê-lo.

Haviam decorrido seis anos do incidente acima quando, num formoso domingo ensolarado, ali pelas cinco horas da tarde, Romualdo e Margarida descansavam no varandão confortável de sua granja, no interior do Estado do Rio de Janeiro, onde costumavam passar os fins de semana. Os pessegueiros, as ameixeiras e macieiras resplandeciam de flores rosadas, brancas e vermelhas, rendilhando a paisagem sob o fundo azul do céu límpido e a força estuante da primavera. Romualdo lia revistas e jornais e ouvia no rádio músicas para o entardecer, enquanto Margarida, de óculos, entretinha-se a bordar delicadas flores azuis numa toalha de seda. No tapete de lã, espesso, um menino robusto, de cabelos louros, perto de uns três anos de idade, movimentava-se alegre e risonho, entre bolas, cornetas, tambor, caminhões, cavalinhos, piões e jogos coloridos. Margarida, talvez movida por alguma lembrança mais aguçada, levantou a cabeça do bordado e, num tom asmático, dirigiu-se a Romualdo, absorto:

Romualdo — disse ela num tom pesaroso — creio que o nosso primeiro filho estaria fazendo sete anos, neste mês, não é assim?

Romualdo ergueu os olhos, tentando ocultar certo embaraço, até responder com voz algo insegura:

É! É verdade! Pena ele ter morrido ao nascer!

Ele morreu... morreu de que, mesmo? — insistiu Margarida, tentando

avivar a memória.

Morreu de uma “cardiopatia congênita”. Defeito do coração — esclareceu Romualdo, incomodado com a natureza do assunto.

Ah! Eu havia-me esquecido do que ele morreu! Margarida era um tipo de mulher tranquila, cuja fisionomia plácida não denunciava problemas ocultos, muito fácil de ser convencida. Deu um longo suspiro, traindo o seu profundo sentimentalismo e, antes de se curvar novamente para o seu bordado, ainda rememorou:

Imagine, Romualdo, que falta de sorte. Você esperou tanto aquele filho. Fazia projetos maravilhosos. No fim, mal dei à luz e ele faleceu. O que é a vida?

Romualdo, impaciente, procurou torcer o assunto, distraindo Margarida:

Cuidado aí com o Geraldinho, Margarida, senão ele pode cair da varanda através das grades.

Depois, ele mesmo ficou pensando no acontecimento ocorrido há sete anos, quando aguardava na sala do hospital aquele filho que dera vida tão exuberante e venturosa em sua mente, desde o primeiro instante de gravidez de Margarida. Fora o maior choque de sua vida a notícia dada pelo médico quando comunicou-lhe a falta de braços no recém-nascido. Olhou, de esguelha, para a esposa e não pôde furtar-se de certo remorso ao tê-la enganado, depois de comprar o silêncio da enfermeira e conseguir a adesão do médico a fim de a convencer da morte do filho. Mas isso fora para o seu bem e evitou que ela também viesse a sofrer qualquer traumatismo moral.

Felizmente, conseguira encontrar o casal Venâncio, sem filhos e descendente de modesta família uruguaia, que adotou o menino registrando no próprio nome. Em troca, Romualdo comprou-lhe ótima vivenda, além dos seguros dotais para o menino e o compromisso de polpuda mesada para a sua criação. Era homem de posses e assim pôde descartar-se do filho aleijado, recusando-se a vê-lo sob qualquer pretexto. Mandava regularmente a mesada para o casal Venâncio, através da agência bancária local, e nunca fora à modesta cidade, na fronteira com o Uruguai, onde vivia o filho sem braços e o motivo de seu vexame paterno. Malgrado exames de sangue, líquido raquidiano e pesquisas de “genes” da família materna e paterna, os médicos não encontraram qualquer vestígios de tara ou de herança mórbida. Disfarçadamente, ele mandara fazer exames de Margarida, mas os resultados

negativos também comprovaram-lhe tratar-se de mulher sadia, de bons ascendentes biológicos e sem qualquer acontecimento desairoso na família.

Romualdo soubera que o filho aleijão gozava de excelente saúde; era de uma vivacidade incomum; tinha os olhos azuis e os cabelos louros como a mãe; que, apesar de se mostrar surpreso diante dos demais meninos normais, ele era sempre jovial, boníssimo, empreendedor e talentoso. Havia completado sete anos e já sabia ler e escrever. “Ora”, aparteara Romualdo, descrente, “só se escrevesse com os pés!”

Sim! — respondera-lhe seu Venâncio num tom de desafio. — O menino escreve com os pés! E chamava-se Manuelito, nome do pai de Venâncio, nascido no Uruguai.

Seu Venâncio! — dissera-lhe Romualdo, algo impaciente. — Quando precisar de alguma coisa, o senhor me escreva. Não precisa vir aqui! O menino não me pertence. Dei-o de papel passado e o senhor aceitou-o! Por isso, eu prefiro esquecê-lo e nem sequer saber o que ele faz ou pensa fazer. Compreende, sim?

Compreendo, doutor Romualdo. O senhor falou-me do choque nervoso que teve no nascimento dele. Mas é pena! É um menino inteligentíssimo, querido de todos e parece um anjo...

Basta! Seu Venâncio, por favor, entenda-me! Sim?

Romualdo procurava esquecer o sucedido e riscou da mente o nome de Manuelito. Temeroso de novo fracasso, esperara cinco anos, contrariando a ansiedade de Margarida em ser mãe. Ela vivia amargurada enfrentando noites de insônia, lendo, bordando ou ouvindo música; mas sempre lamentando-se que daria tudo aquilo pela obrigação de trocar fraldas, fazer mamadeiras ou cuidar de filhos. Margarida era o tipo clássico da mulher maternal. Na falta de um filho, transferia para o marido todo o seu afeto e preocupação. Advertia-o incessantemente da chuva, da alimentação, do frio e até dos perigos do trânsito. A vida tornava-se cada dia mais intolerável. Então, ele resolveu arriscar-se, certo de que sempre encontraria um casal Venâncio para criar qualquer outro filho aleijão, pois dispunha de meios suficientes para assumir novo compromisso no caso. Imerso na recordação de alguns anos antes, Romualdo foi despertado pelos gritos de júbilo do menino que, na sua inconsciência infantil, quase estrangulava o gato imprudente. Aquele filho era o seu “oásis”; a compensação que Deus lhe

dera após o nascimento do primeiro sem braços. Acariciou-lhe os formosos cabelos louros, num gesto venturoso:

Geraldinho é um primor de saúde e encanto, perto daquele filho que era... era...

E ante a indagação muda, mas curiosa de Margarida, ele corrigiu a tempo:

Era fraco do coração. Não é?

Ah! Sim, foi uma pena! — e Margarida também voltou os seus olhos enternecidos para o filho, cujos olhos azuis refulgiam no rosto rosado sob a moldura atraente dos cabelos louros a despedirem cintilações sob os derradeiros revérberos do Sol.

Passaram-se mais de quinze anos, depois da cena do varandão. Em noite tranquila e enluarada, em populoso arrabalde do Rio, destacava-se formosa vivenda edificada entre arvoredos copados e arbustos ornamentais a dançarem tangidos pela brisa soprada do mar. As lâmpadas elétricas iluminavam prodigamente o vasto jardim da suntuosa residência, refletindo na superfície de luxuosa piscina de forma oval, encravada no tapete de grama florescente. Um largo portão ornamentado com volutas em cor de alumínio dava entrada para um largo caminho de lajotas vermelhas e castanhas, ladeado de abajures de luz resplandescente até o abrigo da parte da frente.

Havia soado quinze minutos para meia-noite e o vasto salão da frente estava iluminado. Era um aposento decorado em coral quase fosco com larga porta envidraçada, emoldurada por caixilhos de imbuia e almofadas de pau marfim, guarnecida por cortinas de veludo vermelho-escuro franjadas de um pérola esmaecido. O assoalho era forrado, de parede a parede, por um tapete persa tão macio como o pêlo do gato angorá. Quadros valiosos, enfeites de boa ourivesaria, jarras e estatuetas de alabastro, abajures à meia-luz e um riquíssimo candelabro da Baviera completavam a beleza do aposento.

Recostado em confortável poltrona, encontrava-se Romualdo, enquanto Margarida, à sua frente, mexia em ricas bijuterias depositadas numa caixa feita de sucupira lavrada. Ambos estavam acabados. As fisionomias maceradas pelo sofrimento estampavam um ar de aflição, fruto de alguma dor prematura. Romualdo apresentava os cabelos estriados de branco e muitas rugas na testa, embora só contasse 47 anos de idade. Emagrecera

bastante e se via nele o esforço incessante para dominar a pressão abafada nos nervos tensos. Margarida usava o cabelo em coque e a sua costumeira palidez agora se mostrava cerácea. Os pés de galinha sulcavam-lhe os cantos dos olhos; os lábios mostravam-se laminados, num ritus aflitivo, em decorrência da permanente contração nervosa. Em torno de ambos, exalava-se uma aura de infortúnio e dor moral, que o luxo e a beleza daquele aposento não podia dissimular. Romualdo falava e as mãos se moviam num gesto quase de súplica, queixa ou desespero, traçando arabescos nervosos no ar. Dali a pouco, o gigantesco relógio situado num canto do aposento, como implacável vigia das horas de sofrimento humano, fez um rendilhado de sons saltitantes e depois bateu sonoramente as doze badaladas da meia-noite.

Romualdo ergueu-se, foi à janela e, afastando o luxuoso reposteiro de seda, perscrutou a rua, procurando divisar alguma coisa no pontilhado de luzes refletidas pelas lâmpadas sobre a umidade do asfalto. Depois, ele fechou a cortina num gesto de completo desânimo e sentou-se na poltrona, juntando as pontas dos dedos num tremor convulso e dominado por reflexões dolorosas.

Nada? — indagou Margarida, num queixume.

Nem sinal dele! — suspirou Romualdo, abrindo as mãos num gesto desesperançado. — Que nos espera esta noite? Amanhã? Depois? Ou daqui a um mês? Como decidir isso, Margarida? Como solucionar esse problema terrível? Qual a nossa culpa em tudo isso? Onde pecamos?

Caminhou, agitado sobre o tapete macio, passando repetidamente as mãos no cabelo.

Que devemos fazer? Abandoná-lo? Desistir da vida?

e rodeou a mão num gesto brusco, como se quisesse abarcar toda a sua propriedade.

Que vale tudo isso sem ele? E, paradoxalmente, que vale isso tudo com ele?

Achegou-se de um pequeno móvel de imbuia com tampo de mármore, onde se achava um balde de prata com delicados relevos e repleto de gelo. Retirou a garrafa de “whisky” e despejou o líquido no copo, até ao meio, adicionando água mineral.

Devemos ter paciência, Romualdo. Talvez seja a idade, embora eu

reconheça que Geraldinho já passou da conta e está nos matando aos poucos! — aduziu Margarida com os olhos lacrimosos. — Confio em Deus e tenho esperanças de que ele ainda há de se regenerar!

Não creio, minha velha! Geraldinho fez dezoito anos e, estupidamente, eu ainda o emancipei. Envergonho-me de dizer; mas nosso filho é um delinquente. Um delinquente igual a dezenas de outros, cujos pais desesperados costumam contratar-me para defendê-los nos tribunais. Mas, é nosso filho! Se o abandonarmos, o mundo o massacra duma vez.

Romualdo caminhava nervoso com o copo na mão esquerda, bebericando goles de "whisky" e agitando a mão direita, quase frenético.

No entanto, Margarida, temo a minha própria reação diante de qualquer nova ocorrência. Já não suporto mais essa espera maldita! Preciso viver, desafogar um pouco ou rebentarei de tanta tensão. Que fizemos nós para merecermos filho tão rebelde? Que fiz eu, enfim, para ver exterminado o meu ideal mais puro na vida? Porventura não mereço um filho de minha estirpe moral? O primeiro... Bem, o primeiro faleceu ao nascer, e Geraldinho, sadio e venturoso, perverteu-se nos albores da adolescência.

Cessou, de súbito, quase alarmado pela terrível associação de ideias que lhe invadiam a mente. O outro! O aleijado! Sem braços, o mais necessitado, ele o deserdara entregue à própria sorte! Ao filho que nascera sadio e amparado por todos os recursos favoráveis da natureza, dera-lhe a fortuna, o conforto e a proteção incondicional contra as surpresas da vida humana! Onde estaria o mísero aleijado? Vivo, morto? Na miséria? Desde a morte do casal Venâncio jamais soubera dele. Porém, estava certo que viveria bem com o bom pecúlio herdado dos pais adotivos.

Nervoso, tamborilava os dedos no braço da confortável poltrona, numa evocação masoquista da vida turbulenta e irresponsável de Geraldinho, o filho adorado, ao qual jamais negara a satisfação do mínimo capricho ou censurara de qualquer traquinada. Agora, refletia de "cabeça fria", sem os pieguismos paternos a lhe cegar o sentido exato das coisas. Percebia ter sido iludido manhosamente pela astúcia, insensibilidade e falta de escrúpulos do filho solerte. Menino ainda, era o terror dos bichanos e dos cães vadios, revelando estranha volúpia ao maltratar os animais, aves e insetos.

Malgrado custosos presentes e a prodigalidade de gastos, às vezes inoportunos, Geraldinho mal terminara o curso primário e fugira do ginásio,

usando de todas as artimanhas e engodos para evitar o estudo. Ferira a dignidade de professoras condescendentes que, a pedido de Romualdo, haviam esgotado a paciência em ensinar menino tão daninho, cínico e debochado. Geraldinho conseguira fazer-se expulsar de dois colégios de alta tradição pedagógica. Insultara autoridades, que relaxavam as queixas dos seus danos, em consideração ao famoso causídico, doutor Romualdo Moreira.

O futuro médico dos seus sonhos fora-lhe um malogro, assim como o primeiro havia sido, por nascer sem braços. Isso agora o irritava. Sentia-se traído acintosamente nos sentimentos de pai amoroso e de homem digno. Reconhecia, tardiamente, que o carinho excessivo, a tolerância e facilidade em satisfazer ao filho todos os desejos pelo poder mágico da fortuna, acabara por favorecer as más qualidades da alma. O seu dinheiro abria todas as portas para livrar Geraldinho da prisão, relaxando punições, indenizando prejuízos e cobrindo salafrarices frequentes. Com isso, assegurara ao filho, de modo imprudente, uma confiança absoluta de que a Lei jamais poderia atingi-lo! Rico e abalizado advogado da cidade, as autoridades deveriam respeitá-lo ou atendê-lo em todas as atividades censuráveis do seu descendente.

Romualdo agora sentia rugir, no imo da alma, a violência do seu amor-próprio ferido pela humilhação e pela frustração. Reconhecia que fora apenas o “velho” ingênuo e sentimentalista, sempre pronto a solucionar todas as tropelias, arruaças e dívidas escorchantes. Recordava-se do brilho sardônico nos olhos de Geraldinho, do ar de sarcasmo ou zombaria entendíveis pelos companheiros, ao livrar-se das punições “improcedentes”, graças ao prestígio e autoridade do pai.

Recostou-se na poltrona, profundamente ressentido das próprias tolices ou sentimentalismos. Engoliu bruscamente o resto do “whisky”, entrecerrando os olhos num impulso mórbido de autoflagelação e julgando, mentalmente, os atos e imposturas do filho desnaturado. Teria de distinguir, honesta e imparcialmente, a intensidade do deboche, do cinismo e da maldade de Geraldinho, em confronto com as virtudes ou qualidades que ainda pudessem existir a seu favor. O balanço foi trágico e sem compensação, pois o filho demonstrava completa falência moral. Era um bruto, que havia-se divertido com a bondade, o

amor e a proteção incondicionais dos pais.

Quando aquilo realmente começara? Certa madrugada, surpreso e enraivecido, Romualdo saltara da cama e fora à delegacia de polícia protestar contra a infâmia de encarcerarem seu filho, um menino de quinze anos, só porque, ao retornar da festividade do seu aniversário natalício, ele e os companheiros haviam reagido contra um guarda-noturno, inculto e inexpressivo. Sem dúvida, os rapazes quebraram as costelas e o crânio do guarda; mas isso teria sido depois de ele os atacar perigosamente! Porventura, esses ferozes representantes da Lei não haviam tido mocidade para compreender a euforia dos jovens numa brincadeira inofensiva? Romualdo pagara a hospitalização do guarda ferido, indenizando-o ainda pelos dias de inatividade, o que lhe devia ter sido de boa compensação. Algumas semanas depois, fora o acidente com o guardião da fábrica de cigarros, quando Geraldinho o atropelara por falta de visibilidade em madrugada de cerração. No décimo sétimo aniversário do menino, e a pedido de Margarida, Romualdo dera-lhe um "carro-esporte", conseguindo licença precária para o filho dirigi-lo. Quando Geraldinho acariciou a capota e os paralamas do carro, sentindo-se tão feliz no veículo, Romualdo não pudera vencer a emoção ao perceber que também era dele a alegria do filho.

Não faça as ruas da cidade de pista de corrida, Geraldinho — advertira-lhe numa voz de amistosa censura.

Tranquilize-se, pai! O mestre aqui sabe tocar essa "gostosa" no meio dos "pinguins" sem lhes arrancar as asas! — respondeu de modo fino e sarcástico.

Credo! Que linguagem esquisita, Geraldinho! — estranhara Margarida.

Ora, mãe! Até você está "boiando" e não "morou" na jogada? — e deu-lhe um beijo apertado no rosto, que fez Romualdo sorrir, compensado de sua primeira repulsa à gíria.

Alguns dias eram transcorridos, quando chegou a notícia trágica. Geraldinho, como um bólido, a correr pela Avenida Central tirou um "fininho" de outro automóvel, perdeu a direção e subiu à calçada, esmagando contra o muro duas meninas de onze e treze anos que ali brincavam. Romualdo chegou à

"Delegacia de Trânsito" e viu Geraldinho tão pálido, boquiaberto e

angustiado pelo que acontecera, que sentira o coração arrasado e fora abraçar o menino pela sua “má sorte”. Ali mesmo, havia prometido livrá-lo das consequências punitivas do acontecimento fatal e imprevisto, solicitando ao médico para assisti-lo naquele transe.

Mobilizando o seu prestígio e amizades, conseguiu isentar Geraldinho da culpa pela imprudência que lhe era atribuída. O técnico do trânsito, em troca de polpuda gorjeta, assegurou no laudo que o desastre se devia “à quebra inevitável do garfo da direção”. Margarida também havia abraçado o filho num amplexo lavado de lágrimas, consolando-o quanto ao acontecimento, pois aquilo poderia acontecer a qualquer pessoa. Quem estaria livre de atropelar um transeunte descuidado pelas ruas? Com referência à família das meninas atropeladas, gente modesta e de poucos recursos, ainda se deu por muito satisfeita ao receber régia indenização pelo casual acidente.

Revendo o passado, Romualdo não duvidava, no momento, da realidade dos sentimentos condenáveis de Geraldinho, irresponsável e cínico, até nos comentários mais trágicos. Lembrava-se de uma indagação curiosa de alguém sobre o desastre; ele respondera em flagrante dureza de coração:

Ora, você sabe como foi? Bobice daquelas imbecis. “Moraram” demais no “ponto” e acabaram engraxando as rodas do meu “esporte”!

Um frio gélido passou pela espinha de Romualdo ao lhe cair a venda ilusória das próprias convicções, ante a significação cruel da frase do filho debochado, ao qual não dera o devido apreço na época. Aliás, após amainar a tempestade, Geraldinho retornara à vida pública, guiando outra vez o “carro-esporte” como um bólido, às gargalhadas festivas e troçando do acidente como se fosse um troféu conquistado em competição gloriosa. Cada vez mais seguro de sua impunidade, ele se desmandou numa onda de distúrbios e conflitos, habilmente justificados por circunstâncias e imprevidências alheias. Romualdo abria a carteira e enchia cheques, cobrindo despesas hospitalares de atropelamentos. Indenizava raparigas insultadas pela “gang” do filho, ou mandava substituir mobiliário quebrado em hotéis, bares e agremiações desportivas. Conseguira livrar o “menino” de dois casamentos inconvenientes com jovens paupérrimas que, decerto, haviam tentado “chantagem”, alegando violência sexual por se tratar de filho de pai rico. Margarida ficara enferma até a solução favorável desses acontecimentos tão desagradáveis. E havia também um processo duvidoso de

conhecida e volúvel enfermeira, teimando em acusá-lo com os companheiros de uma “curra” em sua filha menor.

Romualdo, a conselho de pessoas experientes, resolveu trancar o “carro-esporte” na garagem e suspender a pródiga mesada de Geraldinho. Três dias depois, teve de comparecer à Polícia para indenizar os donos de dois carros roubados e massacrados contra postes pela “gang” do filho. Logo em seguida, cobriu uma série de cheques falsificados por ele em seu nome e emitidos para suprir as noitadas viciosas e fartas de bebidas.

A “gang” mostrava-se cada vez mais frenética. Os rapazes invadiam os lupanares, ameaçando surrar infelizes mulheres. Bebiam nos bares e divertiam-se em provocações aos frequentadores e garçons. Tentando ultrapassar um ônibus, Geraldinho pegou um “Ford” que surgira à sua frente, fê-lo tombar desgovernado na barroca. No desastre, saíram ilesos a mulher e o marido. Contudo, a menina de seis anos, filha do casal, ficara completamente esmagada entre os ferros retorcidos. O carro-esporte transformou-se num montão de ferragem inútil; porém, Geraldinho, como o “afilhado do Diabo”, fora atirado, através da porta esquerda arrancada pelo outro carro, caindo afortunadamente sobre o barranco revestido de touceiras de capim, tendo apenas a fratura do braço esquerdo e leves escoriações pelo corpo. Dos cinco companheiros da “gang”, dois jaziam mortos entre os escombros do carro; os outros três foram recolhidos ao hospital com algumas contusões mais ou menos graves. Só então a Polícia identificou o motivo das correrias frenéticas de Geraldinho e de seus comparsas, pois, além de se embriagarem com álcool, eram viciados em entorpecentes.

Romualdo, a conselho do Chefe de Polícia, seu amigo íntimo, concordou em deter o filho durante um mês na própria residência, submetendo-o a tratamento médico contra o vício das drogas. Malgrado a indocilidade, o nervosismo e algumas ameaças, em virtude da excitação produzida pela falta de álcool e das “bolinhas”, Geraldinho permaneceu durante trinta dias preso no lar. Porém, Romualdo não poderia conservá-lo ali, em definitivo. Conversou demorada e amistosamente com o rapaz e fê-lo prometer que se regeneraria, assumindo novas diretrizes na vida. Ademais, aquela segregação amistosa reparara-lhe também a saúde, bastante abalada pelos entorpecentes, e promovera a consequente melhoria nervosa.

Aquela noite era a primeira vez que o rapaz saía, motivo pelo qual os

pais se mostravam apreensivos e abatidos. Aguardavam o retorno do filho que havia prometido chegar em casa até as dez horas da noite. Entretanto, o ponteiro implacável do relógio já acusara uma hora da madrugada. O sono e o cansaço dominavam ambos; Romualdo levantou-se animado, ouvindo o ruído de um carro. Aproximou-se da janela. O veículo vinha em disparada pela rua asfaltada; mas, descrevendo rápida curva, passou diante da residência em direção ao subúrbio. Completamente desconsolado, ele propôs à esposa:

Margarida, vamos deitar! É inútil esperar. Vamos; seja o que Deus quiser. Geraldinho não tem mais respeito e consideração pela nossa dignidade e afeto. Nada mais lhe significamos do que simples "fornecedores" de recursos para ele se devotar à sua vida devassa de prazeres e violências.

Haviam-se deitado, quando o telefone tocou. Antes de pegá-lo, Romualdo estremeceu e Margarida recostou-se nos travesseiros, levando a mão ao peito num gesto de profunda angústia. Do outro lado do fio, soou uma voz conhecida dele, o doutor Diniz, delegado da "Ordem Social Pública". Romualdo foi ouvindo o que ele dizia, meneando a cabeça, de vez em quando, ou murmurando algum sim inexpressivo.

Morreu? — indagou friamente, num tom que fez Margarida afligir-se. Depois de algum tempo, respondia: — Não, doutor Diniz! Jamais sairei daqui para atender Geraldinho. Ponha-o na cadeia, sem dó nem piedade! Diga-lhe que se quiser advogado, faça petição de indigente, pois vou deserdá-lo amanhã. Não! Doutor Diniz, sou homem de uma só palavra. Não importa! Não tenho filho! Isso foi há muito tempo.

Desculpe-me. Minha decisão é irrevogável; não voltarei atrás. Boa noite e agradeço-lhe as palavras de consolo!

Largou o fone. A fisionomia estava contraída e severa; fitou um ponto vago no espaço e deu um suspiro que lhe subiu do fundo da alma. Enquanto o coração sangrava, acometido pelo sentimentalismo paterno, aquela resolução significava o rompimento definitivo do pieguismo que o acorrentara tantos anos ao filho desbragado. Não transigiria, jamais!

Que foi? — inquiriu Margarida, aflita.

Geraldinho e sua "gang", outra vez!

Que ele fez?

Meteu a faca num garçom de bar, onde farreavam e se forneciam de drogas entorpecentes. Foi preso em flagrante.

Machucaram muito o homem?

Morreu, ao dar entrada no hospital!

Margarida arfou, desesperada. E depois indagou, alarmada:

Ah! Meu Deus! Você não vai à Polícia?

Romualdo estendeu a mão em direção ao abajur da mesinha de cabeceira e, antes de apagá-lo, de fisionomia séria, exclamou com voz seca e que fez a esposa estremecer, espantada:

Não vou, não, Margarida! Não sei quem é esse "tal" de Geraldinho!

No dia seguinte, contratou corretores e pôs à venda todos os bens. Substabeleceu suas causas em juízo para colegas experimentados, foi ao cartório e redigiu a minuta deserdando Geraldinho. Dias depois, mudava-se com malas e bagagens para Porto Alegre, decidido a recuperar a vida destruída pelo filho devasso e cruel, cujo nome não permitia que fosse pronunciado à sua frente. Resolveu excursionar pela América do Sul e iria mesmo até ao México. Recuperaria os nervos abalados e traçou um roteiro pela Venezuela, Bolívia, Peru, Chile, Paraguai, de onde retornaria a Buenos Aires para ficar algum tempo.

No entanto, mal supunha o tremendo choque que o esperava na capital portenha quando o destino teimava em lhe avivar velhas cicatrizes de amarguras infindas. Passava diante de conhecido teatro e deparou-se com o cartaz desafiante, em castelhano e num belo colorido. Ficou meio atarantado e tão pálido, que Margarida indagou-lhe, apreensiva:

Que houve, Romualdo? Você está doente?

Ah? Não é nada, não! Vamos ali para aquela confeitaria.

Quero sentar-me e pensar! Preciso pensar!

Enxugou o suor do rosto e, dando o braço à mulher, atravessou a rua rapidamente, sentando-se à primeira mesa da "Confeitaria Estrelita".

Mas, Romualdo?

Deixe-me! Deixe-me pensar! Que refresco deseja?

Doces?

À noite, ele havia decidido. Não fugiria mais, embora isso viesse lhe causar novas dores. Precisaria conhecer as próprias reações, a natureza real

dos seus sentimentos; rever-se a si mesmo, analisar o seu domínio e o caráter tão obstinado. Sim, iria ao teatro aquela noite, aproveitando o ensejo de julgar friamente a si mesmo, talvez sofrer violenta tortura masoquista.

Acompanhado de Margarida, penetrou no teatro apinhado de espectadores. Minutos depois, a orquestra executava a “ouverture” de “Cavalaria Ligeira” de Von Suppé, oferecendo ao público melodia leve e graciosa. Após veementes aplausos, o enorme e luxuoso pano de boca abriu-se para iniciar o encantador espetáculo. As bailarinas eram impecáveis, ágeis e flexíveis, movendo-se com a leveza de borboletas esbranquiçadas a voejar ao ritmo das ondulações melódicas do “Lago dos Cisnes”, de Tchaikovski. Encerrou-se o primeiro ato com diversas danças da suíte “El Amor Brujo”, de Fala, após movimentadas demonstrações rítmicas das”Danças Eslavas”, de Dvorak. O segundo ato também foi recheado de melodias agradáveis, de historietas curtas e cômicas, onde a graça se fazia mais pela finura de espírito e não pela malícia ou deboche. Tudo era limpo, de gosto fidalgo e talento, numa aura de embevecimento sadio. Ninguém corou na plateia, envergonhado pela graça infeliz das piadas obscenas ou citações repugnantes próprias dos maus artistas. O riso farto e sadio explodia por força das situações engendradas habilmente pelo autor de bom quilate espiritual. Havia beleza, jovialidade, respeito, inteligência e bom senso, aliados à arte de bom gabarito. No entanto, os programas explicavam que um só homem era o gênio realizador de toda aquela festa de magia e encanto. Finalmente, a orquestra executou, sob elogiável equilíbrio sonoro, a “Marcha Triunfal” da ópera “Aida”, anunciando o início do terceiro ato.

Aos últimos acordes da orquestra, surgiu ao palco um integrante da companhia, comunicando em voz vibrante:

Senhores e senhoras! Agora apresentaremos um dos mais empolgantes triunfos do espírito humano sobre a matéria, demonstrando-vos, que a alma sadia é a senhora absoluta do corpo carnal! — encurvando-se, em mesuras e louvores, acenou para a direita, exclamando: — Senhoras e Senhores! Convosco Manuelito, o Mestre, o Enciclopédico e o Poderoso, que faz com os pés atividades que milhares de homens não as realizam com as mãos!

Entre delirantes aplausos do público, apareceu no palco um moço de uns vinte e seis anos. O porte airoso e atraente mais se realçava quando ele movia-se com encantadora graça. O rosto era impecável e seráfico; os olhos

fulgiam num azul-celeste, sob a moldura dos cabelos louros e cintilantes sob as luzes da ribalta. Vestia uma blusa de seda verde-claro e fofa, de mangas curtas e gola esporte. A calça era de flanela branca, “à la espanhola”, toda bordada de fios verdes malva-escuro em volutas e arabescos atraentes, presa à cintura por uma faixa larga de veludo cor de cereja e que depois formava um laço à esquerda, caindo em pontas franjadas de fios de seda num tom de pérola. Ele seria um apolo, se não fosse aleijão! Não possuía braços! Mas a piedade surgida, no princípio, entre os espectadores, logo se transformou em aplausos entusiastas e exclamações de admiração, assim que ele começou a revelar o talento e a habilidade incomuns.

Utilizando-se dos pés, cujos dedos eram longos e flexíveis, em razão dos exercícios incessantes, Manuelito fez as demonstrações mais fabulosas com a graça e a agilidade de um pássaro. Frente à máquina de escrever, provou ser exímio datilógrafo. Apanhando a caneta-tinteiro, escreveu versos de vários gêneros, numa grafia serena e harmoniosa, alinhando frases, aforismos e conceitos que, ao serem distribuídos ao público, arrancaram demorada ovação. Em seguida, compôs, em papel apropriado, pequenos trechos de música ligeira e alguns rápidos arranjos de melodias conhecidas, num entrecho musical agradável, que prolongou as ovações dos espectadores durante a execução pela orquestra. Sentou-se na banqueta, um pouco mais afastado do piano e, dedilhando o teclado com os dedos dos pés, executou em toda a sua fragrância a encantadora eterna página musical de”Sonho de Amor”, de Liszt. Rapidamente, interpretou pequena rapsódia alinhavada com trechos musicais de Chopin, destacando os sons saltitantes das valsas aligeiradas, a marcialidade das “polonaises” e a poesia cristalina dos “prelúdios”, para finalizar com o tema fundamental do “Noturno” em Mi Bemol Maior.

Minutos depois, os seus auxiliares trouxeram ao palco um instrumento de aparência incomum; era semelhante a um acordeon em horizontal com o fole em vertical e de gomos bem longos, cujo teclado amplo era bastante saliente. Manuelito colocou o pé esquerdo numa alça situada na extremidade do fole e, com o pé direito, percorria o teclado lenta ou aceleradamente, num arranjo particular sobre diversos trechos musicais das “fugas, sonatas e prelúdios” de Bach, provando que também era excelente organista. Ato contínuo, deitou o violoncelo da orquestra no soalho, sentou-se comodamente na poltrona e,

apanhando do arco, interpretou sobre as cordas algumas partes da peça "Poeta e o Camponês", de Von Suppé, incluindo alguns trechos da abertura de "Guilherme Tell", de Rossini, delirantemente festejado pelo público.

Manuelito sorria agradecendo em curvaturas gentis. Em seguida, desdobrou pequenas folhas de papel no palco e pintou rapidamente à aquarela duas miniaturas de paisagens platinas; servindo-se de folhas mais amplas, embebeu os pincéis nas latas de tintas multicores e, ágil e seguro, decorou três fundos cenográficos, comprovando ao público entusiasta que ele também era o autor dos magníficos cenários da companhia de variedades. Ali estava vivo e sólido, Manuelito, diretor, cenarista, orientador, argumentista, produtor, compositor, poeta, criador e o principal artista do espetáculo. Era, enfim, o homem enciclopédico, "el poderoso", o triunfo do espírito sobre a matéria.

Na apoteose final, surgiram ao palco todos os artistas ladeando Manuelito, o qual, sorridente, feliz, agradecia aos aplausos intermináveis, comovendo o público pela sua resignação e estoicismo ante a deformidade. Ele fez um sinal para o lado direito do palco e logo surgiu encantadora jovem de cabelos negros e movimentos graciosos, acompanhada de um menino de cinco anos, sorridente, que vestia um traje espanhol semelhante ao de Manuelito, seu pai! O quadro emotivo e absorvente sensibilizou de tal modo os espectadores, que todos puseram-se de pé a gritar na euforia latina: "Gracias! Muchas gracias, Manuelito!"

Romualdo tinha os olhos quase esgazeados pelo esforço de não trair os sentimentos que o invadiam, o que só conseguia graças ao seu temperamento rígido e obstinado. Lutava heroicamente para não chorar, e na mente hipersensibilizada projetava-se a síntese de todos os contrastes da vida atormentada. Manuelito e Geraldinho, luz e sombra, santo e demônio, virtude e vício, heroi e pusilânime! E, porque não dizer, também: Manuelito, o homem são e Geraldinho, o aleijão?

Ergueu-se da poltrona, empurrado por aquele desejo veemente de andar toda vez que experimentava problemas nevrálgicos cruciantes. Embora reconhecendo que era irremediavelmente tarde para consertar tudo aquilo, ele se voltou mais uma vez para o palco iluminado e pousou os olhos sobre o trio formoso: o filho, a nora e o neto! Ajeitou os óculos, desviando, a tempo, duas lágrimas teimosas e próprias de um sentimentalismo tolo que lhe

contrariava o temperamento pétreo. Subitamente, fixando Margarida lavada em lágrimas, perguntou-lhe num tom de voz desconfiada:

Que é isso, Margarida? Você conhece Manuelito?

Oh! Não! — respondeu ela, mal conseguindo dominar os soluços sob o lenço ensopado. — Por que Deus concedeu-me um filho tão perverso, como Geraldinho, e não me enviou um filho assim, igual a Manuelito, mesmo sem braços?

Eu acabara de ler a biografia de Manuelito, Romualdo, Geraldinho e Margarida no "Departamento de Fichas Cármicas" da metrópole do "Grande Coração", onde fora atendido gentilmente por Samuel, espírito que na última existência terrena descendera da raça hebraica. Ali estavam as especificações siderais[24] de um punhado de espíritos, cuja romagem educativa se fazia no Brasil, há três séculos. Era uma espécie de biblioteca ou arquivo de "fichários individuais", onde se poderia conhecer a história de diversas entidades entrelaçadas sob o mesmo carma coletivo. Perscrutando a vida de Manuelito, pude conhecer a vida de Geraldinho, Romualdo e Margarida, assim como poderia conhecer a vida de Manuelito, apenas investigando a biografia dos primeiros. Animado pela afabilidade de Samuel fiz-lhe algumas perguntas, que ele respondeu-me sem constrangimento:

Estimado irmão Samuel — indaguei-lhe — qual foi o motivo cármico de Manuelito ter nascido sem braços?

Manuelito é entidade de alta estirpe sideral, caro amigo Atanagildo. Conforme você mesmo verificou através do "prefixo-sideral" da ficha cármica, ele supera bastante a graduação dos demais membros de sua família espiritual. Quando Manuelito soube que Romualdo, entidade do próprio grupo familiar, iria ser pai na Terra de um filho "focomélico"[25] para se recuperar das imprudências de vidas pretéritas quando deixou ao abandono filhos aleijados, Manuelito solicitou aos "Senhores do Carma" essa oportunidade de nascer sem braços. Almejava viver na carne existência dificultosa, que lhe permitisse exercitar e concentrar as energias espirituais num esforço incomum a fim de melhorar os poderes criadores e depois ajudar os companheiros retardados. De princípio, os "Mestres Cármicos" negaram-lhe o pedido, alegando que Romualdo ainda não merecia, na família carnal, entidade de graduação superior como Manuelito, cuja presença seria

sempre de benefício e realce à parentela humana.

Após alguns momentos de meditação, inquiri novamente:

Amigo Samuel, ser-vos-ia possível dar-me outros esclarecimentos?

Fale, meu filho!

Disse-me o bom amigo, que Manuelito não precisaria encarnar-se deformado porque estava isento de culpa cármica; assim o fez espontaneamente aproveitando o ensejo de resgate pretérito de espírito de sua própria família espiritual. Como entender a lógica dessa decisão, ou qual a sua significação?[26]

Ora, querido Atanagildo, você sabe que a Terra não é apenas um mundo de reajuste cármico de nossos equívocos passados, porém escola de educação espiritual proveitosa, malgrado o primarismo do seu cenário e o tipo psíquico de sua humanidade. Na Crosta material, adquirimos os rudimentos de alfabetização do espírito, para depois integrarmo-nos corretamente na linguagem própria dos anjos.

Silenciou, alguns momentos, e aduziu:

Você já avaliou a persistência, a perseverança, a paciência, o domínio, o treino, o estoicismo de Manuelito para desenvolver aquela flexibilidade e o autodomínio perfeito dos dedos dos pés, até lograr o êxito de igualar-se aos demais homens? Aliás, superá-los nas tarefas da vida em comum? É certo que a natureza compensa a falta de certos órgãos pela hipertrofia dos órgãos remanescentes. Sabe-se que o pulmão, o rim ou o próprio olho humano duplicam sua sensibilidade e capacidade para compensar a extirpação ou o colapso do companheiro. Ainda menino, Manuelito já possuía os dedos dos pés com mobilidade e crescimento além do homem comum, mas foi a sua energia espiritual agindo como catalizador, que depois lhe proporcionou o pleno domínio nos pés. Além disso, ele se glorificou pela demonstração heroica de comprovar o poder indiscutível do espírito imortal no comando da carne.

E, como pretendesse avaliar o efeito de suas próprias palavras, o laborioso Samuel disse-me num tom revelativo:

No programa de recuperação espiritual de Romualdo, o homem que deveria nascer sem braços no seu lar era Geraldinho e não Manuelito!

Geraldinho? — indaguei, surpreso. — Porventura isso não seria prova

demasiadamente severa para Romualdo?

Como ele poderia resignar-se ante um filho aleijado de corpo e de alma?

Samuel sorriu, esclarecendo-me:

Meu bom amigo, você mesmo certificou-se de que Romualdo nem quis saber do filho aleijão. Portanto, não lhe importaria se o aleijado fosse Geraldinho ou Manuelito, pois o pai sempre o abandonaria ao nascer. Obviamente, Romualdo agravou sua prova cármica para o futuro, vencido pela obstinação e orgulho e pelos característicos de vidas anteriores.

Geraldinho, espírito rebelde e mesquinho, deveria nascer sem braços porque o seu defeito físico ser-lhe-ia de imenso benefício, freando-lhe os impulsos perigosos e as iniciativas perversas. Sem braços, ele não poderia participar, coerentemente, das atividades comuns do mundo, nem conduzir carros de alta velocidade, a ponto de trucidar meninas e abalroar outros veículos matando os ocupantes. Não poderia atacar moçoilas imprudentes, impor-se ante as autoridades, esbofetear prostitutas, agredir vigilantes noturnos, esfaquear garçons, roubar automóveis ou falsificar cheques. Apesar da fortuna e do prestígio do pai, ele não passaria de um aleijado digno de comiseração alheia, vivendo em condição humilhante, mas pacífica.

Creio que, nesse caso, Geraldinho ainda seria mais revoltado e daninho — comentei, hesitante.

Bem, isso seria inevitável e decorrente do seu caráter rebelde e destrutivo, próprio de um "anjo decaído" ou "espírito exilado", em permanente rebelião contra os poderes angélicos, negando-se à ascese espiritual e desforrando-se dos próprios companheiros de romagem terrena. No entanto, Geraldinho além de nascer equipado com braços, em virtude de Romualdo rejeitar Manuelito, ainda recebeu dos pais todos os meios possíveis para vazar as imperfeições morais numa ofensiva pertinaz e feroz, que culminou em trágicas consequências. Aleijado e não podendo agir de modo brutal e perverso, talvez sublimasse a deficiência física com alguma realização educativa do espírito. Mas a Lei atendeu à própria decisão de Romualdo, que recusou Manuelito, aleijado, mas um tipo espiritual generoso e sábio, fazendo jus a Geraldinho, sadio de corpo, mas enfermo de alma. Que péssima transação fez Romualdo com a Divindade! — arrematou Samuel.

Traindo um sorriso piedoso de si mesmo, Samuel comentou jocoso:

Francamente, Atanagildo, se eu vivesse junto de Manuelito na Terra e o visse executar com os pés, ao piano, e de maneira tão primorosa, Beethovem, Chopin e Liszt, e depois Von Suppé e Rossini ao órgão, coisa que mediocremente mal consegui com ambas as mãos, tremeria de vergonha!

Batendo-me cordialmente no ombro, enquanto mais refulgia o seu halo mental luminoso sob o combustível de pensamentos sublimes, Samuel encerrou, em definitivo, o nosso diálogo:

Atanagildo! O que é infelicidade irreparável para um homem, pode ser a glorificação de outro, sem que isso indique reparação cármica. Jesus recebeu a coroa de glória no sacrifício da cruz; mas, pelo que eu saiba, a sua crucificação não foi qualquer reajuste cármico por ter crucificado alguém. Ele era o Mestre; mas preferiu viver em si mesmo as lições ensinadas aos homens! Glorificou o madeiro infamante da cruz, deixando a mensagem salvadora à humanidade: “Servir até na morte; Amar até na dor!”

ADESTRAMENTO MATERNO

A noite estava tranquila, e alguns fiapos de nuvem prateados pelo luar de setembro vagabundeavam pelo céu límpido. No casarão do velho Genaro, emigrado bem jovem da Itália, a alegria e a atrapalhação tomavam conta dos familiares.

Cristina, a caçula, moça belíssima em seus dezesseis anos, casava-se com Jamur, rapaz alegre, bem apessoado, mas algo pródigo de bolso e de gastos, e que mal havia conseguido alguns modestos móveis de pinho para montar a casa. Descendente de sírios, Jamur não fora bem recebido por Genaro e alguns membros da família. Eles desejavam melhor partido para Cristina, tão linda, com seus olhos de jaboticaba a refulgir num rosto rosado e macio como as pétalas de rosas ao desabrocharem.

Genaro casava a última filha e, conforme dizia, “pagava a última duplicata”. Coerente com a tradicional fertilidade característica da raça italiana, ele possuía onze filhos: três homens fortes e ruidosos e oito mulheres, sendo Cristina a oitava duplicata a ser resgatada. Dom Genaro, como era mais conhecido e assim preferia ser chamado, já atingira os setenta anos de idade e esperava usufruir uma vida sossegada dali por diante, junto à dona Carolina, a esposa. Entretanto, esse prazer era impossível, pois à medida que aumentava a fauna de genros e noras, os netos também nasciam trimestralmente, à guisa de prestações vencidas em datas certas, trazendo novas complicações demográficas à vida dos avós.

Em torno do casarão bafejado pelo perfume fragrante das macieiras, dos pessegueiros e das amexeiras floridas na primavera, as lanternas multicores dançavam ao impulso da brisa agradável da noite. O mulherio corria dum lado para outro, mexendo nos fornos, abrindo gavetas, armários e destampando panelas. Da cozinha, exalava-se o cheiro apetitoso do “risotto”, fortemente condimentado ao gosto italiano, misturando-se com o odor dos leitões, galetos, carneiros e pacas assadas no espeto, que vinha da churrasqueira do galpão, sob os cuidados do Beppi, perito na profissão. “Nha” Rita, famosa pelos seus conhecimentos culinários, de vez em quando metia o garfo comprido no panelão de ferro e erguia feixes de “spaguetti”, analisando-lhe a cor e a consistência, num exame atencioso e severo.

Quem quiser vinho, tem na geladeira; quem não quiser, tem “choppes” de

barril, lá na varanda! — avisava dom Genaro, todo eufórico.

Ele se mostrava feliz na figura de anfitrião, blasonando a própria prodigalidade numa gabolice ingênua:

E vocês aí, mexam-se! — exclamava dedo em riste, apontando o mulherio atarefado que não lhe dava a mínima importância.

Que não vá faltar comida! Olhe bem, seus pestes; na minha casa, a gente come com fartura!

Dona Carolina sacudia a cabeça sob grave censura e excomungava o marido numa voz lerda, mas decidida:

Genaro, vá lá pra dentro, homem de Deus! Não se meta na cozinha que é lugar só para mulher!

Ele se preparava para responder desaforadamente, quando percebeu a figura encurvada do velho turco Abrão, que chegava à varanda cumprimentando os presentes. Genaro sorria zombeteiro e tinha um brilho sádico nos olhos, pois o turco Abrão, sempre conformado e bom de gênio, era o bode expiatório da sua descarga sarcástica. Mas também era o seu melhor amigo e parceiro de "truque", "três sete" e "escopa". Ambos passavam os sábados à tarde e os domingos todos a jogar baralho no varandão, xingando-se e trapaceando, entre goles de vinho, petiscos de queijo, azeitonas, "frios", num aperitivo sem fim.

Dom Genaro olhou demoradamente o velho Abrão empacotado numa roupa preta, luzidia, todo enfarpelado pelo colarinho duro, donde ressaltava a gravata marron armada em bojudo laço. Rodeou-o, devagar, por duas vezes, num exame minucioso de cima para baixo. Depois, num grunhido zombeteiro, largou a deixa:

Aí peste! Tive de casar a Cristina para tomar um banho e mudar de roupa!

E casquilhou uma risada fina e comprida, enquanto o turco encolhia os ombros, indiferente e curtido, aparentemente satisfeito com aquelas ironias que nada tinham de injuriosas; mas traíam sincera amizade. Dom Genaro também vestia um terno preto, antigo, cheirando a "naftalina", justo e ameaçando romper pelo corpo rotundo e atarracado. Ele tinha um ar esportivo. O rosto corado, o nariz bojudo e brilhante por culpa do bom vinho "feito em casa". Metia as mãos no bolso da calça, por baixo do paletó, como

era seu costume ao assistir as corridas de cavalos na raia. Estava satisfeitíssimo com o bulício da festa num afrontoso senso de propriedade, ou de construtor envaidecido, que põe a última pedra na sua melhor obra.

Pai! Tira as mãos dos bolsos! Que modos! — censurou-lhe Clarita, a penúltima filha casada, ao passar rente a ele e com a bandeja repleta de cálices cheios de aperitivos.

O velho voltou-se, num tom brusco e de zanga, porém, ao reconhecer a filha, apenas disse desaforado:

Ah! Vai... mandar no teu marido; aquele moleza!

E num gesto de desafio e desforra, enfiou as mãos ainda mais fundo nos bolsos.

Está um festão o casamento de Cristina! — comentou o turco Abrão, sacudindo a cabeça e derramando olhares cobiçosos sobre os nacos de leitão e galetos assados, que o Beppi trinchava arrancando dos espetos e arrumando com jeito nas travessas de louça florida.

Claro, homem! — retrucou dom Genaro, trovejante. — Isto aqui é casamento de gente pobre, mas de trabalho! Comigo não tem esse negócio dos convidados saírem com fome e ainda falando mal da festa. Gosto de ver comerem até rebentar, pois casamento sem fartura é começo de vida com miséria!

Falava num tom de voz petulante e capaz de escandalizar qualquer outra pessoa estranha ao seu temperamento galhofeiro.

Não vou a esses casamentos de “alta sociedade” — continuou ele, sardônico —, onde dão um cálice de vermute, uns pasteizinhos e doces miúdos, que nem quirera para pintos!

E, num riso farto, sarcástico, sumamente divertido, acrescentou, transbordante de gozo:

Depois do casamento de “grã-fino”, dizem que os convidados ainda vão “pro” restaurante reforçar o “pandulho”.

Minutos depois, as mesas quase ruíam de tanta fartura.

Para começar, serviram a famosa “minestra”, sopa feita de queijo “parmezon” ralado, tão ao gosto italiano, acompanhada de pão de forno e manteiga fresca. Depois, a gostosa “maionese” de ovos, batatas, vinagre de vinho, azeite italiano, com muita ervilha e azeitonas. Finalmente, começaram

a chegar os travessões com os galetos do “primeiro canto”, leitões, carneiros, e carne macia de paca, acompanhados dos pratos de “spaguetti”, “talharim” e “risotto” de galinha, fumegantes e emoldurados por montanhas de alface e “raditch”, regados com o azeite pura de oliva.

Entre os pratos recheados de novidades, as mulheres colocavam outras travessas menores repletas de saladas de tomates rubros, palmito, rabanetes, pepinos e couve-flor em conserva, prodigamente reforçadas com azeitonas temperadas ao tipo grego. A mesa estava farta; mas ainda foram colocadas as tijelas de lasanha ao forno com fatias de queijo “mozzarella” e condimentadas com orégano. A comilança era regada com vinho branco e tinto, fabricação de dom Genaro, bem como a famigerada “craspa” servia de aperitivo intensivo.

Que diabo de gente! — berrava dom Genaro. — Onde está a cerveja? Esconderam os refrescos de uva, de laranja e de maracujá para as mulheres e crianças?

Depois que o repasto terminou, as cadeiras foram arrastadas para junto das paredes, e desmanchadas as mesas improvisadas com tábuas cepilhadas de pinho. Lourenço, o melhor “gaiteiro” ali do subúrbio, orgulhoso de sua nova apianada de 80 baixos, sentou-se num canto da sala mexendo no instrumento e rebuscando papéis, pois ele já tocava alguma coisa por música. Dom Genaro, com o copo de vinho na mão, vermelho, quase apoplético, achegou-se exclamando ruidosamente:

Vamos Lourenço! Vê se toca alguma coisa que preste para o povo dançar de verdade! Arranca uns xotes, polcas e “quadrilhas”, em vez dessas porcarias de músicas modernas, como sambas, tangos e “foxes”!

Lourenço olhou a moçarada. Então, viu-lhe o muchocho de desagrado e decepção ante as músicas sugeridas por dom Genaro. Num gesto compenetrado, de artista ou autoridade no gênero, replicou num tom decisivo:

Os xotes e as polcas vêm depois, no tempo certo, quando a velharada começar a dançar; agora é a valsa da noiva e depois as danças dos moços.

Cruzou as pernas, indiferente à cara de desagrado de dom Genaro, inclinou a cabeça sobre o “acordeon” preto e lustroso e, num impulso maquinal, enquanto Jamur e Cristina esperavam no centro da sala, Lourenço deu início à valsa “Abismo de Rosas”, a coqueluche da época.

Como os noivos haviam decidido viajar muito cedo para a fazenda Roseiral, despediram-se no fragor da festa. Buscaram dom Genaro e o encontraram com o tio Clemente, bastante tocados pelo vinho e sob as árvores frutíferas, interpretando, num contracanto desafinado, a bela "canzoneta" italiana, "Sole Mio". Em torno deles, os mais velhos tinham os olhos umedecidos de lágrimas e estavam suspirosos pela Itália, a pátria querida e inesquecível.

Dom Genaro, à despedida, não pode suster o seu espírito mordaz costumeiro, dizendo a Jamur, num tom paternal, mas algo ríspido:

Você se alinhe, homem! A vida de casado não é viver flauteando!

Depois, retribuindo o abraço afetuoso de Cristina, enxugou os olhos no lenção colorido, exclamando seriamente comovido:

Deus lhe acompanhe, minha filha, e que você seja muito feliz!

De repente, um pouco apreensivo, passou a mão na fronte dela, indagando:

Você está com febre, Cristina?

Não é nada, pai; isso é por causa do nervosismo do dia!

A festa do casamento prolongou-se até ao amanhecer. O céu limpo, no horizonte, prenunciava um domingo ensolarado. A brisa suave sacudia de leve as árvores em flor, desmanchando as florzinhas, cujas pétalas caíam como confetes coloridos e cintilantes. O casarão estava quase vazio. Apenas alguns familiares e convidados mais íntimos, abraçados num estouvamento alcoólico, balouçavam o corpo no varandão, tentando executar o trecho do "Miserere", da ópera "Il Trovatore", num coro emperrado e fanhoso em que dom Genaro, vermelho como um pimentão maduro, puxava com visível dificuldade a parte destinada ao barítono. Nesse momento, estacionou junto ao portão da frente um carro de praça e dele saiu Dagoberto, genro de dom Genaro, ainda sonolento e com a fisionomia profundamente apreensiva.

Cristina está mal! — foi ele dizendo, de chofre. — Jamur levou-a para a Santa Casa! O caso é muito sério mesmo!

O espanto e o constrangimento desmanchou as últimas alegrias do festejo de casamento e, quando os parentes chegaram ao hospital, Cristina estava inconsciente, ardendo em febre alta. O corpo rígido e os pés distendidos, como se ela quisesse empurrar algo para a frente. Os médicos haviam

retirado líquido cérebro-espinhal e aguardavam os exames de laboratório. Às nove da manhã, sob a mais dolorosa expectativa, o diagnóstico foi estabelecido: meningite!

A desolação manifestou-se na fisionomia de todos. Cristina era queridíssima da família e dos vizinhos. Quando o médico informou ao velho Genaro que a filha poderia salvar-se, mas ficaria perturbada do cérebro, ou então aleijada para o resto da vida, os efeitos do vinho logo desapareceram e ele ensopou o lenço de lágrimas sentidas.

Mas a filha querida era moça vigorosa, com o viço de bom sangue europeu, e contrariou o prognóstico médico, sobrevivendo sem qualquer lesão cerebral, embora com o braço esquerdo defeituoso.

Sucediam-se os meses e ela sofria, decepcionada, porque não se manifestava nenhum prenúncio de gravidez, o que a faria tão feliz. Submeteu-se a toda sorte de "testes" ginecológicos e exames apropriados ao caso e foi informada de que não poderia procriar, porquanto a meningite havia-lhe afetado os elementos e genes responsáveis pela concepção.

Depois de dois anos de esterilidade, ela e Jamur decidiram-se a adotar uma criança e escolheram, na "Maternidade Vitor do Amaral", um robusto menino com alguns dias de vida. Dom Genaro, fanatizado pelo "bel canto", escolheu para o neto adotivo o nome de Manrico, em honra ao personagem principal de "Il Trovatore".

O menino cresceu robusto, de rara beleza e afável de gênio, singularmente parecido com Cristina, que punha nele toda ternura e amor. Infelizmente, ao retornarem de uma festinha íntima de família, em noite escura, fria e desagradável, sob forte garoa própria do mês frígido de junho, Manrico apanhou grave pneumonia. Malgrado todos os esforços médicos e recursos terapêuticos da época, ele expirou, deixando Cristina enlouquecida de dor e Jamur verdadeiramente atarantado sob a sina tão cruel.

A desolação habitou aquele lar por uns dois anos; depois, superexcitada no seu amor materno, Cristina sentiu necessidade de preencher novamente o vazio deixado pela morte de Manrico. Consultou Jamur e resolveram adotar outro menino a fim de compensar a dor e a ausência do primeiro filho adotivo, desaparecido tão prematuramente.

Trouxeram para o lar outro recém-nascido, extraordinariamente semelhante a Manrico. Mas, desta vez, Cristina deu-lhe o nome bem

brasileiro de Eduardo, contrariando a preferência de dom Genaro, que já havia cogitado homenagear outro personagem de ópera. Novamente, eles viram o segundo filho adotivo crescer robusto e vivaz, mostrando-se tão terno e dócil quanto fora Manrico.

Quando Eduardinho completou quatro anos de idade, a sua festa de aniversário coincidiu com um domingo esplêndido e ensolarado. A criançada miúda corria espevitada pelo jardim. Na mesa do aniversariante, e em torno de um artístico bolo simulando um castelo com quatro velas de "açúcar-candi", distribuíam-se todos os tipos de doces e guloseimas: brigadeiros, língua de sogra, canudinhos, beijinhos de coco, cajuzinhos, pasteizinhos, empadas e queijadinhas. As travessas estavam fartas de presuntos, fatias de queijo, azeitonas, "frios" e "pickles", além das formas caprichosas com as tortas de pêssego, maçã e uva. Cristina movia-se feliz por entre os convidados, amigos e vizinhos, agradecendo os cumprimentos pelo quarto aniversário do menino gárrulo e de temperamento bom, querido da vizinhança.

Eram quase seis horas da tarde e o Sol descia no poente, despedindo seus raios chamejantes e escondendo-se atrás do casario a fazer sombras pelas ruas calçadas com paralelepípedos. Jamur retornava do encontro desportivo do seu clube predileto e descia do ônibus, duas quadras além de sua residência. De lá, ele viu os meninos correndo buliçosos pelo jardim e pelas calçadas e acenou para Eduardinho, como o fazia habitualmente. O menino, num gesto impetuoso e entusiasta, arremessou-se ao encontro do pai adotivo, o rosto corado, lábios entreabertos e as mãos erguidas pelo alvoroço. Jamur curvou-se, à entrada da ponte de cimento que cobria o riacho Tibagi, no centro da rua, à meia quadra da residência, e abriu os braços para receber Eduardinho no seu impacto afetivo. Mas, de súbito, num grito alucinado, Jamur saltou para a frente; porém era tarde! Eduardinho, na ânsia de correr para ele e abraçá-lo, ao sair das sombras das casas, recebeu os raios solares, que o cegaram por um momento, fazendo-o errar por dois palmos a ponte cimentada, indo espatifar a cabeça no leito pedregoso do pequeno rio a três metros abaixo. Quando Jamur saltou num desespero louco e ergueu-o, Eduardinho estava nos últimos estertores de vida. Não havia-se afogado, pois ali corria pouca água, mas partira o crânio de encontro às pedras.

A água continuava a correr, tranquila; mas agora manchada de sangue e de alguns fragmentos de miolos do gentil menino. A gritaria da criançada atraiu Cristina que correu desabaladamente para a ponte e ali estacou, de olhos enxutos, sem soltar uma só lágrima, ante o quadro trágico de Jamur caminhando pelo leito do rio raso com o cadáver de Eduardinho nos braços e manchado de sangue. Ela apenas levou a mão ao peito e desmaiou e dali atingiu um estado de coma nervosa que ameaçou-lhe a vida por alguns dias.

Então, a existência de Cristina foi uma desventura e ela nunca se conformou com a impiedosa fatalidade do destino. Perdeu o gosto pela vida e tornou-se apática às emoções mais excitantes. Malgrado todo o esforço de Jamur para consolá-la, Cristina transformou-se numa companheira desolada, embora sem negar-lhe o afeto justo de esposa. Três anos após, tentando despertar-lhe algum interesse pela vida, Jamur, dom Genaro e outros familiares engendraram uma peça: puseram-lhe à porta, em noite alta, um menino que haviam retirado de uma creche espírita.

Cristina rejeitou, de início, a possibilidade de criar mais um filho adotivo; porém, em face de sua própria afeição materna despertada pelo amor materno aos dois primeiros filhos, ela não resistiu e acedeu ao apelo de Jamur. Vibrava-lhe na alma novamente o instinto de mãe, fazendo-a compreender que jamais viveria tranquila se não pudesse tributar o sentimento materno a alguém.

Desta vez, Jamur deu ao menino o nome de Elias em memória ao seu avô paterno. Ele teve uma infância comum a todos os demais meninos, com as preocupações decorrentes da dentição, da coqueluche e do sarampo, cujas condições dolorosas parecem adestrar o espírito encarnado para as dores piores do futuro. Infelizmente, bem cedo, Elias revelou-se um menino genioso, irritante e destruidor, sem qualquer semelhança com a bondade e a ternura de Manrico e Eduardinho. Além de mau caráter, ele se fazia cada vez mais antipático à vizinhança, pois esbordoava cães e gatos, liquidava pássaros que caíam ao seu alcance e destruía ninhos, insetos e vermes. Comprazia-se em arrancar os botões das flores e os frutos verdes. Quebrava os brinquedos dos companheiros e depredava enfeites e bijuterias.

Era brusco, intolerante e obstinado em suas façanhas malévolas. Aos treze anos, mostrava-se adverso ao pai e mal se continha diante das suaves advertências de Cristina. Jamur mobilizou toda sua inteligência, fez mil

promessas de recompensas para induzir Elias a estudar e trabalhar. Mas, tudo era em vão, pois o menino era vadio, inepto e cultivava as piores amizades do seu bairro. Quando ele atingiu os dezoito anos, os pais adotivos tinham a alma estigmatizada por dolorosas cicatrizes e sentiam-se completamente exauridos pelo esforço desditoso de criar aquele filho bruto, indócil e inescrupuloso. Cristina vendera todas as joias para cobrir inúmeras falcatruas e cheques falsos de Elias, enquanto Jamur havia empenhado alguns salários a fim de evitar a prisão infamante do filho adotivo.

Elias, sem qualquer escrúpulo, apossava-se de todos os valores e bens dos pais para os consumir em noitadas festivas nos prostíbulos mais reles da cidade. Finalmente, em "dia aziago", ele descobriu que não era filho legítimo de Cristina e de Jamur; isso deixou-o furioso e revoltado. Aproveitando-se da ausência deles, Elias apossou-se de objetos, utensílios e valores que pôde carregar, fugindo em companhia de mulher de má fama para o norte do Paraná. Lá, passou a cometer toda sorte de tropelias e vigarices até ser processado por estelionato e condenado a cinco anos de prisão.

Cristina, a mulher belíssima de olhos de jaboticaba e pele sedosa dos primeiros anos de casada, transformou-se numa criatura de faces macilentas, cabelos esbranquiçados a coroar-lhe um rosto fatigado e triste. Deixara-se arrasar por uma dor invencível e imensurável. Sua alma obstinava-se descrente de tudo, num protesto mudo e doloroso ao mundo que lhe traíra os sonhos mais venturosos. Ninguém mais viu-a cantar com sua voz doce e cristalina, as deliciosas canções de "Maggio de Ammore" ou "Soto La Luna"; ou mesmo rir, como antes fazia tão facilmente.

A Lei Espiritual é magnânima, por isso proporcionou o esclarecimento a Cristina no momento oportuno. Certa noite de turbulenta tempestade, ela fora obrigada a pernoitar na residência de Nilza, sua irmã casada com Dagoberto, ardoroso espírita, justamente quando deviam realizar tradicional sessão mediúnica semanal. Embora constrangida e desinteressada daquela reunião espírita, ela se viu obrigada a assisti-la por consideração e educação, além da amizade à irmã.

Salustiano, o espírito mentor dos trabalhos mediúnicos da casa, depois de transmitir sua mensagem inicial, dirigiu-se à Cristina:

Fui encarregado de proporcionar-vos algum consolo e esclarecimento

sobre os motivos de vossa vida e dores no mundo terreno. Neste momento, alguns amigos desencarnados ministram-vos fluidos sedativos e avivam vossa memória espiritual do passado a fim de compreenderdes a significação da história que irei expor.

Malgrado sua descrença, Cristina sentiu-se reanimada pela primeira vez, após anos de sofrimento cruciante. Depois de mais algumas palavras afetuosas, Salustiano prosseguiu:

No século passado, em Catânia, cidade da província de Sicília, na Itália, uma bela jovem chamada Angelita casou-se com Marcelo, moço pobre, honesto, laborioso e criatura de alma excelente. Cinco anos depois, eles já possuíam alguns bens em joias e títulos, cujos valores esperavam transacioná-los para construírem o lar sonhado. Mas, entre os dois cônjuges acentuava-se, dia a dia, a vizível diferença emotiva e espiritual, pois enquanto Marcelo adorava o aconchego do lar e o entretenimento com os filhos, Angelita, temperamento inconformado e indócil, rebelava-se contra os deveres prosaicos domésticos tendendo, dia-a-dia, para uma vida fútil e improdutiva. Ausentava-se amiúde de casa na companhia de vizinhas volúveis, buscando divertimentos tolos e perigosos, olvidando o carinho materno aos filhos, ou interpretando como timidez e servilismo a tolerância espiritual do esposo. Irritava-se frequentemente, procurando justificativas inconsistentes para os desmazelas e imprudências de sua vida.

Nessa época, instalou-se em Catânia uma companhia de espetáculos de variedades, em que se destacava um jovem intérprete de “canzonettas” regionais. Era um rapagão de porte vistoso, muito preocupado com a aparência física. Maneiroso nos gestos e esforçando-se para impressionar favoravelmente as moças casadoiras do vilarejo. Não possuía voz incomum ou de louvável timbre musical; mas a habilidade em combinar a mímica aos trechos mais românticos distinguiam-no em alguns dias felizes, comovendo a plateia feminina. Entretanto, o cantor não gozava de boa fama; acoimavam-no de mulherengo, atrevido e responsável por muitas frustrações nos corações de moças imprudentes.

Angelita, inconformada com a existência apagada junto dos filhos incômodos e do esposo excessivamente caseiro, não deu crédito às notícias desairosas a respeito do cantor. Ansiosa por se libertar dos deveres humilhantes e prosaicos do lar, passou a lhe corresponder ao assédio

galanteador e capcioso. Ele via nela excelente presa para explorar.

Num dia infeliz, Angelita, valendo-se da ausência do esposo, apanhou todas as joias e haveres fáceis de conduzir, para fugir de Catânia em companhia do galã inescrupuloso. Ele viveu com Angelita apenas o tempo suficiente para lhe dissipar a pequena fortuna roubada ao esposo. Em seguida, abandonou-a em cidade estranha e distante. Desesperada e na miséria, Angelita findou-se, aos poucos, na prostituição, arrependida da falta de amor materno aos filhos e da traição ao esposo amigo e fiel!

O guia Salustiano fez uma pausa em sua narrativa, parecendo medir o efeito das palavras seguintes:

O espírito de Angelita retornou à Terra, encarnando-se na cidade de Curitiba a fim de se ressarcir do passado delituoso e despertar o sentimento materno atrofiado no pretérito. Sob a regência da própria Lei Cármica, preparando-lhe a retificação espiritual, Angelita foi acometida de meningite na noite do próprio casamento e assim ficou impedida de procriar os filhos, a cuja graça não fizera jus na vida anterior. Desolada pela falta de filhos no lar tristemente vazio, ela foi à maternidade e adotou uma criança atraente, que avivou-lhe os sentimentos de mãe, próprios da mulher. Mas, se a Lei é justa, também é implacável e levou-lhe o filho aos três anos de idade, vitimado por uma enfermidade pulmonar incurável.

Malgrado à dor irrecuperável, em decorrência da perda do menino, porém excitada na sua primeira experiência maternal, Angelita adotou outra criança, semelhante ao primeiro filho falecido. Infelizmente, o segundo filho também findou tragicamente no dia do seu quarto aniversário, depois de adestrá-la no sentimento materno, cada vez mais intenso, e prepará-la para o vento cármico tormentoso de criar o terceiro filho ignóbil, inescrupuloso e ingrato. Os dois primeiros filhos, belos, bons e generosos, ativaram-lhe a paixão de mãe até o estoicismo de poder suportar e criar o terceiro adotivo desclassificado.

Salustiano interrompeu sua narrativa, enquanto Cristina sentia-se profundamente abalada no recesso do ser. Malgrado alguma descrença, ela indagou sem vacilação:

Porventura os dois primeiros filhos dessa Angelita deveriam morrer prematuramente, só para que sua mãe fosse castigada dos pecados da vida pregressa?

É conveniente lembrarmos, querida irmã, que não há castigo no processo de retificação cármica, mas apenas reeducação dos nossos sentimentos no sentido de recuperarmos a ventura perdida através de nossa inteligência espiritual. Os dois meninos desencarnados prematuramente eram encarnações de um mesmo espírito que, através de poucos anos de vida física, descera à carne para processar a "descarga" dos fluidos tóxicos aderidos ao seu perispírito e transferi-los para o "mata-borrão" do corpo terreno. Era uma entidade amiga de Angelita, que havia aceitado o encargo de incentivar o sentimento materno da mãe adotiva, para ajudá-la no bom êxito da prova cármica de reajuste espiritual Porventura, o esposo de Angelita, nessa existência, também não sofreu a prova dolorosa de perder os filhos adotivos, quando não lhe cabia a responsabilidade do adestramento materno da esposa?

Irmã Cristina, não há injustiça na pedagogia espiritual, pois o esposo de Angelita, nesse transe doloroso, também resgatou suas mazelas espirituais do passado, por culpas semelhantes.

Cristina silenciou alguns momentos, ainda confusa pela imperícia de julgar o que lhe era desconhecido; mas traía certo abalo espiritual, ante a clareza e a lógica daquela história absolutamente igual ao seu próprio drama terreno.

E por que só sobreviveu o terceiro filho vadio, cruel inescrupuloso, ao invés dos dois primeiros filhos, belos, bons e gratos?

Salustiano parecia meditar profundamente antes de responder. Depois decidiu-se, esclarecendo num tom de profunda advertência espiritual:

Em nossa romagem terrena, não somos obrigados a ligar-nos com espíritos imperfeitos, primários e sem discernimento; mas seremos irremediavelmente imantados às criaturas inferiores atraídas para a nossa órbita espiritual, seja por um interesse menos digno ou imprudência. Escolhemos os companheiros e teremos de suportar, pacientemente, as ingratidões, as mazelas e as tropelias próprias do padrão espiritual inferior das almas que jungimos aos nossos destinos.

E, depois de ansiosa expectativa, Salustiano arrematou, resoluto:

O terceiro filho de Angelita, inescrupuloso, vadio e cruel, era o cantor de Catânia que, no passado, ela imprudentemente ligou à sua vida quando abandonou o marido fiel e os filhos amorosos. Espírito primário e

defeituoso, que a prejudicara no pretérito pela sedução física, fê-la sofrer novamente na atual existência, atraído pela lei de que a “semeadura é livre, mas acolheita é obrigatória”!

Enquanto Salustiano quedava-se, comovido, Cristina não conseguia suster duas lágrimas, que depois rolaram pelo seu rosto torturado.

HEI DE SER RICO!

Desde criança, Clementino sentia um horror natural pela pobreza e vivia inconformado com a desdita dos pais serem arrasadoramente pobres. E o pior de tudo: eles se mostravam bovinamente conformados com a miséria! Simples ajudante de pedreiro e metido o dia todo no meio da lama viscosa das valas dos alicerces, Marcolino Vieira Guedes, o pai, nunca se arriscava à mais singela aventura para sair daquela situação precária. Era preferível roubar, pensava Clementino decidido, do que viver entre trapos comendo alguns pedaços de charque velho misturados à paçoca de farinha no caldo de feijão ralo. Imaginava-se frequentemente em aposentos luxuosos, revestidos de poltronas de veludo com tapetes macios e valiosos quadros de pintura nas paredes finamente decoradas de aristocrática residência. Aquilo estava no seu sangue. Sentia-se eufórico e familiarizado no seio da riqueza.

Divagava longo tempo imaginando essa vida agradável. Via-se diante da mesa de imbuia com entalhes artísticos e coberta por finíssima toalha de linho toda rendada. Do forro, pendia um rico candelabro pejado de lavores cristalinos e dezenas de velas coloridas. A luz iluminava jarras de vinho, taças de champanhe, pratos de porcelana e talheres de prata. O criado aparecia de casaca de veludo encarnado e calções de seda branca, como se via frequentemente nos filmes franceses. Em seguida, ele destampava a terrina fumegante e servia-lhe apetitosa sopa de lentilhas com muito queijo ralado, acompanhada de pãezinhos frescos e cheirosos. Depois vinha a “maionese” de salmão rosado, como fazia dona Dora, a esposa do dentista, servindo-se das latas de conserva. O frango ou leitão assado apareciam enfeitados com farofa de ovos, azeitonas e alfaces, rodeados pelas travessas de “spaguetti” ao molho de tomate e fácil da gente enrolar no garfo.

Na sua imaginação fértil, Clementino estendia-se, epicuristicamente, a outros pratos dos restaurantes “chiques”, vistos por ele quando vendia jornais aos fregueses. Havia “risoto” de camarão ou de galinha, talharim ou “ravioli”, sempre acompanhados de saladas coloridas de tomates, alface, couve-flor, vagem, pepino em conservas, nacos de limão e tudo isso nadando num legítimo azeite italiano. Em sua mente fértil, os criados, hábeis e treinados, prosseguiam retirando travessas, pratos e talheres, enquanto Marcolino, seu pai, recostava-se no espaldar da poltrona de veludo verde-

garrafa, palitando os dentes e bebendo vinho rosado na taça de cristal transparente. A ceia farta terminava, na imaginação de Clementino, substituída pela sobremesa em pratinhos de porcelana floreada com muito pêssego ou nacos de abacaxi em calda, além da fartura de uvas, peras, maçãs, morangos e bananas. Ah! Bananas! Ele detestava bananas, pois era o alimento habitual dos pobres e, às vezes, o seu único almoço com um pedaço de pão velho!

De repente, caía em si, despertando do devaneio tão agradável pela voz imperiosa e irritada da mãe:

Clementino! Deixe de imaginar coisas e almoce duma vez, antes que a comida esfrie!

Ele afundava a cabeça no prato, revoltado da realidade detestável, e metia com raiva o garfo de cabo de pau no virado feito de feijão e couve esmolada de dona Malvina, a vizinha, cuja gentileza caritativa tanto o humilhava.

Ainda hei de ser rico! Hei de ser rico! — obstinava-se, dia-a-dia, com veemência esotérica.

Não fora feito para aquela vida miserável. Precisava ser rico de qualquer forma! À noite, antes de dormir, punha os braços debaixo da cabeça e fitava o forro de tábuas de pinho sem pintura e cheias de nós, deixando-se enlevar novamente pela fantasia otimista. Em sua imaginação exaltada, a enxerga de capim surrado, o lençol encardido e o cobertor ordinário, comprado na “cooperativa”, logo se transformavam num leito alvo, emoldurado por travesseiros de fronhas rendadas sobre o colchão bojudo de cetim encarnado e crina vegetal.[27] Clementino espreguiçava-se, contente, antes de vestir o seu pijama de seda azul-claro, recendendo ao cheiro exótico da “naftalina”. Depois deitava-se, feliz, no leito confortável e tomava o chocolate quentinho que o criado já devia ter deixado sobre a mesinha de cabeceira. Em seguida, num gozo inefável, apagava mentalmente as velas perfumadas e cobria-se até o pescoço. Mas, um olhar mais demorado em redor e o sonho estava desfeito; então, fechava os olhos, mal curtindo a revolta, para não ver os trapos malcheirosos da cama pobre.

Um dia, Clementino decidiu realizar o seu sonho. Deixou um bilhete lacônico sobre a mesa da cozinha, empacotou uma calça e uma camisa sobressalentes.Vendeu por ninharia os apetrechos escolares e, pondo a mão

no bolso da calça do pai, arrebanhou uns minguados tostões. No seu bilhete de despedida transparecia a desforra melodramática: “Mãe e pai, vou por este mundo de Deus em busca de riqueza, pois é melhor a gente morrer do que ser pobre. Perdoem-me”.

Meteu-se clandestinamente num trem de carga e depois de dois dias e uma noite de sacolejos, fome e sede, chegou a São Paulo, em manhã triste de inverno, já arrependido da fuga; mas não podia recuar e ferir o seu amor-próprio.

Naquele dia aziago, alimentou-se com a odiosa banana e meio pão seco, guardando sobras para a noite, pois em seu bolso restavam apenas os dois mil réis de prata roubados do pai. Talvez tivesse alimento para três dias; mas depois viria a dureza. Clementino era menino obstinado no seu objetivo de enriquecer e, por isso, enfrentou o destino sem esmorecimento. Carregou malas na estação ferroviária, vendeu jornais, revistas e bilhetes de loteria, engraxou sapatos, pôs banca de bicho e juntou pecúlio suficiente para montar pequeno bar em Perdizes. Mourejando de madrugada à noite, como turco teimoso ou judeu especulador, conseguiu juntar dinheiro suficiente para comprar dois lotes de terrenos em Jaguaré. Ao completar vinte e três anos, ele desposou Florinda, moça pobre e muito vistosa, a quem as más línguas não atribuíam bons feitos pela sua peculiar volubilidade.

Clementino ainda não usufruía do luxo e da riqueza tão almejados na infância. Porém, era de prever-se que, em breve, ele ficaria rico, porque, além de pertinaz no seu objetivo, era inescrupuloso nos negócios. Entregava-se à sovinice e ninguém conseguia arrancar-lhe um tostão. No entanto, Florinda, a esposa, punha-se toda “coquete” e dramática, conseguindo arrancar-lhe bom dinheiro para consumir em sua existência vaidosa e fútil. Um ano depois de casado, nasciam duas gêmeas. Clementino viu-se obrigado a trabalhar de rijo e a privar-se de qualquer diversão ou gasto supérfluo para sustentar o aumento da família.

A sorte ainda não se decidira a seu favor e semeava-lhe surpresas amargas. Caíra num verdadeiro conto do vigário: os terrenos comprados em Jaguaré estavam hipotecados há tempos pelos vendedores inescrupulosos e sumidos da cidade. Mal refeito desse prejuízo, enfrentou outro problema oneroso: Florinda estava enterrada em dívidas até o pescoço em “magazines”, lojas de bijuterias, cabeleireiros e ourivesarias, adquirindo

tudo em nome do marido e pondo em perigo a estabilidade comercial de sua firma. Clementino atolou-se em promissórias para cobrir a dívida vultosa e procurar tomar um fôlego. Mas a borrasca aumentava e a má sorte o perseguia; a Prefeitura, em empreendimento conjugado com o departamento de água e esgoto, resolveu alargar a rua onde ele tinha a mercearia.

Em breve, a rua ficou toda esburacada, revolvida, atulhada de terra negra e viscosa, entremeada de canos, pedras, esteios, bombas hidráulicas, escavadeiras, caminhões e operários movimentando-se em todos os sentidos. A água vertia incessantemente do solo e as calçadas estavam imundas, desviando os melhores fregueses. Os operários lambuzavam os pisos de ladrilhos e os balcões de mosaico na hora do "lanche". Além disso, caía uma chuva miúda e persistente, que retardava a retificação da rua.

Quando Clementino deu conta de si, estava enterrado em dívidas e duplicatas atrasadas, além dos prejuízos provenientes das mercadorias deterioradas pela falta de substituição. No limiar da falência, ele reuniu todos os credores e transferiu-lhes a mercearia, acrescida de alguns bens domésticos para a cobertura do débito gravoso. Sem qualquer reserva disponível e desempregado, ele tentou corretagem de seguros, venda de terrenos, troca de automóveis, colocação de títulos patrimoniais de associações desportivas e campestres, enfrentando uma luta desesperada para sobreviver e evitar a escravidão dos empregos assalariados. Infelizmente, exaurido e fracassando nessas atividades insuficientes para manter o lar com três filhos, pois já havia nascido Hilário, e faltando-lhe a cooperação da mulher cada vez mais entregue à vida mundana e fácil, ele se viu obrigado a procurar emprego de horário fixo.

Então, Clementino curvou-se ao destino fatal e aceitou o emprego de montador de fogões em importante metalúrgica paulista, embora o salário minguado mal lhe permitisse alimentar os filhos esfomeados.

Certa noite, ele sonhou que o "Tinhoso", um tipo popular muito conhecido em São Paulo, chamava-lhe a atenção para um cartaz onde figurava vistoso milhar. Acordou pela manhã bastante excitado e recordando perfeitamente o milhar entrevisto no sonho, resolvido a arriscar uma "fezinha" no bicho, na hora do almoço. Entretanto, a excitação aumentou quando percebeu que o número da série do primeiro fogão montado naquela manhã era exatamente o do milhar entrevisto em sonho. Clementino ficou

perplexo e o coração a bater precipitadamente no peito, após a coincidência tão singular. A sorte parecia procurá-lo; e o mais certo seria adquirir um bilhete de loteria da sorte grande para o mesmo dia, pois assim resolveria em definitivo toda a sua preocupação financeira. Sem dúvida, ele agora seria rico, muito rico, concretizando o obstinado sonho, alimentado desde a infância.

Incapaz de controlar a sua excitação emotiva, alegou enfermidade na família e saiu à procura do velho Euclides, espécie de abutre que emprestava dinheiro a juros escorchantes para os empregados da metalúrgica. Finalmente, conseguiu o dinheiro suficiente para comprar um bilhete inteiro. Sentia-se aflito e o estômago em espasmo, ante a perspectiva de não encontrar o bilhete desejado. A sorte parecia ajudá-lo, pois descobriu que o bilhete fora distribuído à certa agência de Pinheiros. Clementino alugou um táxi e horas depois, descrente da realidade, acariciava em suas mãos, inteirinho, o bilhete com o milhar exato.

Retornando ao centro da cidade, acomodou-se no bar da Avenida Ipiranga, bem defronte à "Casa da Sorte", e ali ficou, das doze às quatorze horas, fazendo ligeira refeição e namorando a lousa preta que, à tarde, deveria expor o resultado da extração da grande loteria paulista. Às quatorze horas, viu o povo aglomerar-se junto à lousa para conferir os seus "gasparinhos". Clementino engoliu mais um trago de pinga e, lentamente, como o jogador epicurista que chora as cartas no carteado de alta banca, foi-se aproximando devagar sem olhar de chofre para os números ali expostos. Parou, respirou fundo antevendo a sua emoção. Depois, lentamente, correu os olhos de cima para baixo e de baixo para cima, na lousa negra. Não! Não era possível! De princípio, ficou surpreso, meio aparvalhado, sem poder dominar o gosto amargo da boca, o aperto no coração. Fazia o bilhete sacudir-se nas mãos trêmulas. Conferiu, novamente a data de extração do bilhete, comparou o milhar com os números inscritos na tabela. Devia haver algum engano ou confusão. Algo estava errado, pois o seu bilhete estava branco, branquíssimo! Não poderia recuperar nem o mesmo dinheiro! Custou a se convencer de que não fora premiado, tomado de intensa fraqueza e tremenda sensação de fracasso. Tinha uma vontade imensa de morrer. Fugir do mundo! Esconder-se nas montanhas. Queria ficar quieto, afrouxar os músculos e deixar a cabeça vazia. O "Tinhoso" havia judiado dele, gozado

de sua ambição e candura! No dia seguinte, comparecia ao emprego, meio febril e zonzo pelo excesso de pinga que ingerira para fugir da realidade e amortecer o desespero, prosseguindo na tarefa inglória de montar fogões.

Dois anos depois, Arminda, a caçula, fazia onze anos e o major Rodrigues, seu padrinho e muito amigo de Florinda, deu-lhe de presente uma caixa de "bombons" e um envelope fechado com um bilhete inteiro para a sorte grande da loteria paulista. Clementino enfrentava situação grave. Em certos dias, não conseguia os proventos necessários para alimentar os filhos. Florinda dormia até as onze horas, almoçava em algum lugar, fugindo ao cumprimento dos seus deveres conjugais, graças à conformação bovina de Clementino.

No dia da extração, ele prontificou-se a conferir o bilhete de Arminda e, quando fazia um rápido lanche de pastéis e aperitivos no bar do Português, apareceu o Cardoso, velho amigo do tempo da mercearia e abastado proprietário de inúmeras casas de aluguel. Conversaram um pouco e Clementino, como precisasse de dinheiro, lembrou-se do bilhete de loteria presenteado a Arminda e, retirando-o do bolso, numa decisão súbita, estendeu-o para o amigo, fazendo-lhe amistoso convite:

Cardoso, quer associar-se a mim na sorte grande, para amanhã?

O amigo pegou o bilhete, mirou-o de cima para baixo e depois retorquiu, num tom surpreso, mas imperativo:

Sabe, Clementino, é muita coincidência você oferecer justamente o final que eu ando perseguindo a algum tempo! — e, devolvendo-lhe o bilhete, considerou num sorriso matreiro:

Eu acho que a sorte é para um e não para dois; por isso não compro bilhetes de sociedade com ninguém. Se o sócio estiver de azar, eu também vou no arrastão, não acha?

Ora, Cardoso, vamos supor que nós dois estejamos com sorte! Eu jogo com a metade e você, com a outra metade, e cada um ganha um dinheirão!

Agradeço, Clementino! É do meu feitio não fazer sociedade em bilhete de loteria com ninguém. É como diz o ditado: "a sorte não se reparte".

E, levantando-se, despediu-se do amigo.

Clementino estava muito necessitado de dinheiro e o valor do bilhete, na época, era boa importância. Lembrou-se do sonho tão claro e nítido

frustrado há dois anos. Isso fê-lo decidir-se.

Cardoso! — chamou Clementino, fazendo o amigo voltar-se, curioso. — Quer ficar com o bilhete inteiro? Dou-lhe dez por cento de abatimento, pois a mim não me interessa e prefiro o dinheiro seguro, antes da sorte madrasta. Quer ficar?

Cardoso, apanhando o bilhete, examinou-o outra vez, revendo o número com o final de sua predileção. Pensou alguns momentos e depois exclamou:

Homem! Acho que vou ficar. Sempre andei atrás desse final e parece que o danado agora anda atrás de mim!

Clementino embolsou o dinheiro, satisfeito. Que lhe adiantaria tentar a sorte no bicho ou na loteria? Sempre fora de azar e, além disso, tivera aquela lição amarga, quando o número entrevisto em sonho e confirmado pela série do primeiro fogão montado no dia não lhe dera nem o mesmo dinheiro. Sorriu, aliviado, apalpando o dinheiro no bolso. Mais valia um pássaro na mão do que dois voando. No outro dia, ele se entretinha na montagem dos fogões para a entrega regular quando o garoto da seção de mostruário abriu a porta da oficina, gritando para dentro:

"Seu" Clementino! Querem falar com o senhor aqui na loja!

Ele subiu os cinco degraus que separavam a loja da oficina e, sob a claridade do Sol a descambar no poente, reconheceu o vulto encorpado do amigo Cardoso junto ao balcão a assobiar uma valsa romântica, fazendo o acompanhamento com a ponta da bengala batendo no assoalho. Ao ver Clementino, sua fisionomia iluminou-se num farto sorriso e, abrindo os braços, avançou lépido e festivo, dizendo sob intenso entusiasmo:

Clementino, meu velho! Já estava nervoso para dar-lhe a boa nova e também cumprir o meu dever!

Meteu a mão no bolso interno do paletó e, retirando um envelope tipo comercial, deu a Clementino, acrescentando, num gesto desenvolto e profundamente cordial:

Você me deu sorte, homem! Isso é a sua comissão de agente, meu velho! Eu não seria tão egoísta de o esquecer! — e, batendo-lhe no ombro, jubiloso, exclamou: — Ganhei a sorte grande com o bilhete que você me vendeu!

Depois saiu apressado e feliz, fazendo acenos amigos para Clementino que, surpreso e atarantado, abriu o envelope e encontrou uma nota de mil

cruzeiros: sua comissão de “agente”. Sentiu tudo rodar em torno de si, uma vontade doida de morrer, atirar-se debaixo do primeiro automóvel ou beber até cair.Voltou para a oficina, cabisbaixo, sem ver ninguém, sentindo o coração oprimido por um espasmo sufocante e odiosa revolta contra Deus e o mundo. Apanhou o paletó do armário e, jogando-o sobre o ombro, saiu da oficina, sem dar satisfações ao chefe que lhe indagava, surpreendido:

Clementino?! Que há? Homem de Deus!

Entrou no bar do Português e pediu ao garçom, resoluto:

Traz uma garrafa de “Sussuarana” e um copo!

Encheu o copo de líquido e engoliu a metade num sorvo, encolhendo os ombros para a frente e careteando a valer sob o ardor doloroso da pinga.

Dali por diante, sua vida desandou. Mudava de emprego assim como certas mulheres mudam a cor do cabelo. Quando deu ciência de si, já era muito tarde para consertar a vida. Dorinha, a filha mais velha, abandonara o amásio, um cabo da Polícia paulista, e juntamente com Otília, a outra gêmea, associou-se a conhecido proxeneta, montando disfarçado prostíbulo, onde passou a explorar as jovens incautas. Meses depois, Arminda, a caçula, juntava-se às irmãs mais velhas na mesma profissão infamante.

Clementino resistiu ao choque, resignado, porquanto ainda vivia preso a ideia fixa e obstinada: ser rico! Sem dúvida, dera pouca atenção aos filhos, deixando-os lutar desesperadamente para sobreviverem, e isso devia ter-lhes enfraquecido o caráter, desviando-lhes o rumo da vida. Restavam-lhe os dois filhos homens: Virgílio, com vinte anos, e Hilário, com vinte e três. Mas notava serem rapazes astuciosos e cínicos, sempre metidos em negócios embaraçosos e cheirando a contrabando, num trabalho de especulação ou vigarice com outros espertos.

Clementino completara 63 anos. Estava pobre, reumático, desiludido da família e extremamente envelhecido. Vivia das migalhas que os filhos enviavam-lhe dos negócios escusos. Florinda tinha perdido suas amizades pródigas e vivia desacorçoada, pondo toda a culpa de sua desventura no marido.

Certa manhã de julho, ele tirititava de frio junto ao fogão, enfiado num cobertor de lã esfarrapado, que o cobria dos ombros aos pés, quando Florinda chegou do vendeiro e sem qualquer palavra atirou-lhe sobre os joelhos o jornal da manhã. Apontando uma notícia ali destacada na primeira

página, exclamou, sardônica:

Leia! Isso talvez faça você mexer-se nesta vida de miséria! Clementino leu a manchete sem mover um músculo e sentindo o olhar inquisidor da mulher. Em seguida, num desabafo mórbido, exclamou:

Eu já esperava por isso! A mim é que eles não puxaram!

Obrigada pelo insulto, seu vagabundo! — clamou Florinda, raivosa e saiu batendo a porta.

Clementino baixou os olhos para o jornal e leu, demoradamente, todo o tópico acusativo em que mais uma vez o seu nome era motivo de escândalo. Suas três filhas eram prostitutas e, de vez em quando, viravam notícias de jornal quando havia conflito e bebedeira nos seus lupanares.[28] Por que Hilário e Virgílio, os filhos, também não poderiam ser da mesma tara da mãe? Lá estava a manchete escandalosa: ambos haviam sido presos pelo crime de "tráfico" e exploração de jovens inexperientes, como proxenetas do mais baixo calado e traficantes de escravas brancas. Sua vida estava acabada. Pensou em desistir de tudo; mas havia aquela esperança a lhe palpitar na alma! Dominava-lhe ainda a ideia fixa alimentada desde a infância: hei de ser rico! Hei de ser rico!

Passaram-se onze anos, após os acontecimentos anteriormente narrados. Tudo fora esquecido, como acontece na vida de todos os homens. O Criador, em sua bondade, passa a esponja do esquecimento sobre as dores e as alegrias da humanidade até libertá-la das ilusões do mundo transitório e conduzí-la à verdadeira vida de espírito imortal. A dor, a decepção, o fracasso e a amargura da existência humana terminam por desanimar os homens sempre curvados para o solo, fazendo-os buscar o alívio e a paz de espírito no Céu.

Era uma noite abafadiça. O prédio espaçoso, construído de alvenaria, de forma retangular, estava regularmente iluminado na fachada, enquanto as alas compridas e crivadas de janelas em ambos os lados mergulhavam na escuridão da noite. Tratava-se do "Asilo São Francisco de Assis", edificado no meio de um jardim moderno, pródigo de rosas, cravos, verbenas e dálias, proporcionando suave perfume naquela noite quente. As mariposas rodopiavam alucinadas em torno das lâmpadas elétricas e os besouros, zumbindo, desciam em vôo picado até a grama do jardim ou das lajotas do caminho e ali se esparramavam de barriga para cima, movendo inútilmente

as patas. Ali, naquele edifício, abrigavam-se sessenta velhinhos protegidos pela caridade pública, cujas risadas finas fugiam pelas janelas, lembrando vagamente o balido de ovelhas.

Diversas pessoas sentavam-se defronte das casas. As janelas estavam escancaradas por causa do calor excessivo. Muitas crianças faziam algazarra e corriam pelas calçadas, numa gritaria ensurdecedora. Mas ninguém percebeu, pelos sentidos físicos, quando surgiram quatro flocos de luzes multicores a flutuar no Espaço, uns três metros acima do solo. Os quatro flocos de luz, invisíveis para a visão dos encarnados sem a faculdade de vidência espiritual, logo definiram os seus contornos de espíritos desencarnados, que pousaram delicadamente na grama do jardim, próximo à escadaria, em movimentos graciosos. Suas auras refulgiam nos matizes lilás, safirino e até um verde-claro suave, respingados de formosa fulgência prateada. Mal chegaram ao solo, o mais idoso dirigiu-se aos outros...

Deve ser nove horas nos relógios da Terra; isso permite-nos dispor de algum tempo para procedermos a pesquisa “psico-física” entre os velhinhos do asilo e fazermos o relatório à “Mansuetude” — e continuou num tom explicativo: — Em face do esgotamento vital do velho Clementino, acredito que não teremos problemas inesperados na sua desencarnação.

Irmão Luciano — indagou outra entidade bem moça

—, depois de Clementino desligado do corpo físico, iremos diretamente para “Mansuetude”, conforme solicitou-nos irmã Severiana, não é assim?

Luciano passou a mão refulgente sobre os cabelos radiosos, considerando alguns segundos depois:

Tudo dependerá da reação “psico-vital” de Clementino após o “corte”! Desconheço a sua especificidade magnética perispiritual![29] É evidente que não podemos arrastá-lo até a metrópole “Mansuetude”, caso ele se apresente demasiadamente compacto, tornando-se um fardo oneroso.

E nesse caso, que faremos?

Vamos deixá-lo no “Agrupamento de frei Estevam”, no Limiar,[30] e só voltaremos a buscá-lo depois que ele sofrer o expurgo da carga magnética ou “toxicose residual” atrativa dos charcos,[31] no processo técnico disciplinado que o dispense da terapêutica lodosa do Astral Inferior.

Aliás, não sei se Clementino possuiu créditos suficientes para merecer

uma drenagem amistosa![32]

Luciano ainda refletiu um momento, para depois acrescentar:

Bem! O pedido é de irmã Severiana, e o crédito dela é vultoso na contabilidade divina!

Entretanto, Clementino já não é um ancião exaurido da vitalidade "etéreo-física"? — indagou outro espírito de vasta cabeleira alourada.

Depende da atração dele à matéria, pois geralmente os velhos são mais renitentes na operação de desencarne do que os jovens, cujos espíritos pendem mais para "cá", pelo menor tempo de encarnados e maior fuga vibratória ao mundo físico. Oxalá, Clementino não esteja "colado" ao organismo físico, pois, se isso acontecer, a sua liberação vai ser de amargar! Bem, vamos entrar no asilo e cumprir nossas tarefas!

Então, subiram os cinco degraus de pedras do asilo, passando lentamente pela porta, sem abri-la, a qual se iluminou nos relevos do duplo etérico. Logo lhes surgiu, à visão perispiritual, um longo corredor sob fraca iluminação e ladeado de portas de ambos os lados. Quase no final, Luciano examinou o número de uma porta, dizendo, categórico:

É aqui o aposento de Clementino!

Penetraram num quarto modesto e bastante asseado, deparando-se num leito simples e confortável com um velhinho encarquilhado, cuja cabeça, de uma cor castanha desbotada, era emoldurada por um restolho de penugem branca. Recostavase nos travesseiros e arfava bastante fatigado ao respirar, distraindo-se com um rádio transistor colocado sobre a mesinha, junto ao leito e perto de uma campainha ao alcance da mão. Ele arregalou os olhos, mostrando-se inquieto e auscultando em torno, como se pressentisse a presença dos espíritos luminosos no quarto. Luciano curvou-se sobre o velhinho e pôs-se a examinar, atentamente, as irradiações "etéreo-físicas" que lhe fluíam pelo duplo etérico combalido, cujos centros de forças se mostravam bastante apagados, vibrando em cores escuras e diâmetros reduzidos. Apalpou-lhe os plexos nervosos, correspondentes aos centros de forças perispirituais, desde o frontal até o solar ou abdominal, demorando-se ali num toque profissional. Tocou-lhe nas pontas dos dedos, avivando algumas fulgurações, que logo se apagavam. Após breve concentração, estendeu as mãos à altura da nuca do velhinho. Sob a ação do choque imponderável, ele se moveu rápido e desconfiado.

Não há dúvida, o “insubmisso” Clementino está na hora de partir! — glosou Luciano, o chefe da caravana espiritual.

Encontra-se a caminho da atonia vital e para breve obscurecimento mental. Mas está agarradinho ao corpo!

Insubmisso? — estranhou, espantado, um dos amigos desencarnados.

Sim, Clementino já fez setenta e três anos e, a meu ver, todo o espírito que teima em permanecer aderido à carne depois dos setenta anos, é um “insubmisso”!

Não seria pior o suicídio? Não convém passar dos setenta anos?

Não me refiro à rebeldia ou fuga deliberada da carne; mas ao “medo” e “agarramento” dos nossos irmãos à “caveira” transitória, como crianças presas às guloseimas da rua, resistindo em voltar para casa, cuja mesa é farta e nutritiva.

Bem, nós também já vivemos na carne, irmão Luciano, e sabemos que isso só acontece em virtude de nossa proverbial ignorância da realidade espiritual — comentou outro espírito idoso, de fisionomia morena e queimada pelo Sol.

Sem dúvida! Só a ignorância prende-nos à carne, mesmo depois de massacrados pelo infortúnio e sem qualquer alívio ou recuperação futura. A libertação benfeitora, pela desintegração orgânica, infunde-nos o pavor do ignoto. Eis um exemplo: nosso irmão Clementino está com setenta e três anos, encarquilhado, feio, careca, desdentado, combalido, preso ao leito por reumatismo e vivendo de caldinhos de gorduras intragáveis. Na existência física, foi ludibriado pela esposa inescrupulosa; as filhas prostituíram-se e os filhos foram condenados como proxenetas e traficantes de mulheres. Ele se finda asilado pela caridade alheia, exausto e espoliado na luta inglória de ser rico. A vida foi-lhe um incessante purgatório, frustrando-lhe os sonhos mais simples e negando-lhe as mínimas alegrias.

Luciano, o venerável espírito, cuja fisionomia maravilhosamente ascética sempre revelava um quê de humorismo sadio, fitou por algum tempo Clementino, a gemer sob o menor esforço físico, acrescentando, apiedado:

Vocês creem que, apesar do sofrimento, o velho Clementino deseja abandonar o purgatório terreno e transladar-se, venturoso, para um mundo agradável e repousar da azáfama física? Bem, então verifiquemos qual é a

sua deliberação a esse respeito.

Mobilizando certos fluidos grosseiros, captados no ambiente, Luciano projetou-se num só influxo à altura dos pulmões e do coração do velhinho, endereçando-os, simultaneamente, à região do “chacra cardíaco” e “laríngeo”. Clementino arfou o peito, angustiado pela falta de ar e esgazeando os olhos aterrorizado. Num esforço heroico e soltando grunhidos de dor e de desespero, pôs-se a bater freneticamente na campainha sobre o criado mudo. Quando a enfermeira abriu a porta, displicente e acostumada a tais cenas, ele gritou, entre estertores:

Socorro! Socorro! Estou morrendo! Ai, Jesus! Me acudam, pelo amor de Deus!

A enfermeira aproximou-se e, retirando um tubo da gaveta da cômoda, dissolveu um comprimido sedativo em meio

copo d’água, ajudou Clementino a tomar e afastou-se, indiferente, deixando-o mais calmo entre gemidos abafados.

Dores, tristezas, desenganos, ingratidões, abandono, miséria, falência; sem filhos e sem rumo! — comentou Luciano.

Todavia, o velho Clementino de modo algum deseja trocar o purgatório terrícola pelo Paraíso!

Achegou-se mais ao enfermo, pousou ternamente as mãos sobre os derradeiros fios de cabelos e, numa projeção vigorosa, ideoplástica, associou-lhe imagens à mente, sugerindo-lhe “morrer para descansar”!

Os olhos de Clementino arregalaram-se outra vez, deixando-o inquieto e desconfiado, com o braço novamente estendido para a campainha.

Clementino, o “insubmisso”, está aterrorizado com a presença da patrulha sideral que o procura! — exclamou Luciano, com um sorriso e aceno cordial. — O pior é que a patrulha o encontrou! — concluiu num tom divertido, fazendo todos rirem.

Os ponteiros do relógio haviam-se cruzado na meia-noite quando os mesmos espíritos retornaram da visita feita aos demais aposentos dos velhinhos ali recolhidos. O silêncio era total. Os asilados dormiam, salvo alguns enfermos tomados de achaques, que perturbavam o cochilo das enfermeiras. Lá fora, cessara o barulho das crianças pelas calçadas e os moradores entregavam-se ao sono confortador. Clementino tinha a

respiração entrecortada e estremecia, por vezes, em movimentos convulsivos. Os quatro espíritos penetraram no quarto e Luciano o examinou novamente, exclamando, depois:

Bem, passa da meia-noite e por isso já se amainou a agitação mental desta casa e adjacência. Isso nos proporciona o clima favorável para o calmo processo desencarnatório.

Distribuiu os três companheiros em torno do leito. O mais idoso ficou junto à cabeça de Clementino e pôs-lhe as mãos sobre a fronte e o occipital. Um deles se aproximou dos pés e o outro, afastando-se uns dois metros, ali ficou à guisa de um transformador espiritual, elevando o pensamento numa prece fervorosa.

De repente, Clementino acordou, estremunhado, egresso

de algum sonho aflitivo ou pressentindo, em espírito, as providências desencarnatórias processadas em redor dele. Mobilizando tremendo esforço, quis recostar-se nos travesseiros e tentou acionar a campainha da cabeceira; mas Luciano já efetuava uma série de operações magnéticas longitudinais, concentrando energias libertadoras nos principais plexos nervosos e adjacências dos "centros etéricos". Logo começou a fluir da organização carnal do velhinho, uma tessitura de fios magnéticos e luminescentes, cujo entrelaçamento singular lembrava uma rede de malhas finíssimas, interrompida por alguns pontos obscuros. Enquanto emergia aquela rede semelhante a um lençol de gaze brilhante, num tom róseo esbranquiçado,[33] fracamente luminoso e emitindo algumas chispas argênteas, Clementino esgazeava os olhos sentindo incalculável terror nas faces amarfanhadas. A mão paralisada não alcançou a campainha. Impelido pelo instinto inato de libertação, o seu duplo etérico[34] oscilava, num vai e vem de balão inflado de ar quente, prestes a partir e aguçando os sentidos do velhinho.[35] Os chacras esplênico e umbilical desregulavam-se num desperdício cada vez mais acentuado de "éter-físico". O baço e os órgãos da região abdominal mostravam-se perturbados pela dificuldade de Clementino controlar-lhes a dinâmica vital. Da cintura para baixo, o corpo de carne pesou sobre o leito quando Luciano fez extravasar o "tônus-vital" à superfície do baço e do ventre, desorganizando o ritmo vorticoso do chacra esplênico. O sistema organogênico descontrolou-se por completo. Fígado, intestinos, rins, pâncreas e o baço passaram a funcionar desordenadamente,

em pânico, num esforço inútil para recuperar o domínio das funções habituais. Mas, estava alerta a mente de Clementino e emitia poderosos jatos de energia catalisada pelo medo e pela vontade de permanecer encarnado. Ele se agarrava à carne com unhas e dentes e a luta prosseguia veemente.

O duplo etérico forcejava pela libertação energética, pois emergia, oscilava e recuava, espichando-se além dos poros da carne. A exaustão vital do velhinho mantinha-lhe o corpo no leito, sem poder movê-lo; porém, ele reunia todas as forças mentais disponíveis para bradar por socorro.

Arquimedes! — ordenou Luciano, precípite. — Use só a destra na fronte de Clementino e lhe transmita sugestões e impulsos favoráveis ao seu desdobramento. Ele mobiliza energias mentais para gritar, pondo em polvorosa este asilo! Chame-o para nossa esfera espiritual; convença-o da necessidade de libertar o espírito de sua vida tão tormentosa e desejar existência benfeitora no Além. A sua mente está demasiadamente apegada ao corpo. Ele goza de forte comando sobre os chacras cardíacos e laríngeo, podendo explodir emoções violentas e descontrole da fala, prolongando a sua agonia com sérios prejuízos para a nossa tarefa. Não posso desligá-lo do sistema astral-emotivo, ou impedir-lhe a manifestação da voz, enquanto não se efetuar a descarga residual mais compacta pelo “chacra laríngeo”. Precisamos enfraquecer-lhe o controle mental e evitar a consequente regressão do corpo vital. Afaste-o da Terra, distraia-o de qualquer modo e o convide a peregrinar em direção ao Céu! Vamos, Arquimedes!

Arquimedes cerrou os olhos, elevando o pensamento à Fonte da Vida Eterna. Logo, ondas de inspiração superior fluíam-lhe na forma de pequenos feixes luminosos, impregnados de fagulhas e centelhas que se desfaziam no mais fascinante matiz róseo emoldurado por suave carmim. Lembravam milhares de abelhas microscópicas a revolutear, sumindo-se depois pelo cérebro perispiritual de Clementino, cujos pensamentos melhoraram nesse pequeno hiato. Realmente, ele sentiu-se fatigado da existência física, deixando-se influenciar pelos eflúvios sedativos e pelas sugestões angélicas de Arquimedes. Abriram-se clareiras de luz na sua mente perturbada e ele se descuidou, um momento, do energismo mental firmado no impacto vigoroso de permanecer na carne.

Luciano aproveitou-se desse lapso de passividade mental e acelerou os passes longitudinais, demorando-se agora na região pré-cordial até à altura

da laringe, onde passou a atuar

com intensa atividade. O duplo etérico, que emergia do abdômen para baixo e alguns centímetros sobre o corpo carnal, sofreu um impulso de fuga da cintura para cima e definiu-se rapidamente na configuração vital-energética de Clementino, mais ampla em seus contornos.[36]

Nessa libertação do duplo etérico, os chacras aumentam o diâmetro e o ritmo de ação, passando a extravasar o conteúdo do éter-físico. Clementino, completamente afogueado, sem cor e perdendo o controle mental no comando do corpo físico vitalmente exaurido, fez um esforço desesperado para concentrar uma derradeira carga energética de ondas mentais e atrair o duplo etérico à sua velha moradia. O chacra laríngeo, sob a ação desse reforço vital, reduziu o diâmetro, ficando mais compacto, e houve momentânea coordenação das forças etéreo-físicas em sincronia com as cordas vocais de Clementino. Sob o pavor da morte, ele conseguiu, num último assomo de vida, emitir um longo e estridente grito, sucumbindo logo em estertores e gemidos. Diante dessa momentânea revitalização orgânica, o maravilhoso equipo endocrínico recuperou um pouco sua autonomia sobre o baço, o pâncreas e as supra-renais, passando a agir celeremente, como um general que procura reunir à última hora as forças desordenadas para uma defesa desesperada. Luciano, então, fez subir um jorro magnético à altura do ventre do velhinho e depois voltou-se para o companheiro do lado, dizendo-lhe rapidamente:

Agora, Dagoberto! Corte!

O companheiro moveu, com exímia habilidade, diminuta tesoura parecida a um pequeno podador de parreiras, a despedir chispas iguais a fagulhas elétricas, e seccionou, de um só golpe, o cordão fluídico à altura do chacra umbilical. Clementino, cansado pela evasão de energias que se processava através do chacra esplênico, desta vez ficou imóvel e rígido. Da região em que anteriormente pulsava o chacra umbilical, subia singular substância leitosa pairando à altura do ventre e formando um cone ou figura muito parecida com a tradicional árvore de Natal. Clementino, completamente aterrorizado pela gelidez dos membros inferiores ou do popular “frio da morte”, projetava-se perispiritualmente da cintura para cima, numa fuga incontrolável, enquanto sentia-se colado ao leito de enfermo. Algumas luzes acendiam-se nos quartos adjacentes e se ouviam vozes assustadas

acompanhadas de exclamações temerosas.

Luciano não desperdiçou o tempo. Mobilizou energias na exaustiva operação de enfeixamento, compressão ou torcimento do fluxo de energias etéreo-físicas agrupadas no ambiente.[37] Depois, ele projetou a carga astralina sobre o chacra laríngeo, fazendo expluir milhares de centelhas. Aquele centro energético importante do duplo etérico extravasou toda sua carga vorticosa, e a voz de Clementino findou-se em estertores incompreensíveis. Ele atingia a fase agônica tradicionalmente conhecida na Terra como a "sororoca", quando o povo sabiamente prenuncia a morte para breve.

Fazendo um gesto de quem limpa o suor da testa, Luciano arfou o peito num longo suspiro de alívio. Acomodou-se, num canto, dizendo bastante fatigado:

Felizmente, Clementino está num asilo e longe dos familiares, quase sempre ignorantes da realidade espiritual e que costumam prender, magneticamente, os agonizantes durante o processo desencarnatório.[38]

Fitando o velhinho na fase de completa desintegração etéreo-física, ele comentou:

Lutamos há mais de uma hora para efetuar uma desencarnação prognosticada para dez minutos! Que desejo de viver na carne demonstrou o velho Clementino, agarrando-se à caveira como o carrapato gruda-se ao animal parasitado.

Momentos depois, o perispírito de Clementino pairava nítido, mais ou menos três palmos acima do campo orgânico, e formando perfeita cópia de sua figura física em posição horizontal. Estava envolto por uma tênue cerração cintilante, provinda da substância do duplo etérico disperso pelo ambiente. Porém, ele estava ligado, reciprocamente, por um cordão prateado[39] à altura do cerebelo, que estremecia sob o impulso de alguma carga energética fluindo pelo interior.

Bem, antes de seccionarmos o cordão perispiritual, aguardemos a drenagem tóxica para o corpo físico. Clementino, neste momento, vive a síntese regressiva da própria vida material desde a infância. Sente, analisa, sofre ou se alegra conforme a ação e o pensamento bom ou ruim movimentado na Crosta terrena.

Neste ínterim, a porta do quarto abriu-se dando passagem a um rapaz

espigado e ossudo, em companhia de uma enfermeira de olhos sonolentos. Ambos auscultaram o coração de Clementino e o apalparam dos pés à cabeça, examinando-lhe a pupila dos olhos, num ritual habitual e indiferente. Sem alarde e bastante acostumada a acontecimentos semelhantes e frequentes no asilo de velhos, a enfermeira pôs as mãos na cintura, dizendo ao companheiro:

Gabriel, vá chamar o doutor Morais, pois o velho Clementino morreu!

O rapaz magro saiu do quarto, aos bamboleios e assoviando levemente, pondo-se a caminhar pelo corredor, sem grande pressa. Alguns velhinhos assustados enfiaram os rostos pelas portas entreabertas, numa só indagação atemorizada:

Que foi que aconteceu, "seu" Gabriel?

Nada de grave, minha gente! Foi o velho Clementino que fez um barulhão antes de "bater os gambitos"!

E desapareceu na primeira curva do corredor, deixando os velhinhos desconcertados.

No dia seguinte, à tarde, o Sol iluminava os quartos do asilo situados à oeste e penetrava risonho pelo "vitraux" singelo e colorido da capelinha. A luz clareava o corpo de Clementino, deitado num caixão de pinho revestido de fazenda roxa e emoldurado com fitas de gorgorão amarelo. Na fisionomia do morto, imóvel e cerácea, perceber-se-ia os traços fugitivos da luta inglória contra a morte. O perispírito estava ali, ao lado do caixão, preso pelo cordão luminoso perispiritual à altura do cerebelo, e balouçava-se de vez em quando impelido por alguma força oculta. Clementino, em espírito, oscilava lentamente como um grande pêndulo de relógio; mas, às vezes, traía tal agitação, que obrigava os espíritos ali reunidos a acalmarem-no através de passes sedativos.

Velhinho indócil! — disse Luciano, mostrando certo enfado na fisionomia.

Algum tempo depois, falou seriamente aos demais companheiros:

Creio que não podemos esperar mais tempo pela drenagem. O sepultamento está próximo e se não o desligarmos, Clementino acabará sentindo a própria decomposição cadavérica. Temos ordem de Severiana para não o deixar sofrer tal processo. Aliás, não nos cabe a culpa de ele não

ter expurgado completamente, no prazo comum, o conteúdo tóxico etéreo-físico, sem conseguir a leveza perispiritual necessária para atingir "Mansuetude".

Luciano auscultou o perispírito e o cadáver de Clementino, examinando-os minuciosamente através das pequeninas auras de energias plúmbeas e viscosas, que se condensavam nas suturas dos cordões fluídicos em ambos os extremos. Em seguida, aplicou na região descrita pequenino aparelho muito semelhante a um manômetro, acompanhando o movimento da agulha oca e transparente, a oscilar para a esquerda e a se imobilizar num dos símbolos vermelhos existentes no painel graduado.

Inevitavelmente, Clementino fará estágio no "Agrupamento de frei Estevam" para a drenagem residual sob a competência da equipe técnica de Herculano. É muito densa a especificidade magnética do seu perispírito, pois ele agarrou-se demais à vida humana e lutou furiosamente na hora da morte, com lastimável retenção de tóxicos perniciosos à volição. O desespero, o pavor e a obstinação petrificaram resíduos nocivos à contextura delicada do perispírito e não podem ser drenados espontaneamente até a hora do sepultamento.[40] Irmã Severiana há de compreender as nossas dificuldades, porque não poderíamos arrastar carga tão pesada até"Mansuetude", nem despender energias vultosas só para favorecer espíritos teimosos!

E, num desabafo conciliador, Luciano aduziu:

Salvo se encontrarmos algum guindaste de asas no Limiar!...

Alguns momentos eram transcorridos e ele iniciou outra série de operações em torno do cérebro perispiritual de Clementino, surgindo, em seguida, magnífica chama violácea a emitir formosas fulgurações ou revérberos dourados. Iluminavalhe toda a configuração craniana, esbatendo-se num rosa-lilás e retocando suavemente os traços obstinados do rosto pálido pela morte. Ali se mostrava, em toda a beleza, estranha duplicata perispiritual da glândula epífise, regente do campo mental do ser. Estação maravilhosa, interpreta e transmite a vontade do espírito ao comando do cérebro físico. Na base infra-craniana, onde se fazia a sutura do cordão prateado, a cintilação era mais luminosa e adelgaçava-se como delicada lâmina de celofane transparente. Luciano fez um aceno rápido ao espírito de Dagoberto, e este aproximou-se com outro delicado instrumento, cor de

alumínio, ligado à minúscula bateria, o qual crepitava suavemente à semelhança de um contador “Geijer”.

Corte, Dagoberto! — comandou Luciano, precípite.

O espírito de Dagoberto fez um movimento rápido e seccionou o cordão à altura do cerebelo, de cuja ponta despedia-se o “tônus-vital” em fulgurações brilhantes, como pingos luminescentes de fogos de artifícios. Enquanto o perispírito absorvia com presteza o fragmento do cordão fluídico seccionado na base, o cadáver também incorporava outra parte na sua contextura carnal. Um halo diferente, num leve tom rosa esbranquiçado, passou a evolar-se no ar e se adelgaçava como bolhas de sabão, dissolvendo-se no quimismo etérico do meio ambiente. Minutos depois, o corpo de Clementino já apresentava sinais de putrefação, em face da retirada da matriz perispiritual sustentadora da forma humana. As coletividades microbianas famélicas assumiam a sua característica individual e principiavam a decomposição molecular cadavérica.

Mais tarde, os quatro espíritos volitavam com muita dificuldade, à baixa altura, rente a Crosta terráquea, amparando Clementino inconsciente. Não chegavam a voejar duzentos metros e faziam o dobro do percurso em marcha avançada, como os encarnados. A carga pesava-lhes na transladação, e só o devotamento e o amor ao próximo davam-lhes o ânimo e energia suficientes para prosseguir na tarefa exaustiva e dificultosa. Em meio caminho do “Agrupamento de frei Estevam”, o próprio Luciano, sem esconder a fadiga energética, determinou um repouso mais longo. Escolheram uma clareira de mato, onde saltitava um regato de água cristalina lançando revérberos na face líquida iluminada pelo Sol descambando no poente. Através de processos técnicos desconhecidos aos encarnados, eles extraíram boa cota de fluidos das árvores frutíferas, aplicando-os depois no perispírito combalido de Clementino, o qual suspirou aliviado de alguma dor interna.

Irmão Luciano — inquiriu Dagoberto, enquanto se recostava bastante fatigado num tufo de vegetação exuberante, buscando repouso —, porventura, seríamos indiscretos indagando quais os motivos que delinearam o curso cármico da vida de Clementino?

Não há mistérios na vida de Clementino que não possam ser conhecidos! — redarguiu Luciano, descansando o corpo na vegetação farta. — Ele viveu existência comum e peculiar a milhares de outros espíritos encarnados, cuja

faixa vibratória é a escravidão ao “ego” inferior. Clementino passou pela Terra sem deixar qualquer ensinamento proveitoso ou alguma réstia de luz na alma de alguém. Viveu tanto quanto possível, plantando o seu pé de couve para comê-lo no dia seguinte. Nada semeou em benefício para o futuro do próximo. Desde menino, fixou-se obstinadamente num objetivo pessoal e ferrenho: ser rico! Convergiu todos os sentimentos e ideias para enriquecer, sem pensar no próximo; aliás, esqueceu a própria família! No entanto, se fosse rico, nem por isso o mundo seria mais feliz! As crianças continuariam esfomeadas a seu lado, as mulheres decaídas ficariam sem lar na velhice infeliz, os doentes sem hospital e sem medicamentos. A riqueza de Clementino não ajudaria nem Jesus a ser mais conhecido na face da Terra entre os homens, pois ele queria ser rico unicamente para a satisfação dos prazeres da vida física.

Então, foi por isso que a Lei negou-lhe a fortuna tão ambicionada?

Não! Clementino apenas colheu os frutos das sementes daninhas que semeou no passado. Em existência pregressa, ele acumulou, em Portugal, vultosa fortuna à custa de contrabandos, especulações ilícitas e empreendimentos astuciosos, praticando subornos de autoridades públicas e extorquindo terras de infelizes e ingênuos aldeões. Clementino era rico, porém, ávaro, egoísta, inescrupuloso e gozador da vida. Por isso, no Brasil, ele teceu sonhos de riqueza desde a infância de menino pobre, evocando, através da memória perispiritual, o luxo, o conforto e a prodigalidade usufruída no passado, quando o dinheiro só servia-lhe para desencaminhar meninas pobres e livrar-lhe das punições justas através de régios presentes às autoridades.

Daí, a prostituição das filhas e a delinquência dos filhos nesta existência? — indagou uma entidade.

Florinda, Dorinha, Otília e Arminda eram espíritos que se prostituiriam em qualquer clima social ou condição financeira, pois tratava-se de almas primárias e escravas do desregramento sexual, além de submissas ao comando de entidades gozadoras das Trevas. Luxuriosas, fesceninas e impiedosas de corpo e alma, desencaminhavam as companheiras mais ingênuas e fracas de caráter, arregimentando “repastos vivos”[41] para a satisfação da detestável organização diabólica que opera no mundo oculto. Elas sempre terminariam prostituídas, vivendo ou não com Clementino.

Poderíamos supor que Clementino foi de “má sorte”, ao atrair esses espíritos para esposa, filhas e filhos? — interpelou Romualdo, espírito recentemente desencarnado no Rio.

Clementino atraiu esse tipo de espíritos sexuais e inescrupulosos, porque ele também já havia-se servido deles em vidas anteriores no usufruto de sensações indignas. Ademais, não merecia cercar-se de almas nobres e laboriosas na última existência, uma vez que fora um ególatra explorador do próximo.

E os filhos? — insistiu Dagoberto.

Hilário e Virgílio eram espíritos irresponsáveis que haviam sido hábeis agentes de Clementino, ajudando-o a satisfazer a ambição de riquezas e os prazeres condenáveis. Sob a lei: “os semelhantes atraem os semelhantes”, ele os atraiu novamente para a existência no Brasil, através da própria obsessão de “ser rico”. Cabe-lhe a culpa de não os ter protegido pela educação religiosa ou doutrina espiritualista, que muito poderia ajudá-los no domínio dos impulsos inferiores. Sem dúvida, “quem semeia urzes só pode colher espinhos”. Na ambição cega de enriquecer, Clementino não sentiu, na alma egoísta, a prevaricação dos filhos. Quantos séculos ele ainda terá de carregar a bagagem inferior dos espíritos das filhas e dos filhos, quando nada fez para beneficiá-los? Almas débeis, ignorantes, entontecidas pelas paixões e seduções falazes do mundo material, elas viveram apenas os impulsos desordenados do instinto animal como “receptores” dos espíritos gozadores das Sombras. Funcionaram iguais a verdadeiras “lixas” vivas junto de Clementino, a quem haviam servido no passado para satisfazer os apetites censuráveis. Por isso, ainda não merecem encarnar-se nos lares dignos e equilibrados; mas também farão o progresso ombro a ombro com os próprios comparsas pregressos, participando das vicissitudes e dos sofrimentos cármicos e recebendo ajuda e esclarecimentos dos mais evoluídos.

Depois de alguns minutos de silêncio, Luciano levantou-se dizendo, num gesto de comando: Vamos!

O grupo outra vez volitava com dificuldade, levando a carga do perispírito muito denso de Clementino. A região era cada vez mais nevoenta, e tiveram de caminhar rente à Crosta, como se fossem realmente encarnados e incapazes de empreender o vôo numa atmosfera demasiadamente densa.

Luciano orientava-se por uma bússola magnética com sinais coloridos. Algum tempo depois, divisaram o vulto de enorme barracão de material estranho, emergindo entre a cerração sombria. Estava todo protegido por cercas de arame trançado, como os alambrados do mundo, além de uma espécie de funis de cobre que se sobressaíam dos postes, de dois em dois metros, provavelmente um sistema de defesa sob o processo de bombardeios magnéticos.[42] Em cada um dos ângulos do edifício rudimentar ardiam enormes archotes. A vegetação, em torno, era rasteira e espinhosa, recortada por atalhos de terra preta e viscosa, de onde emergia um vapor oleoso e morno.

Mal os espíritos chefiados por Luciano aproximaram-se do portão principal, duplamente revestido de pontas aceradas, eles foram reconhecidos pelos vigilantes e assinalados favoravelmente pela sua graduação espiritual superior. Após os cumprimentos cordiais e abraços comovidos, penetraram na instituição, onde se verificava uma atividade incessante, pelo número de criaturas que se moviam apressadas para todos os lados. Foram introduzidos num pequeno aposento. Logo surgiu-lhes à porta um frade capuchinho de barbas brancas e de poucos cabelos, de hábito azul-escuro e um cinto branco trançado, de cujas pontas pendiam dois tubos de metal lembrando as lanterninhas elétricas modernas. Depois de abraços efusivos e palavras carinhosas entre todos, frei Estevam indagou:

Então, caro Luciano, a que devo a visita dos bons amigos de “Mansuetude”?

Trouxemos um irmão liberado recentemente da Crosta, cujo serviço desencarnatório atendemos em nome de irmã Severiana.

Ah! — fez o capuchinho, curvando-se cortesmente. — Severiana, nossa gentil colaboradora?

Sim. Era nossa intenção levarmos esse irmão até “Mansuetude”, mas o prazo “post-mortem” foi insuficiente para se processar a drenagem tóxica para o corpo físico e a consequente sanidade perispiritual. Vimo-nos obrigados a seccionar o “prateado” já próximo do sepultamento e sem completar-se a purgação. O perispírito dele está muito denso e arrasta-se em vez de acompanhar-nos no processo favorável de volição. Precisaríamos deixá-lo aqui no agrupamento para uma drenagem técnica, ou aguardarmos ordens superiores. Prometemos a irmã Severiana deixarmos o seu pupilo

protegido dos charcos e não queríamos decepcioná-la! Que nos diz, frei Estevam?

O frade velhinho mostrou grande preocupação na fisionomia bondosa, antes de responder.

Não poderei recusar qualquer pedido de irmã Severiana, em face das vultosas obrigações que lhe devemos; mas o agrupamento está lotado, além de sua capacidade socorrista e da segurança vibratória de permanência nesta zona tão primitiva. Já estamos funcionando sob a proteção dos "mercenários" do Umbral, em troca de favores muito onerosos para o futuro. São compromissos inaconselhados; mas, que fazer? — frei Estevam levantou as mãos para o alto dizendo suspiroso:

Graças a esses renegados conseguimos nos livrar de dois assaltos perigosos às nossas instituições socorristas, além de evitarmos uma fuga desairosa e, assim, abandonarmos muitos asilados ainda em estado de coma perispiritual. Fala-se em próximo assalto das hostes das crateras, atendendo pedidos de vingança do comando das Sombras, a fim de sequestrarem três entidades que estão asiladas em nosso agrupamento.

Batendo suavemente no ombro de Luciano, o bondoso capuchinho aduziu:

Mas comuniquem à irmã Severiana que o seu protegido ficará aqui até se mostrar dinâmico à volição ou até que possa transferir-se para região mais amena! Quem é ele?

Clementino, o "insubmisso"! — riu Luciano, pondo um toque humorístico na voz.

Setenta e ...? — glosou frei Estevam, aliviando o rosto preocupado.

Setenta e três! — confirmou Luciano, num gesto de censura cordial.

Pois bem, o "insubmisso" ficará no meu próprio aposento, o único lugar disponível no momento.

Luciano agradeceu ao venerável espírito e dali a momentos, com os demais companheiros, desaparecia na cerração fumarenta rumo à colônia espiritual de "Mansuetude".

A VIDA CONTRA A VIDA

Zelita era loura e bonita. Olhos azuis límpidos, grandes e emoldurados pelos cílios longos e sedosos. A pele do rosto era de um tom pérola e aveludado, realçando um róseo natural. Os lábios carnudos e sensuais, da cor de cereja madura, e o corpo bem-proporcionado faziam dela o tipo de mulher atraente e desejada por todos os homens. Ela sabia pintar-se com suavidade, o baton transparente, quase despercebido e sem artificializar-lhe a beleza natural. Usava os cabelos enfeixados no alto da cabeça, lembrando um encantador turbante a irradiar reflexos dourados. Sabia escolher as cores dos seus vestidos de acordo com o seu padrão feminino, numa combinação simples e de bom gosto. Apreciava emoldurar-se num traje de seda japonesa verde-malva, adornado de enfeites de um creme amanteigado, o que lhe combinava com o louro magnífico.

Havia nela uma faceirice inata, um ar constante de menina-moça e um desejo ardente de viver; mas, às vezes, estranha ansiedade punha-lhe sombras na fisionomia atraente e sentia faltar-lhe a respiração, caindo em profunda prostração. Em outra acasião, quedava-se séria e preocupada, como a pressagiar algo desagradável nos seus instantes mais venturosos. Paradoxalmente, o seu todo belíssimo mostrava a saúde pletórica que parecia imunizá-la contra qualquer enfermidade.

Entretanto, às vezes as forças faltavam-lhe inexplicavelmente e, momentos após, voltava-lhe a plenitude vital.

Era quase noiva de Valério, moço pobre, de bons antecedentes e que vivia exclusivamente para ela. Mas não parecia amá-lo com a mesma veemência, a ponto de ela mesma ter protelado o casamento, além de mostrar certa volubilidade para com outros jovens, cuja corte apaixonada satisfazia a sua vaidade de mulher requestada. O destino, um dia, fê-la conhecer Jobel, jovem engenheiro que, ao vê-la numa festividade social, enamorou-se dela. Não pôde mais esquecê-la! Somente havia, dali por diante, uma solução na sua vida: o casamento! Ela aceitou a corte de Jobel e, seis meses depois, casavam-se na Igreja de Santa Terezinha. Zelita foi a noiva mais linda a se consagrar naquele templo católico.

Jobel, ao terminar o curso, transferiu-se para populosa cidade no Norte do Brasil e lá assumiu a direção de importante departamento de uma

empresa de construção civil. A mudança coincidiu com os primeiros sinais de gravidez de Zelita. Foi uma gestação tormentosa, e o feto, prematuro e nati-morto, deixou a mãe exangue, apesar de toda a vitalidade habitual, anterior à concepção. Os pais, então, perderam as esperanças pelo advento de novo herdeiro.

Após novo período de ansiedade, Zelita perdeu outro filho aos cinco meses de gestação. Em consequência, submeteu-se a toda sorte de exames, testes e tratamentos ginecológicos, sem que lhe fosse identificada qualquer anomalia no aparelho genital. Os médicos só recomendaram-lhe o máximo repouso e tranquilidade durante a próxima gravidez, convictos de que isso bastaria para ajudá-la a ter o terceiro filho com êxito.

A fatalidade perseguia Zelita de modo implacável, embora ela e Jobel pusessem toda sua vivência no desejo de um filho para completar a felicidade do lar. No entanto, malgrado suas tentativas para tal ventura, todos os filhos nasceram mortos em consequência de abortos imprevisíveis entre três e seis meses. Em sua vida, predominava cruel ironia, pois os médicos gabavam-lhe a exuberância vital no início da gestação, mas depois não conseguiam explicar os motivos de exaurir-se assustadoramente, a ponto de guardar o leito, imóvel, até o momento do parto. Finalmente, Zelita resignou-se, evitando qualquer novo ensejo de procriação, certa de sua impossibilidade de ser mãe. Alguns anos depois, após o tempo ter cicatrizado as chagas das frustrações maternas, Zelita consultou curandeiros, “pais de santo” na Umbanda e abalisados ginecologistas modernos. Nova esperança se fez, ante a unanimidade de todos lhe assegurarem absoluto sucesso num próximo parto. Reanimada, ela entregou-se novamente à empreitada dolorosa de gerar outro descendente, agora fortalecida pelas afirmativas dos próprios espíritos desencarnados. No entanto, o período gestativo foi terrivelmente atribulado e durante nove meses ela permaneceu no leito em situação aflitiva. As faces tomaram uma cor cerácea, temia-se a eclâmpsia e sofria desmaios demorados. Às vezes, ficava em estado de coma, os lábios rígidos e as mãos crispadas, tardando em tornar conhecimento do mundo exterior.

Graças à situação desafogada de Jobel, financeiramente, ele pôde manter uma equipe de médicos junto ao leito de Zelita atendendo-lhe a situação dolorosa. Doutor Milani era o chefe da equipe e submetia a paciente

constantemente a soros, vitaminas e até transfusão de sangue. Mesmo assim, ela mal conseguia abrir os olhos e, nos últimos dias de gestação, já se mostrava inconsciente, os olhos esgazeados e com um ar de espanto na fisionomia atraente. Os obstetras encarregados do caso não viam qualquer probabilidade de Zelita alcançar a "delivrance" em condições de sobreviver. Haviam decidido sacrificar o nascituro e poupar a vida materna em perigo, e Jobel conformava-se, mais uma vez, com a desdita de não ser pai. Ele vagava do quarto da esposa para o corredor do hospital e, depois, retornava nessa "via-sacra" incessante, aflitiva e desesperada.

Finalmente, chegou a hora do parto ante receios dos médicos precisarem optar por uma cirurgia. No entanto, espantavam-se pelos fenômenos que se sucediam, pois, às vezes, Zelita parecia inflada subitamente por uma energia imprevista, surgiam-lhe cores inesperadas nas faces para, em seguida, esvair-se como se a sugassem vigorosamente.

É impossível salvá-la! — comentou o médico para Jobel, num tom fúnebre. — Vamos tentar a cesariana, mas é dificílimo que resista ao choque operatório. Não dispomos de nenhuma alternativa a seu favor, nem do filho a nascer.

Jobel curvou a cabeça, num gesto de resignação desesperada, e assentiu:

Doutor Milani, o senhor faça o que julgar acertado!

Aflito e incapaz de assistir à cirurgia que se mostrava de mau presságio, após um beijo comovente na esposa, saiu do quarto, retornando ao corredor cismativo, a fitar o céu carregado de nuvens como sua própria alma. Mas, à medida que o médico fazia a incisão no ventre de Zelita, novamente se processava estranha transfusão de vitalidade e o rosto pálido e a pele transparente e a pressão baixíssima modificavam-se com extraordinária rapidez, surgindo a cor sanguínea otimista e reanimando-se o ritmo cardíaco. Depois, inesperadamente, faziam-se novos hiatos perigosíssimos e Zelita desfalecia deixando todos alarmados.

Jobel olhava o céu nublado e fumava cigarro atrás de cigarro. A temperatura esfriara e começava a cair uma chuva finíssima, aumentando a sua dor e tristeza. Talvez houvesse decorrido uma hora quando, à sua retaguarda, abriu-se a porta da sala de cirurgia. Ele voltou-se sob profunda angústia, defrontando-se com a figura atarracada do Doutor Milani, a enxugar o suor do rosto, apesar da temperatura amena. Em seguida, meteu a

mão no bolsinho do avental e apanhando um cigarro “Liberty”, acendeu-o num gesto impaciente de fumante inveterado. Aproximou-se de Jobel, sem poder disfarçar a preocupação e a intranquilidade nos seus gestos bruscos. Parecia ensaiar as palavras, escolhê-las como um mensageiro, portador de más notícias. Bateu de leve no ombro de Jobel, num gesto de solidariedade, dizendo-lhe num só impulso verbal:

Conforme-se, amigo! Nenhum de nós sabe o que pode acontecer amanhã; há coisas piores e...

Zelita morreu, não é doutor Milani? — atalhou Jobel num tom de dolorosa resignação.

Não! — respondeu o médico, deixando-o boquiaberto.

Zelita não morreu? Mas, enfim, o que aconteceu de trágico, pela sua fisionomia tão constrangida?

Doutor Milani sorveu uma longa baforada de fumo do cigarro e, sem modificar a fisionomia, traindo profunda preocupação, exclamou quase sem fitar Jobel:

— Zelita salvou-se; nem sei explicar como isso aconteceu, pois tudo funcionou certo na hora do parto! Jamais vi reação tão fabulosa de uma gestante que, depois de irrecuperável colapso, ainda se recuperou extraordinariamente — e, chegando-se à janela, fitando a chuva intermitente a batucar na janela, aduziu:

Isso nos ajudou bastante a salvar os gêmeos!

Gêmeos?! — exclamou Jobel, afoito. — Gêmeos? Mas, estão vivos?

Sim! — redarguiu o médico, entre duas baforadas de fumo; mas sem esconder o nervosismo.

Então, o doutor olhou para fora, percorrendo com seus olhos miúdos os edifícios lavados pela chuva. Depois, num tom apressado de voz, voltou-se para Jobei e transmitiu-lhe a trágica notícia:

São gêmeos, Jobel; porém, paralíticos do pescoço para baixo!

Jobel ficou lívido; sua única reação foi puxar um cigarro do bolso. Ergueu os olhos para o médico, meio atarantado, fez menção de seguir para o quarto de Zelita, entretanto titubeou paralisado. Queria ver a esposa e estremecia, aterrado, ante a figura tétrica dos filhos inertes, estirados sobre os lençois alvíssimos como criaturas secas de vitalidade. Não sabia o que

fazer e só conseguiu lançar um olhar angustiado ao médico.

Jobel, meu amigo! — gaguejou doutor Milani, confrangido —, deve haver alguma coisa certa em tudo isso. Confiemos na medicina, pois já se conseguiu solucionar casos bem piores!

Mas ele mesmo não conseguiu imprimir autenticidade às suas palavras. Elas soavam-lhe falsas; e sabia, de antemão, que era um caso completamente irrecuperável. Num aceno cordial e de excusas, Doutor Milani sumiu pelo corredor, deixando uma sensação de fuga.

Cinco anos depois, Jobel e Zelita contemplavam, num berço forrado de seda e adornado de rendas, duas crianças perfeitamente semelhantes, que apenas moviam as cabeças, de um lado para outro, semelhantes ao movimento monótono e repetido do pêndulo de relógio. Sabia-se que viviam pelos olhos, que se agitavam nas órbitas fitando um mundo fantástico e mórbido. O pior ainda viera depois: o médico certificara-se de que além de paralíticos, os dois meninos eram dementes! Os olhos febris, inquisidores, tristes, eram duas súplicas desesperadas pela libertação; olhavam para Jobel e Zelita, mas não os viam nem os reconheciam, malgrado a presença frequente dos dois junto ao berço. Fugira-lhes a seiva do corpo e também a seiva da alma! O próprio cão reconhece o dono, mas eles não distinguiam os pais!

Quando Zelita e Jobel saíam de perto daquele berço rendado, também seus olhos estavam marejados de lágrimas e eles então se abraçavam, buscando amparo mútuo para o infortúnio comum. Enquanto outros lares festejavam o advento de filhos robustos, belos e inteligentes, ambos concentravam a existência naqueles filhos tardos, feios e paralíticos. Sem dúvida, trocariam todos os seus bens pela ventura de uma choupana com filhos sadios!

Humilhados por essa progênie enfermiça, desistiram de qualquer tentativa para procurar outro filho, temerosos de aumentarem a própria desgraça. Jobel, pouco a pouco, perdia o entusiasmo pela vida, deixando-se corroer por um desânimo desintegrador e sentia-se incapaz de sobreviver à desventura que lhe ferira a existência. Alma boníssima e tolerante, considerava-se culpado da infelicidade de Zelita, tão bela e afetiva, ex-noiva de Valério, que hoje era casado e pai de três filhos sadios e venturosos. Mortificava-se continuamente num desgaste prematuro de

energias, enfraquecendo a própria resistência moral. Os aperitivos inocentes, em breve foram substituídos pelas doses maciças de “whisky” ou “gim”, solapando-lhe, pouco a pouco, o ânimo e fazendo-o descurar-se das obrigações profissionais.

Infelizmente, dominado pelo torpor alcoólico, tornou-se incompetente e inútil na firma onde fora admitido com todo o carinho e confiança. Então, foi dispensado, ficando sem emprego, enquanto as despesas cresciam reduzindo-lhe as economias. Vencido pela embriaguês e desencorajado de começar outra vez a profissão em ambiente estranho, Jobel consumiu-se entre os frascos de bebidas. Zelita via sua vida desabar e, desanimada, sentia-se impotente ante às dificuldades domésticas, além das preocupações incessantes para com os filhos parvos e paralíticos. Não era mulher adestrada para cumprir sozinha o destino de mãe de dois “mortos-vivos”! Ela não sabia nenhum ofício nem possuía qualquer curso liberal para manter a subsistência do lar. Fora criada com excesso de mimos e despreocupações por uma tia abastada. Também não se sentia encorajada para aceitar tarefas grosseiras e humilhantes a fim de sobreviver. Além disso, extinguira-se o amor materno pelos filhos teratológicos, considerados os verdadeiros causadores da ruína de sua vida. Infelizmente, Jobel atingia o “clímax” alcoólico completamente embrutecido e, apesar de tratamentos cuidadosos, desencarnava dois meses depois.

Zelita atingira os trinta e oito anos e, malgrado os sofrimentos, ainda se mostrava atraente e mesmo bela. Ansiava por viver, livrar-se daquela carga, enquanto moça. Então, ela recorreu a alguns amigos de Jobel e conseguiu internar os filhos numa instituição assistencial especializada. Em seguida, pôs-se a desforrar-se daquele casamento amargurado.Vendeu todos os bens domésticos que possuía, passando a se trajar com toda faceirice de uma jovem. Meses depois, tornava-se amante de Godofredo, antigo chefe de Jobel, que há anos vinha-lhe tentando a corte sem êxito. Ele lhe montou luxuoso apartamento, malgrado o escândalo provocado pela sua família, proporcionando a Zelita uma vida faustosa e despreocupada. Entretanto, o destino se obstinava contra ela. Decorrido menos de um ano, Godofredo morria de síncope, fazendo-a sofrer os piores vexames por parte da família dele, pois foi obrigada a restituir todos os bens não inscritos em seu nome. Sentiu-se tentada ao suicídio, ante o seu desgaste cada vez mais acentuado,

mas uma alma amiga conseguiu dissuadi-la desse recurso tão trágico. Indiferente à sua sorte, entregou-se à detestável sina de substituir amantes, num ciclo cada vez mais decrescente e inferior, até findar sua existência inglória num prostíbulo. Faltou-lhe o amparo amigo e confortador na hora dolorosa de sua decadência moral.

Zelita desencarnou aos cinquenta anos, num triste hospital de indigentes, assistida pela piedade de algumas irmãs de caridade.

Enquanto isso, do "outro lado" da vida, espíritos amigos e familiares tentavam ajudá-la a se desvencilhar do corpo de carne danificado numa vida tão cruel e desleixada. Mas eles não puderam livrá-la de cair nos charcos depuradores do Astral Inferior, para onde ela foi atraída pela baixa carga magnética aderida ao perispírito por causa da vida enfermiça de prostituta.

Zelita viveu algum tempo nos charcos,[43] sofrendo os desagradáveis tormentos da purificação perispiritual compulsória. A região era pestilenta e sombria. O ar escuro e pesado, sufocado num nevoeiro de fumo cristalizado. Ela ouvia gritos, blasfêmias, obscenidades e gargalhadas incessantes a lhe martelar o cérebro dia e noite. Vivia aterrorizada com as caras esbraseadas e sinistras que surgiam na tela enegrecida do ambiente, trazendo o ríctus do mais repulsivo deboche. Exausta e apavorada, não conseguia identificar a natureza dos pesadelos, nem lobrigar o motivo da vampirização de suas energias vitais. Já não movia um dedo e sua alma tornava-se cada vez mais insensível aos próprios fenômenos apavorantes que presenciava com frequência.

Quanto tempo viveu aquele mau sonho, colada ao solo repugnante num estado irrecuperável de coma vital? Não se lembrava. Mas um dia seu coração vibrou sob o impulso de estranha voz oculta, cariciosa e branda, que lhe desatava as fibras amortecidas do espírito conturbado. Sob essa terna inspiração, seus olhos lavaram-se de lágrimas refrescantes a rolar-lhe pelas faces, enquanto dominava-lhe estranha emoção. Um desejo inexplicável de ser criança e orar como costumava proceder em menina, acompanhando as palavras amorosas da mãe e da tia querida. Pensamentos limpos e emoções imaculadas voejavam em torno de sua alma, fazendo-a desejar uma existência serena e uma paz de espírito eterna.

Aos poucos, um suave calor tomou-lhe o corpo despertando-lhe sensações confortadoras, triunfando sobre o frio terrível que a atormentava

sem cessar. Naquela agradável quietude, percebeu uma luz suave a lhe penetrar o organismo, enquanto ouvia vozes amistosas modulando-lhe palavras de esperança e de ânimo. Não notava qualquer modificação na paisagem escura, porém, sentia-se levitar num impulso ascensional que lhe reduzia o peso estranho a lhe comprimir o corpo contra o solo frio e nauseabundo.

Perdeu a consciência de tudo o que lhe acontecia, mas foi grande a surpresa ao perceber-se num leito pobre, de lençois alvos e reconfortantes, em vez do ambiente tétrico anterior. Em torno de si, fluía suave claridade rósea-lilás, iluminando um aposento singelo e agradável. Ela ainda experimentava grande exaustão, mas já podia raciocinar mais lúcida, mover os olhos e sentir o arfar débil dos pulmões. Sentia-se enfraquecida para falar e incapaz de fazer qualquer gesto mais vivo, entretanto, pela primeira vez, sua alma era feliz e gozava de inefável paz de espírito. Dali a pouco, percebeu que a porta se abria dando passagem a alguém; distinguiu uma senhora idosa de fisionomia clara e vivaz, adornada por uns olhos severos, mas cordiais, a se curvar sobre o leito. Ela trajava um vestido cinza-claro com decote alto e o corpo modelado por um cinto largo e brilhante, cor de pêssego novo, ajustado por um broche de pedrinhas faiscantes. Junto dela, estavam dois jovens de ar tímido, fisionomia triste e olhos ainda ensombrados por alguma recordação pungente.

Zelita quase jurava tê-los visto alhures e, quando a senhora voltou-se para eles, ambos tinham os olhos marejados de lágrimas e se mostravam bastante pálidos.

— Controlem-se, meus queridos! Lembrem-se das recordações essenciais. Nós só podemos servir o próximo equilibrando nossas emoções e esquecendo o passado — disse ela num tom severo; depois ordenou, algo decidida: — Vamos ao trabalho.

Então, um dos jovens enfermeiros ajustou um tubo leitoso e aparentemente plástico a um bujão de material cristalino cor de ametista refulgente, enquanto o companheiro fixava, na outra ponta, uma espécie de farolete trazeiro de automóvel, cujo vidro ou coisa parecida era do mais vivo tom alaranjado. A senhora curvou-se e, delicadamente, voltou Zelita de bruços no leito alvo, enquanto os dois jovens ajustavam o exótico aparelho à distância de cinco centímetros da região do bulbo e do cerebelo. Em

seguida, acionaram um minúsculo botão de contato e resplandeceu um feixe de fluidos cor de laranja madura a filtrar-se pelo vidro, o qual parecia pequenina tela tecida por mil fios cintilantes. O jato alaranjado e suavemente crepitante fluía sobre a região posterior do crânio de Zelita e era absorvido celeremente. A cabeça passou a apresentar um halo de luz tênue, que se irradiava pela coluna vertebral. A luminosidade ora aumentava, ora diminuía, ressaltando em caprichoso desenho a configuração brilhante do sistema nervoso. Parecia formado por fios de seda tenuíssimos e orvalhados, em mistura com suave lilás, mostrando o perfil endocrínico; depois, tudo se transformava num tom de alaranjado resplandecente, clareando, de modo surpreendente, a matriz perispiritual da vida humana.

Zelita sentia-se cada vez mais tonificada, efervescendo-lhe no corpo uma sensação estuante de vida. Mas a região hipogástrica ainda se mostrava dolorosa, como se tivesse sido comprimida e persistindo a sensação de vácuo atroz, que lhe castigava há muito tempo. Mas aquela carga vitalizante, e cheirando gostosamente à amêndoas maduras, preenchia-lhe o organismo combalido. O tato, a visão e a audição refaziam-se de modo rápido e surpreendente. Em seguida, ela começou a distinguir com maior nitidez os contornos do quarto simples e as florzinhas miúdas, em matizes castanho e granada, a cintilarem no forro róseo sob a claridade doce e macia. Percebeu melhor a senhora de cabelos fartos, luzidios e louros, enfeixados num coque de aspecto severo, curvada sobre ela, enquanto os jovens continuavam o seu trabalho vitalizante. Depois, num esforço quase heroico para focalizar a receptividade psíquica, ela conseguiu ouvi-la:

Zelita, sei que já se sente mais desperta e disposta, pois observo o desentorpecimento da circulação psicossomática. Por enquanto, não se preocupe; deixe-se ficar assim, nesse repouso inefável e tranquilizante; apenas ajude-nos com o pensamento em prece, o verdadeiro alimento de nossa alma, a essência divina que eleva a nossa faixa vibratória à sublimidade espiritual do Criador! Sim?

Num gesto maternal passou-lhe a mão pela fronte. Depois, apanhando um frasco de líquido fluorescente, cor de morango, ajudou Zelita a ingerir parte dele, o que propiciou-lhe um novo calor reconfortante em todo o tecido do seu corpo perispiritual. Da primeira vez, o fluido alaranjado desentorpecera-lhe o organismo exausto daquela região tenebrosa dos

charcos; agora, a substância cor de morango proporcionava-lhe uma nutrição reconfortante e sensação de descanso. Pouco a pouco, seus olhos foram se fechando sob um desfalecimento gostoso e repousante. As faces, antes pálidas e ceráceas, punham-se róseas e prazenteiras. Então, os dois jovens mostraram-se mais animados e alegres, enquanto a senhora lhes dizia fraternalmente:

Bem, meus queridos, eis uma prova de que vocês já entendem o processo efusivo e vitalizante do perispírito vampirizado nos charcos, como aconteceu à nossa querida Zelita. Ela só despertará dentro de dois dias e até lá confiemos também nas suas próprias forças criadoras — e, mudando de tom, acrescentou:

Ainda não é conveniente a nossa identificação. É melhor evitarmos comoções que desintegrem as energias vitalizantes do seu perispírito. Deixemo-la no limiar de suas lembranças terrícolas, convicta de que foi amparada em qualquer instituição hospitalar do mundo físico. Vamos!

Transcorrido o prazo previsto, Zelita acordou bastante refeita. Ao seu lado, estava aquela senhora loura e prestativa, que lhe havia assistido na companhia dos dois jovens enfermeiros. Num gesto afetuoso e maternal, ela então lhe disse:

Zelita, em nossa moradia espiritual não costumamos lamentar os equívocos ocorridos na nossa vida física para não gastarmos os valiosos recursos da mente em lembranças enfermiças. O que nos importa é a recuperação eficiente das forças dispersas e malbaratadas nas imprudências das paixões humanas — silenciou alguns segundos e depois de alguma reflexão séria decidiu-se, acrescentando:

Naturalmente, você já percebeu: não é mais da carne, não é assim?

Ante o embaraço e a surpresa de Zelita, ela insistiu, novamente:

Sabe que já desencarnou, não é assim?

Zelita passou a mão pela fronte, no esforço mental de reunir os fragmentos das reminiscências dos principais acontecimentos de sua vida. Mas agora sentia-se vitalizada e capaz de raciocinar com clareza; apenas uma tênue cerração parecia impedi-la de distinguir com nitidez os contornos exatos das imagens que ainda se moviam confusas na sua memória sideral. A senhora foi em seu socorro, pondo-lhe a mão direita sobre o occipital e a esquerda na fronte, como se quisesse fechar-lhe um circuito magnético em

torno do cérebro. Notava-se o seu esforço de coesão mental com Zelita, pois realmente dali a minutos provou-se o bom êxito da providência benfeitora. De repente, dominada pela mais viva surpresa, Zelita arregalou os olhos num entusiasmo infantil, murmurando as primeiras palavras naquele aposento:

Sim! Sim! Mãe Eulália!

E, num gesto afetuoso de júbilo, sem demonstração de pesar ou amargura, abraçou a senhora idosa e aninhou-se no seu colo, a fisionomia radiosa e feliz.

Ah! Como é bom voltar, mãe! — e fitou-a inteirinha dos pés à cabeça, os olhos lavados de lágrimas ditosas, acrescentando: — E eu não cheguei a conhecê-la em toda a sua ternura e afeto, mãe! Você esteve tão pouco comigo na Terra! Dois anos apenas, não foi?

Sim, Zelita! — respondeu-lhe Eulália, disfarçando a custo a sua emoção. — Eu apenas fui ajudá-la na confecção de um corpo para você cumprir a prova dolorosa e imprescindível para a sua retificação cármica. Vê? Agora usufruiu da ventura de haver cumprido o programa redentor das dívidas mais graves com a carne.

De repente, Zelita lembrou-se:

Jobel?

Não se preocupe com os espíritos que viveram a seu lado, pois “cada um colhe de acordo com suas obras”. Jobel também se encontra bastante aliviado de sua desventura terrena.

Depois de alguns instantes de silêncio, Eulália não pôde furtar-se de uma leve queixa muito humana:

Bem que você poderia ter dispensado a purgação drástica dos charcos absorventes no Umbral. Não se mostrou muito sensível às minhas intuições, pois, do contrário, os seus velhos comparsas não a teriam conduzido à vida nefanda do meretrício — e, mudando de tom, como a sacudir de si as lembranças tristes, completou com voz persuasiva: — Bem, apesar da influência das “sereias das Sombras” nos seus últimos tempos de vida, você ainda conseguiu encerrar a sua conta devedora de maior vulto com o planeta Terra, e não fugiu das provas redentoras nos momentos psicológicos. Eu temia o suicídio e fiz tudo para livrá-la de sina tão funesta. Os nossos mentores a felicitam pela sua conformidade dos primeiros anos de existência

conjugal na matéria, prometendo-lhe, para o futuro, ensejos educativos mais suaves e ditosos na Crosta em companhia de algumas almas de sua afeição espiritual.

Quando Eulália silenciou, Zelita, sem mágoa, apesar de pesarosa, rogou-lhe:

Mãe! Podia ajudar-me na reminiscência dos motivos que geraram um carma tão gravoso na minha última existência? Relembro fragmentos, frases, fisionomias esparsas e uma sensação de culpa interior muito grande. Gostaria de atar todos os fios do passado; avaliar as imprudências e também ajuizar os ensejos de recuperação espiritual. Ajuda-me?

Eulália refletiu alguns momentos, parecendo solicitar intuitivamente a autorização superior do esclarecimento prematuro. Em seguida, assim se expressou, em breve síntese:

Zelita, eliminemos particularidades inúteis. Lembre-se apenas de que em vida anterior, no século passado, você foi Janina, a enfermeira-chefe da "Maternidade Verônica", em Lorena, França. Era mulher formosa, bastante volúvel, e que, em troca de uma vida luxuosa, não hesitou em se associar aos médicos Pierre Lafont e Honoré Thibaut, infelizes industriais do "aborto provocado", cuja tarefa criminosa também se prestava a atender os objetivos dos espíritos diabólicos inimigos da vida humana. Ambos especulavam o "aborto provocado", essa nefanda mercadoria condenada por todos os mestres espirituais, e você, qual máquina viva, como enfermeira e amante, ajudava o pleno funcionamento da indústria de anjos para elevar a renda da maternidade. Como você não é espírito primário, sabe muito bem que a "Lei de Causa e Efeito" juntou todos os faltosos numa existência carnal de reparação tormentosa, de conformidade com os erros praticados no pretérito. A verdade é que todos vocês lutaram com o máximo esforço para merecer a mesma "onda de vida", que tanto subestimaram no passado e a desviaram no seu impulso criador positivo.

E, fazendo uma pausa significativa, prosseguiu:

Mas a vida fugia-lhe ainda sob o estímulo negativo da inversão criada no passado e, apesar do esforço heroico de se corporificarem no seu ventre, Pierre e Honoré abortaram oito vezes, antes de nascerem paralíticos e dementes. Faltava-lhes o fluido ou prana vital suficiente para a composição correta do corpo físico, e também o prana mental[44] para modelar a contento o

equipo cerebral. Eles vampirizavam você até à exaustão na ansiedade de atingir o final da gestação e renascer na carne e, quando você não possuía mais energias para ajudá-los a se desenvolver no ventre, eles abortavam, como fizeram com inúmeras criaturas, abusando dos direitos legais humanos e divinos.

Eulália queria evitar que Zelita se deixasse dominar por qualquer impressão demasiadamente confrangedora e assim amenizou:

No entanto, graças aos Mestres sempre tão pródigos na oferenda de novos ensejos para a nossa reabilitação espiritual, foi traçado o programa redentor para vocês se unirem nesse carma cruciante do "aborto provocado", pois Honoré, Pierre, Jobel e você suplicavam incessantemente a vida na carne para descarregarem as toxinas repulsivas aderidas ao perispírito desequilibrado. Jobel, embora o menos comprometido no passado, pecou pela cooperação de encaminhar as infelizes gestantes à "Maternidade Verônica", onde livravam-se ficilmente de suas próprias aventuras imprudentes. Você foi assistida por almas prestativas durante o parto trabalhoso dos gêmeos e, por esta razão, os médicos terrenos surpreenderam-se ante a inexplicável eclosão de energias vitais que brotaram no seu organismo à hora final. Deste modo, Pierre e Honoré conseguiram atingir a fase final do nascimento, livrando-se de retardarem a prova para futura existência. Contudo, eles não puderam mobilizar o prana mental suficiente para uma vida racional. Aliás, não faziam jus à graça de uma vida carnal, mesmo imperfeita, nessa existência de retificação cármica coletiva. O Pai, entretanto, não cobra juros de seus filhos e ainda os favorece para a liquidação mais breve das próprias dívidas. Assim, Honoré e Pierre, deficientes em energias astrais e mentais, não conseguiram um intercâmbio consciente com o mundo físico e tiveram apenas o necessário teor vital para sobreviverem na forma de paralíticos. O processo retificador ajudou-os a esgotarem para o "mata-borrão" vivo do corpo humano os fluidos tóxicos que lhes impregnavam a contextura delicada do perispírito.

Zelita estava pensativa, mas não amargurada. O seu espírito reajustava-se outra vez à verdadeira vida do Além-túmulo e, por isso, sentia o júbilo de comprovar que o sofrimento na carne havia-lhe proporcionado melhor condição espiritual e abrandado o remorso crepitante de saber-se espírito indigno da vida. Malgrado as angústias e equívocos na existência terrena de

penitência e a sua repulsa pela configuração dos filhos paralíticos e imbecis, reconhecia-se ligada a eles por alguns séculos. Honoré e Pierre não haviam sido apenas os seus comparsas daquela vida malograda, mas, acima de tudo, espíritos afins, almas gêmeas. Comovida, e numa voz onde a saudade misturava-se ao afeto, ela então suplicou:

Mãe! Onde estão eles? Onde vivem ou sofrem os meus filhos da última existência terrena?

Eulália sorriu, significativa, redarguindo:

Eles reajustam-se, visando melhores dias futuros, e só aguardavam o seu chamado espontâneo para abraçá-la! Vou chamá-los!

E, abrindo a porta, Eulália fez um convite amistoso para fora, penetrando no aposento os dois jovens enfermeiros, que anteriormente haviam ministrado a “carga vitalizante” de prana astralino e mental em Zelita. Seus olhos tristes mostravam-se jubilosos como se houvessem sido perdoados de alguma falta grave. Ambos se curvaram, gentilmente, e beijaram-lhe as mãos num tributo de elevado afeto, exclamando, comovidos:

Bênção, mãezinha!

EXPURGO PSÍQUICO

A estrada poeirenTa desdobrava-se por entre a vastidão do campo amarelecido pela falta de chuva. A caleça[45] levantava o pó vermelho, e o cavalo zaino trotava célere, de cabeça erguida, recortando-se à luz crepuscular, pois o Sol dava a sua última espiada por trás da linha do horizonte. Começaram a surgir pinheiros isolados, depois em grupos e, finalmente, alguns bosques encorpados marginando a estrada de ambos os lados.

Fabiano olhava a sombra da noite, que avançava aos poucos sobre a mancha púrpura do poente; então, fustigava com o chicote o lombo do cavalo na pressa de chegar. O animal acelerava o trote, e a espuma escorria-lhe por entre o freio e os cantos da boca.

A escuridão era completa quando Fabiano susteve o cavalo diante da porteira e acendeu as lanternas da caleça, fazendo brilhar, sob a luz motiça do carbureto,[46] uma tabuleta de madeira pregada sobre o portão com o dístico: “Fazenda das Magnólias”. Abriu a porteira, puxou o cavalo e o carro, fechando-a novamente. Dali a pouco, seguia a trote largo por um caminho descarnado entre o capim ralo e alcançou a orla do mato, cada vez mais denso, onde a estrada mergulhava acidentada, formando declives rápidos e curvas estreitas. A luz mortiça das lanternas alumiava os cascos do cavalo a passo lento, bem seguro pelas rédeas por causa do chão escorregadio, e fazendo sombras que dançavam nos troncos de árvores.

Meia hora depois de marcha lenta e cuidadosa pelo terreno pedregoso, a mataria abriu-se, de chofre, numa clareira que se estendia por extensa faixa de terra descampada. Sob a abóbada do céu pontilhado de estrelas, surgiu uma várzea, onde corria livremente um vento frio que uivava na crista dos arvoredos da mata escura. Fabiano puxou a manta até as orelhas e fechou o casaco de “astrakan” preto, protegendo-se contra as lufadas de ar frio. A estrada, à sua frente, era estreita, mas reta, de um brilho esbranquiçado sob os primeiros fulgores do luar incidindo na areia branca, própria da margem do rio Iguaçu. Ao longe, luzes amarelecidas piscavam em diversos pontos, marcando a direção de Fabiano, cujo cavalo, num galope ritmado, demonstrava conhecer perfeitamente o caminho.

As rodas do carro chiavam esmagando a areia miúda, enquanto os cascos

do animal vibravam num estranho sonido contra as pedrinhas miúdas. Enfim, a caleça penetrava ruidosamente num pátio espaçoso, estacando à frente de um casarão amplo e circundado de varandas iluminadas por alguns lampiões a querosene. As janelas estavam fechadas, mas as cortinas afastadas deixavam vislumbrar um vasto salão com sofás, poltronas de fazendas coloridas, uma cadeira de balanço, além de outros móveis e bijuterias. Do teto de imbuia envernizada, pendia um rico lampião belga, de luz clara e límpida. Em torno da vivenda, alinhava-se uma dúzia de casas modestas, feitas de madeira rústica e fracamente iluminadas, cujos vultos sobressaíam-se na escuridão, recortados pelos clarões do luar.

Fabiano descia do carro quando a porta da frente se abriu e surgiu o vulto de um homem alto, erguendo a lanterna à altura do próprio rosto negro e luzidio. De repente, voltou-se para dentro e gritou, numa voz sonora e pausada:

"Seu" Batista, "doutô" Fabiano chegou!

E saiu para fora, atencioso a clarear o caminho para o recém-chegado.

Boa noite e seja bem-vindo,"doutô" Fabiano! — disse o preto num sorriso largo.

Boa noite, Pereba! Muitos problemas?

Tá indo na ordem. Vassumecê recebeu o aviso?

Recebi, sim! — respondeu Fabiano, silenciando um momento, para depois dizer num suspiro longo e doloroso:

Acho que foi melhor assim, apesar de sentir-me esfrangalhado no íntimo de minha alma!

Acho que foi muito melhor, "doutô" Fabiano. Antes morrer do que sofrer de modo tão judiado!

Pereba era um pretalhão alto e robusto, de rosto lustroso, ingênuo e bom de alma. Sua voz era pausada e com timbre de um baixo de ópera. Falava movendo as mãos, estendendo-as num gesto largo e moroso. Tinha os olhos grandes e ternos, lábios grossos e que se abriam facilmente num sorriso mostrando os dentes branquíssimos e bem-arrumados. Devia andar para cima dos sessenta, pois, à luz do lampião, via-se a carapinha amarelecida nas fontes.

Também estou rebentado, "doutô" Fabiano! — disse Pereba, anuviando

os olhos numa expressão sincera de tortura e aflição. — Verinha também era a luz de minha vida!

Sacudiu a cabeça e apressou-se a abrir a porta para Fabiano, que raspou os sapatos no capacho do chão, dando o chapéu a Pereba. Logo depois, a porta interna do salão abriu-se aparecendo um homem gordo, nédio e baixo, tipo de caboclo moreno e tostado do sol, cuja barriga ameaçava rebentar a cinta a cada movimento. Arfava quando se movia ou falava, num cacoete de enxugar a testa a cada momento, devendo suar até em geladeira. Respeitosamente, estendeu a mão para Fabiano numa saudação singela:

Finalmente, doutor Fabiano, Deus apiedou-se da menina! Que sua alma esteja em paz, pois, se é verdade que o sofrimento leva a gente para o Céu, acho que Verinha a estas horas está rodeada de anjos!

Fabiano sentou-se na poltrona de gobelim, jogando as almofadas ao chão. Depois, abriu a carteira e ofereceu um "Petit Londrino" ao capataz da fazenda, que estava silencioso à sua frente. Após longa baforada e sem disfarçar o tremor nervoso das mãos, ele falou:

João Batista, não sei o que fiz no mundo para sofrer tanto assim.

Levantou-se, foi até à janela e moveu-se pelo aposento num ar de desabafo.

Onde eu deveria encontrar a justificativa para essa desgraça?

E num tom íntimo, dirigindo-se ao empregado, aduziu:

Há famílias com cinco, dez ou quinze filhos, robustos e sadios até o fim da vida. No entanto, eu tive apenas dois filhos! Apenas dois filhos!

E voltou-se para a janela e ali ficou ensimesmado alguns segundos, olhando as estrelas a piscar no céu sob a luz crescente do luar. Depois, num gesto brusco, desabafou:

Eu tive apenas dois filhos, Batista! Dois, porém, ambos leprosos!...

João Batista mexeu-se, inquieto, rebuscando na deficiência cerebral uma resposta convincente.

Acho que Deus quer assim, não é, doutor Fabiano?

Deus!? — voltou-se Fabiano, quase agressivo. — Deus! Perfeição! Bondade! Justiça! Sabedoria infinita! Deus que criou o homem à sua imagem, mas o faz leproso! — e sacudiu a cabeça, obstinadamente, acrescentando: — Não! João Batista, não existe Deus. Isso é apenas um mito criado pela

imaginação humana a fim de justificar a nossa própria covardia de existir. Nada presta na vida! Tudo é ilusão, fantasia e estupidez, pois o mundo está cheio de aleijões, homicidas, proxenetas e prostitutas, que vivem na miséria, na podridão e no desespero. Noutro extremo, há felizardos nadando em fortunas, alegres, belos, com saúde e vida regalada, influindo até no poder administrativo e político do mundo. Por que a fartura para uns, a miséria, a doença e a desgraça para outros? A vida é incoerente, João Batista! É injusta, inglória e cretina. Há criminosos glorificados pela história e beneficiados com todos os bens da vida; mas há santos e virgens, cuja ternura e humildade são ironizados pelos sarcasmos do mundo! E diz você que Deus assim quer? — e, num desabafo muito humano, Fabiano acrescentou num tom de desforra: — Eu teria feito o mundo

mais coerente e justo do que esse Deus Sábio e Poderoso!

Sentou-se nervoso, tragando longas baforadas, enquanto João Batista, com a fisionomia bonachona e bem nutrida, torturava-se no esforço incomum de pensar além dos acontecimentos do cotidiano.

Bem, eu não sei o que pensar, doutor Fabiano, mas acredito que tudo vem de Deus. Não tem dúvida, há coisas erradas e certas no mundo; mas, como sempre me diz padre Giuseppi, “são mistérios que só Deus sabe resolver.”

Fabiano sentou-se e ficou absorto, olhando o teto de imbuia, enquanto João Batista, o administrador da “Fazenda das Magnólias”, parecia respeitar o silêncio do patrão e o seu desespero.

Como foi que souberam?

Pereba foi à cabana de imbuia levar comida, doces e frutas para Verinha, como sempre fazia, pois não deixava faltar nada para ela estar contente. Sabe o senhor como é o Pereba; nunca se importou com o contágio de lepra e garantia aos fiscais da Saúde que a menina tinha sido levada para tratamento em São Paulo.

E daí? — indagou Fabiano, comovido.

Diz que Verinha estava morta na cama, e Silvano, ao lado, soluçando de meter dó! Quando ele viu Pereba gritou que não chegasse; e foi-se escapulindo, aos poucos, pela porta do fundo até sumir entre as guabirobeiras.

Eu sabia que Silvano fugiria outra vez! — exclamou Fabiano,

levantando-se angustiado. — Que adianta ele ficar sofrendo aí pelos matos, se autorizei a lhe darem tudo no leprosário, do bom e do melhor.

João Batista coçou a cabeça, embaraçado.

Sabe como é, doutor Fabiano. Os dois eram como se fossem namorados e talvez não aguentassem a saudade um do outro. Lembra-se da vez em que trouxemos Verinha, quando ela quase se afundava na várzea de Pinhais decidida a ir até o leprosário ver Silvano? — e, mudando o tom de voz, tornou-se mais explicativo: — Pereba disse que Silvano já tinha posto duas velas ao lado de Verinha e juntado as mãos dela. A menina estava muito desfigurada desde a última vez que o senhor esteve aqui. Faltava a orelha esquerda e os dedos...

Basta, João Batista, não adianta revermos coisas tão tristes e sem remédio!

Fabiano levantou-se da poltrona, sentindo um fogo ardente a queimar-lhe as entranhas e o sangue. Uma vontade louca de destruir o mundo e a vida. As mãos tremiam e ele as esfregava com esforço, para libertar a tensão que lhe crescia na alma e ameaçava fazê-lo explodir. Voltando-se para João Batista, num ar desolado, explicou:

Atrasei-me, Batista, pois quando recebi o recado já descia para Morretes!

E, depois de alguns minutos de silêncio, indagou, pesaroso:

Onde ela foi sepultada?

Ainda não foi enterrada; o fiscal da Saúde esteve aqui por causa da denúncia dos vizinhos e ele mandou pôr Verinha num caixão de zinco, que nós mandamos fazer lá no Maneco funileiro. Andaram por aí fazendo umas defumações com desinfetante e garantiram não haver perigo de contágio. Ninguém deve abrir o caixão de zinco, pois foi soldado.

Batista levantou-se, dando passagem ao patrão.

Ela está no depósito de forragem, com o pessoal daqui fazendo o guardamento.

Fabiano abaixou a cabeça e encaminhou-se para a porta do salão de jantar.

Bem, vamos lá!

Então, atravessaram o terreiro dos fundos da vivenda e seguiram

diretamente para o barracão recortado no escuro, cuja janela aberta deixava passar o clarão mortiço do lampião. Quando Fabiano entrou, rapazes, mulheres e moças de aspecto pobre de trabalhadores levantaram-se mostrando um ar de profunda comiseração nas faces. Sobre um estrado de madeira, estava um caixão de folha de zinco, de uns oito palmos de comprimento, coberto com punhados de flores. Na cabeceira, havia uma cruz de metal com Jesus crucificado entre duas velas de cera enfeitadas com laços de fitas vermelhas nos castiçais. Na extremidade inferior do caixão de zinco, havia uma coroa feita com rosinhas miúdas, brancas e vermelhas, entrelaçadas com "flores de noiva", goivos brancos e palmas de jardim. Dela, pendia uma fita roxa, onde alguém escrevera, num esforço heroico e com pó de ouro, o seguinte: "A Verinha, saudades de Todos". Num canto do paiol de forragem da fazenda, ardiam folhas de vegetais odorantes e alfazemas numa tigela de barro improvisada como defumador.

Fabiano achegou-se à caixa de zinco e ali ficou, mudo e arrasado, num esforço incomum para conter as lágrimas. Depois, ergueu os olhos para os empregados e suas famílias, reconhecendo-lhes o preito afetivo, e o seu ar triste amainou-se um pouco. Quase teve um sorriso de gratidão quando exclamou, sinceramente comovido:

Obrigado por tudo! Isso ajuda um pouco!

Descansou, pobrezinha, depois de sofrer tanto! — exclamou a mulher de João Batista, com palavras enternecidas e a primeira em dar pêsames a Fabiano.

E ainda há Silvano, leproso, caindo aos pedaços por aí, a esconder-se no mato como um cão! A vida para mim não tem sentido, dona Leonilda; acredito que pouco valho neste mundo infame.

Coragem, "doutô" Fabiano! Deus sabe o que faz!

Quis reagir, escarnecer e refutar aquela ideia ingênua de que "Deus sabe o que faz"; mas viu o rosário nas mãos das mulheres e sua contrição em favor da alma de sua filha. Que lhes ficasse aquela esperança de Verinha continuar viva, depois de toda carcomida ali naquele caixão. Voltou-se para João Batista, ao seu lado, confrangido, e pediu:

Batista, me arranja um café forte com um pouco de pinga.

Enquanto seguiam para a cozinha do casarão, perguntou ao administrador:

E Silvano?

Sumiu. Deve ter-se metido pelo mato e não sei se volta para o leprosário. Conforme doutor sabe, Verinha era sua vida e seu mundo! Acho que depois dela morrer, tudo se acabou para ele. Que acha?

Depois do enterro, vamos procurá-lo; desta vez, ele passa a morar na cabana de imbuia!

Num gesto desesperado, Fabiano deixou-se cair sobre a

cadeira e pôs as mãos na cabeça:

Por que nada posso fazer numa situação dessa? — indagou, como para si mesmo.

João Batista, na sua insuficiência intelectiva, ali ficou parado, uns minutos, sem saber o que dizer. Depois, inexpressivo, comentou:

Há coisas piores, doutor Fabiano — e, curvando a cabeça, num gesto cortês, exclamou: — Com licença!

Foi para a cozinha providenciar o café junto à cozinheira e, dali a pouco, voltava com uma chocolateira fumegante, que pôs sobre a mesinha da sala numa bandeja de azulejos. Abriu a porta de vidro da cômoda, retirou um litro de cachaça velha, “morreteana”, e, enchendo um cálice, derramou-o no caneco de café.

Fabiano tomou um gole forte que lhe queimou a garganta.

Recostou-se na poltrona, recomendando:

João Batista, pode cuidar das coisas, que eu vou ficar repousando um pouco aqui na sala para clarear a minha mente e ver o que farei amanhã. Se precisar, eu lhe chamo.

Quando João Batista abandonou a sala, ele se ergueu e reduziu a luz esbranquiçada do lampião belga, voltando à poltrona a bebericar mais goles de café acrescido de pinga.

Em seguida, passou a rememorar os acontecimentos de sua vida e a diferença de destinos, em comparação com os demais homens. Aliás, ele fora o mais desventurado de toda a parentela. O único estigmatizado, mesmo indiretamente, com o sinete da morfeia, além de perder muito cedo a sua companheira querida. Sua mente recuou até o dia feliz do casamento: a igreja atapetada, e de cada lado dos bancos pendiam buquês de copos-de-leite, cravos multicores e rosas entrelaçadas com ramos de avencas.

Fabiano seguia Marília em direção ao altar, ela tão linda e faceira no traje de noiva com mil rendas e atavios de seda, enquanto o órgão tocava a tradicional “Marcha Nupcial”, de Mendelsson, acompanhada de um belo coro de vozes femininas. Terminada a cerimônia, retornara cingindo o delicado e esguio corpo de Marília, cuja fisionomia lembrava um anjo exilado na Terra. Os olhos eram azuis como o céu límpido, e os cabelos louros luziam à luz do Sol com reflexos dourados, fazendo dela uma criatura irreal, uma flor raríssima no jardim humano.

Um ano depois, nascia Silvano, guri robusto e atarracado, que parecia vender saúde por todos os poros, cujos traços firmes e resolutos revelavam o temperamento meridional de Fabiano, descendente de espanhois. Dois anos mais tarde, surgia Verinha, boneca de porcelana com os olhos azuis e os cabelos louros de Marília, toda fragilidade e encanto na voz, no porte e nos gestos sempre tão meigos. No entanto, Marília jamais se recuperara do segundo parto. Fenecia mês a mês, exaurindo-se ante o menor esforço e subjugada por uma febre intermitente. Em dia dolorosamente inesquecível, o médico chamara Fabiano dizendo-lhe a verdade: Marília tinha pouco tempo de vida, pois era vítima de leucemia! Meses depois, ela estava deitada num esquife de seda azul-celeste, guarnecido de pingentes e bordados prateados. As rosas mais lindas rodeavam-na como se fosse um enfeite de jardim. Quando fecharam a tampa, Fabiano teria estourado os miolos se não fossem Silvano e Verinha, que, espantados na sua meninice, olhavam para a caixa de tijolos e cimento, onde haviam fechado a mãe! Fabiano sorveu uma longa baforada de fumo do cigarro e, castigando-se naquelas recordações masoquistas, pôs-se a refletir sobre o casal de filhos tão diferentes, no tipo e no temperamento, como eram Silvano e Verinha. Pareciam dois namorados, em vez de irmãos. Bastavam-se a si mesmos, numa vida de incessante euforia afetuosa. Verinha corria pelos campos e apanhava florzinhas silvestres, trazendo pequeninos buquês para Silvano; este, por sua vez, trepava lépido pelas guabirobeiras e descia com o chapéu repleto de frutas cheirosas e douradas, misturando-as com as pitangas tão rubras como os lábios de Verinha, afogueada pela brincadeira. Amavam-se e queriam-se tanto, a ponto de se sentirem molestados com a presença de criaturas estranhas, que se metiam em seus folguedos.

Fabiano considerava Deus um Ente mórbido e sarcástico, pois os

acontecimentos mais trágicos de sua vida haviam sido emoldurados pela poesia e pela beleza dos fenômenos naturais. Soubera da doença de Marília quando se preparava para um dos mais belos fins de semana na “Fazenda das Magnólias”. Ela

fora sepultada num dia de sol rutilante e primaveril de setembro. Nos arvoredos próximos, cantavam sabiás, rolas e azulões, de mistura com o gorgeio tremido das corruíras. Quando surgiu o primeiro sintoma da doença nefasta de Silvano, os pessegueiros, as ameixeiras e as macieiras floriam na fazenda, inundando o ar de odores embriagantes.

Jamais pudera esquecer que um fato tão comum, fosse o início de irreparável tragédia! Ele descansava na varanda do casarão, cercado de revistas, livros e álbuns da família, bebericando o melhor vinho brando da redondeza, quando Silvano e Verinha subiam a encosta de mãos entrelaçadas e soltando algumas risadas divertidas. Silvano tinha o cabelo preto e lustroso, os movimentos enérgicos, rápidos e decididos, exalando forças por todos os poros.Verinha, a mimosa boneca de marfim translúcida de sempre. Ela tinha o riso cristalino, a voz um pouco aguda e semelhante a de Marília e se transfigurava, alegre, balouçando o corpo numa garridice faceira. O maior encanto eram os olhos de um azul-celeste líquido à sombra das sobrancelhas finas e alouradas.

O negro Pereba e João Batista assavam o churrasco do domingo: uma paca, presenteada a Fabiano por um dos empregados, enquanto Silvano, sempre prestativo e inquieto, pôs-se a ajudar ambos no assado. À hora do almoço, João Batista apontou-lhe os braços, exclamando, algo surpreso:

Que é isso, Silvano? Parece que você se queimou, sem dar por isso!

Sob o espanto do rapaz e de todos, verificou-se que ele tinha as carnes dos braços queimadas até a altura do ante-braço, mas não havia percebido tal acontecimento. E o fenômeno ainda era mais estranho porque, havia algum tempo, Silvano vinha-se queixando de hipersensibilidade nas carnes dos braços, que mal podia tocá-los. Entretanto, o caso invertia-se; estava completamente insensível à dor. Retornando à cidade de Curitiba, queixava-se amiúde dos braços, cada vez mais amortecidos, além de lhe surgir duas manchas pardacentas espalhadas aqui e ali. A pele do rosto parecia mais grossa, o que preocupou Fabiano e fê-lo levar ao médico.

Como sempre lhe acontecia na vida, o céu estava azul e ensolarado. A

atmosfera vibrava suavemente sob a brisa provinda da Serra do Mar quando o médico da família, após solicitar exame de sangue de Silvano, deu-lhe a aterradora notícia: o menino estava leproso! A natureza abria-se em festas e alegria para lhe dar um recado tão cruciante.

Então, aquele menino lépido, sadio de corpo e animado de espírito, companheiro inseparável de Verinha, apodreceria, dia-a-dia, corroído pelo mal de Hansen, malgrado o vigor e a resistência que lhe eram peculiares. O seu rosto saudável e corado, algum tempo depois, revelava a tradicional "face leonina" própria do leproso. O nariz, as bordas dos olhos e as orelhas intumesciam-se, e também aumentava o tamanho dos dedos das mãos e dos pés, enquanto Silvano olhava-se no espelho, estarrecido de sua incompreensível e gradativa fealdade. A doença minava-o celeremente, contrariando todos os prognósticos médicos, parecendo ter pressa de lhe destruir o corpo viçoso. Naquela época, ainda não existiam as sulfonas na forma do "Promim", e o tratamento habitual da morfeia era feito à base de óleo "chalmoogra" ou de sapucaínha, além do óleo indiano. Não era mais possível segregar Silvano na "Fazenda das Magnólias", pois, em virtude das denúncias da vizinhança, Fabiano viu-se obrigado a internar o rapaz no leprosário São Roque, nas adjacências de Curitiba, retomando para casa com a alma em frangalhos. Mas Silvano fugia habitualmente para alcançar a fazenda nos fins de semana, na ansiedade de ver a irmã adorada, que o julgava internado num colégio, em São Paulo.

Num domingo aziago, Verinha burlou a vigilância de Pereba, descendo para a clareira de guabirobeiras, onde vivera momentos de tanta alegria e divertimento junto ao irmão. Quis o destino que o infeliz rapaz, quando subia a encosta, às escondidas, desse de chofre com Verinha, não podendo esconder o rosto desfigurado e repulsivo. Após o assombro de reconhecê-lo todo deformado, Verinha deu um grito lancinante e desfaleceu, caindo ao solo num baque surdo. Assustado, Silvano correu em direção à moradia gritando por socorro; mas, vislumbrando a própria situação, desapareceu mata a dentro em desabalada carreira na direção do leprosário.

Dali por diante, lembrava-se Fabiano na sua trágica memorização, sumira a alegria e a vontade de viver de Verinha. Ela acordava à noite aos gritos aflitivos e corria a soluçar sobre o leito de Silvano, cuja realidade ainda lhe parecia pior que os pesadelos. Definhava, pouco a pouco; mal

tocava em alguns bocados de pão ou molhava os lábios num copo de leite. A pele, anteriormente de uma cor de pérola azeitonada, perdia o viço, e também apagava-se o brilho celeste dos seus olhos azuis tão meigos. Consolava-se um pouco nas adjacências das guabirobeiras, na esperança de encontrar Silvano. Ignorava que Fabiano mandara redobrar a vigilância no leprosário, impedindo o menino de qualquer outra fuga, pois estava cada vez mais desfigurado e se mostrava altamente contagioso.

Ao entardecer de um domingo formoso, Fabiano retomava com Pereba da barranca do rio Iguaçu quando encontrou Verinha lavada em lágrimas sentidas. Sentou-se junto dela e, pegando-lhe a mão num gesto de paternal ternura, falou-lhe com um doloroso espasmo na garganta:

Não chore, Verinha! Só você me resta. Não me deixe assim sem o seu carinho confortador. Ajude-me a suportar as desgraças de minha vida, querida!

Pai! Eu vi Silvano hoje! Ele fugiu de mim; mas ainda pude ver-lhe o rosto deformado, e ele escondia as mãos de mim.

Então, dobrou-se toda sobre o colo do pai, num choro convulso.

Onde você o encontrou? Eu não quero vê-lo por aí, jogado. Não deve sair do leprosário, onde está protegido e em tratamento.

Verinha cessou de chorar e teve um sorriso amargo e, apesar de sua pouca idade, no limiar da puberdade, exclamou numa ironia de adulto:

Quem pode dar a Silvano a alegria e o desejo de viver sem mim? Ontem, de longe, ele dizia que precisava ouvir minha voz e saber de minha felicidade para ter forças de viver. E disse que não seria desventurado, mesmo leproso, se eu pudesse estar perto dele. Por que Deus também não me deixou doente da lepra?

Fabiano sentiu-se abalado em todas as fibras da alma, ante aquela veemência fraterna. Era uma renúncia deliberada e pura

por todos os bens do mundo, em troca do afeto de irmão.

É impossível, querida! Você não pode permanecer junto de Silvano. A doença é terrivelmente contagiosa. Isso em nada aliviaria a nossa desdita. Tenha ânimo, Verinha! Seja coerente, pois não existem palavras para expressar a dor atroz que me oprime. Eu vivo somente para você! Ajude-me, por favor!

E abraçou a filha num amplexo desesperado, dizendo depois, num tom dramático que fê-la surpreender-se:

Se você me faltar acabarei com a minha vida! Levantando-se, pediu carinhosamente:

Onde está Silvano? Precisamos encontrá-lo, isso é para o bem dele, Verinha.

Ele fugiu de mim, pai! Corri atrás dele, mas fugia cada vez mais depressa descendo a encosta para o lado do rio e sumindo no milharal.

Fabiano pensava regressivamente no seu passado doloroso. Não existia maior infortúnio do que o seu destino. A desgraça infiltrara-se na sua vida tranquila e feliz, ferindo-lhe o lar, onde havia compreensão, amor e encanto.

Depois da morte de Marília e da morfeia de Silvano, eis que sentira a alma novamente ferida num indefectível domingo prenhe de Sol e júbilo. Havia regressado do leprosário, onde fora visitar Silvano, quando estranhou a ausência de Verinha no apartamento, indagando a Maria, a empregada:

Verinha?

Está deitada, com muitas dores nos braços.

Dores nos braços? — retrucara Fabiano, com voz trêmula e assustada, que Maria se impressionou.

Ela diz que nem pode tocar nas carnes dos braços.

Sentira o coração saltar-lhe do peito. Seria a hiperestesia da doença tão cruel? Salvo se fossem dores reumáticas; porém Verinha era tão moça! Infelizmente, na vida real, as coisas acontecem de modo fatal e ninguém pode modificar o traçado do destino humano.

Algum tempo depois, Fabiano ficara em pânico, ao verificar que Verinha fritava ovos expondo os braços aos vapores chamejantes, mas sem acusar qualquer sensibilidade. E seu terror aumentara quando lhe chamou a atenção as próprias palavras da filha, ditas com a maior naturalidade:

Engraçado, pai! Antes, eu não podia tocar nos braços. Sentia as carnes completamente doloridas. Agora não sinto nada, quer ver? — e, para confirmar a explicação, havia espetado uma agulha até a metade na carne insensível e pardacenta pela necrose superficial.

A lepra, impiedosa e aterradora, atacou Verinha com incrível rapidez. Boneca frágil e de pouca resistência orgânica, logo lhe escureceu a pele.

Desfigurou-lhe o belo rosto, o nariz, as orelhas, os dedos das mãos e o dorso dos pés. Ela já não podia mais calçar os delicados sapatos de Cinderela, ficando segregada em casa até Fabiano construir uma cabana de imbuia, junto às guabirobeiras, na “Fazenda das Magnólias”, dotada de todo o conforto e esplendor dignos de uma princesa. Ali deixou Verinha, em segredo e sob os cuidados de Pereba, negro de coração de anjo, que adorava a patroazinha e prometera, despreocupado:

Deixe que eu cuido de Verinha,”doutô” Fabiano. Eu não pego doença alguma, pois até a morte foge de mim!

E teve um sorriso ingênuo, com os olhos razos de lágrimas.

Então, acrescentou:

A Luzia, minha filha mais velha, que é como eu, cuida da menina no que precisar.

Silvano, em nova fuga do leprosário, conseguira descobrir a irmã leprosa na cabana de imbuia. Isso deu-lhe a condição vantajosa de vê-la sem temor do contágio. Paradoxalmente, a infelicidade de Verinha transformara-se em ventura para Silvano que, às ocultas, sob a conivência de Pereba, o leal amigo de sempre, podia visitar a irmã venerada.

A vizinhança logo descobriu o encontro dos dois irmãos leprosos na cabana e denunciou à fiscalização sanitária, que exigiu o imediato recolhimento de ambos ao leprosário. Entretanto, isso não fora preciso. A sina dolorosa de Fabiano parecia chegar ao fim, porque Verinha definhava-se, hora a hora, consumida pela morfeia que já lhe corroía as entranhas. Aliás, logo depois da intimação para recolhimento de Verinha, Fabiano recebera a participação de sua morte. E a diligência sanitária só encontrou um cadáver para ser sepultado.

Fabiano ainda estava imerso em suas recordações trágicas quando sentiu baterem de leve na porta da sala de jantar, onde repousava. Deu conta de si e ouviu, outra vez, as rezas e as ladainhas das mulheres orando no velório de Verinha. Ele era um homem rijo e duro, mas tinha o direito de chorar em silêncio, sozinho e sem ninguém ver. Limpou o rosto, às pressas, e indagou, envergonhado:

Quem é?

Batista!

Entre!

O senhor quer comer alguma coisa? Passa da meia-noite e alguns vão dormir um pouco. Seu quarto está pronto e todo arrumado. Deixe que nós velamos a menina.

Obrigado, Batista! Não desejo nada. Ficarei acomodado aqui mesmo e chamarei se precisar.

No dia seguinte, Verinha foi sepultada na própria fazenda e por consentimento das autoridades.

Fabiano convocou Pereba e todos os peões, exclamando:

Não precisam mentir; sei que Silvano está no mato, desesperado com a morte da irmã. Não voltará para o leprosário. Não quero deixá-lo viver como um cão surrado por aí, morrendo aos poucos. Silvano vai morar comigo nesta casa, e juro pela minha barba de homem de bem, que meterei uma bala no crânio do primeiro fiscal sanitário metido a valente.

E, num sorriso onde traía certo vislumbre de perturbação, completou:

Talvez eu também fique leproso; então, seremos dois a nos defender!

Pereba coçou a cabeça, meio confuso e apreensivo com o tom de voz do patrão. Todos os empregados se entreolharam, temerosos de viverem mais tarde sob o comando de Fabiano e Silvano, dois leprosos.

A seguir, dividiram-se em grupos, que sumiam por aqui e por ali, cautelosamente, sem muito ânimo de se arriscarem ao contágio perigoso da lepra. Evidentemente, estavam mais preocupados em espantar Silvano do que em trazê-lo para a fazenda. Fabiano desceu para a margem do rio Iguaçu com João Batista e, subitamente, sem qualquer justificação, deu uma gargalhada longa, exclamando:

Olha só, Batista, hoje nós somos caçadores de leprosos!

Onde foi que já fizemos isso?

E riu novamente um riso histérico, frenético, deixando o capataz receoso, para logo desaparecer pelos atalhos e lageados escorregadios do orvalho da manhã.

Ao entardecer, Pereba encontrou o corpo de Silvano, caído de borco sobre as lajes do riacho de Morungava. A queda contra o lajeado devia ter sido violenta, e Pereba calculou que o rapaz perdera o controle na descida da encosta, movido pelo desespero de fugir sem rumo, pois tinha o crânio

fraturado à altura da nuca, como se tivesse caído de costas.

A noite, repetiu-se a mesma cena anterior. O caixão de zinco coberto com flores de jardins modestos. A coroa feita de cravos vermelhos e palmas, com o dístico borrado numa fita roxa: “Ao Silvano, saudades dos amigos de sempre.” Apenas o guardamento agora era feito na sala de frente da vivenda. As mulheres piedosas desfiavam o rosário num “miserere nobis” lamentoso, enquanto Fabiano, sentado no varandão da frente e na meia escuridão, curtia a última tragédia de sua vida. Seus olhos estavam secos de chorar durante a noite.

Depois de enterrarem Silvano junto de Verinha, ele mandou os empregados descansarem e dispensou até “Nha” Matilde, a cozinheira.

Quem vai fazer comida para o doutor?

Pode ir, dona Matilde. Eu vou beliscar por aí e preciso pôr em dia uns documentos e contas da fazenda. Amanhã devo voltar para a cidade.

Em seguida, fechou-se no casarão e até ao anoitecer tratou de regularizar uma série de documentos. Quase ao bater oito horas da noite, Pereba ouviu um estrondo na vivenda. Correu com a alma em pânico e voltou berrando, para fora:

Acudam gente! Doutor Fabiano se matou!

Enquanto Fabiano desertava do mundo sob o peso do desespero e da desgraça, recuamos um pouco no espaço e no

tempo até a cabana, onde havia terminado de agonizar Verinha assistida por Silvano, inconsolável por perder o único motivo de sua vida infeliz. Súbito, sem que ele pudesse perceber, a cabana clarificou-se sob a mais extasiante refulgência para a visão humana. No seio da massa de luz verde-seda e esbatida de prata, formando um leque rendilhado de filigranas carmins, surgiu majestoso espírito, alto de porte, a fisionomia morena e tostada do sol, adornada por olhos esverdeados e fulgurantes. Cobria-lhe a cabeça magnífico turbante de seda cor de topázio, encimado por magnífica pedra de rubi. A fronte estava envolvida por um halo de luz suave, lembrando o matiz do ouro velho. Vestia um manto principesco de bordados e volutas argênteas sobre o tecido sedoso cor de azul-safira. Debaixo do manto luminescente, surgiam a túnica de um branco puro, cingido por uma larga faixa cor de cereja madura, e calções presos um pouco acima dos tornozelos pelas botas pequenas, em tom de suave castanho.

A entidade curvou-se cariciosamente sobre Verinha e estendeu a destra até a fronte de Silvano, que pousava o rosto entre as mãos deformadas, molhando-as de lágrimas sentidas. O rapaz ergueu a cabeça, como se tivesse pressentido o generoso toque espiritual efetivo. Neste momento, junto à porta da cabana, postaram-se outros três espíritos, traindo a mesma procedência oriental em face dos trajes singulares. O árabe majestoso fez-lhes sinal, e os dois mais moços, cujos calções de seda azul-celeste também eram presos por botinhas da cor de havana, aproximaram-se ladeando o leito funerário. Em seguida, erguendo os braços meio palmo acima do corpo chagado de Verinha, movimentou as mãos de um modo ondulante e suave, despedindo fluidos que iam desde o matiz verde-malva até o esmeralda, com fulgurações alaranjadas.

Em poucos minutos, o perispírito de Verinha emergia acima do corpo carnal e, num impulso espontâneo surpreendente, deixou a posição horizontal e pôs-se de pé à sua própria cabeceira.[47] O árabe sorriu, satisfeito, e seus olhos esverdeados, como os de um felino, mostravam-se dóceis e amorosos; depois, efetuou diversas operações magnéticas, impossíveis de explicarmos satisfatoriamente aos leitores. Sob o impacto de raios e relâmpagos que partiam do perispírito de Verinha, desintegravam-se todos os chacras ou centros vorticosos energéticos do duplo etérico, cuja energia etéreo-física sumia absorvida no próprio ambiente. A atmosfera ficou radiante, como se tivesse sido saturada por milhares de estrelas miúdas e fosforescentes. Ainda podia-se perceber o duplo etérico apagadíssimo, que oscilava e esvaía-se do energismo do meio ambiente. Em poucos minutos, tinham sido desligados os cordões umbilical e o esplênico. Verinha permanecia ereta, com um terno sorriso a lhe curvar o canto da boca bem-feita, embora se conservasse de olhos fechados. Após vigorosos passes longitudinais, ela pareceu despertar acusando forte incomodo, semelhante à ave que, ao tentar alçar o vôo, é impedida pelo peso das próprias asas. O árabe refulgente juntou as pontas dos dedos na base do cordão prateado, no nível do cerebelo, os quais tremeluziam em fulgurações ou centelhas coloridas e ligeiras nuanças para a tonalidade do aço.

Verinha! Verinha! Desperta! — exclamou ele numa voz persistente, que vibrava num diapasão hipnótico.

Pouco a pouco,Verinha tomava conhecimento de si mesma. Os lábios

arquearam-se num sorriso confiante e, fitando o benfeitor, pareceu reconhecê-lo pelo ar de gratidão.

Vamos, Verinha! Desligue você mesma o prateado. Eu cooperarei. Vamos! Você já fez isso antes! Faça-o novamente! Mentalize o expurgo tóxico para o "mata-borrão" do corpo carnal. Você precisa se libertar limpidamente! Vamos!

Então, estendeu os braços em direção a ela e fluíram-lhe, pelas pontas dos dedos, crepitações alaranjadas fulgurantes. Verinha fechou os olhos e já mostrava nítida a sua configuração perispiritual. O éter-físico do duplo etérico estava quase todo desvanecido. Era um espetáculo surpreendente ver a menina fulgir esbatida por mil cores lucíferas, surgindo e desaparecendo no seio da massa de luz ofuscante. Em seguida, com um grande esforço de concentração, ela atraiu e enfeixou todo o fluido projetado pelas pontas dos dedos do árabe. Logo, a massa cor de rosa com revérberos esbranquiçados atingiu um tom de carmim puro e convergiu despedindo faíscas na base perispiritual do cordão prateado, à altura do cerebelo, lembrando as centelhas que saltam do rebolo de pedra quando o afiador afia instrumentos de aço. A menina entrecerrou os olhos e o semblante tomou um aspecto severo, mas com certo ar de triunfo.

Bem, agora vou ajudá-la, querida! — exclamou Ben Hamuh, colocando-se atrás dela e focalizando ambas as mãos sobre a região do bulbo-cerebral.

Então, fez sinal aos dois companheiros a fim de ampararem Verinha pelos braços, e comandou sugestivo:

Atenção, Verinha! Suavize a mente! Inunde-a de azul-celeste. Absorva-se na fragrância do jasmim ou da flor que você mais aprecia e desprenda-se dos grilhões da carne. Sua alma agora paira acima das formas físicas. Você voa na tranquilidade de um céu límpido, como a gaivota no seu longo vôo sereno. Você é uma ave batendo asas na amplidão cerúlea do firmamento e mergulha num mar de arminho rosado, flutuando na doce paz espiritual.

Quando viu nas faces da menina um ar de serenidade e gozo espiritual, acenou para os companheiros, e ambos, num só golpe e impulso, descolaram o cordão prateado luminoso, cuja parte mais densa foi absorvida imediatamente pelo corpo físico. Verinha levou um choque e seu perispírito oscilou sob forte trovoada que lhe ribombou na mente.[48] Abriu os olhos, entontecida, e arfou como o pássaro livre da prisão, caindo venturosa nos

braços do árabe. E ali ela se acomodou, como a ave fatigada depois de um longo vôo!

Obrigado, mestre Hamuh, por ajudar-me a voltar tão rapidamente! — exclamou num suspiro de satisfação.

Isso foi graças a você mesma, Verinha! O seu auxílio consciente evitou-nos processos embaraçosos, dolorosas providências e desperdício de tempo na drenagem tóxica. Ajudounos com a mente positiva. Não é tão difícil desencarnar, quando já vivemos na matéria os princípios superiores da vida imortal!

Sentindo-se recuperada das energias espirituais, Verinha voltou-se para os dois jovens, ao lado do árabe, cujas auras eram de menor intensidade luminosa.

Oh! — disse ela, gárrula e jovial. — Vocês também estão aqui?

Naquele momento, surgiu à porta outro espírito amorenado, tipo de beduíno do deserto, corpo volumoso e ar pachorrento, que se pôs a olhar timidamente para Verinha.

Você, Shamed? — exclamou ela, numa voz admirativa e travessa.

Não podia deixar de vir, princesa! — e o beduíno curvou-se até o solo num imponente gesto de cortesia.

Bobo! — brincou Verinha. — Deixa de salamaleques. Não seja tão tradicionalista! Princesa, princesa que retorna da purgação morfética?

Princesa quis viver morfética, na Terra, por amor de alguém!

O beduíno cruzou as mãos no peito, tornando a curvar-se, gentil e maneiroso.

Lisonjeiro! — e, avançando até o beduíno, cuja fisionomia luzidia mostrava um ar de fidelidade canina, ela o beijou no rosto.

Comovido, ele caiu de joelhos e beijou-lhe as mãos.Verinha ficou meio embaraçada, mas como rissem todos, o próprio beduíno falou:

Não liguem, para mim será sempre a princesa! A mais bela recordação de minha ascese espiritual.

Então, a menina pareceu dar conta de si, pois, circundando o olhar em torno, fez um gesto aflito.

Onde está Silvano? — indagou ansiosa.

Um pouquinho de calma, menina! — retrucou o árabe num tom

brincalhão. — Se você se acomodar um pouco, logo poderá vê-lo.

Estendeu a mão para a direita e traçou longos passes no ar, como se rasgasse algum véu invisível.

Enquanto a fulgência de luz se reduzia em redor de todos, Verinha, comovida, deparou com o seu corpo material estendido no leito da cabana, entre duas velas trêmulas. Ao lado, estava o querido irmão arrasado por sua tremenda dor. Sua mente tumultuava. Ele fazia mil projetos de autodestruição, fixando o cadáver da irmã, sem parecer vê-lo.

Quanto tempo faz que voltei da carne? — solicitou Vera, surpresa.

Sob a convenção dos cronômetros terrenos, há menos de dez minutos! — explicou-lhe o árabe, sorrindo. Sério e impressivo, esclareceu: — Os que sabem viver e amar na Terra podem deixar o corpo de carne em tempo mais rápido do que precisa um pássaro para achar a saída da gaiola aberta.

Verinha curvou-se e abraçou Silvano com veemente ardor espiritual, ditando-lhe palavras confortadoras e amorosas aos ouvidos perispirituais. Ele chegou a erguer os olhos para o alto, como se de cima lhe fluíssem aqueles pensamentos e intuições sedativas.

Silvano sofre muito! — considerou Verinha. — Que podemos fazer?

Por enquanto nada, querida. Tenhamos um pouco de paciência e o seu próprio desespero talvez o conduza, brevemente, até nós. Vigie-o atentamente, Shamed.

Enquanto o beduíno fazia um gesto de compreensão, o árabe voltou-se para os dois rapazes, a seu lado, ordenando-lhes:

Ativem-lhe o mecanismo do sono. Vamos ganhar tempo e pensar no meio de ajudá-lo para não desperdiçar a prova derradeira.

Os moços curvaram-se para Silvano, cingindo-lhe a fronte e o occipital, e iniciaram uma série de operações magnéticas, ativando-lhe a produção de ondas de sonolência, que surgiam indisciplinadas e intermitentes na região do bulbo cerebral, para convergirem na forma de “espirais invertidas” até sincronizarem-se nos lobos frontais do cérebro. Dali a pouco, Silvano pendia a cabeça, quase tombando sobre o corpo gélido da irmã.

Cedo, acordou-se com o barulho de estalidos na mata, reconhecendo a voz de negro Pereba. Deu conta de si e do cadáver de Verinha, sentindo-se tomado por um desespero incontrolável, pois julgara acordar-se de terrível

pesadelo. Quase ensandecido pela dor ante a realidade, voltou-se, agressivo, quando Pereba surgiu à porta e recuou, instintivamente, saltando para fora e desaparecendo mata adentro. Na correria alucinada e sem rumo, rasgava as carnes nos galhos acerados, espinhos das sebes e farpas de troncos apodrecidos. Porém, a dor não lhe feria as carnes insensíveis. Só o espírito, exaurido pelo sofrimento recalcado no subconsciente, ateava-lhe o desejo louco de libertar-se do fardo humano. Batia nas árvores, gritava e soluçava, caindo nos caminhos escorregadios, enfraquecido pela fome e pela sede, pois não se alimentava há muito tempo. Enfim, desfaleceu.

Ao entardecer, acordou percebendo outra vez a mórbida realidade, e levantou-se febril e fraco, com a garganta ressequida pela sede. Lá embaixo, depois de um declive perigoso, corria tranquilo o riacho Morungava, cuja água cristalina brilhava à luz do Sol, filtrado por entre a ramagem das árvores. Trôpego e entontecido, Silvano arremeteu em direção à fonte de água, impelido encosta abaixo pelo próprio desespero. Entretanto, descontrolou-se na descida violenta e, ao atingir o riacho, tombou de joelhos sobre as folhas orvalhadas, escorregou velozmente pelo limo do chão e tentou levantar-se num esforço supremo, movido pelo instinto de conservação. Mas, volteou o corpo num corropio inesperado e foi cair alguns passos além, de costas, batendo violentamente a cabeça sobre o lajeado. O seu corpo deslizou e chegou a tocar com o rosto na água límpida, manchando-a, pouco a pouco, com o sangue vermelho-rubro a verter pela profunda ferida feita na base do crânio.

Julgando despertar, não podia lembrar-se do tempo que ali ficou tombado. Embora confuso da situação, percebeu os braços vigorosos a erguê-lo e a levá-lo a algum lugar. Um vento frio mexia-lhe os cabelos e aliviava um pouco a febre escaldante. Talvez tivesse ficado cego na queda, pois não enxergava coisa alguma; apenas ouvia vozes, como num sono letárgico.

Mais tarde, ao abrir os olhos, sentiu imenso alívio quando verificou que se encontrava em pequeno aposento, cuja pintura azul suave parecia fosforescente. Moveu-se com dificuldade, identificando o leito, a pequenina cômoda ao lado, com uma jarra de água rosada. Havia também um par de cortinas verde-claro, decorando a única janela existente. Na parede, defronte, divisou um quadro onde refulgia a figura de um árabe de rosto

audaz e imponente. Os olhos esverdeados impunham temor e, ao mesmo tempo, irradiavam meiguice.

Silvano ainda sentia os efeitos dolorosos da queda e da exaustão vital nas lajes do regato; mas a dor era suportável, como se tivesse acontecido só na alma e não fisicamente. Distinguiu, à esquerda do seu leito, o braço de uma poltrona estufada, em cor cinza, e logo assustou-se ouvindo alguém tossir. Ao seu lado, estava uma criatura lendo algumas revistas de estranha luminosidade e interessante, porque as figuras saltavam num processo de terceira dimensão. Era um beduíno gordo, bochechudo e de rosto lustroso, cuja roupa de listras brancas e castanhas devia ser de seda luminescente. Das orelhas, pendiam dois brincos em forma de meia-lua. Ele tinha os olhos miúdos e apertados no rosto amplo, porém, inofensivos e amistosos, confirmando o ar bonachão e humilde.

"Salan Aleikun"[49] — disse-lhe o beduíno.

Silvano nunca ouvira aquela palavra, mas lhe parecia surpreendentemente familiar. E ficou mais espantado pela própria resposta inesperada:

"Aleikun essalãn".

O beduíno sorriu, assentindo com a cabeça e demonstrando grande satisfação. Silvano, movido por alguma intuição estranha, apontou o retrato do árabe na parede, indagando:

Quem é ele?

O beduíno, primeiramente arregalou os olhos, surpreso, mas depois reconsiderou que o rapaz ainda não estava de posse de toda a sua consciência espiritual.

"Sahhed", não se lembra? — replicou, atencioso.

Levantou-se, curvou o corpo, pondo a mão na testa e fez uma longa mesura antes de dizer:

Salve "Thaleb" Hamuh! O santo dos santos![50]

Silvano sentia-se acicatado por fugazes recordações. Não podia identificá-las pela consciência em vigília. Tinha a convicção de que lhe era familiar a figura imponente e majestosa do árabe sob a estranha refulgência de luz.

Isto é hospital ou residência particular? — perguntou, movendo as mãos

significativamente.

Só então ficou boquiaberto, estático e confuso ao reparar que as mãos estavam limpas e os dedos perfeitos.Temerosamente, levou a destra à orelha, e o beduíno adivinhou o resto. Retirou um espelho ovalado, debaixo dos livros, e colocou à frente de Silvano. Ele se mirou, estupefato, e ergueu o espelho por várias vezes ao nível do rosto e ficou revendo-se num gozo feliz.

O seu rosto estava belo e sadio. A pele limpa sem quaisquer manchas ou cicatrizes da terrível morfeia! Quase sem fala, deixou cair o corpo no leito, num afrouxamento de nervos e alívio ventuoso. Apalpou-se novamente; tornou a elevar o espelho, mirando-se eufórico e beliscando-se satisfeito por sentir dores.

"Allahus Akbar"![51] — exclamou intempestivamente, após um grande suspiro de alívio.

Que pesadelo horrível eu vivi! — e, num gesto familiar, voltou-se para o beduíno, dizendo, um pouco distraído: — Imagine o meu sonho tenebroso! Eu era morfético e assistia a morte de minha irmã Verinha, corroída pela lepra!

De repente, arregalou os olhos, surpreso, e apontando o beduíno, indagou:

Qual é o seu nome?

Shamed!

Ah! Como é que eu pressentia isso?

O beduíno levantou-se da poltrona, mostrando a Silvano a sua figura atarracada e volumosa, enquanto disfarçava um sorriso misterioso:

Hum! Hum! — respondeu, sibilino. — Talvez "sahhed" tenha-me conhecido antes do terrível pesadelo de"viver leproso na carne!" Que diz?

Silvano sentiu um forte estalo no cérebro, sob o choque de veloz associação de ideias no seu mecanismo mental provocado pelas palavras intencionais do beduíno. Comumente, às almas que sofrem expurgos violentos de suas toxinas perispirituais, como no caso da lepra, o corpo físico funciona igual a poderoso "mata-borrão", enxugando as impurezas do espírito desencarnado. Tal acontecimento ou purgação rápida favorece a emersão das recordações do passado, reajustando o ser ao novo ambiente

onde passa a atuar.

Silvano, então, viu-se rapidamente de posse de toda a memória sideral, inundando-o de júbilo, ao reconhecer-se liberado da carne após a prova cruciante da lepra e livre dos charcos purgatoriais do Astral Inferior.

Quer dizer que você é Shamed? — indagou, confuso.

Evidentemente! — respondeu o beduíno, movendo o corpanzil até o leito e apertando o rapaz num longo abraço afetuoso, próprio de velhos companheiros ao se reverem após longa ausência.

Sem dúvida, ainda continua no cargo de “despertador”?

indagou Silvano com ar travesso.

E sem campainha! — glosou o companheiro, sorridente.

Silvano quedou-se, comovido, e ergueu os olhos para o quadro do árabe fulgurante, demorando-se a fitá-lo num sentimento de profunda reverência espiritual. Em seguida, exclamou numa voz trêmula e profundamente comovida:

Hamuh! “O Chansseddin”!... Salve, Mestre![52]

E, voltando-se para o beduíno, perguntou-lhe:

Ainda não abandonou o “cascão”?[53]

Não! Hamuh ainda permanece em “cascão”, enfrentando as dificuldades e os sacrifícios de sempre. Generoso, estoico e amoroso, é um anjo; mas, pela sabedoria e poder, é também um sábio! Ajuda-nos sempre, independente de nossas ingratidões e teimosias. Ultimamente, acentuou-se a necessidade dos repousos energéticos mais frequentes — e o beduíno fez um gesto pesaroso, lamentando-se, em seguida: — Creio que, em breve, não poderemos vê-lo, mas apenas senti-lo! O desgaste é cada vez mais severo.

E Verinha? — suspirou Silvano. — Como poderei pagar-lhe tudo? Sem ela, eu teria-me suicidado outra vez, não é assim? Quando o senhor me concederá o ensejo de indenizá-la de tantos sacrifícios, ternura e amor tão imaculado? Seria o meu terceiro suicídio, não é mesmo?

Seria a terceira vez, caro mano! — atalhou Shamed.

Bem, você não goza do mérito absoluto de desencarnação pacífica na última existência e, por pouco, teria de passar pelos charcos!

Movendo o seu corpo amplo pelo aposento e juntando as pontas dos dedos, o beduíno acrescentou num ar de profunda reflexão:

Sabe, “sahhed”, que por ordem de Hamuh tive de “empurrá-lo” um pouquinho sobre as lajes do riacho? Ajudei-o naquele corropio! — sorriu, matreiro, e depois rogou com certa bonomia: — Desculpe-me o empurrão, caro Silvano ou querido El Zagreb! — e curvou-se, gentil.

Por quê? — surpreendeu-se Silvano.

Hamuh previu que se você passasse o lajeado, sob aquele desespero incontrolável, poderia destruir-se deliberadamente, com graves danos para sua organização perispiritual. Muitas criaturas tiveram um bom “começo” de vida ou mesmo um bom “fim” de vida, graças a um simples empurrãozinho! — glosou Shamed, sem esconder a malícia nos olhos.

Silvano estava sério. Contudo, apercebendo-se dos acontecimentos da própria desencarnação, rompeu numa risada feliz, replicando num tom de desforra:

Estamos quites, Shamed! Se não me falha a memória sideral, eu também já lhe dei um ligeiro empurrão naquela existência da Pérsia. Lembra-se?

— Hum! Hum! — fez Shamed. — O que é a vida! — e suspirou, erguendo os ombros com displicência.

O importante é que o epílogo seja conciliador, não é assim? Desculpe-me!

E saiu do aposento, retornando minutos depois, quando então refulgiu ali uma luz intensa rosa-lilás.

Não pretendemos alongar esta história verídica ocorrida no Brasil, e possivelmente identificada por alguns dos leitores mais idosos que tiveram ciência desses acontecimentos desventurados. Mas é nossa obrigação explicar os motivos de sua origem. De princípio, queremos externar a nossa gratidão ao espírito de Mohamed Al Zarah, atual chefe do “Departamento de Fichas Cármicas” da comunidade espiritual “Oásis do Coração”, situada na região astralina do Líbano e da Síria, o qual, além de permitir-nos acesso aos arquivos da linhagem espiritual dos protagonistas, ainda nos forneceu esclarecimentos necessários para justificar o enredo e atender ao interesse espiritual dos leitores.

Em face do importante papel reservado ao Brasil, na divulgação do Espiritismo no século XX, muitos cooperadores de Allan Kardec já se encontram encarnados no vosso país, inclusive os principais personagens

desta história, convocados para a divulgação sensata da doutrina. Em geral, quase todos os trabalhadores espíritas são egressos do Oriente, porque a filosofia oriental é a verdadeira fonte dos ensinamentos da Lei do Carma e da Reencarnação. Índia, Egito, Caldeia, Assíria, Arábia, e mesmo a Grécia, são fontes da maioria dos conhecimentos filosóficos, aceitos atualmente pelos brasileiros que compõem a raça mais fraterna e intuitiva da Terra.

Silvano, Verinha, Marília e Fabiano são companheiros e componentes de um grupo de espíritos que vêm ascensionando espiritualmente sob o comando de mentores peculiares da região asiática, como é Hamuh. Antes da encarnação no Brasil, os nossos personagens viveram na região da Turquia, dando origem a algumas consequências cármicas atuais.

Fabiano, em suas existências, na Ásia, fora bei, espécie de governador de província turca sob o controle do Sultão. Homem despótico e vingativo, costumava concretizar seus objetivos a qualquer preço. Sob imposição política e pressão administrativa, desposou Verinha, contrariando-lhe o sentimento e os ideais da família, que a destinavam para esposa de jovem oficial do exército sediado nas margens dos Dardanelos, o qual suicidou-se impossibilitado de reagir de outra forma. Esse oficial foi Silvano, a quem Verinha, no passado negligenciou, seduzida pela posição de relevo e conforto que lhe proporcionaria a condição de esposa de um bei de província.

Foi um pecado de omissão, mas suficiente para comprometê-la em vidas futuras no auxílio daquele que traiu os votos de noivado. Mas Verinha pôde ressarcir-se bastante das faltas quase involuntárias quando, em face de sua condição privilegiada de esposa do governador, abrandou muitos sofrimentos e atenuou algumas vinganças políticas ordenadas pelo bei, por cujo motivo os beneficiados logo passaram a chamá-la de “princesa”, alcunha lisonjeira ao seu tipo delicado e generoso. Entre as tribos nômades adversas à política do bei, na época, havia o grupo chefiado por Shamed, beduíno de boa índole, bonachão e algo desleixado; mas obstinado na lealdade aos seus princípios políticos e como líder. Vítima de matreira cilada do bei, Shamed teve todos os seus bens sequestrados, a família exilada para além das fronteiras de sua terra e ele, metido no calabouço. Entretanto, preferia a morte a trair amigos e subalternos. Sofria dolorosamente por desconhecer a situação e o paradeiro da esposa e dos

oito filhos menores, uma vez que, para torturá-lo, os adversários negavam-lhe a mínima notícia, deixando-o na dúvida e no desespero quanto a estarem vivos ou mortos.

Verinha, conhecendo a tragédia de Shamed, em cuja tenda ela havia-se hospedado com o esposo nas suas andanças políticas, apiedou-se dele. Socorreu-lhe a família através de servos fiéis e amigos situados além das montanhas. Dali por diante, passou a comunicar-lhe as notícias mais frequentes com referência à família, quanto ao estado geral e segurança. Quando lhe nasceu a primeira filha, que na última existência no Brasil foi Marília, sua genitora, Verinha distribuiu presentes régios aos pobres e conseguiu diversos indultos a prisioneiros vítimas do despotismo e das desforras do marido.

Finalmente, após a última romagem na Turquia, Hamuh reuniu todos os pupilos no Espaço e propôs-lhes encarnações no Brasil, durante o século XX, a fim de participarem, em conjunto, no elevado empreendimento da divulgação do Espiritismo. Todavia, a Técnica Sideral, após diversos "testes" em dezenas de componentes do mesmo conjunto espiritual, considerou apenas os espíritos de Marília, Verinha e Silvano, os mais capacitados para se situarem com relevo na seara espírita e desempenhar labores de severa responsabilidade, com mediunidade de cura, psicografia, psicofonia e mediunidade auditiva. Os demais membros, inclusive Fabiano, não ofereciam condições favoráveis para evento tão importante, em decorrência dos reflexos cármicos desde os tempos da Assíria, Babilônia, Egito e Turquia.

Cada um desses espíritos já possuía uma qualidade excepcional ratificada no seu caráter sideral e capaz de lhe garantir boa conduta e êxito em sua empreitada espiritual. Marília era a resignação suprema; Verinha, meiguice e bondade, e Silvano, a fidelidade e honestidade absolutas. Havia um empecilho, no entanto, de que adviria dificuldades a todos os três candidatos. Era a carga desvantajosa de "toxinas psíquicas" impregnando o perispírito, fruto dos momentos de invigilância espiritual nas vidas pregressas e consequente do ciúme, do orgulho, da vaidade, da cólera, da indiferença, da ira e da luxúria. Os males feitos ao próximo, tiveram de recebê-los de volta sob a Lei do "choque de retorno", na forma de blasfêmias, pragas, ódios, desforras, frustrações, magia mental e verbal

destrutivas. Para o êxito mediúnico futuro, a Técnica Sideral sugeriu-lhes uma prévia existência carnal purgativa, no Brasil, a fim de se processar a devida limpeza do perispírito, indispensável para assumirem compromissos graves em favor da causa elevada do Espiritismo.

Sem dúvida, os três espíritos escolhidos na família de Hamuh poderiam drenar as toxinas deletérias para a carne, aos poucos, existência por existência, corpo por corpo, em expurgos parciais e na forma de enfermidades comuns ou menos chocantes. Mas, como intérpretes de responsabilidade dos princípios da Doutrina Espírita no Brasil, ser-lhes-ia preciso uma limpeza total dos venenos perispirituais. Doutra forma, a densidade do perispírito poderia comprometer o próprio contato mediúnico com os mentores responsáveis pelo progresso espiritista na Crosta. Os exames siderais comprovaram que a toxicidade de Marília e Verinha eram de um tipo muito radioativo, cujo expurgo rápido afetaria a medula óssea material, provocando a leucemia pelo fenômeno de excitação de certas células da linha mielopoética. Silvano era portador de uma carga tóxica perispiritual que o predisporia à infecção pelos bacilos de Hansen e assim ocasionaria a terrível morfeia.[54]

Diante dos exames de resultados tão graves e cruciantes para conseguir a limpeza perispiritual numa única descarga purgatorial, Silvano recuou da prova, receoso de frustração e deserção da carne, temendo suicidar-se antes de dezesseis anos de idade física, prazo fixado para o seu desencarne. Alegou que, anteriormente, já havia usufruído de melhores condições e suicidara-se, por duas vezes, em desespero de causa. Temia destruir a vida carnal novamente, ao sentir os primeiros efeitos da lepra.

Hamuh mostrou um ar desolado, sinceramente convicto da impossibilidade de situar Silvano no meado do século XX[55] como colaborador ativo na divulgação do Espiritismo em terras brasileiras. O suicídio ainda o tornaria mais comprometido na sua ascese espiritual, lançando-o fatalmente nos charcos purgatoriais. Optou, portanto, por existências menos dolorosas e reajustes parcelados, para que Silvano prosseguisse na sua recuperação cármica em sucessivas reencarnações.

Verinha poderia drenar a carga nociva perispiritual até os 50 anos, desencarnando pela leucemia. Contudo, em face de sua generosidade, resolveu descer à carne e ser irmã consanguínea de Silvano para ajudá-lo a

sobreviver até o tempo previsto pelos Técnicos Siderais, indispensável para proceder o expurgo total. Amava-o há vários milênios e sentia-se responsável por algumas frustrações dele. Intercedeu junto aos mentores e ninguém conseguiu dissuadi-la da prova sacrificial além de suas necessidades espirituais.

Reduzindo a duração dos tóxicos para 14 anos, ela poderia viver, ombro a ombro, com Silvano. Então, solicitou a interferência fluídica da Técnica Sideral que lhe substituisse o residual tóxico do seu perispírito, previsto com a manifestação de leucemia até aos 50 anos, para o "residual tóxico morfético".[56] A "Contabilidade Divina" creditar-lhe-ia ainda, em dobro, as "horas heroicas" dispendidas pelo impulso generoso do amor desinteressado.

Se Jesus, Anjo Imaculado, submeteu-se aos corrosivos fluidos grosseiros dos planos inferiores para aderir ao seu perispírito resplandecente e poder manifestar-se na carne, impelido pelo seu imenso amor à humanidade, não há desdouro, incoerência ou impraticabilidade, para espíritos de menor quilate sideral, como Verinha, em sujeitarem-se a sofrimentos imerecidos em favor de outrem. Se considerarmos absurdo o recurso da "redução vibratória" dos espíritos livres a fim de socorrer os encarnados, teríamos de concluir que Jesus só conseguiu ligar-se à carne terrícola porque foi atraído magneticamente pela sua própria densidade perispiritual inferior, na lei de que "os semelhantes atraem os semelhantes". Sem dúvida, ele produziu em si as condições vibratórias para lhe reduzirem as vibrações siderais e permitir-lhe o contato com a Crosta. Se pensarmos diferente, teremos de nos convencer de que Jesus foi crucificado para resgatar culpas cármicas semelhantes e praticadas em vidas anteriores.

Acontece que, nas esferas espirituais junto à Terra, não há ainda a precisão e a infalibilidade absolutas no planejamento e realização dos programas de recuperação de espíritos encarnados. Os projetos minuciosos às vezes apresentam falhas na execução material, que exigem, à última hora, a mobilização de recursos inesperados pelos Técnicos Siderais. Comprova-se isso no transcurso da vida de Verinha, cujo plano esquematizado da existência carnal, e baseado nos ascendentes hereditários da família física, marcava-lhe o desencarne para os 14 anos, dois ou três meses depois da morte de Silvano, a quem ela deveria amparar até o final da prova e desviá-

lo do suicídio nos momentos de desespero e solidão. Contudo, contrariando os prognósticos dos Técnicos Siderais, firmados na resistência biológica do seu organismo, ela enfraqueceu e desvitalizou-se de modo tão acelerado, que foi preciso assisti-la continuadamente pela transfusão de fluidos energéticos do Espaço. Era preciso mantê-la encarnada e fazê-la sobreviver a Silvano, mesmo por algumas horas, até que ele tivesse o seu desenlace através de violenta hemorragia consequente à corrosão pela lepra.

Felizmente, Silvano desencarnou sem praticar suicídio e livrou-se dos charcos de purgação perispiritual, embora na fuga trágica, após a morte de Verinha, tivesse procurado propositadamente a morte acidental. Porém, conforme elucidou-lhe Shamed, ele não retornou ao Além gozando do mérito absoluto da empreitada, pois foi necessário dar-lhe o "empurrão" autorizado por Hamuh, para ajudá-lo na desencarnação livre de maiores prejuízos. E o "empurrão" também se justifica, porque o desenlace de Verinha ocorreu antes do prazo previsto no esquema de vida de ambos os irmãos, em decorrência de um pequeno equívoco da Técnica Sideral nos cálculos de resistência biológica. Assim, uma coisa justifica a outra; o "empurrão" de Shamed compensou o equívoco sideral da morte prematura de Verinha, pois a sua vida física estava vinculada emotiva e espiritualmente a Silvano, como garantia da permanência dele na Terra.

Em verdade, tudo ocorre no sentido de acelerar a ascensão do espírito e libertá-lo das seduções transitórias da matéria, para viver na comunidade angélica sem vibrar pelos desejos da vida carnal.

ANJOS REBELDES

Uma doce claridade banhava a formosa e terna paisagem imersa numa cor de suave rosa-lilás mesclado de alguns revérberos argênteos. A clareira atapetada pela grama suave verde era cercada de pequenos bosques de arbustos anões, mas recamados de flores na forma de campainha, de um matiz azul turqueza e veludoso, decorado pelos estames de um branco lirial na corola, que exalavam o agradável perfume do jasmim terreno. Inúmeros bancos recortavam-se caprichosamente na própria vegetação de um verde-escuro, cujas folhas miúdas lembravam sensitivas esmeraldas de estrias esbranquiçadas. O conjunto formava delicado anfiteatro a convergir para um estrado de substância translúcida de cor topázio, onde havia uma espécie de mesa, de belo matiz salmão, com um jarro de líquido esmeraldino e ladeado por uma poltrona.

Ao fundo desse panorama do Astral Superior, percebia-se a moldura cinza lilás das colinas sobressaindo-se à luz cambiante irradiada pelo Sol. À direita, pequenino lago de água prateada e marchetada pela irradiação das flores recortava-se na forma de delicado coração emoldurado pelo cinturão de papoulas vermelhas a cintilarem como fogaréu vivo. Algumas árvores de folhas sedosas e finas, num matiz verde palha, lembrando os chorões terrenos, pendiam a vasta cabeleira sobre o lago. À esquerda, o solo descia em brando declive, pejado de arbustos pequeninos e carregados de flores miúdas, cujo miolo encarnado brilhava à semelhança de rubis vivos entre as pétalas rosadas.

Cariciosa melodia, em doce cavatina, esvoaçava sobre a paisagem sublime e agradável, provinda de violinos e violoncelos invisíveis tocados por mãos angélicas e sob o contra-canto de vozes infantis, que fortaleciam a venturosa paz de espírito.

A doce harmonia ainda vibrava no ar quando ouviram-se vozes que se aproximavam, acompanhadas de alguns risos e exclamações. No cenário maravilhoso, junto ao lago e anfiteatro de bancos recortados na própria vegetação sedosa verdejante, surgiram doze espíritos nimbados de luzes coloridas. A seguir, rodearam um velhinho de cabelos esbranquiçados, compridos e cortados à nazarena, a barba curta e repartida ao meio. As feições rosadas davam-lhe o aspecto de uma figura de porcelana translúcida.

Vestia uma túnica alva até os pés, cuja barra larga era bordada de relevos em azul índigo, lembrando as volutas e os rendilhados das roupas assírias. Ele calçava sandálias franciscanas pretas, bordadas com fios dourados. Apesar da figura idosa, era lépido e seguro nos movimentos. Os olhos eram vivos e claros, como duas esmeraldas líquidas à sombra dos supercílios nevados. Ele se distinguia dos demais espíritos pela intensidade de luz e dos reflexos de cores semelhantes ao arco-íris a refulgir-lhe até altura do peito, esbatendo-se, depois, num amarelo dourado em torno da cabeça venerável. Das próprias mãos despendiam eflúvios safirinos e lilases, colorindo um comprido rolo que ele segurava, muito semelhante aos papiros egípcios.

Quando todos os presentes se acomodaram nos bancos verdejantes, o venerável ancião iniciou a palestra:[57]

— Eis as recomendações que enderecei à Terra ao grupo espírita mediúnico "Os Nazarenos" a fim de se esclarecer, em definitivo, a questão do espírito só "ganhar luz" à medida que evolui. A luz é inata a todo ser e não provém de qualquer condição graduativa posterior e conquista pessoal extemporânea.

Já era tempo! — redarguiu outro espírito, um belo jovem envergando rico peplo cor de ambar, cujos cabelos negros e sedosos eram atados por um laço a "la grega".

Não ignoramos que ainda são poucos os terrícolas realmente interessados no conhecimento sensato e lógico da imortalidade. Os estudiosos ligados às nossas colônias siderais, em serviço de esclarecimento na Crosta, queixam-se da hipnose dos próprios espíritas, bastante escravos das paixões transitórias do reino animal.

E, mudando o tom de sua voz, o velhinho aduziu, esclarecedor:

A maioria dos adeptos espíritas ainda não ultrapassou a fase cômoda da convicção ortodoxa e exclusiva daquilo que "Kardec disse". Evidentemente, eles julgam estacionado o progresso humano, após cem anos de Espiritismo, e devem ignorar as pesquisas e as revelações modernas no campo do espiritualismo. Os espíritas ortodoxos consideram incoerentes, e até heréticas, todas as atividades espirituais alheias à Codificação, embora assim contrariem o pensamento universalista do próprio codificador. Existem espíritas tão desconfiados do esforço idealista de outros garimpeiros da verdade que, tal qual os católicos, benzem-se assustados ante

o sacrilégio de existir o Espiritismo. Citemos, como exemplo, o caso do perispírito, que Allan Kardec só registrou no "Livro dos Espíritos"[58] com referência ao mesmo conforme as crenças científicas comuns da época. O seu mentor espiritual só pôde responder-lhe a pergunta sobre a natureza do perispírito, do seguinte modo: "Envolve-o (o espírito) uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira".

Nada mais foi dito além dessa singela explicação. O perispírito era somente uma "nuvem vaporosa", quando o próprio ocultismo da época já o considerava um organismo complexo e bem mais avançado do que o corpo transitório de carne. Os rosa-cruzes, os teosofistas e os iogues dizem ser o perispírito portador de sistemas complexos atuando em campos energéticos sob a forma de luzes, cores, peso, temperatura, magnetismo, defesa e imunização, além do mecanismo que permite a volitação sob o impulso sutil da mente. Aliás, a maioria dos espíritas desconhece o próprio duplo etérico, constituído de éter-físico e dos centros de forças chamados "chacras",[59] o qual atua como intermediário entre o perispírito e o corpo físico sob a vontade do espírito encarnado. Em consequência, os "passadistas" protestam sob a convicção de que o envoltório perispiritual deve ser apenas uma nuvem vaporosa, conforme "disse Kardec"! Indubitavelmente, se assim for, os desencarnados não devem passar de um bando de abelhas ou borboletas sem pouso definido a vagar pelo Espaço. Eles não compreenderam a explicação rudimentar do codificador sobre a natureza do perispírito, que não define a sua exata realidade, mas apenas é explicação condizente com o ceticismo da época a fim de não ridicularizar a Doutrina Espírita, em seu início.

Depois de um sorriso sibilino, o velhinho completou:

Mal sabem os espíritas, que Mestre Allan Kardec já está reencarnado, operando novamente na face da Terra para reformular a própria obra e esclarecer aos kardecistas quanto à tolerância e à flexibilidade do Espiritismo, que de modo algum entra em conflito com o espiritualismo cristão praticado por demais instituições benfeitoras no mundo.

Mudando o tom da voz, prosseguiu:

É sob esse padrão ortodoxo e tradicional, que a maioria dos espíritas

ainda creem no conceito do espírito só “ganhar luz” depois de submeter-se aos argumentos irretorquíveis dos doutrinadores ou médiuns! No entanto, é a mesma a cota de luz divina que existe na intimidade de todos os seres, quer sejam gênios ou débeis, herois ou covardes, santos ou demônios, virgens ou prostitutas. Não há privilégios na criação de Deus, pois Ele não distribui a luz da vida a seus filhos, visando simpatias ou lisonjas. A todos doou a luz, igual e impessoal, como emanação de Si Próprio para a formação da consciência das criaturas.

O homem, como espírito encarnado, não precisa evoluir para “ganhar mais luz”, nem morrer fisicamente para sobreviver em espírito, pois ele já vive na própria carne a posse de sua essência indestrutível. À medida que o ser se purifica, torna o seu perispírito mais transparente e por isso irradia mais luz, assim como a limpeza da lâmpada empoeirada proporciona maior amplitude ao foco luminoso. Deus é fundamento indestrutível da consciência humana, por cujo motivo a “Gêneses” assegura que o “homem foi feito à imagem de Deus”, e Jesus, mais tarde, confirma esse dístico, dizendo-nos: “Vós sois deuses!”

Em certo ensejo de visita à Crosta, assisti trabalhos mediúnicos cujos videntes anunciavam quando o espírito “ganhava luz”, de acordo com a maior ou menor aquiescência aos argumentos dos doutrinadores — interrompeu belíssima jovem, cujo traje lembrava a tradicional samaritana bíblica.

Apolônio sorriu, dizendo, explicativo:

Espírito atrasado é apenas a entidade de perispírito muito denso, por causa da crosta de resíduos impuros ali aderidos ou petrificados sob o descontrole das paixões ou dos vícios deploráveis e da ignorância intelectual. O invólucro muito denso não deixa filtrar, para o exterior, a chama de luz que palpita no âmago do próprio ser.

Depois de uma pausa significativa e, provavelmente, analisando o efeito de suas próprias palavras, Apolônio concluiu:

O espírito não “ganha luz” em determinada época de sua vida, porque já é entidade modelada na luz do próprio Deus. Quando o homem se animaliza, ele peca e adensa a sua vestimenta perispiritual reduzindo a irradiação de luz; mas, na prática das virtudes e na aquisição de sabedoria, então, clareia o seu envoltório expandindo maior luminosidade.

Mudando o tom de voz, logo acrescentou:

Bem, vamos tratar do assunto principal de nossa reunião aqui no "Anfiteatro das Papoulas", que é concernente ao futuro de alguns espíritos de nossa milenária afeição.

E subiu ao estrado e sentou-se na cômoda poltrona de matiz estranho luminoso, enquanto os outros espíritos acomodavam-se nos bancos recortados na luxuriante vegetação, próximos ao formoso lago enfeitado de papoulas.

A convocação de hoje é de avultado interesse para a metrópole sideral "Estrela Branca", centro diretor da colônia espiritual "Bem-aventurança", onde estagiamos. Trata-se de um carma coletivo muito severo engendrado pelos "Senhores do Carma", na Terra, para o próximo século XX e com a finalidade de reajustar, perante a Lei Espiritual, milhões de espíritos endividados desde os templos bíblicos.[60] São liquidações de tropelias, morticínios e massacres cometidos por milhões de seres desde a época de Davi, o filho de Salomão, que também renascerá na Crosta tornando-se o "detonador psíquico" das provas aflitivas dos próprios comparsas do passado, os quais, em sua maioria, envergarão o traje carnal da raça judaica.

Evidentemente, o general que engendra a destruição é o principal responsável por morticínios, atrocidades e injustiças dos seus soldados, não é assim? — indagou um espírito de vasta cabeleira grisalha, cuja vestimenta branca e detalhe nazarênico era recoberta por um belo manto azul-marinho.

Sem dúvida, o general é o responsável pela "permissão" concedida aos seus comandados para praticarem vinganças e crueldades sobre os vencidos. Mas, é evidente que os soldados também gozam do "livre-arbítrio" para cumprir ou rejeitar a ordem cruel e destruidora do comandante, pois isso é problema de responsabilidade de cada combatente. Há guerreiros inspirados por bons sentimentos que poupam os vencidos, enquanto outros vazam o ódio e as frustrações deles na sanha destruidora de massacrar velhos, crianças e mulheres indefesas. Porém, nenhum soldado é obrigado a incendiar ou tripudiar sobre os lares dos vencidos, massacrar os habitantes pacíficos, como ainda acontece nas guerras terrenas, porquanto isso é decisão íntima e pessoal do combatente, em vez de atribui-la à responsabilidade exclusiva do general-comandante.

Porventura, o soldado não é obrigado a cumprir as ordens do

comandante? O pelotão de fuzilamento, encarregado de executar criminosos sentenciados pelo poder civil ou inimigos punidos pelo poder militar de segurança pública, deve recusar-se a cumprir os ditames da Lei? — objetou um espírito majestoso, com os trajes característicos de um árabe.

Apolônio sorriu e, fazendo um gesto compreensivo com a cabeça, respondeu:

Meus irmãos, mata quem quer! Alguém poderia obrigar Jesus, Buda, Francisco de Assis ou Ghandi a matar, mesmo oficialmente? Acaso eles teriam sido capazes de trucidar crianças, mulheres ou velhos indefesos, só porque foram autorizados pelo comando superior? Quem poderia conceber o amorável Jesus na mira de um fuzil, tentando acertar o coração de um sentenciado?

Bem — insistiu o árabe —, sem dúvida, esses espíritos jamais praticariam qualquer ato de destruição. Mas, que devem fazer os soldados submissos a um comando tirano e cruel?

Isso é decisão íntima de cada combatente, pois ele tanto pode optar pela atitude pacífica do Cristo e perdoar o vencido ou trucidá-lo, obedecendo aos chefes belicosos e vingativos. Em qualquer momento, o homem dispõe do direito de matar para não morrer, ou morrer para não matar! Indubitavelmente, isso há de variar conforme o seu maior ou menor apego à vida carnal, porque Jesus não só valorizou o preceito pacífico do 5º Mandamento, "Não matarás", assim como afirmou: "Quem perder a vida por mim, ganha-la-á".[61] Caso todos os soldados se recusassem a matar, contrariando as ordens cruéis dos comandos perversos, é óbvio que as guerras também se extinguiriam por falta de agentes de destruição. Temos o exemplo das legiões de Maurício, que, convocadas para destruir, preferiram morrer em vez de matar![62]

Enquanto os ouvintes silenciavam, meditando nas palavras expressivas de Apolônio, ele mudava o curso da palestra e prosseguia:

De acordo com o calendário terrícola, transcorre na Terra, atualmente, o século XIX, enquanto pelo nosso calendário sideral estamos no dia de Pisces.[63] Sabem que os Psicólogos Siderais baseam suas previsões do futuro na marcha pregressa da humanidade e, assim, no primeiro terço do século XX deverá eclodir na Crosta uma guerra de grandes proporções, iniciada pelos espíritos remanescentes de Esparta, atualmente os alemães, em

hostilidade com velhos atenienses encarnados como franceses. Será uma hecatombe de repercussão internacional, alastrando-se por toda a Europa e convocando egressos das civilizações babilônicas, assírias, egípcias e mongólicas, inclusive componentes do antigo Império Romano, agora transformados em povos norte-americanos, ingleses e italianos.

Depois de coordenar as ideias, Apolônio explicou:

Convoquei-os para esta reunião importante, porque todos nós estamos ligados a diversos espíritos familiares bastante comprometidos com um pretérito delituoso de atrocidades e equívocos espirituais. Eles aliam o orgulho e a ambição indomáveis, comandando falanges belicosas no Astral Inferior, esperançados de exercerem o domínio absoluto sobre o mundo carnal. Depois de longas meditações, lembrei-me de situar os nossos réprobos familiares no grande "carma coletivo" dos hebreus, a ser resgatado na próxima conflagração europeia. Em contato com o "Departamento Sideral de Regeneração", sobre o território germânico, examinei os gráficos das provas dolorosas e retificadoras dos judeus e consegui permissão para ajustarmos os nossos rebeldes sob o mesmo esquema redentor.

Meus irmãos sabem que ainda restam onze membros de nossa linhagem espiritual em atividade nas regiões sombrias, vivendo alternativas de revoltas, enfermidades, hipertrofias perispirituais e feroz agressividade contra qualquer apelo ou providências dos servidores do Cristo-Jesus. Eles se obstinam na condição de tiranos, inquisidores e conquistadores, atualmente filiados às falanges dos "Dragões", "Escorpiões" e "Serpente Vermelha", inimigos figadais da "Comunidade Espiritual do Cordeiro", pretendendo o absurdo de controlar as próprias encarnações na face da Terra. Defendem o "slogan" de que o mundo material é dos homens, e o Céu é dos anjos, mas o fazem de modo pejorativo, julgando viril a personalidade humana e afeminada a linhagem angélica. Nós também trilhamos os caminhos da perversidade e obstinação diabólica quando vivíamos cegos pelo orgulho do "ego inferior"; mas depois vibramos ao toque da graça divina e reconhecemos a sublimidade da vida superior. Em consequência, precisamos despender todos os esforços e sacrifícios para salvar os nossos queridos réprobos de um exílio planetário e nova queda angélica.[64] Eles se negam peremptoriamente a qualquer empreendimento ou evento crístico que lhes possa atenuar a brutalidade animal em favor do cidadão celeste. Entretanto,

como a angelização principia no âmago do ser, através do discernimento espiritual e não por controle remoto a cargo do mestre da evolução, os réprobos deverão aceitar espontaneamente a própria purgação benfeitora na carne. Em virtude do avançado desenvolvimento mental deles, todas as vezes que os situamos na carne assumiram poderes no alto comando político do mundo, mobilizando homens egoístas, corruptos e inescrupulosos, para lograrem os seus objetivos contra o bem e o belo.

Passados alguns segundos de silêncio, notava-se profundo pesar nas faces, antes radiosas, dos ouvintes. O velhinho convidou-os para se aproximarem da mesa e desdobrou o rolo de pergaminho, de onde separou um menor, pondo-o ao seu lado.

— Sabemos ser o Mal circunstancial e relativo, variando conforme as atitudes humanas. Não é oriundo especificamente de Deus. O Mal é condição transitória e resultante da nossa ignorância com referência à realidade da vida espiritual. Poderíamos compará-lo ao aluno que se recusa à alfabetização e, por isso, sofre a desventura de não saber ler quando adulto. Nós também praticamos atos e fatos malígnos, por força da ignorância e da indisciplina. Repelíamos o processo educativo e redentor do espírito, retardando-nos no percurso da ascenção angélica.

Apolônio parecia evocar reminiscências longínquas, antes de prosseguir em tom cordial:

Malgrado as atividades execráveis e vingativas dos réprobos nossos familiares, eles também são centelhas divinas dispersas pelo Infinito, buscando a própria felicidade eterna. Não importa se ainda percorrem sendas equívocas e censuráveis, porque só a ignorância da criatura pode levá-la a preferir o pior, por desconhecer o melhor! Aproxima-se o grande expurgo do "juízo final" na Terra, devendo emigrar para um planeta inferior os espíritos cuja especificidade magnética não se coadune com o clima vibratório previsto para o próximo milênio.

E, num longo suspiro, em que extravazava o seu amor puro por alguém, Apolônio completou sua alocução:

Os nossos onze pupilos não poderão escapar da próxima limpeza planetária da Terra. Caso não se redimam em tempo oportuno, serão exilados para viverem entre os seres primitivos do "astro intruso".[65] Ante a impossibilidade de nos encarnarmos num orbe tão primário, teremos de os

esquecer até o retorno deles à Terra, depois da expiação cármica. Também não poderemos ajudá-los no mundo de exílio, pois o dispêndio energético, o sacrifício e os resultados insuficientes não compensariam o tempo que teríamos de empregar nas atividades educativas e socorristas a favor de outros necessitados. Infelizmente, os “nossos anjos rebeldes” ou decaídos de outros orbes, cuja falência espiritual impressiona aos próprios “Senhores do Carma”, ainda são candidatos a um segundo exílio planetário.

Alguns minutos depois, o espírito de uma senhora idosa, de olhos azuis esverdeados, rosto oval e belo, porte majestoso e envolta numa veste enfeitada por diversos véus multicores, lembrando uma sacerdotisa druída, assim se expressou:

Caro Apolônio, informe-nos quanto à possibilidade dos nossos amados trânsfugas aceitarem a desintoxicação perispiritual na carne e a consequente harmonização com o comando angélico da Terra.

Seis deles se mostram fatigados da rebeldia maldosa, porquanto reagiram favoravelmente à luz dos instrumentos psicotécnicos. Aliás, três vibraram satisfatoriamente em nossa direção, chegando a evocar impressões mentais de natureza angélica. Embora de um modo fugaz, a chama espiritual aflorou-lhes à periferia e eles se mostraram eufóricos sob essa condição incomum. Isso dá-nos grande esperança e anima-nos a tentar providências benfeitoras a fim de os atrair às esferas replandescentes.

Enquanto o velhinho cessava de falar, volvendo o olhar terno e evocativo sobre os ouvintes, um espírito imponente e faceiro, como um fidalgo romano do século IX, interferiu:

Bário foi meu pai diversas vezes na Terra, e protegeu-me sempre, embora o fizesse mais por amor egocêntrico. Na Caldeia, sacrificou a vida atirando-se de um penhasco enlaçado com uma fera a fim de facilitar a minha fuga para casa. Em Roma, deixou-se degolar como oficial pretoriano, para não trair o grupo de cristãos que eu chefiava. Noutras existências, ele foi irmão, amigo e familiar, não medindo sacrifícios para me proporcionar recursos para uma vida amena. Não importa se fê-lo somente por afeição consanguínea e egoísta, pois era impiedoso e agressivo para com os outros. O certo é que lhe devo favores especiais e não hesitaria em descer às sombras terráqueas, se pudesse ajudá-lo em existência proveitosa.

Sesóstri, tirano e bárbaro, responsável pelo massacre de tantos seres

desde os evos bíblicos, sempre foi generoso e leal para comigo — clamou uma jovem belíssima, cujo perfil escultural de mulher grega era emoldurado por um manto azul celeste e pontilhado de estrelas miúdas sob reflexos prateados.

Não há dúvida — interrompeu Apolônio —, todos nós estamos ligados afetivamente aos onze réprobos de nossa família espiritual. Sem dúvida, eles sempre foram nossos amigos na composição da família carnal, proporcionando-nos ensejos educativos e facilidades para a nossa ascese angélica, enquanto se comprometiam com a Lei Espiritual na suas tropelias condenáveis e insaciáveis ambições de riqueza material. Indiretamente, eles financiaram os nossos propósitos superiores; mas, infelizmente, não podemos regenerá-los por controle remoto, nem purificá-los miraculosamente.

Em seguida, aduziu, num tom significativo:

Já descemos diversas vezes à Crosta, em corpo físico e "cascão", para ajudá-los e submetemo-nos às provas sacrificiais sem qualquer êxito benfeitor, não é assim?

Todos os presentes fitaram o velhinho e acenaram a cabeça em unânime concordância às suas palavras. Em seguida, ele se curvou para a mesa e, apontando o extenso pergaminho à sua frente, pôs-se a explicar:

Conforme o exame seletivo feito pelos técnicos do "Departamento de Planejamento Cármico" de nossa comunidade sideral, Bário, Sesóstri, Kalin, Moriam, Hariam, Hatusil, Shiran, Senuret e Ichtar, fichados sideralmente sob o prefixo MBOW, da série 110.808 a 110.921 da terminologia sideral de "Estrela Branca",[66] são espíritos que se mostraram mais receptivos às provas de redenção na Crosta, em vésperas do expurgo de "fim de tempos". Os outros três, Othan, Sumareji e El Zorian, ainda vibram sob o padrão integral de anjos decaídos e se mostram insensíveis a qualquer sugestão liberativa da carne e abandono às empreitadas diabólicas. Eles ainda consumirão alguns dias siderais na Crosta de planetas primários de exílio, para, então, higienizar a "túnica nupcial" e retornar à casa paterna participando do "banquete divino".[67] Sabemos que o próprio Maioral[68] pretende agregar Sesóstri e Senuret ao seu ministério sombrio, o que nos aconselha a providências imediatas para os dissuadir desse tenebroso convite de retardamento à ascese espiritual.

E, num arremate veemente, em que, apesar do seu júbilo, traía um sentimento de comiseração, Apolônio acrescentou:

Como não há inversão das leis nos processos evolutivo e da harmonia do Universo, o delinquente não pode angelizar-se antes do benfeitor, nem este pode viver indeterminadamente junto do primeiro. Em consequência, os réprobos ficarão afastados de nós por muitos dias siderais, caso percam o ensejo benéfico de sua redenção entre os hebreus.

Todos se entreolharam, preocupados, e a belíssima jovem grega levou a mão ao peito, tentando disfarçar alguma emoção:

Por que, irmão Apolônio — disse ela, numa voz em que a magnitude do espírito casava-se à hesitação humana —, a Divindade desperta em nosso coração amor tão puro e profundo, além do tempo e do espaço, por espíritos que ainda se demoram no barbarismo e na crueldade? Por que preferimos deixar o Paraíso para compartilharmos com eles, na carne efêmera, das mesmas estultícias, ambições, vaidades e despotismos aliados ao sofrimento?

Enquanto ela curvava a cabeça, entristecida, Apolônio replicava, comovido:

E se assim não fora, querida Cíntia, qual seria o impulso capaz de fazer o anjo abandonar a resplandescência do Paraíso para arrebatar das sombras da desventura e da mentira o objeto do seu amor incomensurável? Porventura, a nossa felicidade não se alimenta na magnitude do Bem e do Amor proporcionado ao próximo? O nosso júbilo cresce à medida que somos responsáveis pela felicidade alheia, pois o Amor é o combustível de Deus alimentando a vida das almas! Jesus, o Príncipe Sideral, não deixou a mansão refulgente, conformando-se com a milenária descida vibratória,[69] sob as emanações deletérias do mundo material, para nos socorrer? Infelizmente, nós ainda estamos preocupados com a salvação dos réprobos de nossa família espiritual, enquanto o Cristo-Jesus sacrificou-se por todos os homens.

Embora usufruindo dos bens da bem-aventurança no mundo espiritual, amo Sesóstri, querido irmão Apolônio, e sinto-me inquieta e aflita pelas suas futuras dores em mundos bárbaros de regeneração. Queria tê-lo comigo na abençoada escola terrena do porvir!

Cíntia, reconheço-lhe o amor intenso por Sesóstri e aparentemente

inexplicável pelo seu grau sideral; mas, na realidade, isso é perfeitamente lógico, porque ele também possui, no âmago da alma, a mesma cota de luz sublime que existe em você! Ajude-o, para adquirir maior refulgência no seu perispírito em breve. Sesóstri é o mendigo sujo e esfarrapado à porta do banquete angélico. Precisa barbear-se, mudar de traje e tomar banho odorífero, para então ser digno das insígnias da Luz! O "anjo rebelde", na verdade, é o próprio anjo sublime em potencial, porém hipnotizado pelo culto vaidoso à personalidade humana transitória que tenta compensar a frustração de exilado na desforra contra as hostes angélicas do Cristo.

Depois de um hiato compreensivo, Apolônio voltou-se para Cíntia, dizendo-lhe, amorosamente:

Oxalá, Sesóstri aceite o derradeiro ensejo de expurgar o conteúdo tóxico sedimentado no seu perispírito, para se livrar de outro exílio planetário de "juízo final" e gozar das condições vibratórias favoráveis para viver com você nos planos superiores do Espírito Imortal!

Cíntia baixou os olhos, dominada por dolorosas reflexões, e replicou:

Conseguirei convertê-lo, Apolônio?

Talvez, Cíntia! Se ele puder compreender que há de perder, no exílio planetário, o seu amor tão puro e generoso. Tente demonstrar-lhe o júbilo da vida angélica sobre a glória efêmera do mundo ilusório da carne!

A reunião prosseguiu com os presentes a examinar o programa de provas cármicas adequadas à redenção dos onze espíritos.

Meus amigos e irmãos — acentuou Apolônio —, analisemos o "carma coletivo" dos hebreus programado para o próximo século terrícola, em que tentaremos incluir os nossos rebeldes mais receptivos às provas retificadoras.

Em seguida, ele expôs o pergaminho mais longo. Era um mapa multicolor de que já havia-se referido anteriormente, o qual passou a ocupar toda a superfície da mesa, crivado de símbolos, tais como estrelas, triângulos, cruzes, losangos, grades, círculos, retângulos e principalmente certos hieroglifos coloridos e distribuídos pelos pontos mais estratégicos. O mapa dividia-se em três cores diferentes. A parte superior era de um matiz amarelo claríssimo. O centro, róseo-claro, e a parte inferior, num total de cinza esbatido, cujas cores pareciam aumentar ou reduzir o valor dos sinais ali expostos, em três cores diferentes.

Eis aqui, neste gráfico, a estatística coletiva das “horas culposas” da reparação cármica de mais de seis milhões de hebreus, responsáveis por atrocidades e tropelias praticadas desde os tempos de Davi contra os amonitas.[70] Observem a graduação dos símbolos siderais marcando os principais grupos culpados; aqui, referem-se aos comandantes e chefes que ordenaram impiedosas trucidações; ali, indicam soldados e apaniguados, executores dos massacres dos velhos, mulheres e crianças indefesas, duplamente culpados perante a Lei Cármica, porque destruíram criaturas desarmadas e pacíficas, em vez de combatentes adversos. Os hieroglifos pretos assinalam a intensidade de culpa desses espíritos alinhados para a prova cruciante no próximo século. Os verdes significam as atenuações a que eles fizeram jus, em vidas posteriores, por atos e empreendimentos de socorro a outros seres humanos. Eis aqui um exemplo: este é um gráfico individual de culpa cármica que solicitei ao “Departamento de Planificação Cármica”, assinalando a culpa pregressa de um dos nossos familiares envolvidos nos massacres guerreiros desde os tempos bíblicos.

E Apolônio desdobrou o rolo de papiro menor, que se achava sobre a mesa, apontando uma anotação especial:

É a entidade de prefixo MBOW-102.845, de nossa família espiritual, e que vocês já devem ter identificado.

Sesóstri? — indagou Cíntia, apontando o prefixo que identificava o seu amado no simbolismo de tempo e espaço.

Sim! — assentiu Apolônio. — É Sesóstri. Infelizmente, o mais comprometido com a Contabilidade Divina deste planeta. A Técnica Sideral somou todos os segundos, minutos e horas de ações destruidoras que ele praticou em 35 existências carnais, desde a sua participação nas tropelias do tempo de Davi, Gengis-Can, Átila, Aníbal, Alexandre, Júlio César e até Napoleão, em que sempre destacou-se pela sua natureza belicosa nos comandos guerreiros. No cômputo geral, ele apresenta um débito de 1.832 “horas culposas”,[71] representando a soma exata de sua ação destruidora e culpa direta. Conforme nos mostra o hieroglifo amarelo, nesta parte castanha, existem 897 “horas belicosas”, que podem ser deduzidas da responsabilidade cármica de Sesóstri, pois embora elas signifiquem atividades destruidoras, contrariando o mandamento “Não Matarás”, foram executadas por ordens superiores, em defesa da pátria e de patrimônios

alheios, mas enfrentando adversários armados e decididos a matarem. Restam, pois, 935 “horas culposas”, mas passíveis de outra dedução de 309 “horas benfeitoras”, e aqui assinaladas pelo hieroglifo verde, quando Sesóstri, em vidas posteriores e desempenhando profissões serviçais, arriscou a vida na função de bombeiro, condutor de veículos, guardião, enfermeiro, militar, vigia, mineiro, preceptor e salva-vidas, salvando mulheres, crianças, velhos e outros seres em desmoronamentos, desastres, quedas, afogamentos, incêndios, tempestades, beneficiando o seu ativo espiritual bastante agravado pelos delitos anteriores. Ainda sobram 626 “horas culposas” para ele expiar, conforme assinala o hieroglifo preto do código tradicional dos “Senhores do Carma”, podendo ser liquidadas de modo parcial, isto é, em diversas existências atenuadas com o credor-Terra.[72]

Por que às 309 “horas benfeitoras” do hieroglifo verde ainda se somam 102 horas assinaladas por esta cruz? — perguntou um jovem de turbante verde-malva, encimado por magnífico diamante, de olhos firmes e faiscantes como os hipnotizadores.

Apolônio retomou o diálogo, esclarecendo:

Conforme já expliquei, o hieroglifo verde caracteriza 309 “horas benfeitoras” exercidas por Sesóstri em favor do próximo, mas por força das profissões que desempenhava na matéria. A cruz, ao lado, no entanto, destaca 102 “horas heroicas”, que compõem quase o dobro de 52 horas a seu favor, que ele dispendeu pondo em risco o bem-estar e a própria vida para socorrer o próximo, numa decisão espontânea e não por obrigações profissionais. Deste modo, restam-lhe ainda 524 “horas culposas” para expiar na carne, sofrendo o impacto de dores e sofrimentos semeados alhures, a fim de liberar o perispírito de miasmas e aderências tóxicas que o impedem de se situar em nível espiritual superior.

Após pequena pausa e esperando que os seus ouvintes assimilassem o conteúdo de sua explicação, o velhinho refulgente continuou:

Não é preciso dizer a vocês que Sesóstri esperou demais! Agora, caso ele aceite o ensejo redentor ao apagar das luzes do século XX e durante o processo seletivo de “fim de tempos”, só lhe resta uma oportunidade: liquidar as 524 “horas culposas” numa só existência e na forma de um expurgo imediato.

Apolônio apontou dois hieroglifos entrelaçados, preto e vermelho, e desta vez os presentes se entreolharam, pesarosos, sem esconder a aflição que se estendia em suas faces, numa expressão bem humana. Só Apolônio parecia conservar-se acima do sentimentalismo terrícola, indagando, numa voz cordial, mas incisiva:

Sabem vocês o que significam os hieroglifos preto e vermelho, assinalando as 524 "horas culposas" de Sesóstri?

Cíntia, a bela grega, teve um arfar doloroso e depois pronunciou lentamente, num tom lastimoso:

Sei, Apolônio, Sesóstri terá de sofrer 524 "horas atrozes" ininterruptamente na carne sem qualquer alívio ou hiato sedativo, não é assim?

Querida! Essa é a verdade para todos os réprobos, embora Sesóstri deva ser o mais torturado. E como não somos os legisladores do Cosmo, mas apenas devemos cumprir as leis já estabelecidas, os réprobos aceitarão essa emergência dolorosa, mas purificadora, ou serão exilados novamente para mundos inferiores.

Sesóstri possui talento fulgurante e sabedoria suficiente para viver condignamente conosco, mas, no momento, prefere subverter a consciência no comando das falanges trevosas hostis à angelitude. Não há castigo nem decretos do Senhor dos Mundos, criando torturas e sofrimentos, mas apenas o ensejo de evolução espiritual, num processo justo para mais breve angelização. Quando encarnados, custamos a entender a função retificadora do sofrimento como processo de aperfeiçoamento espiritual. Em verdade, somos diamantes brutos que, pela lapidação, transformamo-nos no brilhante a irradiar luz. Porém, a nossa origem advém do mesmo carbono cristalizado no sistema de criação espiritual.

Apolônio silenciou, enquanto Fuh-Planuh, um indu-chinês de voz fina e divertida, assim se expressava:

Dispendemos milênios e milênios como ratos no labirinto até encontrarmos a saída certa para a clareira de luz benfeitora. Se os homens soubessem da importância das vicissitudes e dos sofrimentos, embora sob o guante de adversários vingativos, creio que eles formariam filas defronte da oficina do purgatório terreno, aguardando, impacientes, a vez de os "mecânicos diabólicos" atenderem-lhes os necessários consertos

espirituais.[73]

Enquanto os demais espíritos sorriam, bem-humorados, Apolônio arrematava:

É o caso de Sesóstri, cujo saldo de 524 “horas culposas” representa apenas o tempo necessário para ele se submeter à técnica espiritual e conseguir a limpeza perispiritual a fim de retornar ao trânsito livre nos caminhos da Espiritualidade Superior. Usando de outra imagem literária, diríamos que ele deve lavar o perispírito no tanque das lágrimas terrenas, para depois participar do banquete divino com a “túnica nupcial” ou o perispírito alvejado, em vez do “smoking” confeccionado pelos fluidos perniciosos das paixões humanas.

Em seguida, Apolônio voltou-se para a formosa grega, aduzindo-lhe:

Cíntia, procure convencer Sesóstri a aceitar livremente essa reparação drástica e urgente, na matéria, a fim de livrar-se do exílio ao planeta inferior, que será o depósito dos rebeldes enxotados da Terra no próximo “juízo final”. Oxalá, o Senhor a ajude nessa empreitada aflitiva, querida Cíntia!

Depois, levantou-se, dizendo a todos:

Daqui por diante, o assunto é de natureza pessoal, e cada um de nós deve devotar-se, incansavelmente, à tarefa de convencer os réprobos a aceitarem, espontaneamente, o derradeiro ensejo dessa encarnação retificadora no carma coletivo dos hebreus a fim de evitarem o pesaroso exílio planetário. Enquanto seguimos para “Bem-aventurança”, ainda combinaremos as providências mais urgentes para o contato com os nossos familiares rebeldes e, no momento oportuno, estaremos aqui outra vez, reunidos para analisar possibilidades de êxito ou fracasso dessa empreitada benfeitora.

Em seguida, deu por terminada a reunião e desceu do estrado luminoso, reunindo-se aos demais companheiros. Logo, caminhavam todos pela formosa álea revestida de areia iluminada pelo Sol astralino.

O caminho era ladeado em ambos os lados por dois cinturões de flores, cujas hastes esguias moviam-se pelo afago da brisa fragrante descida das colinas lilás-cinza, a espargir sons e vibrações de campainhas. A alameda por onde os espíritos passavam inundava-se de cambiantes luzes na mais perfeita sintonia com os seus sentimentos e pensamentos. Ao longe, na mesma direção, percebia-se um arco ou portal rendilhado do mais fino lavor artístico e entrelaçados de fios de diamante, topázio e esmeralda. À

semelhança de um só floco de luz esvoaçante, aqueles seres alados desapareceram através do portal munificente, penetrando num cenário tão resplendoroso, que talvez cegasse os olhos humanos mais sensíveis.

O calendário terreno avançava dezenas de anos, depois da reunião dos espíritos no “Anfiteatro das Papoulas”, sob a tutela de Apolônio. Na Terra, os ricos erguiam taças de champanhe e rodeavam as mesas atulhadas de vitualhas, carneiros, faisões, frangos, leitões e aves, cuja carbonização dos fornos se disfarçava sob o odor fragrante dos temperos. Os pobres contentavam-se com a média de pão e manteiga ou ingeriam alcoólicos modestos. No ar, espoucavam foguetes e fogos de artifícios. As ruas estavam povoadas de criaturas alegres e festivas, em direção aos cinemas, clubes noturnos e antros de vício. Os automóveis businavam freneticamente, e as fábricas apitavam num barulho ensurdecedor. Das janelas e sacadas das residências particulares, debruçavam-se criaturas gritando vivas ao novo ano de 1930. Os mais superticiosos beijavam pés de cabra ou de coelho, acariciando esses “talismãs” na esperança de melhorar a sorte no ano que surgia, livrando-se das vicissitudes e sofrimentos curtidos no ano velho.

Havia um brilho de confiança em todas as criaturas, exceto, evidentemente, nos infelizes segregados nos hospitais, penitenciárias e asilos, que curtiam dores, desditas e fracassos, visitados pela má sorte no advento do Ano Novo. Serpentinas coloridas cruzavam as ruas e eram lançadas dos edifícios sobre os automóveis lotados de pessoas, aos vivas e gritos de júbilo. Nas residências, nos bares, nos restaurantes e nos salões de danças, multiplicavam-se os abraços e os brados de entusiasmo e rodopios alegres. Alguns festeiros mais precipitados já se mostravam alcoolizados e mal se sustinham em pé, amparados pelos amigos nas convulsões etílicas e nos exageros entusiastas. As fábricas e as locomotivas cessavam de apitar, e também se reduzia o eco gritante das buzinas, quando o ar vibrou outra vez pelo badalar frenético dos sinos das igrejas chamando os fiéis para a missa do fim e começo do ano.

Enquanto isso ocorria na Terra, outra cena bem diferente sucedia-se na esfera espiritual conhecida por “Anfiteatro das Papoulas”. O cenário era cada vez mais belo na sua florescência vegetal e sob o enfeite dos bancos recortados na vegetação miúda e delicada, à beira do formoso lago, cuja forma de um coração líquido era guarnecida pelas papoulas chamejantes. Ali

se reuniam outra vez os mesmos espíritos, e novos amigos, familiares e cooperadores da causa do Cordeiro, possuindo ligações afetivas com os rebeldes em projeto de encarnação na Terra.

Apolônio sentava-se na mesma poltrona castanho-claro, de tecido plástico transparente[74] e esfregava as mãos com certo contentamento infantil, enquanto os demais companheiros acomodavam-se nos bancos recortados na própria vegetação. Todos os presentes trocavam ideias entre si, e suas emoções também produziam novos cambiantes de luzes e cores nas auras.

Meus amigos e irmãos! — principiou Apolônio, numa voz tranquila e sonora. — Enquanto reunimo-nos aqui, nesta paisagem astralina à distância da coletividade de "Bemaventurança", cujo ambiente não deve ser afetado pelos nossos problemas pessoais, os terrícolas festejam o transcurso simbólico do calendário humano, no limiar do ano de 1930, isto é, quase um terço do mesmo século XX, em que confiamos as esperanças de redimirmos os nossos familiares ainda comprometidos com a Lei Divina. Aliás, temos de compreender a euforia dos terrícolas nos festejos ruidosos e nas emoções descontroladas de Ano Novo, porque nós também já vivemos na Terra e talvez tenhamos exagerado. Enfim, ressalve-se, pelo menos, as boas intenções!

Depois de uma pausa reflexiva, Apolônio prosseguiu, explicativo:

Repito: estamos no limiar do grande "Carma Coletivo" delineado a fim de redimir os espíritos endividados desde os tempos de Davi, e jamais poderemos indenizar os amigos e Mestres da Redenção da esfera de "Arcanjo Micael" pela generosidade de situarem oito dos onze rebeldes planetários no próximo esquema redentor na Crosta. Não me preocupavam as provas atrozes dos réprobos na carne, mas apenas a possibilidade de fugirem no momento nevrálgico, como já aconteceu doutras vezes, quando nos traíram depois de aceitarem o expurgo psíquico. Felizmente, em face do esquema sábio e seguro sugerido pelos Mestres Cármicos, desta vez eles não poderão fugir do cumprimento das "horas atrozes", que lhes serão de imenso benefício para a ventura espiritual.

Apolônio mostrava-se calmo, sem o sentimentalismo próprio das criaturas terrenas que derramam torrentes de lágrimas diante dos melodramas de teatros e televisão, porém não se comovem com o infeliz epiléptico atirado nas ruas das cidades, nem se apiedam da prostituta

desventurada apodrecendo no hospital, após servir como repasto vivo aos homens libidinosos. Ele cuidava do assunto trágico e comovente da expiação atroz dos seus pupilos, assim como engenheiro experimentado analisa os detalhes de importante edifício ou efetua os cálculos da ponte estratégica. Algo jovial, pela satisfação do ensejo redentor proporcionado aos familiares, voltou-se para Cíntia e disse-lhe, numa voz lisonjeira:

Cíntia, congratulo-me com você e Amuh-Ramaya, pelo êxito de convencerem o feroz Sesóstri à encarnação redentora na Crosta, após lhe quebrarem o granítico orgulho e amor próprio obstinado.

O venerável velhinho cismou, um momento, como se encontrasse dificuldade na sua dissertação, e continuou num tom pesaroso:

Lamentamos, profundamente, o sarcasmo, o orgulho, a fúria e a obstinação vingativas de Othan, Sumareji e El Zorian que, além de insultarem os companheiros decididos à redenção espiritual, juraram impedir-lhes a encarnação sadia. Eles recorrerão aos técnicos da "Confraria dos Escorpiões" ou da "Serpente Vermelha" para bombardearem os cromossomos[75] dos nossos familiares em gestação e perturbarem-lhe o sistema sanguíneo ou o equilíbrio neuro-endocrínico. Sem dúvida, temos motivo para ficarmos apreensivos, ao lembrar-nos das encarnações frustadas de Bário e Moriam, na Pérsia, quando os cientistas diabólicos conseguiram atacar-lhes a fisiologia da hipófise, suas relações com a tireoide e as cápsulas supra-renais, comprometendo-lhes a percepção mental nas provas redentoras da carne.

Com certo bom ânimo, Apolônio falou:

Diz-me a intuição que desta vez teremos êxito, malgrado as ameaças de Sumareji, Othan e El Zorian em ferir os ascendentes hereditários dos próprios companheiros do passado em processo de reajuste espiritual. Mobilizemos, com urgência, as equipes de trabalho encarnatório junto à Crosta e de contato direto com a matéria a fim de protegermos os réprobos contra o assédio das falanges trevosas. Sem dúvida, teremos de reduzir o ritmo vibratório do nosso perispírito e ajustarmo-nos ao ambiente do éter-físico da Crosta, enquanto alguns deverão submeter-se à prova sacrificial do "cascão".

Apolônio silenciou, outra vez, absorto em suas reflexões, para depois continuar:

A prova mínima é de Morian, quatro anos de vida física, e a máxima de Sesóstri, onze anos, em cujo prazo os seus perseguidores empreenderão feroz ofensiva desde o período genético até os dias finais, tentando a deformidade, o acidente ou a moléstia lesiva.

Soube que Sumareji, Othan e El Zorian já assumiram o comando deixado por Sesóstri, Bário e Karin — advertiu um espírito trajando malhas cintilantes semelhante a de um cruzado.

E também já enviaram à "Confraria dos Escorpiões",[76] relatório da traição dos nossos familiares ao comando das Trevas, bem como notificaram a adesão ao programa redentor da "Comunidade do Cordeiro" — acrescentou um espírito de luz carmim esbordejada de amarelo canário, vestido de túnica alaranjada, aberta e deixando ver o peito musculoso, numa tensão de força abafada.

A estas horas, os réprobos em fase de encarnação já estão fichados como "renegados" sob a mira dos policiais negros da "Confraria dos Escorpiões" — confirmou outro companheiro trajando veste semelhante, provavelmente elemento de ligação mais vigorosa entre os dois mundos.

Ramú, o belo indiano de turbante cor de topázio emoldurado por faiscante rubi, acrescentou:

Othan, Sumareji e El Zorian comprometeram suas falanges com uma das confrarias-mirins do Maioral, concordando em participar dos serviços repugnantes de obsessões, desde que também sejam auxiliados na sua desforra contra nós.

Irmão Apolônio, qual seria o êxito dos médicos diabólicos na tentativa de ferir os ascendentes biológicos dos nossos familiares a caminho da carne?[77]

O bombardeio "radioativo" mais eficiente dos cientistas da "Serpente Vermelha" é na função mielocitopoética do organismo físico e assim provoca a leucemia na primeira infância. Recordam-se de que, anteriormente, eles usavam o processo de estimular os gens regressivos da hematofilia com baixas irradiações, e tiveram êxito perturbando a encarnação redentora de Karin e Senuret, fazendo-os desencarnar prematuramente aos quatro anos, isto é, 19 anos antes do prazo previsto para as provas retificadoras.

Pela primeira vez, Apolônio fez um gesto descontrolável, traduzindo

oculto desespero por sentir a impotência relativa ante as sombras do Astral Inferior:

Infelizes! “Serpente Vermelha”, pérfida, que rasteja aniquilando o vitalismo do fogo serpentino[78] em ebulição pela coluna vertebral e irradiação pela medula óssea humana, cuja picada diabólica no processo da hemacitopoese do encarnado pode anular um programa redentor elaborado há séculos.

Porventura teremos a ofensiva associada, outra vez?

indagou o cruzado, cuja armadura refulgia num tom de alumínio argênteo, e acrescentando: — Em consequencia, cabe-nos enfrentar duas fórmulas diabólicas dessas confrarias para lograrmos a encarnação dos réprobos convertidos? Então, será a leucemia e a hematofilia pelos cientistas da “Serpente Vermelha”, ou a hidrocefalia, a imbecilidade, o mongolismo ou cretinismo dos especialistas dos “Escorpiões”?[79]

Apolônio, subitamente e talvez inspirado, exclamou:

Nós também recorreremos às “Samaritanas” que operam em “cascão”, na Crosta, rogando-lhes os serviços de vigilância junto à mente das progenitoras dos réprobos em gestação. Elas evitarão acúmulo ou condensação de fluidos inferiores na região cerebral das gestantes e a consequente vulnerabilidade perispiritual para os diabólicos agirem com êxito.[80] Ademais, também consegui a adesão de Swen, o mago fabuloso em “cascão” “wiking” que, no comando de suas falanges corajosas, operantes na região germânica, prometeu-me anular o avanço dos “sapadores” luciferinos, ou seja, os preparadores do campo fluídico para os cientistas desfecharem o bombardeio destrutivo.

Cíntia, enrubescida, agradeceu comovida:

Apolônio, jamais poderei indenizá-lo pelas providências defensivas em favor dos réprobos, mas, principalmente por Sesóstri, espírito a quem devoto incondicional afeição.

Apolônio sorriu, compreensivo, e continuou:

Aliás, nem todas as notícias são más, pois, apesar de nossa causa ser algo pessoal, o Alto mobilizou mais cooperadores em favor da encarnação dos nossos réprobos, considerando que Sesóstri, malgrado seja o líder maquiavélico dos demais comparsas é, paradoxalmente, o espírito que mais

vibrou em direção à sublimação. Os Mestres da Redenção creem que depois das “horas atrozes”, sem alívio, de retificação cármica, ele partirá da Crosta com a vestimenta perispiritual tão sensível e límpida, que isso poderá conduzi-lo à vibração altíssima e consequente “samadhi”, ou deslumbramento panorâmico do Cosmo e da Realidade Espiritual. Isso poderá transformá-lo num dos eficientes servidores do Cristo e valiosa cunha espiritual na Terra![81]

Louvado seja Deus! — exclamou Cíntia, num assomo de entusiasmo infantil.

Se isso acontecer, eu serei imensamente feliz por Sesóstri reduzir o abismo vibratório entre nós.

Evidentemente — continuou Apolônio —, a força, a sabedoria, o poder e o destemor de Sesóstri manifestos, até hoje, contra o Criador e o Cordeiro, como rebelde ou anjo decaído, poderá torná-lo um líder no serviço angélico, quando sentir, na fração de um segundo de “êxtase”, a majestade, a beleza e a glória de si mesmo no seio do Absoluto.

Quem, dentre nós, submissos aos limites das formas, induziria ou acionaria Sesóstri a um “samahi”?[82] — indagou Cíntia, pesarosa.

Apolônio sorriu, traindo um ar misterioso e travesso:

Quem, Cíntia, quem, senão Schellá e sua fascinante falange de socorro mental? Quem, senão o Mago perfeito de “Arcanjo Micael”?

Cíntia ficou de lábios entreabertos, arfante e estática; os demais mostraram-se tão excitados, que isso os enchia da mais indizível satisfação.

Salve o Senhor, pela graça de enviar-nos um espírito fulgurante da “Esfera da Sublimação”, cujo poder mental já é força criadora no mundo físico![83] — exclamou o próprio Ramú, perdendo sua linha tranquila e excitado pela notícia.

Depois, curvando-se, gentil e calmo, acrescentou:

Dentro do esquema de redenção dos réprobos e sob a cooperação de Schellá, estou pronto para o sacrifício do “cascão”!

Sem dúvida, ainda necessitamos ouvir as sugestões do “Departamento de Proteção” na Crosta, filiado à metrópole “Estrela Branca”, pois vocês sabem que, de acordo com a densidade do meio ambiente, os dragonianos já conseguiram desintegrar “cascões” super-mentalizados no éter-físico. Além

disso, é muito cruciante a permanência nesse escafrando compulsório em razão de sua ação compressiva do éter-físico. Assim, cada um de nós deve submeter-se aos "testes" de segurança e às eliminatórias dos técnicos de "Bem-aventurança", antes de qualquer empreendimento pessoal. Seria inútil despendermos uma tonelada de energia tão preciosa, sem a probabilidade do êxito de um só gramo.

Os demais espíritos permaneceram longo tempo em silêncio, meditando nas dificuldades que defrontariam para proteger os familiares rebeldes.

Argos, o belo grego de cabelos encaracolados, acentuou:

Sei que podemos atingir o delírio no esforço de manter a configuração ocasional no plano do éter-físico, mas assim mesmo tentarei a prova.

Estarei a seu lado e faremos turnos de repouso mais frequentes. Quem estiver exaurido poderá liberar-se, enquanto o outro vigia. Se não pudermos manter a defensiva direta na encarnação dos réprobos, seremos a linha de segurança entre as legiões de Swen, Scholen Habarusch e os benfeitores de Micael!

prontificou-se um espírito atlético, cuja roupa colada ao corpo parecia confeccionada de lamê fulgurante.

Apolônio levantou-se, sorrindo, comentando com um tom apreensivo nas palavras:

Meus irmãos! Saudemos o Mago Shellá de "Arcanjo Micael" e roguemos ao Senhor o auxílio nessa empreitada redentora!

Circundando o olhar pelo cenário formoso do "Anfiteatro das Papoulas", entre o silêncio de expectativa dos presentes que pareciam reduzir a fulgência habitual das auras, ele comandou decidido:

— Vamos, queridos! Minha antena espiritual comunica-me o ingresso de Sesóstri nos fluidos da carne em "perispírito fetal".[84]

Houve imediata e harmoniosa conjugação entre todos; deram-se as mãos e numa só fusão de cores e luzes, que convergiam para a fronte de Apolônio fortificando-lhe o comando mental, elevaram-se do solo à semelhança de uma nuvem de falenas multicores, desaparecendo, dali a pouco, no seio da cerração lucífera. Ensombrava-se, pouco a pouco, a formosa luminosidade de todos os pupilos de Apolônio, à medida que eles mergulhavam na atmosfera mais densa e hostil, em direção às faixas escuras e à aura

afogueada da Terra, cindida pelos relâmpagos da mente indisciplinada da humanidade terrestre.

Setembro de 1939.

Um rastilho de fogo partia da Alemanha ateado por Adolf Hitler, não percebido pelo resto do mundo. Debaixo de flores e gritos de entusiasmo, o "Fuehrer" entrava na Áustria, após a queda de Schusning, e o povo austríaco acenava ao novo ídolo louvando-o através de bandeirinhas de ambos os países. Em breve, a preocupação semeava-se nos demais países europeus, pois o ditador alemão principiava a mostrar suas garras ao invadir a Tchecoslováquia. Meses depois, massacrava a Polônia, pretextando problemas de seus súditos no corredor de Dantzig. A França e a Inglaterra, despertando do mutismo censurável e depois de deixarem a infeliz Polônia sucumbir desamparada, numa hesitação calculista, então resolveram interferir e declarar guerra à Alemanha, quando perigavam seus interesses comerciais na Europa. Mas o fizeram algo tarde, pois a "Luftanza" arrasou o sul da França, e Hitler atravessou a inexpugnável "Linha Maginot", tornando um recurso obsoleto ante o progresso da aviação. Em seguida, quase demoliu Coventri e mais tarde espremia os ingleses num massacre terrível nas praias de Dunkerke, onde pereceram milhares de soldados.

Homens, mulheres e a juventude alemã deliravam de entusiasmo ante as vitórias consecutivas do "Fuehrer", inconscientes de que a euforia belicosa semeava tristes acontecimentos cármicos para o futuro, quando os aliados arrasariam suas cidades, e, mais tarde, teriam de sofrer a humilhação do "muro da vergonha" imposto pelos russos.

Megalomaníaco e bárbaro travestido do século XX, Adolf Hitler demolia a cultura do próprio povo alemão, mandando incendiar obras de renomados sábios germânicos, aniquilando a ciência, a filosofia e a arte erigida até aqueles dias por laboriosos gênios. Em seguida, impôs à juventude nazificada a sua bíblia "Mein Kampf", escrita em momentos de histeria e paranoia quando encarcerado em Munich, depois do fracassado "punch". Dançou o passo do ganso junto à torre de Eiffel, em Paris, rebentou-se de vaidade e orgulho percorrendo os vastos territórios devastados pelas suas "panzers" e foi festejado por milhões de bandeiras e gritos jubilosos dos seus conterrâneos em delírio. Adolf Hitler tornou a repetir a velha história dos facínoras do passado, como Davi, Gengis-Can, Átila, Tamerlão, Aníbal,

Alexandre e outros flagelos da humanidade.

Mas, a Lei é inflexível e correta, pois logo todos pagaram com a mesma moeda. Berlim foi demolida inteiramente; milhões de casas arrasadas, fábricas destruídas e inutilizadas completamente todas as instalações sanitárias e serviços de utilidade pública. Milhões de alemães passaram a viver nos porões, cais, subterrâneos e debaixo de pontes, mal conseguindo arrancar mirrados tubérculos e ervas do solo para matar a fome. Os aliados, na febre de desforra, não olvidaram um metro quadrado das cidades alemães. Desapareceu Berlim e quase sumiram do mapa Hamburgo, Colônia e Bremem.

Os comandos das Trevas, no princípio, deliraram, convictos do seu diabólico domínio sobre o mundo material, através dos sucessos de Hitler, sustentados por outros desequilibrados do Astral Inferior, como Himmler, Goering, Goebels, Josef Kramer, Mengel, Fichmann, Július Streicher, Ernest Kaltenbrunner, Hans Franck e outros. Aspiravam até o controle das encarnações futuras que fariam da Crosta terráquea um palco para a disseminação do vício, da violência e do poder egocêntrico. Ademais, reforçou-se o comando das sombras com a estultícia de Mussolini, aderindo aos nazistas e humilhando a Itália na composição vaidosa do eixo “Roma-Tokio-Berlim”. Não aconteceu conforme previram os magos das Sombras, certos de que logo a “Terra seria dos homens, os viris, e o Céu dos anjos, os afeminados!” Os Estados Unidos, dentro do seu proverbial calculismo utilitário, quando verificaram que terminariam tendo prejuízos na contenda, caso não defendessem sua perna de galinha, então entraram na guerra a fim de evitar o domínio de Hitler nos mercados europeus e asiáticos. Ante a infeliz investida contra a Rússia, malgrado o conhecido erro de Napoleão, Hitler enfraqueceu suas hostes guerreiras e jamais pode recuperar-se das perdas fabulosas por lutar em duas frentes. Mal sabia ele que também não passava de um simples “detonador psíquico” do carma coletivo de milhões e milhões de espíritos endividados desde os tempos de Davi, pois vaidosamente confundiu a permissão provisória do Alto com seu gênio e poder invencíveis. Ignorava que, na sua ficha cármica arquivada no Espaço, já estava assinalada a data de 30 de abril de 1945, para ele findar seus dias, arrasado no seu orgulho e na sua faina destruidora, como fê-lo realmente, atirando na boca com uma automática “Walther”, enquanto Eva Braun,

esposa de última hora, tombava depois de ingerir uma pílula de cianureto de potássio.

No entanto, para os “Senhores do Carma”, o mais importante era o clima belicoso ateado por Hitler, no qual deveriam resgatar as culpas passadas milhões de guerreiros malvados, ferozes e endividados desde os tempos bíblicos. Esses culpados de outrora também veriam as próprias casas queimadas ou arrasadas. A família trucidada, esposas e filhas desonradas; filhos esmagados contra muros ou massacrados nas pontas de baionetas; parentes fuzilados e sufocados como o fruto da má semeadura do passado. A Lei selecionara, cuidadosamente, os culpados e os colocara dentro da Alemanha e dos países que seriam invadidos pelos nazistas a fim de sofrerem o choque de retorno no seio das coletividades judias dizimadas e nos incêndios cruéis dos “guettos”, além de figurarem como cidadãos de outras raças, trucidados nas frentes belicosas da França, Polônia e Rússia.

Logo, movido por um ódio racial, incontido e recalcado desde a mocidade, Hitler resolveu dar solução ao “problema judeu”, autorizando liquidação em massa de qualquer modo. Só Adolf Eichmann trucidou mais de seis milhões de judeus em fornos crematórios, deportações, fuzilamentos e execuções, além dos que foram mortos pela fome e depauperamentos. Os vagões construídos para o transporte de gado seguiam diariamente em compridos comboios abarrotados de infelizes na mais degradante promiscuidade, depois de caçados e apanhados em todos os países invadidos. A carga humana chegava deteriorada nos campos de concentração de Ravensburg, Dachau, Auschwitz, Belsen, Buchenwald e Vilingen. Os fornos crematórios, pântanos e valas comuns eram insuficientes para dar sumiço aos milhões de vítimas que, sob o traje material renascidos como judeus, no século XX, liquidavam as culpas e os massacres bárbaros cometidos no passado. Muitas mulheres e comandantes dos campos de concentração chegavam ao requinte de curtir a pele dos infelizes hebreus trucidados, para cobrir abajures, caixa de joias, capas de livros ou estojos de perfumes.

Quando a atividade criminosa dos nazistas era mais intensa contra os judeus, ali pelo ano de 1942, eclodiu violenta epidemia de afecção “hepato-intestinal” em zona rural da Alemanha. As crianças morriam às dezenas. Os médicos mostravam-se desesperados e sem conseguir debelar a crise

enfermiça que já enfurecia Hitler. Finalmente, obtiveram dele permissão para fazer experiências “in vivo” nas crianças judias, na esperança de conseguirem a vacina adequada. Num dia trágico, 500 crianças foram submetidas aos testes preliminares no campo de concentração de Auschwitz, sendo escolhidos 31 judeuzinhos para as terríveis experiências de vivissecção sob o controle dos médicos Heinrich e Brumenwald[85] a fim de se descobrir a desejada vacina. Eram crianças dos tipos mais diversos, variando em idade, sexo, reação sanguínea, resistência vital e comportamento nervoso. Algumas eram perfeitamente sadias e vigorosas, outras, débeis e enfermiças, e compunham o material humano adequado às pesquisas impiedosas.

Aterradas ante a impossibilidade de fugirem das provas tenebrosas, as infelizes vítimas foram amarradas pelos enfermeiros nazistas nas mesas de laboratórios e devidamente amordaçadas para impedir-lhes os gritos lancinantes. Em seguida, dia-a-dia, elas foram submetidas às mais pavorosas experiências. As intervenções cirúrgicas, desidratações, transfusões de sangue contaminado, provas de ácidos e corrosivos, biópsias, obliteração da função nervosa e circulatória, além de desnutrição ou superalimentação, infectadas nos órgãos ou esgravatadas em toda a região abdominal. Foram submetidas à inoculação de material patogênico de todas as espécies. Extraíram-lhes o líquido raquidiano, linfático e sanguíneo.

Três dias depois, já haviam sucumbido 23 crianças entre estertores e pústulas corrosivas, mostrando as carnes em frangalhos e os olhos esgazeados de dor. Os médicos e os enfermeiros vigiavam atentamente as modificações anátomo-fisiológicas. Pesquisavam-lhes o trabalho drenativo das vias-emuntórias, em reações endócrinas, nervosas e sanguíneas e o comportamento das vitaminas nos “testes” de resistência vital. Era a mais paradoxal e impiedosa atividade de conservá-los enfermos e, ao mesmo tempo, mantê-los vivos de qualquer modo!

A doença em pesquisa era algo semelhante ao “cólera-morbo”, cujo bacilo ou vibrião colérico, Koch, havia sido descoberto no ano de 1883, em Alexandria, pois os médicos nazistas verificaram que a sua localização também se fazia no trato intestinal e era extremamente contagioso.

Depois de 21 dias de experiências tenebrosas, só restava miraculosamente viva uma das 31 cobaias humanas selecionadas

anteriormente. Era um menino de onze anos, verdadeiro farrapo vivo, submerso na dor mais inconcebível, cujos cabelos pretos estavam esbranquecidos e a fisionomia infantil transformada no estigma simiesco de um ancião precoce. O vigor e a resistência orgânica haviam surpreendido os próprios médicos alemães, pois ele se mostrava consciente na sua rigidez tormentosa e postura contraída por indomável cãibra nervosa. Os seus olhos estavam completamente secos de lágrimas e uma espuma pálida e sanguinolenta vertia através da mordaça sobre os lábios. O corpo estava espetado por uma dezena de seringas hipodérmicas, que vertiam soros, líquidos nutritivos, infectos, substâncias poluídas ou vitalizantes, sangue e hormônios, fazendo vibrar os tubos de borracha naquele experimento dantesco. Parte dos intestinos do menino estremecia solta dentro de um frasco com soro de Ringer aquecido, submetida a rigorosos exames procedidos por diversos médicos, enfermeiros e auxiliares, que tudo faziam para descobrir o agente e a vacina contra a epidemia das crianças alemãs.

Enfim, graças à essa resistência heroica em todas as experiências cruciantes, os médicos Heinrich e Brumenwald conseguiram a vacina tão ambicionada para salvar os alemãezinhos afetados pela devastadora epidemia. Conforme se verificou depois da guerra, as mesmas vacinas também debelaram crise semelhante em milhares de outras crianças vitimadas na região coreana e indo-chinesa.

Após terminar o seu objetivo sinistro e ao mesmo tempo terapêutico, Heinrich olhou o judeuzinho e mandou tirar-lhe a mordaça. Embora de coração enrijecido pela impassibilidade nazista, ele fez um gesto furtivo de comiseração ao defrontar a fisionomia mirrada e simiesca do menino que, 21 dias antes, era saudável e atraente. Heinrich fez um sinal e um enfermeiro aproximou-se, fazendo o menino engolir uma pílula que cheirava a flor de pessegueiro. A infeliz criança afrouxou a fisionomia retorcida pela dor infindável, e os músculos rígidos moveram-se, dificultosamente, sob estremecimentos nervosos. Então Isaac, o judeuzinho vítima da cruel vivissecção, tombou a cabeça para a esquerda e expirou sob a ação letal do cianureto de potássio.

O enfermeiro alemão, um monstro de cara quadrada e queixo atirado para a frente num ângulo desafiador, cujas mãos de pelos fulvos lembravam um gorila chamejante, arreganhou os dentes, dizendo num tom selvagem e

insensível: “Morreu!”

Heinrich e os demais médicos, a serviço de Hitler e curtidos pelas mais bárbaras experiências a fim de proteger a superior raça ariana, fitaram longamente o menino que resistira à tortura inquisitorial de 21 dias e horas, sem qualquer alívio ou chance de libertação. Malgrado a voz indiferente, o médico-chefe não escondia certo timbre de admiração quando dirigiu-se ao enfermeiro de aspecto brutal:

Ele morreu, Wiegando, mas, salvará a vida de milhares de crianças, assim que as vacinas dos laboratórios alemães forem aplicadas.

E, retirando as luvas ensanguentadas, apontou para Isaac, a infeliz cobaia humana, acrescentando:

Que vitalidade e resistência inacreditáveis! Quanto nos ajudou! É um corpo sacrificado pela salvação de milhares de outros corpos!

Ainda premido por algum remorso longínquo, antes de sair do aposento, recomendou seriamente ao seu rude assistente:

Enterrem-no! Mas, deem-lhe boa sepultura; ele a merece!

Decorreu certo tempo do simbólico calendário humano quando Isaac abriu os olhos no Mundo Espiritual. Logo estremeceu, horrorizado, sentindo ainda nos lábios a mordaça de esparadrapo e o gosto típico do sangue a fluir-lhe pela garganta, decorrente do rompimento dos vasos. De princípio, ele estranhou aquela claridade azul-celeste e repousante, muito parecida ao luar, e que lhe dava um alívio inesperado, em confronto com a sensação atemorizante provocada pela luz mortiça dos geradores dos campos de concentração. Julgava ouvir deliciosa melodia religiosa, numa saudade cálida e amorosa, revendo o rabi Joseph tocá-la ao órgão na sinagoga de Dresden, quando ali frequentava em companhia dos pais e irmãos. A música parecia lembrar-lhe a fragrância dos lírios e flores do brejo que floresciam nas margens do Reno e do Elba. Projetavalhe na mente as imagens das plantações de centeio, aveia, trigo e vinhas carregadas de uvas saborosas. Circunvagou os olhos à procura dos homens tenebrosos que o torturavam algemado na mesa fria de mármore. Onde estava o enfermeiro de rosto quadrado e aspecto de gorila, que lhe esgravatava os intestinos na procura doida de algo? Ou a mulher esguedelhada, sempre a espetá-lo com seringas de líquidos causticantes?

O menino Isaac não ousava mexer-se, ainda petrificado pela posição

atrofiante e tormentosa de 21 dias preso à mesa de autópsia de Auschewitz. Antes, gemia louco de dor e sem saber o motivo pelo qual sofria tanta crueldade; mas agora sentia-se inesperadamente aliviado nas dores físicas, e o sofrimento parecia-lhe existir somente na alma. Experimentou mover a mão direita e verificou que ela estava livre das algemas de couro. A boca ainda estava colada por algo estranho, mas sem causar-lhe a opressão dolorosa, e os olhos exauridos de lágrimas descongestionavam-se, pouco a pouco, por efeito de invisível energia balsâmica. Subitamente, ouviu um ruído à sua esquerda e pelo canto dos olhos percebeu vestes brancas. Então, levou um choque tremendo e não conteve um gemido lastimoso, certo da presença do enfermeiro gorila ou da mulher de cabelos esguedelhados que, além de atormentá-lo com as seringas de injeções, ainda o chamavam de "raça vil e infame"! Retesou o corpo num ímpeto instintivo de defesa orgânica, convicto da espetada atroz ou do rompimento de carnes sob nova operação. Mas nada disso acontecia, e a criatura, a seu lado, foi-se curvando suavemente para ele, mostrando um rosto de fada tão belo e terno, como ele jamais vira no mundo! Ela pousou-lhe a mão na cabeça, num gesto caricioso, e fluíam-lhe dos dedos vapores tão sedativos, que desejaria ficar ali algemado para o resto da vida!

Isaac! Não tema, querido! Tudo já terminou; você agora é o enfermo em jubilosa convalescença, e devemos louvar o Senhor dos mundos pela redenção de sua alma! Agora você poderá viver entre nós, durante os repousos da ascese espiritual.

A bela mulher, curvando-se outra vez, beijou-o na fronte, cuja emanação de ternura e afeição fê-lo vibrar sacudido por estranhas recordações familiares, quase podendo chamá-la pelo nome e reconhecer uma presença amorosa conhecida! A porta do aposento abriu-se surgindo um homem belo e de traje exótico, meio hindu e meio egípcio, que sorriu para Isaac numa expressão de júbilo.[86] Depois estendeu as mãos e fez-lhe alguns passes ou vibrações pelo corpo, aliviando o espasmo doloroso e restaurando o ritmo respiratório de modo saudável. Em seguida, deu-lhe de beber um líquido refrescante, com o sabor e a cor de romãs maduras, que, ao descer-lhe pela garganta, eliminava toda sensação e vestígio do sofrimento anterior. Os lábios desprendiam-se facilmente, e Isaac estranhou a própria voz, ao dizer:

Onde estão eles? Quem? — indagou o moço hindu-egípcio.

O médico, a mulher esguedelhada e o homem com cara de gorila? — indagou, circunvagando os olhos com resíduos de grande pavor.

A bela mulher sentou-se junto dele e acariciou-lhe os cabelos num gesto amoroso. Depois, então, lhe disse meigamente:

Eles se foram. Nós libertamos você! Não pense mais nisso; agora vai morar conosco, pois somos a sua família, compreende? Você está completamente livre e longe da Alemanha. Mas não faça perguntas, pois em breve estaremos em casa, entre amigos e protetores.

Isaac quis beijar-lhe a mão, mas ela apertou-o entre seus braços, despertando-lhe imenso júbilo, além de uma expansividade tão intensa, que julgou crescer, crescer sempre num impulso libertador de sua própria forma de menino torturado. Sob estranho sentimento, parecia-lhe que alguém morava dentro de sua alma e conhecia a maravilhosa mulher a seu lado. Mas, o hindu-egípcio fitou-o bem dentro dos olhos, de modo cordial e enérgico; Isaac sentiu-se dominado por suave torpor e depois foi se aquietando, pouco a pouco, terminando por adormecer sob a mais doce sensação de paz e ventura. Voava pelo céu e fugia, fugia incessantemente da escuridão tenebrosa, das mãos ferozes que o perseguiam e dos gritos e blasfêmias que o chamavam de “renegado”, “renegado”![87]

Em seguida, o grupo de almas resplandecentes empreendeu o vôo majestoso, ascencionando esbatido pelos fulgores topazinos e carminados do Sol astralino brilhando no poente, enquanto Swen, seus “wikings”, com outras falanges de espíritos em missão defensiva na Crosta, acenavam num longo adeus.

O grupo compunha-se de quinze espíritos volitando numa policromia de cores e luzes. Eram seis mulheres tão formosas como as fadas e nove homens belos, imponentes e serenos. A mais bela entre as mulheres, cujo perfil grego envolvia-se num traje lirial adornado de arabescos dourados sob um manto azul-claro de estrelas prateadas, sustinha nos braços um menino adormecido. Algum tempo depois, surgiu-lhes à frente o conhecido e formoso “Anfiteatro das Papoulas”, refulgindo entre cintilações róseas e lilases sob a luz astralina. Centenas de espíritos de vários matizes, raças, cores e luzes ali se aglomeravam em torno de um tapete confeccionado de flores vivas e veludosas, em cujo centro distinguia-se a frase colorida: “Bem-vindo, o

filho redimido do Senhor!”

Descendo num ângulo reto sobre o maravilhoso colchão de flores e finalizando o seu vôo longínquo desde a Crosta, os quinze espíritos pousaram no solo arminhado, enquanto Cíntia, a formosa grega, depositava carinhosamente o fardo precioso do menino Isaac. Os presentes, jubilosos, curvaram-se para o rosto daquele menino que passou a refulgir sob os matizes safirinos, lilases e róseos do ambiente, na fascinante combinação das cores áuricas de todos.

Sob a fragrância das flores odoríferas que matizavam o tapete atraente e florescente, a configuração perispiritual do menino adquiria um tom creme luminescente e, depois, evoluía para uma cor de laranja madura até esmaecer num colorido topazino, vivíssimo e emoldurando-se pelo róseo-lilás.

Apolônio, o venerável velhinho, acompanhava atentamente a metamorfose das cores em torno do menino adormecido. Em seguida, levantou a cabeça e, apontando Isaac, disse aos demais espíritos:

Ainda predomina algo do matiz que define a mente egoísta ou ambiciosa, nos seus reflexos do alaranjado um tanto obscuro. Mas, louvemos o Senhor, porque o rendilhado róseo-lilás não é apenas refulgência do nosso ambiente, pois já atinge-lhe a fonte carmim e violeta no tórax! O amarelo intelectivo também se mostra bem claro, comprovando a sabedoria, norteando-se para fins nobres!

Apolônio terminou sua descrição dizendo com visível emoção:

Aliás, a ternura e a humildade já fizeram moradia no coração dele![88]

Levantou os braços e cerrando os olhos, convidou todos à breve saudação:

Senhor, Criador do Cosmo e Pai boníssimo; os pensamentos e as palavras jamais poderão exprimir a nossa ventura espiritual neste momento, ante a redenção de mais um dos nossos queridos familiares purificados na carne sob o processo justo e lógico da dor! Ave, Senhor! Mil graças pelo ingresso do novo servidor da Luz nas fileiras do Cordeiro!

Setas luminescentes, como um chuveiro flamívolo, desciam do Alto, atingindo a fronte daquelas almas formosas, cuja prece breve, mas eloquente, avivara-lhes os fulgores do mais puro carmim emoldurado pelos eflúvios argênteos em suas auras sublimes. Apolônio subiu ao estrado castanho-claro

luminoso e, fazendo um gesto cordial, assim se expressou:

Meus irmãos! Acabamos de usufruir mais um momento incomum em nossa vida espiritual, pelo retorno dos oito réprobos familiares redimidos na carne humana. Enquanto isso, Adolf Hitler continua alastrando o fogo tenebroso da guerra na face do orbe terráqueo. Milhares de criaturas ainda expiam o carma coletivo desde os tempos bíblicos, sofrendo sob os nazistas as dores e tragédias que semearam imprudentemente no passado. Agora envergam o traje carnal de judeus travestidos de mulheres, crianças, moços e velhos, sucumbindo atrozmente nos "guettos" incendiados, muros de fuzilamento, estertores da fome e nas câmaras de gases dos campos de concentração. Mas acertam seus débitos com a própria contabilidade terrícola e limpam sua contextura perispiritual da carga tóxica da "maldade" para, depois, comparecerem devidamente asseados ao banquete eterno da Casa do Senhor.

E, apontando Isaac, o menino adormecido sobre o tapete de flores, situado a alguns passos do formoso lago guarnecido de papoulas cintilando num fogaréu rutilante, Apolônio exclamou comovido:

Eis o mais feroz dos réprobos, agora glorificado pelos tormentos da retificação cármica, graças à ação centrífuga das próprias energias sublimes do espírito imortal! Expeliu a carga tóxica, desintegrou crostas petrificadas pela ambição, orgulho e crueldade, eliminou venenos mentais nutridos pela revolta ou pela vingança. Agora situa-se além do domínio implacável da "mente-instintiva"[89] que já lhe foi bastante útil na formação humana, mas doravante deve ser "dirigida" pelo discernimento da consciência espiritual. A mente instintiva coordena a organização do mineral, do vegetal, do animal e do homem; porém, queridos irmãos, só a "mente espiritual" governa o esquema definitivo do anjo.

Apolônio cessou de falar, comovido por suas próprias palavras, e depois continuou traindo um suspiro de pesar:

Malgrado a campanha hostil e destruidora encetada por Othan, Sumareji e El Zorian, eles fracassaram nas suas investidas maquiavélicas e os oito réprobos, seus comparsas de outrora, puderam cumprir integralmente o programa redentor. Algemados ao mármore frio da vivissecção, sob o guante dos nazistas, não puderam fugir das provas redentoras e resgataram suas "horas culposas" desde os milênios findos. Mas também proporcionaram ao

mundo físico as vacinas descobertas nas suas próprias entranhas esfrangalhadas, salvando milhares e milhares de outras criaturas, e assim compensando, no futuro, o passivo das trucidações pregressas. Sob a lei de que o espírito há de pagar até o "último ceitil" e "colher segundo a semeadura", os nossos réprobos devolveram em "bônus-salvação" o montante de vidas destruídas nas tropelias insanas da bestialidade guerreira. Doravante, poderão prosseguir na ascese espiritual com melhores ensejos de aprendizado e na vivência mais íntima com a fonte eterna do Criador. Descendo do estrado, Apolônio ultimou:

Caros irmãos, agora partiremos com a nossa última carga preciosa para "Bem-aventurança" e aguardaremos os desvencilhamentos das formas infantis dos réprobos torturados na Crosta, até vê-los despertarem conscientes e felizes, depois da prova cruel redentora. Esqueçamos a Atlântida, a Lemuria, a Babilônia, a Assíria, a Indo-China, o Egito e a própria Grécia, que foram palcos de morticínios, vinganças, ambições e tropelias dos nossos familiares, para mobilizarmos todos os nossos esforços e energias espirituais no sentido de sua breve redenção.

Após silêncio emotivo e brilho saudoso nos olhos, todos seguiram lentamente pela formosa alameda ladeada de flores pequeninas, semelhantes a minúsculas chávenas de chá, brincos de rubis e ametistas, arabescos e joias dos mais variados feitios e cores, que resplandeciam em fulgores lucíferos à sua passagem. Cíntia curvou-se para o tapete florido e ergueu nos braços fulgentes o menino adormecido, mostrando-se enrubescida ante o olhar majestoso de Apolônio, que lhe seguia os movimentos ternos. Mirando Isaac, o judeuzinho tão sacrificado nos experimentos tenebrosos dos médicos nazistas de Aschewitz, ela então exclamou feliz:

Querido Apolônio, eu só imagino como Sesóstri deve estar belo depois de redimido e desvencilhado da figura transitória infantil de Isaac!

E, num suspiro amoroso, que lhe avivou o róseo-carmim da aura, aduziu:

Mesmo rebelde e agressivo, ele já era tão atraente! Quando todos desapareceram no seio da cerração fulgente, atrás do portal de "Bem-aventurança", expluíram no ar flocos de luzes douradas rebentando em cores inacessíveis à mais aguçada visão humana. Semelhante à uma noite feérica de fogos de artifícios, inimaginável na Crosta terráquea pela suprema beleza, iniciava-se a festividade sideral pelo retorno de mais um "filho pródigo" à

Casa do Pai!

CADERNOS DA BOLSA DOS INÉDITOS

CONTOS PREMIADOS
HERCÍLIO MAES (1º PRÊMIO) GLÊNIO SÁ BRITO
SRA. NAVARRO SWAM DALTON GERSON TREVÍSAN
O POLVO
CURITIBA — EDIÇÃO DE GERPA, 1945 PARANÁ
HERCÍLIO G. MAES

APRESENTAÇÃO

A publicação deste conto de autoria de Hercílio Maes, anexado à nova edição da obra *Semeando e Colhendo*, exatamente como foi publicado em 1945, em Curitiba, Paraná, como prêmio ao primeiro lugar em concurso público, é gentil homenagem à sua viúva, dona Lola, que no-lo ofereceu em julho de 2002.

Além de propiciar aos leitores amoroso contato direto com Hercílio Maes, poderão os estudiosos da consagrada obra de Ramatís, mais afeitos às análises estilísticas, comparar o seu labor anímico com as obras em que atuou como médium psicógrafo, mesmo sabendo que um trabalho literário há que merecer mais elaboração que cartas íntimas, conversas descontraídas ou exposições doutrinárias, feitas em Curitiba, Londrina, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e em outras cidades do Brasil, por onde se apresentava como palestrante.

O emocionante e dramático desfecho de "O Polvo", tão plausível e enternecedor quanto o de inúmeras reportagens policialescas da "mídia" de nosso tempo, tem a emoldurá-lo os precisos enfoques da nobreza de caráter de seu protagonista e das almas daqueles que o ampararam, pois o amor fulmina dúvidas, receios e fraquezas, no melhor estilo de Victor Hugo e outros grandes pesquisadores da alma humana.

Publicar este trabalho inédito de Hercílio Maes, numa das obras do autor espiritual Atanagildo, valoroso divulgador dos efeitos implacáveis da Lei do Carma, é oportunidade que não poderia ser descartada por nossa editora e os leitores de bom gosto e de sensibilidade renovadora conhecerem a habilidade latente deste médium na arte da escrita, comprovando os desígnios da Espiritualidade na preparação de mais um mensageiro da Luz no plano físico.

Os editores.

O POLVO

Aquele homem era repulsivo!

Ele penetrou no bar e conforme lhe permitiam as pernas trôpegas, desconjuntadas, dirigiu-se para um canto onde havia pouca luz. Aninhou-se naquela penumbra, temeroso como um cão surrado.

Relanceou o olhar sobre os grupos que enchiam o bar do Gringo. Ninguém era suficientemente corajoso para fitá-lo demoradamente. Ele tinha consciência do seu medonho aspecto. Profunda era a dor que o exacerbava em face de lhe ser negada a solidariedade humana que tanto precisava. E ele, mais que todos, carecia desse fortalecimento. Vivia só e era terrivelmente feio.

Caminhava de maneira grotesca, igual a um gorila cujos membros se despregassem a todo momento. Enervava aquilo; causava angústia para quem o via. O seu corpo se agitava num espasmo epilético e depois caía para a esquerda, amontoava-se como um saco de farelo desapoiado.

Alguém mais impiedoso já o comparara a um condenado que fugira dos cavaletes de tortura, exatamente no instante em que o carrasco ultimava o suplício. Fugira, pois, no meio da tarefa.

E o que mais o torturava ainda era a cruciante anormalidade do sistema nervoso. Quando se esforçava para caminhar e romper os primeiros passos, ele só o conseguia depois que os seus braços se moviam aflitivamente. E, quando necessitava movimentar os braços, nunca o fazia antes que os pés tivessem rufado convulsivamente no chão.

Gringo, o dono do bar, era um brutamontes insensível à desgraça alheia e sempre achava de gracejar com a sua desdita. Certo dia, o italiano plantara-se à sua frente, sarcasticamente, e ficara olhando-o a dançar espasmodicamente no soalho untado de óleo grosso. Quando conseguiu se firmar nos pés esparramados, ele soltou uma gostosa gargalhada e exclamou:

Rapaz, a tua moléstia é fácil!... Tu és gago dos nervos! E, enquanto ele rodopiava os braços para mover as pernas,

Gringo festejava a própria piada.

Refletia, agora, mais intensamente na sua pavorosa tragédia. Diante da humanidade, ele era um monstro teratológico; um ser cuja presença

repugnava até ao malfeitor. As juntas frouxas que obrigavam-no a caminhar como um símio excêntrico não eram a única circunstância desventurada. Ah!... Mas o rosto!... Aquela face horrivelmente repuxada para o ombro esquerdo e que se confundia com o pescoço; a pele dura e recortada como o couro dum batráquio em metamorfose. A sua cara era larga, achatada e parecia esmurrada por furioso "boxeur". Completava-lhe o "facies" monstruoso, um profundo corte genésico que partia o lábio superior e corria para junto da asa direita do nariz, deixando à mostra uma parte dos dentes mal dispostos.

Emoldurava-lhe ridiculamente a cabeça, um espesso cabelo duro e rijo, que principiava nos flancos do rosto, subia como sebe daninha até as bordas laterais do crânio, circundava todo o occipital, e deixava à vista uma calva burlesca.

Era uma perfeita enseada de argila escura, cercada por uma costa de espinhos capilares.

Aquela gola de cabelo espetado, ele a cortava estropiadamente. O barbeiro do lugar negara-se a fazê-lo, alegando que "um coxo tão hediondo só podia trazer-lhe má sorte e espantar a freguesia". Então, ele se contentava em imitar um desleixado franciscano.

O infeliz aleijão meditava, diluído na sombra do bar. Talvez, se ele vivesse num centro mais populoso, fosse mais desapercebida a sua deformidade. Mas, naquela aldeia, a sua figura se tornava lendária. A mais degradante nomenclatura já lhe fora destinada; chamavam-no de coxo, coruja, bruxo, o torto, o morcego e, ultimamente, generalizava-se o apelido de "Polvo", por rodopiar os pés ao caminhar.

Muitas beatas persignavam-se à sua passagem e as crianças fugiam espavoridas. As mães adormeciam os pequeninos assustando-os com a sua pseuda presença junto aos leitos. As mulheres grávidas escondiam-se diante do perigo de encontrá-lo no caminho e estigmatizarem os seres que geravam. Os covardes e os pusilânimes da vida atribuíam-lhe tão nefasta influência junto de um enfermo, quanto a que a tradição confere ao cão que uiva.

Aquele estropiado é de mau agouro!... É a parca traiçoeira! — clamavam.

Naquele ambiente medíocre, fortemente influenciado pelas lendas regionais, lavrava a superstição e descabidos fanatismos. Existia ainda uma

porção de marmanjos que asseguravam ter visto “mulas sem cabeça” em correria doida pelas estradas “sacis-pererês”, estrugindo gritos histéricos, e “boi-tatás”, rastejando pelos atalhos.

Mais de um respeitável cidadão narrara o caso do falecido que fora atacado por um feroz lobisomem e da moça que amanhecera embruxada. Era natural, portanto, que todo o folclore de crenças se transfundisse na sua imagem repulsiva, e sentia-se agora o único responsável pela mitologia do sertão.

Meses antes, os mais destacados da vila tinham-se dirigido ao prefeito local para expurgá-lo dali. Aos seus ouvidos chegara o eco das considerações apresentadas: tratavam-no como “uma chaga viva que trazia em choque o senso estético da aldeia”; “um monstro degenerado que havia de estar praticando crimes na calada da noite”. Imputavam-lhe a culpa de alguns crimes insondáveis e diversos roubos misteriosos nos arredores.

O prefeito, apesar de constrangido com a sua deformação física, apiedara-se dele e lhe permitira morar na cabana de toros do ex-guarda-florestal, retirada quatro quilômetros da vila.

Mas sempre uma onda desagradável se avolumava impiedosamente.

Soubera que todos os surtos epidêmicos e as moléstias contagiosas eram-lhe atribuídos à conta de maligna influência do olhar. Apontavam-no como possuidor da “jettatura”, o nocivo poder conhecido e exagerado na Itália e que era causa de todo o azar.

Era fora de dúvidas que um ódio silencioso se acumulava contra ele e disso tivera prova substancial na noite anterior. Voltava para a sua cabana de toros, encravada numa clareira do mato, quando uma bala atingira-lhe o braço esquerdo e providencialmente só ofendeu-lhe os músculos, saindo pela face oposta.

Precisava mudar-se o mais breve possível por causa dos fatos, que se precipitavam. Ninguém o queria bem e as fugazes manifestações de piedade, havidas anos antes, tinham-se transformado em ostensiva repulsão que, paulatinamente, o responsabilizavam de todas as atrocidades cometidas ali.

Por mais que atinasse, não conseguia lobrigar alguém que advogasse a sua causa, se porventura ocorresse alguma tragédia. Desde que um mais perverso ateasse fogo àquele ódio concentrado, havia o perigo de ser linchado.

Era certo que o Manoel lenhador e o preto Missânga dedicavam-lhe certa amizade, além de serem os noticiaristas de tudo o que diziam a seu respeito na vila. Graças aos dois, ele conhecia todos os pormenores dos habitantes. Mas, também, havia nisso uma certa razão. O Maneco era quem trazia as fibras vegetais para ele fazer os cestinhos, as escovas, as vassouras e outros objetos que o negro Missânga (por isso lhe adviera esse nome) se punha a vender, dizendo ser sua manufatura.

Os lucros eram repartidos e mais de uma vez os dois sócios o tinham levado no prejuízo. Que lhe importava isso? Bastavalhe apenas o necessário para alimentos e o querosene para o lampião.

Mas, em contraposição aos dois, havia o Gringo. Este era quem lhe fornecia os alimentos pessoalmente, sem precisar dos dois malandros que seriam capazes de deixarem-no à míngua. Entretanto, cogitava agora de fazer ali a sua última refeição. O italiano não devia andar bom da cabeça ultimamente. Muitos frequentadores do bar já tinham estranhado as suas exóticas atitudes.

Gringo era alto, atlético, com mais de um metro e oitenta e tinha o feitio de um gladiador vermelho, quase fulvo. Tinha ele mais de cinquenta anos, mas todos ficavam surpreendidos de ver tanto vigor. Os olhos eram felinos, sarcásticos e de brilho sensual. Entretanto, quando fixavam alguém obstinadamente, qualquer cousa de sinistro se formava dentro deles, lembrando reflexos alienados. Seus lábios eram finos e pareciam ter sido feitos com uma gilete, terminando agudos e cruéis nos cantos. Então, o aleijado se recordava que o Gringo costumava olhá-lo de maneira singular e parecia sufocar um fogo violento que devia devorá-lo. Trazia-lhe comida, botava-a sobre a mesa

e ficava mirando-o satanicamente.

E ultimamente dera para persegui-lo de modo esquisito. Sentava-se junto dele, no bar, enquanto ele comia, e depois os olhos se avivavam com um tom rubro:

Não sei porque eu tenho vontade de te estrangular!... Tens um pescoço horrível! — dizia abanando a cabeça, agitado por uma ideia funesta.

Outro dia, quando lhe trouxe a refeição e se pôs a fixá-lo doentiamente, como de costume, soltara uma risada extemporânea e o olhar traía profunda expressão diabólica quando disse:

Tens um pescoço horrível!...

As suas mãos de dedos grandes e longos, davam-lhe um ar de grande força, e ele crispou-as nervosamente ao falar.

Nesse mesmo dia, lembrava-se o aleijado, Gringo fizera uma pausa e, depois de se embevecer com recordações deliciosas, sorrira de forma a gelar o sangue nas veias de quem o assistia.

Após a divagação mental, dissera-lhe num tom cruel:

Tu me fazes lembrar uma experiência que fiz quando moço. Ah!... Meu pai mandou-me carnear uma rês para o Natal. Tu sabes o que é carnear uma rês? Crava-se uma faca na garganta do bicho, estaqueia-se-lhe as pernas e o novilho parece pregado numa cruz!... Depois, então, uma faca bem afiada faz o resto: tira-se o couro com muito cuidado, sem pressa, entendeste? Pode-se ver o sangue correndo brandamente debaixo da pele, ou então, rápido, vivo e cintilante, como o fogo líquido! É pena que o sangue seja tão afogueado... Tão vermelho!... O vermelho queima, sufoca, devora...

E, com inexplicável entonação em que se lia algo de alucinado, prosseguira:

Tão vermelho!... Havia de ser um sangue rosado, refrescante, sedativo...

E bruscamente atalhara:

Ah! Sim!... Sabes que eu irritei o velho? Ele não me avisara que a rês tinha que ser liquidada antes e...

Quer dizer que...

Carneei-a viva!... Quando meu pai deu pela coisa era tarde!. O bicho já estava acabado! É verdade que demorou um pouco...

Gringo rira outra vez. Riso fino e perverso, traduzia a sensação de volúpia e sadismo que o impregnava naquele instante. Algum sinistro projeto devia estar tomando corpo na sua alma pervertida.

Na noite anterior ele surgira com a comida, imbuído de nervosa agitação. Os olhos revelavam matizes mais enfermos e as mãos moviam-se sob o império duma força desvairada. Chegara junto à mesa e o prato, antes de ser pousado, foi atirado com violência.

O aleijado ainda estremecia recordando-se que o Gringo ficara fitando-o demoradamente, com um aspecto cada vez mais sanguinário, e, aos poucos, parecia um fogo abafado. Subitamente, aquelas enormes manoplas ergueram-

se como dois ganchos vivos e caminharam para o seu pescoço rígido e volumoso. E ele se encolhera aterrorizado no angulo da parede do reservado, sentindo já, sobre si, os dedos crispados do italiano entontecido.

Felizmente havia mais gente no bar e um freguês que estava longe de saber o que acontecia, exclamou providencialmente:

Gringo!... Mais cerveja!

Gringo ainda demorou a dar conta de si. Surpreendeu-se ofegante, a testa cheia de suor e o sangue todo vindo-lhe à flor da pele. Passou a mão pela fronte e sentiu-se exausto. Mas tudo isso não impedia a afloração constante da ideia obsessora, porque enquanto o freguês tornava a chamá-lo, ele ainda disse, antes de se retirar:

Tu sabes que eu já tentei medicina? Ah! Esse teu pescoço faz-me lembrar que eu fui cirurgião! Cirurgia... Cirurgia... entendeste?

Afastara-se de costas, lentamente, com as mãos agitadas.

O "Polvo" refletia na urgente necessidade de sumir da vila. Entendia que a sua deformidade excitava a ânsia perversa daquele homem sádico. Uma degenerada obsessão estava criando vulto e breve podia ser uma completa realidade. Talvez uns restos da razão ainda impediam o extravasamento dos recalques que emergiam no cérebro embrutecido do italiano.

A história da rês carneada viva impressionara-o vigorosamente. Era um homem inútil para qualquer defesa de ordem material, embora possuísse acentuada sensibilidade intuitiva; e, fatalmente, sucumbiria às mãos de um demente. Não tinha medo da morte, mas não havia de querê-la sob tão arrepiante circunstância.

Todos os habitantes da aldeia tinham repugnância dele, evitavam-no sempre e agora o expulsavam dos lugares mais frequentados. Ora, o único que o suportara, até agora, fora o Gringo, que servia-lhe refeições e demais cousas, como o querosene. É certo que o atormentava continuamente com os mais degradantes insultos, e regozijava-se de verter o ácido da perversidade na sua deformação teratológica. No entanto, os últimos dez dias tinham sido enervantes: dos gracejos obscenos e cruéis, o italiano mudara para aquela perseguição enferma, entrecortada de histórias sangrentas e de sinistras insinuações. E, na véspera, ameaçara estrangulá-lo.

Assim, ele devia desaparecer o mais cedo possível. Havia de ser a

última ceia no bar.

Então, volveu os olhos em redor e teve um pensamento desagradável. Eram mais de sete horas e a noite já se fizera. O bar estava quase vazio e dois ou três fregueses tomavam os derradeiros copos de vinho. Achou melhor desistir da refeição; mas a fome fê-lo mudar de ideia quando viu o Gringo se aproximar com dois pratos de alimento sortido.

O italiano parecia consternado; jogou os pratos na mesa, sentou-se e ficou com o olhar abstrato, perdido numa imagem imponderável. Começou a fitá-lo daquela maneira extravagante e sinistra, como a cobra que fascina o pássaro incauto.

Subitamente, a fisionomia iluminou-se e aquela tensão interna pareceu crescer, ofuscar-lhe a mente. Levantou-se rápido e foi para os fundos como uma peça mecânica impulsionada por invisível alavanca. O aleijado tratou de engoli os últimos bocados e safar-se dali, pois notou qualquer cousa de mais grave nas atitudes do italiano. Assustou-se mais quando reparou que o bar já se esvaziara.

Quis se movimentar, mas era tarde. Gringo surgia novamente pelo reposteiro do reservado, sobraçando uma caixa retangular e coberta de veludo negro. Silenciosamente colocou-a sobre a mesa. Os seus gestos pareciam medidos, executava-os sob o império de profunda obsessão, enquanto os olhos faiscavam duma volúpia tigrina.

Tudo nele transparecia a materialização duma ideia fixa. Manuseava a caixa com infinito cuidado como se fora valioso tesouro. Abriu-a e os lábios se arquearam estáticos. O aleijado estendeu o corpo para frente e sacudiu-se todo. Um frêmito de horror perpassou-lhe pela espinha e as pupilas dilataram-se enquanto ele mirava acovardado o Gringo. Buscou em redor alguém que o socorresse, mas apenas as cadeiras vazias lhe responderam.

A caixa era um estojo de instrumentos cirúrgicos e que estavam habilmente dispostos nos encaixes de baixo-relevo do veludo. Cada ferramenta encontrava-se caprichosamente envolvida por papel de seda impermeável untado de azeite.

Gringo parecia ter esquecido tudo em sua volta e algo de tenebroso germinava no cérebro embrutecido. Todos os seus gestos identificavam recalques mórbidos.

As suas mãos volumosas e avermelhadas deslizavam sobre os

instrumentos; acariciavam-nos de maneira voluptuosa. Demoravam-se nesse singular trabalho, retardavam a sensação deliciosa, refinavam-na epicuristicamente.

Durou alguns momentos aquela impressionante tarefa, mas foi o bastante para o "Polvo" aquilatar a tremenda revelação que o encheu de pavor e lhe demorou o sangue nas veias.

Gringo enlouquecera!... Avaliava, agora, talvez muito tarde, as suas estranhas exclamações desconexas, as misteriosas reticências e a sensualidade com que ele recordava cousas dantescas. O garçom Hilário e a cozinheira Serafina tinham razão quando alegavam terem fugido do italiano porque ele vivia dizendo que havia de carneá-los para um Natal! Santo Deus!... Podia ter sido um gracejo, mas associava também a apavorante realidade: carnear uma rês! A obsessão! A ideia fixa!

Tudo isso agora se concatenava com nitidez, como um filme cinematográfico.

Recordava que o Gringo era considerado o melhor churrasqueiro da vila: chamavam-no para matar porcos, rezes, bois e aves. Embora isso não baste para denotar sadismo, sendo até uma cousa de utilidade comum, dizia-se que os bichos demoravam muito para morrer nas mãos do italiano. O doutor Fabiano, falecido há seis dias, não se cansava de explicar:

O Gringo é limpo para retalhar um animal! Francamente

acrescentava o velho clínico, sacudindo a cabeça —, aquilo é uma verdadeira autópsia! Que arte! Pena que o italiano demore muito...

Evidentemente, ele sublimava os seus hediondos recalques dando escoamento à mórbida psicose na agonia dos míseros animais. Muitos já haviam-se surpreendido, porque metade da vila já evitava chamá-lo para as matanças.

A mulher do prefeito, que muito o ocupara antes, justificava agora:

O seu Francesco é perito numa preparação para Natal e Ano Bom, casamentos e batizados. Mas desisti de chamá-lo, pois tenho dó de ver os animaizinhos em suas mãos! Embora ele diga que a demora deixa a carne mais tenra e saborosa, eu chego a crer que ele sente prazer em torturar os bichinhos!

Assim, a loucura fora surgindo paulatinamente, dissimulando-se em

atitudes vulgares e que se confundia como excentricidades. Mas era fácil de compreender tudo e unir os fios da rede enferma. Onde havia matança, o Gringo se apresentava serviçal, e sadicamente parecia remoçar no âmbito dos matadouros. O sangue sempre o excitava, tornava-o jovial e comunicativo.

Quando o filho de Otávio Caldeira entrara no bar, gritando loucamente de dor, com a mão direita em frangalhos pelo estouro da pólvora da pedreira, o sádico italiano arregalara os

olhos e soltara impiedoso gracejo que, na hora da balbúrdia, passara despercebido:

— Oh! Que caprichos do destino!... Parece um cravo rubro!... dissera curvando-se friamente para o infeliz menino.

A vila negara para Gringo a única válvula capaz de lhe permitir extravasar os recalques sanguinários, isto é, a matança dos açougues. Ultimamente ele já se oferecera gratuitamente, mas as mulheres persistiam na atitude anterior. O Maneco português, menos destro e prático, já o substituía com mais simpatia. E por causa dessa providência tácita do povo (e aqui o aleijado estremeceu profundamente) o Gringo procurava outra válvula de compensação e que permitisse-lhe a saída da emoção assassina que represava em si em crescente volume.

E era fatal!... Escolhera ele, um aleijão, para holocausto à sua sanha criminosa!

O seu corpo flácido, quebrado, a cara repulsiva, tétrica, que remexia a massa psicológica de qualquer ser humano que o fitasse; que provocava nojo, repugnância, comiseração, piedade e até ódio, era um excitante conjunto para avivar os impulsos desvairados de um louco como o Gringo. Tudo isso devia instigar-lhe todos os instintos inferiores, vergastar a morbidez e a fúria que ainda se prendiam a uns resquícios de razão, que impediam a saída de toda a loucura.

O “Polvo” rememorava essa sucessão de acontecimentos funestos, sob o guante de angustiosa expectativa. E era natural, porque o homem que lhe causava arrepios em pensamento, estava ali, à sua frente, numa postura profundamente desumana. Avolumava-se o seu terror ao perceber o bar vazio e a escuridão da noite. Tinha que agir. Então, teve uma decisão rápida, vendo o italiano absorto na contemplação da caixa cirúrgica. Escorregou

para a direita, agitou-se e se pôs de pé. Não possuía mais energia do que uma criança de doze anos e qualquer reação só lhe agravaria a situação. Dispôs-se, então, a fugir.

Qualquer cousa rumorejou na garganta do Gringo e ele espalmou a mão direita no peito do aleijado, empurrando-o brutalmente sobre o banco. E, intempestivamente, se pôs a falar apressadamente, entrecortado dum ranger de dentes:

Brutos!... Miseráveis!... Ah! Eu os matarei!...

Projetou o queixo para frente, em direção ao aleijado:

Sabes que já tentei medicina? Que eu sou médico?...

Ouviste? Cirurgião? Cirurgião?!

Então, tirou as mãos da caixa e cerrou os punhos, batendo-os na mesa de forma trepidante. Intenso tremor nervoso sacudia-o dos pés à cabeça e os olhos fulguravam, vermelhos, injetados de sangue. O peito ofegava ruidosamente.

Bandidos!... Eu os matarei!... Eu sou operador!... Eu preciso operar... operar. Eu tenho que operar... Ouviste?

A última palavra estrugiu num berro agudo, lançando mais pânico no aleijão. Gringo tinha a metade do corpo arremessada em direção ao “Polvo”, na atitude do arvoredo rijo, nodoso e coberto de resina vermelha, que o vento furioso enlaça, cinge-o e puxa para si. As mãos pareciam vigorosas raízes pousadas sobre a mesa, semelhantes a duas gigantescas tarântulas fulvas.

Metia medo a sua estampa alienada. Os olhos foram-se dilatando, sob o poder de invisível reminiscência que ainda mais o exacerbava.

O vácuo!... Maldito vácuo!... Canalhas!... Assassinos!... Eu... eu...

Fez um hercúleo esforço, mas toda a opressão sanguínea carregou-lhe sobre os olhos esgazeados, parecendo arrebentar-lhe o cérebro. Aos poucos, obscurecia-se o fragmento de razão e a degradação mental prosseguia inflexivelmente. A tensão mórbida se engrandecia e a luz clara derramada pelo”Petromax” foi-se avermelhando. Tudo se coloriu dum vermelho vivíssimo: a mesa, o reposteiro, a luz, os instrumentos e a cara do “Polvo”. A cortina etérica e sanguinária foi envolvendo a sua mente transtornada, e na retina tudo ia criando formas bizarras que avançavam para ele como

enormes camarões fulvos e lagostas fantásticas que bailavam igual às infernais salamandras. Uma zoada infernal agitava-se-lhe nos ouvidos: ouviu alguém gargalhar e agora eram as suas próprias mãos que estrangulavam lagostas e camarões. A operação!... A operação!... Palavras, ecos de palavras, retalhos de vocábulos escaldantes como o fogo batiam-lhe nos tímpanos alucinados:"assassino... sádico... assassino... monstro... car... ras... co... band... sádico".

Então, ele se atirou de encontro a tudo aquilo: dilacerou-se, torceu-se, gritou e sempre aquela cousa que o vencia e que mais o feria. Tudo queimava, escaldava e havia sempre os malditos varões de fogo! Ah! O maldito vácuo!... O fogo!... Agora não podia mexer as mãos!... Malditos!...

Urrou, gritou e gemeu até que ficou exausto. Aos poucos, aquilo tudo foi fugindo, diluindo-se, esfumaçando-se num fluido cor de laranja madura. Ofegava e a cor de laranja se transfundia, aos poucos, para a luz natural do lampião. Os resquícios de razão bruxulearam novamente e ele teve consciência dos lábios feridos, sangrando, e da cabeça contundida das investidas contra a parede. Surpreendido e irritado, verificou que as mãos estavam cruzadas sobre os rins, rígidas e machucadas. Lembravam uma camisa de força!

O "Polvo", que o fitava aterrorizado pela medonha cena que assistira, compreendia que o Gringo não vivera apenas em mente alguma recordação dantesca do passado; ele cumprira-a em gestos e atos, e o sangue que escorria dos seus ferimentos fora decorrente dos encontros furiosos com a mesa e as tábuas da parede.

O italiano parecia ter voltado a si, e houve uma expressão que quase assegurou essa convicção. Mas foi rápido e fugaz. O sangue nas mãos associaram-no outra vez à outra imagem alienada que o obsedava: ele tornou a ser envolvido pela onda vermelha e as mãos do aleijado, esparramadas sobre a mesa, surgiram-lhe na divisão deformada como as patas duma rês. E ele, então, calcou a sua vigorosa manopla naquela pata que o excitava, apanhou o bisturi com a outra e todo o fluxo recalcado e retido há tempos se condensou, fluiu em direção àquilo que estava à sua frente, flácido, tentador e à sua mercê.

O "Polvo" estava perdido!

Entretanto, no recôndito do cérebro de Gringo, em que costumava oscilar

os vestígios da razão, uma voz foi-se avivando:

Seu Francesco!... Seu Francesco!...

Aos poucos, a voz tomou corpo, invadiu toda a zona mental enferma, que crepitava em cor rubra, e foi dominando sob inflexível determinação. Agora ela já parecia bater nos tímpanos:

Seu Francesco!... Seu Francesco!...

Então, Gringo percebeu que aquilo vinha de fora e instintivamente voltou a cabeça; e o aleijado gemeu ao arrancar o bisturi do dorso da mão. Atrás do homem que o chamara com vigor, sacudindo-lhe os ombros, estava um vulto feminino, com as mãos em forma de prece e que parecia ter orado com contrição. O louco ouviu uma exclamação que fê-lo estremecer:

Graças a Deus!... — pronunciou o vulto feminino.

O homem curvou-se, deu-lhe água da moringa, enquanto ele esfregava os olhos, atônito e profundamente exausto. Viu o aleijado à sua frente e a transitória figura duma rês ainda ondulou sob a vista transtornada. Levantou-se maquinalmente, com ar idiota, inexpressivo, fitou o homem e a mulher, não os vendo, provavelmente porque se pôs a caminho do salão. Repentinamente, voltou como um cão raivoso, empurrou-os, juntou as ferramentas na caixa, e o olhar que pousou no “Polvo” gelou-lhe o sangue nas veias. Então, saiu cambaleando em direção à cozinha.

Do meio da penumbra, o “Polvo” curvou-se para ver os seus providenciais salvadores. Os recém-chegados não puderam conter-se diante de tanta feiosidade, embora tivessem intenções de não agravarem aquela desdita.

Desculpem-me — falou o mísero com profunda consternação —, a minha presença é insuportável!

Depois de curto silêncio, o homem falou:

Tranquilize-se! Sabemos compreender os nossos irmãos terrestres!

Todavia, tinham sido tão angustiosas aquelas palavras, que ele se sentiu no dever de acrescentar:

Oportunamente, havemos de conversar a esse respeito.

Hei de estender-lhe a minha mão!

E, mudando de tom, fingindo ignorar a hediondez do interlocutor, indagou, depois de relancear o olhar em volta:

Que é feito do dono do bar? E, com voz significativa:

Penso que ele projetava algum plano diabólico, não é verdade?

O aleijado estremeceu diante da recordação e a sua voz sumida se fez ouvir:

Nunca poderei pagar-vos por essa intervenção! Sinto-me exausto e com os nervos arrebentados. Aquele homem está louco!... Devem-se afastar daqui, imediatamente!

A sua própria advertência trouxe-lhe a ideia de fugir dali. Levantou-se, mas ainda se recordou da sua horrenda figura e, a fim de não expô-la à frente dos chegados há pouco, ele procurou contornar o círculo luminoso do lampião.

O homem percebeu a sua dolorosa preocupação e resolutamente interceptou-o, obrigando-o a descobrir-se debaixo da luz. Então, disse-lhe de maneira amistosa:

Chegamos há pouco aqui nesta vila. Eu sou o novo médico e Virgínia, a minha filha, é a professora recentemente nomeada. Em vista do atraso da deligência, pretendíamos cear aqui, conforme nos aconselharam. Entretanto, parece que o seu Francesco piorou da loucura!

O “Polvo” perguntou-lhe, cheio de surpresa:

O senhor sabe que ele está se desequilibrando?

Conheço-lhe a história e não me foi surpresa vê-lo assim!...

Um ruído se fez à retaguarda. Gringo surgira. Tinha a fisionomia atarantada e se assemelhava a um indivíduo que curte as libações alcoólicas da noite anterior. Notava-se no olhar a primitiva aparência de sadismo.

Que querem — disse bruscamente. Cear.

Demorou uns segundos a coordenar as ideias e saiu maquinalmente em direção à cozinha. Breve retornou com ar apático.

Agora não! — explicou cansado. — A cozinheira já se escapuliu! A cozinheira, sabem?

A última palavra traía abafado nervosismo. Pôs a mão na testa, desejando afastar os indícios da tremenda larva mental.

O homem não perdeu tempo:

Tem pão, peixe, conservas e água mineral?

Minutos depois, tudo estava empacotado. O italiano agia sob a influência de excessiva depressão, que o obrigava a executar gestos inúteis e inconscientes. Algumas vezes, uma conclusão agitava-o internamente, e sobre a superfície do corpo se

traduzia como um estremecimento produzido por corrente elétrica. Os olhos aumentavam e diminuíam de brilho, sempre sob o domínio alienado.

O aleijado quis aproveitar essa trégua para se pôr a salvo, e o médico e a professora, extremamente contristados, tiveram de apreciar-lhe as espasmódicas agitações. Apiedaram-se profundamente daquela agonia igual aos estertores dum afogado. Os braços moviam-se como as pás dum moinho humano, antes que as pernas arrastassem o flácido organismo.

Gringo entregava o pacote de comestíveis para o médico quando o "Polvo" se pôs a andar. Então, ficou com o pacote no ar e foi acompanhando gradativamente todos os movimentos do objeto da sua obsessão anterior. Farejava a vítima, que se escapulia, e parecia ter-lhe despertado o propósito mórbido. Mas o acesso anterior deixara-o debilitado e exausto, e apenas um olhar febril e fixo denotava o momentâneo repouso da causa demente.

Mas, subitamente, o olhar delirante foi interceptado na trajetória por uma forma que ficou à sua frente. Bateu em cheio no rosto de Virgínia, a filha do médico, que estava debaixo da luz quase branca do "Petromax".

Gringo teve um vigoroso estremecimento; a fisionomia tornou-se estática e o lábio inferior, fino e laminado, descerrou-se e caiu numa expressão quase obscena. A respiração ofegou-lhe o peito e, pela boca entreaberta, o ar silvava de leve, como a refrescar escaldante sensação.

Havia na jovem uma característica singular que incitou a psicose do bruto. Ela vestia um traje de viagem, cor de verde-mate, com golas e punhos creme, que lhe cobria o corpo bem-feito e cheio de carnes.

Neta de flamengos e filha de brasileiros, resistira à investida do sol tropical que nem pudera escurecer-lhe os cabelos dum louro quase prateado, nem tostara-lhe a pele de boneca europeia. Era uma mulher bonita, capaz de contentar o mais exigente bom gosto. Embora as linhas da fronte denotassem um espírito de certa virilidade intelectual, era notável a expressão de candura e docilidade. Mas era a cor da cútis, feita de um rosa esmaecido, como os pêssegos da Califórnia, o que mais

atraía e encantava em toda a sua pessoa. À luz medíocre do lampião,

aquele rosa pálido perdia muito da sua beleza, mas para a visão demente do Gringo fora-lhe uma sádica revelação. Esqueceu completamente a imagem teratológica do “Polvo”

e a sanha desvairada de retalhá-lo. Esfumou-se tudo para dar lugar a essa outra figura, cuja pele aveludadamente rosada era uma tentação às suas idiossincrasias anormais. Na sua mente desequilibrada, aquele rosa quase transparente subia etericamente pela luz e se derramava suave pelos seus ombros, pela sua testa escaldante, pelos lábios ressequidos. E nascia, outra vez, a volúpia, o êxtase que lhe relaxava a compleição física e lhe aliviava a tensão mental. Depois, uma cousa doce, macia e sedativa: era a sensação feliz de ter encontrado a concretização dos seus sonhos dantescos.

Não podia despregar os olhos daquelas faces, nem desejava fazê-lo, tal era o seu enlevo. Mas o médico entendera a súbita mutação e pudera apreciar os desdobramentos psicopatológicos e que absorviam os últimos lampejos da razão. Gringo, como personalidade, desaparecera para dar lugar a uma ideia obsessora. E essa ideia passaria a criar corpo, a evolver-se continuamente até poder realizar uma funesta materialização.

O próprio aleijão apanhara facilmente todos os matizes alucinantes da demência em ebulição e regida por uma ideia fixa. Estancara junto à porta, percebendo a terrível verdade e o grande perigo: o louco já o substituíra na tela alienada do cérebro pela imagem da professora!

Ela tem a pele cor-de-rosa!... — murmurou aterrado.

Efetivamente, o italiano via, na imaginação, aquele rosa tentador, acetinado e macio que o levava ao paroxismo de estranho gozo e insinuava-lhe sinistras possibilidades. Todas as figuras fugiam-lhe da retina, roubadas pela fonte rosada!... A cor rosa! Como devia ser belo aquilo flutuando, vaporizando-se, derramando-se pelas carnes da jovem! Como devia ser diferente daquela rês, demasiadamente rubra! Ele estava enfastiado do vermelho escaldante!...

Ainda com o pacote na mão, a face demoniacamente sensual, fez um gesto de se aproximar de Virgínia.

O médico percebeu o perigo no gesto instintivo.

Vamos!... — ordenou com energia, agarrando o braço da filha.

Quando passou junto do “Polvo”, que já ensaiava as bárbaras

convulsões, disse-lhe autoritário:

Venha comigo!...

E quase arrastou-o consigo pela rua principal da vila. Virgínia estendeu a toalha sobre a mesa, cortou pães,

desempacotou café e pôs a água a esquentar. O médico abria as latas de conservas, desajeitado.

O “Polvo” metera-se no canto mais escuro, onde a luz do lampião belga não o iluminava, além das pernas frouxas. Por precaução, tinha a cabeça baixa, mas quase se lhe distinguia a calva de cor barrenta e circundada pela gola de cabelos duros.

Foi quando Virgínia, como uma voz que ele classificou de divina, disse-lhe:

O senhor tenha a bondade de sentar-se aqui!

E apontou-lhe a cadeira junto à cabeceira da mesa, dentro do círculo de luz.

Oh! Não! — exclamou ele, quase num grito de aflição.

Eu... eu... prefiro aqui!

Este é o seu lugar — insistiu a jovem de maneira decisiva. E o médico, suspendendo o trabalho nas conservas, acentuou:

O senhor deve sentar-se ali! Percebo o seu pensamento, mas nós não nos preocupamos com a boa ou má qualidade da matéria que compõe os corpos físicos. O que nos importa é a qualidade do espírito; e quanto ao seu, julgo conhecê-lo em parte.

Isso era demais para ele! A maneira fraterna com que o tratavam agora, sem que tivesse aquilatado tais possibilidades, deixavam-no atarantado. Olhou-os extasiado, temendo que tudo se esfumaçasse novamente, trazendo-lhe a odiosa realidade daqueles olhos que o miravam nas ruas, com manifestações de asco e cólera.

Tentou ainda dissuadi-los da condescendência:

Convinha eu ficar aqui, principalmente para a moça. Ainda não me viram detalhadamente e não temo confessar: eu sou feio... muito feio!...

Virgínia sentiu o coração confranger-se. Afastou a cadeira da mesa, segurou-a pelo espaldar e disse bondosamente:

Eu creio que isso não deve impedi-lo de ser um cavalheiro e aceder ao

meu convite!

Tal maneira de lidarem com ele, destruiu toda a possível resistência. Caminhou trôpego, agarrando-se à mesa e fazendo esforços para encobrir as perturbações dos nervos. Sentou-se, enquanto o médico punha “pickles” nos pratos e começara a fitá-lo com um ar de simpatia.

O senhor chama-se João — principiou o médico, sem qualquer preliminar —, e nasceu das relações de uma africana com um russo. Seu pai era capataz de minas e, quando o senhor veio ao mundo, sua mãe jogou-o às portas dum orfanato e ali criou-se ostensivamente isolado, em virtude da cruel deformidade física. Paradoxalmente, a sua frágil constituição resistiu à uma dose de arsênico, mas, infelizmente, o tóxico repuxou-lhe os músculos da face para o pescoço, quase confundindo-os. Desde que todos votavam-lhe brutal desprezo, atirou-se avidamente à leitura de tudo o que lhe caía às mãos e assim conseguiu relativa cultura no terreno filosófico e psicológico. Sei que ultimamente pôde assenhorar-se das leituras espiritualistas elevadas e alcançou o panorama espiritual de sua origem. Certo dia, o aposento em que estava segregado, incendiou-se, e antes de cuidar da pele o meu amigo quis salvar os livros, não é verdade?

O “Polvo” ouvia-o boquiaberto, pelos detalhes mínimos da sua vida.

É verdade — exclamou surpreendido. — Os livros eram os meus únicos amigos, silenciosos mas leais.

E o senhor foi infeliz na deliberação. Por ironia da sorte tropeçou num volume e caiu no braseiro. Quando acudiram-no estava mais desfigurado!

Sim. Foi isso mesmo. A minha situação física piorarou, tornei-me mais feio; as brasas esburacaram-me a pele do rosto!

A palestra foi interrompida por Virgínia, que servia o café exalando um aroma tentador. O pão estava cortado em fatias e ela passara bocados de salmão com “pickles”.

Que pena faltar manteiga! — disse com toda a naturalidade, dirigindo-se para ele.

Tinha noção exata da sua hedionda figura junto à toalha branca da mesa e ao semblante formoso da professora. Como conseguiam suportá-lo? Que é que os movia a tanta comiseração, estendendo mão fraterna para quem não os poderia retribuir?

Depois, o médico tocava nas cousas mais trágicas a seu respeito, usando duma simplicidade que o espantava. Nada de palavras de piedade que tanto o angustiava. Lidava com ele como se lida com um homem normal e são, assim como ele próprio sempre desejara. Parecia também ignorar a sua monstruosidade física e, se não o consolava, pelo menos não demonstrava repulsa. Por pouco, não se punha a conversar calma e jovialmente, como o mais comum dos mortais.

Sirva-se! — disse o médico, estendendo-lhe o prato.

Virgínia encheu a xícara de café, passou-lhe o açucareiro e ele pegou-o, trêmulo, quando a sua mão de batráquio se aproximou daquele braço de fada. Chegou a mirá-la acovardado. Mastigou silenciosamente e bebeu café com todo o cuidado, buscando portar-se com a máxima delicadeza.

Desculpem-me! — disse humildemente. — Mas não pude entender a importância da minha vida em sua bondosa existência.

O médico olhou significativamente para a filha.

E a importância que tem para nós qualquer ser humano!... E depois de engolir um sorvo de café:

Minha filha e eu conjugamos aos deveres quotidianos a obrigação de auxiliar as soluções espirituais do nosso próximo. Depois do recente falecimento de minha esposa, resolvemos colaborar no interior, onde a ignorância e o sofrimento são mais extensos. E isso é mais fácil!

Fácil?

Sim. Sempre há lugar para um médico e uma professora no interior, quando a maioria prefere as cidades populosas. Antes de vir, eu colhi o maior número de dados referentes às pessoas tidas por mais infortunadas. Assim, foi-me possível saber da sua vida com uma certa riqueza de detalhes.

O “Polvo” sentia-se extasiado diante da fonte amiga que Deus lhe enviara. O peregrino que atravessa o deserto, achando-se com a garganta ressequida e os lábios intumescidos por necessitar de um pouco d’água, e que encontra subitamente um oásis dessedentador, não ficaria mais jubiloso do que ele. No deserto da sua vida encontrara um oásis espiritual. Poderia, agora, mitigar a sede de conhecimentos e contemporizar a sua desdita.

Conhecemos a atmosfera medíocre desta vila — prosseguiu o médico. — Temos de desvencilhar cérebros rotineiros de todos os obstáculos que lhes

dificultam o progresso natural da vida. Necessitamos romper círculos demasiadamente egocêntricos, voltados para um fanatismo perigoso. Virgínia semeará nas mentes das crianças, os germes das ideias mais lógicas e sãs a respeito da fraternidade humana. Eu tentarei selecionar, nos emancipados, os pensamentos mais evolvidos e estimulá-los para uma aplicação aos melhores objetivos da alma.

O aleijado estava atônito. Aquele homem falava em cuidar dos outros, em se interessar pelos seres humanos, parecendo que tudo se enquadrava dentro dos princípios duma renúncia religiosa. Seria possível haver entes assim no mundo, que tudo fizessem desprendidamente, isento até duma personalidade egoísta?

Qual é a sua religião? — perguntou ansiosamente.

O médico trocou outro olhar com a filha, que parecia esperar por essa pergunta:

Seria esquisito eu definir-lhe com exatidão. Apenas posso sintetizar-lhe que o meu templo é a vida, o meu santuário é o coração e o sacerdote que oficia é o meu espírito. A oferenda é sempre para Deus! E eu procuro ser, sempre, em todos os instantes da minha vida, um bom sacerdote.

Então, refletiu o "Polvo", ele, embora um monstro teratológico, também podia oficiar para o Criador. Tinha o templo e o santuário. A sua alma estava estruturada anti-esteticamente num organismo deformado, mas isso não a impedia de ser um sacerdote. Mas havia uma cousa! Com que intuito Deus o fizera tão horripilante? Então, dirigiu-se para o médico de maneira súplice:

Entendi o seu pensamento, mas o meu coração é um santuário segregado da vida! Deus desapiedou-se de mim!

Nunca culpe Deus das nossas imperfeições. Cada um

colhe o que semeia e Deus se manifesta tão intenso em nós, quanto o permite o vaso das nossas próprias perfeições. Meu amigo não foi castigado. Apenas modifica, agora, os desvios que alhures exerceu quando habitava algum organismo mais privilegiado. Crê que, na realidade, o seu espírito é esse monstro de carnes burlescas?

Foi o que me impediu o suicídio, até agora, a convicção perfeita de que o meu corpo é apenas uma veste deformada. Sinto o meu espírito transcender,

flutuar e ter aspirações tão nobres quão impossíveis para uma matéria como esta.

O médico teve um sorriso ascético:

Folgo em ouvi-lo assim, meu amigo — exclamou com sincero entusiasmo. — A expressão teratológica do seu organismo permite a meditação constante do seu espírito e obriga-o a se lapidar diante da humilhação a que é forçado aceitar. Um corpo formoso e viril exaltaria demasiadamente o seu espírito, que, provavelmente, já exorbitou da solidariedade humana.

O aleijado se deslumbrava, ouvindo do médico, conceitos que quase os punha em dúvida por falta de melhor entendimento e assimilação. Ousou ainda indagar:

Muitas vezes o desanimo me acomete porque não consigo encontrar o sentido da minha trágica existência.

Tenha fé na vida, amigo! Nada caminha à revelia do Criador! As vicissitudes da Terra são estiletes que lapidam o espírito, assim como o cascalho se transforma em diamante!

O “Polvo” compreendia a generosa preocupação daquele homem em confortá-lo. Achava-o demasiadamente digno para ser o seu preceptor, mas sentia uma deliciosa sensação de alegria, quase infantil, ouvindo alguém muito nobre catalogando-o no número dos seres que Deus criara.

A sua timidez quase o impedia de perguntar.

Eu tenho fé na vida — replicou delicadamente —, mas as vezes quase me desiludo com o meu horrível vestuário de carne! É preciso invulgar coragem para aturá-lo!

O corpo é o de menos importância — sentenciou o médico —, diante da eternidade. Minha filha e eu procuramos identificar a alma dos seres humanos, antes de examinarmos as

características físicas. Temos encontrado monstros espirituais em formosas moradas físicas, e também já encontramos excelsas almas em corpos monstruosos!”

O aleijado abaixou a cabeça pensativo, e o que aquele homem endereçara ao seu coração fora demasiadamente pródigo. Auferira-lhe, para o espírito, qualidades e sentimentos que não julgava possuir. Sentia uma

nova disposição para a vida, um desejo de colaborar com os seus benfeitores.

Repentinamente, uma ideia aflorou-lhe ao cérebro:

E o Gringo! — exclamou quase intempestivo. — Conhece-o?

O médico foi até junto duma pasta, retirou uma folha de papel datilografado, retornou e leu:

“Francesco Giurdinelli, ex-médico em Bolonha, Itália, foi proibido de clinicar em virtude de se agravar o seu estado mental, de cuja debilidade já dera mostras no decorrer dos estudos. Surpreendido quando operava sadicamente um cliente que veio a falecer, teve um acesso furioso e foi internado no Hospital Psiquiátrico, de onde saiu 8 anos depois. Herdou pequena fortuna e veio para o Brasil, onde não obteve registro do diploma em virtude das informações da Sociedade Médica Bolonhesa. Conforme últimas informações, possui um bar na vila de Rapozos, embriaga-se regularmente e pratica certas excentricidades”.

O médico guardou a ficha e explicou:

Já vê o meu amigo que nós sabemos o perigo pelo qual passou no bar, na noite de hoje. Francesco, quando jovem, revelou-se um perigoso sádico.

Passavam de onze horas quando o “Polvo” se despediu do médico e da professora. E ambos já iniciavam a tarefa de socorro a ele, porque ofereceram-lhe seus préstimos e diversos gêneros alimentícios. E, como ele tinha falta de querosene na cabana, apesar de todas as relutâncias, teve que aceitar uma garrafa cheia de líquido.

Mais tarde, o médico havia de aquilatar o favorecimento daquela simples oferta, diante do papel que a garrafa de querosene teve nos acontecimentos.

Ninguém suspeitava que aquilo acontecesse tão cedo. Um estremecimento de susto e horror dominou os habitantes quando Virgínia desapareceu misteriosamente.

Sabiam que o aleijado fora recebido, por diversas vezes, na casa do médico e muito ajudado por Virgínia. O cabo Heraldo afirmava que o tinha visto uma porção de vezes rondando a professora, e quando ela ia para a escola pela manhã.

O leiteiro Tomaz fora o último que viu-a. Tinha ido muito cedo levar o leite lá na casa dos Seixas e, na volta, cumprimentou Virgínia quando

encontrou-a já na estrada grande. Deviam ser sete horas e 45 minutos da manhã.

A casa do médico ficava quase no centro da vila, mas a escola era retirada uns trezentos e poucos metros, edificada nos terrenos da igreja. Tinha sido construída ali, no meio de luxuriante vegetação. As crianças, assim, podiam orar na capela, antes de iniciarem as aulas. A estrada que servia para essa comunicação, escondia-se uns cem metros no meio dum mato fechado e orlado de sebe viva.

O coletor ligava acontecimentos e se recordava de ter visto o "Polvo" sondar a jovem, detrás da sebe que fica entre a casa do médico e a igreja.

Aquele demônio deve ter feito alguma patifaria!... — exclamou, fechando os punhos.

Hortêncio, o dono do hotel, que sempre vivia em animosidade com o prefeito, disse:

O culpado disso é o prefeito!... Aturar aquele monstro na cidade!...

Ninguém ousava atravessar aquele trecho durante a noite, cujo receio mais se agravara diante das estranhas lendas contadas acerca do "Polvo". Mas parecia um caminho inofensivo à luz do dia e, entretanto, ali o Tomaz tinha visto a professora penetrar e ninguém mais viu-a sair.

Havia chovido um pouco na noite anterior e a manhã estava nublada. A estrada abria-se junto à escola, num tapete lamacento, de cor avermelhada.

O médico ficara assustado quando o filho do Miguel viera saber, por ordem do cura, se podia dispensar as crianças da

escola, pois já eram 10 horas e Virgínia ainda não aparecera. E mandava perguntar como ela estava.

Fez-se, então, o reboliço na vila e a notícia se alastrou como fogo na pólvora. O delegado crispava as mãos, agitado:

Doutor Euclides, tenha coragem!... — dizia enfaticamente. — Eu nunca quis falar, mas o senhor deu muita confiança para aquele monstro!... Aqui andam as patas dele! Preze os Céus que eu me engane!...

O negro Missânga, que vendia os artefatos feitos pelo aleijado, fora interrogado com energia, porque alguém o tinha visto falando com o "Polvo". Mas o diabo do negro era manhoso e não se explicava:

Uhé!? — replicava velhacamente. — Suncês vão lá na cabana!? Dacum

pôco vão dizê que fui eu!...

E, como desejava ficar com o dinheiro da última venda de artefatos, lesando também a parte das fibras do Maneco lenhador, arrematava ardilosamente:

Inté ônte eu paguei u'a dívida que tinha cô ele!... Que pena!... Agora, sabê onde tá num sei!...

A vila comentava o trágico acontecimento e a notícia circulava vivamente: "O "Polvo" havia roubado a professora e fugido não se sabe prá onde". Devia tê-la matado. Havia quem afirmasse, precipitadamente, que ouvira uns gemidos ali por perto. Os detalhes se conjugavam e já não era segredo a sinistra ronda que ele exercera sobre Virgínia. Todos tinham-no visto e os mais irresponsáveis coloriam as suas explicações sob o véu de vil fantasia. Até nos telhados das casas, já o tinham visto a uivar como um fantasmagórico lobisomem.

O pároco, que era incapaz de acusar alguém, obtemperou com ar penalizado:"Existem dessas cousas, meus filhos! Os sapos só se apaixonam pelas estrelas". Todos compreenderam: o"Polvo" não pudera dominar a paixão que sentia pela professora e raptara-a para satisfazer o seu amor pecaminoso!

O filho do Miguel, guri metido e ativo, logo atalhou:

Eu vi ele espiando a professora lá na escola!

Infelizmente era verdade. O cura confirmou. O monstro rondara a jovem, desobedecendo a ordem do prefeito que o proibia de ir até lá a fim de não assustar as crianças.

Que horror! — exclamou a mulher do coletor.

Muitas mulheres choravam, e outras, de mãos postas, contritas, faziam promessas pela salvação de Virgínia.

Pobre da Virgínia!... — apiedava-se a senhora do Seixas. — Era um anjo! Quanta bondade! Como é esse mundo!... O Tonico e a Maria eram loucos por ela: levavam-lhe doces e frutas. E como já sabem ler! Ah! Meu Deus!... O que será da pobrezinha!

O médico tinha a fisionomia impassível. Ele ainda não aquilatara bem a angústia e a dolorosa surpresa. Talvez se houvesse enganado nas suas deduções psicológicas sobre o aleijão. Não compreendia como ele pudera

dissimular tanto e iludi-lo a ponto de encobrir os sádicos matizes teratológicos da alma. Tivera-o sob enérgicas reações psíquicas, sondara-lhe o grão de espontaneidade e julgara obter o exato conteúdo espiritual. Havia-o catalogado como uma alma nobre e digna; pretendia vê-lo igual a um raio de Sol iluminando sórdido monturo de carne! Virgínia também; nunca se queixara do menor desdouro feito por ele. Sabia, entretanto, que o aleijado lutava com tumultuosa paixão por ela, mas a síntese psicológica provava a impossibilidade dum ato degradante. E agora devia-se conformar: enganara-se! A dissimulação fora evidente e hábil para atingir aquele tremendo acontecimento, sem que ele, um exímio analista espiritual, houvesse, sequer, suspeitado! Entretanto o cura dissera toda a verdade: “Os sapos apaixonam-se pelas estrelas”. Era-lhe forçoso reconhecer a funesta realidade, embora teimasse em se apegar à imponderabilidade dos fatos. Ergueu os olhos como se buscasse recursos no Céu. Mas o seu aprimoramento espiritual o identificava com Deus: sentia-O junto a si mesmo, assim como exortava os outros a senti-LO. O espírito do Criador está em tudo o que criou, manifesta-se em toda a Obra.

EVirgínia e o “Polvo”? Não seriam eles centros de consciências individuais dentro da consciência de Deus? Que os diversificava um do outro, senão as diferenças estéticas das matérias? O sopro divino havia de tê-los bafejado na origem espiritual com a mesma solicitude. Seria, então, uma luta de formas, presas a todas as tendências organogênicas e que arrastava também os espíritos encarcerados? Virgínia, espírito mais aprimorado e digno de privilegiada matéria, devia ter evolvido de eras mais remotas, seria mais avançado em idade sideral. O “Polvo” talvez, alma inexperiente, que surgira de pouco, fragmentando-se na infinita massa espiritual, não se libertara ainda dos impulsos inferiores dos organismos físicos que lhes serviam de palco para os aperfeiçoamentos eternos.

Toda luta significa ensejo de melhora: entre o algoz e a vítima há sempre a oportunidade de perdoar. Embora, todas as movimentações morfológicas assumam, aos olhos físicos, característicos hediondos e trágicos, no âmago das cousas há sempre a essência espiritual fazendo aquisições evolutivas. O mesmo lodo que repugna é o que produz o lírio.

E isso prova que Deus está em tudo, porque se Ele não vivificasse a própria lama não havia de ter perfume a flor que nela nasceu! Assim, o

Onipotente palpitaria tanto em Virgínia como no “Polvo”... Era quase um sacrilégio, mas era a verdade! O médico rebuscava na mente os mais confortadores conceitos para a sua própria dor. A sua gigantesca construção espiritual estava sendo provada calorosamente. Submergia-se também sob o guante da dor paternal. Todas as convicções admitidas eram, naquele momento, insuficientes para consolá-lo.

Olhou em volta. Uma porção de homens, rapazes e crianças, respeitaram a sua dor até aquele instante e, depois, num só movimento instintivo, foram apanhando enxadas, foices, garfos, facões e o que encontravam à mão.

Cada um deles manifestava idiossincrasicamente a sua animosidade contra o “Polvo”. Estampava-se-lhe nos olhos, os matizes de ódio e de vingança.

O Maneco lenhador e o preto Missânga, os relativos amigos do aleijado, contentaram-se, cada um, com uma acha de lenha; porém, o carvoeiro Ladislau, que perdera a cabana onde dormia quando se embriagava pelas vendas da estrada, além da enxada juntou também uma foice.

O delegado apenas examinara o revólver; como autoridade representativa do governo, sabia que o dever da polícia é não permitir linchamentos. Compenetrava-se pois, dessa divisa de aspecto civilizado.

Momentos depois, num só movimento, aquela mole humana marchou em direção à cabana do monstro. Havia também, em certas fisionomias, a expressão dum gozo mórbido.

O médico concentrou em si todas as energias que a sua aquisição espiritual permitia e se pôs a caminho, estremecendo ante a possibilidade duma dantesca surpresa.

O aleijado acordara cedo, como de hábito, impelido por aquele desejo oculto de ver a professora. Embora aquela fugaz contemporização aliviasse-lhe um pouco o espírito perturbado, ele lutava para vencê-la integralmente.

A paixão surgira violenta, tempestuosa, e quase o aniquilara. Outro menos digno alimentaria desejos torpes, enquanto que ele nunca ousaria ensombrar a imagem do ente que amava acima da própria vida.

O seu amor havia de transcender a todas as vibrações organogênicas da matéria, para buscá-la apenas em espírito.

Era-lhe imensamente doloroso verificar que a sua própria expressão

física seria bastante para causar repugnância. O destino ainda o convocara a mais essa cruciante tortura de amar.

Arrastou-se da enxerga e como só acontecia todos os dias, ao acordar, gastou uns quinze minutos friccionando as juntas inertes, até que pudesse movimentar os músculos das pernas.

Juntou palha, alguns cavacos de madeira e botou a chocolateira com água, no tripé. Ateou fogo e enquanto a água esquentava, pôs-se a refletir na decisão que tomara, de fugir imediatamente daquele lugar. Não voltaria a pousar na cabana; esperava apenas despedir-se do médico e da filha, para depois iniciar viagem.

Há três dias passados fora com o Maneco lenhador e o preto Missânga acertar as contas no bar, no momento em que havia muita gente. Nunca mais se arriscaria a ir só!...

Enquanto bebiam um pouco de vinho, Gringo apareceu e sentou-se à mesa. O homem mudara muito; as carnes tinham se reduzido e a cor vermelha viva das faces estava relativamente descorada. Os olhos brilhavam febrilmente sob o efeito duma consumação interna. Diziam que o bar estava por conta de todos: uns serviam-se nas prateleiras; alguns pagavam e outros se aproveitavam. A cozinheira deixara-o e dizia cousas do italiano:"que ele vivia falando sozinho; soltava agudas risadas; fechava-se no quarto bastante horas, adorando uma caixa de veludo negro".

Alguns afirmavam que ele estava doente; outros taxavam-no de embriagado, mas já existia quem lhe catalogasse loucura nos gestos e atos. Ultimamente andava com uma rosa "drusque" na mão. Ficava inerte, muito tempo, olhando fixamente para a flor, enquanto a fisionomia resplandecia sadicamente. Bruscamente levantava-se, apanhava a caixa de veludo preto e saía para a rua. Talvez isso o aliviasse um pouco, porque depois ele voltava mais calmo.

O "Polvo" lembrava-se que nessa noite Gringo sentara-se com a tal rosa na mão e, enquanto o Maneco e o Missânga olhavam-no assustados, ele gastara uns dez minutos adorando a flor, como se quisesse fixá-la na memória. Depois dum silencio atemorizador, ele sussurrara com uma voz igual a que faz o vento no capim-navalha:

Virgínia!... Viu?... Virgínia!... A cor de Virgínia!...

E sacudia sinistramente a rosa que se despetalou em parte. Ele agarrou as

pétalas, avaramente, com violência, e olhara os três como se eles o quisessem roubar: Ladrões!... Ladrões!... — tinha dito, escondendo a flor contra o peito. E depois recuara vivamente, sem deixar de fitá-los. O aleijado recordava que pusera o médico a par de tudo.

Gringo tornava-se perigoso: era preciso vigiá-lo! Sim, porque na noite anterior, o Missanga viera, espantado, avisar que o italiano quebrara cadeiras, vidros e garrafas no bar; e que saíra depois para a rua gritando simiescamente e sacudindo um talo que devia ter pertencido a uma flor, provavelmente à tal rosa que o enciumava. E, depois disso, o bar ficou fechado e ninguém mais tinha visto o italiano.

Mas o que o Missânga dissera não o impressionara tanto, como quando foi fechar a porta da cabana à noite. Chovia muito e à luz dos relâmpagos julgou reconhecer Gringo detrás de uma sebe, espreitando-o e tendo, debaixo do braço, alguma cousa que se parecia com a fatídica caixa retangular de veludo.

Felizmente a cabana era sólida e a tranca não se deixaria mover do lado de fora. Mas o susto não o deixara dormir.

Um ruído despertou o "Polvo" das suas reflexões. A água da chocolateira fervia. Mexeu na prateleira para achar o pó de café e um bocado de açúcar.

Subitamente, lembrou-se que a porta estava aberta. Mas era tarde demais! A luz que vinha de fora foi interceptada por uma sombra e no limiar da porta surgiu um vulto agigantado.

O "Polvo" deixou cair o pacote e gritou de pavor. As faces tornaram-se lívidas e os dentes bateram convulsivamente. Todo o seu corpo flácido estremeceu como se estivesse debaixo de violenta descarga elétrica. Não pôde mover um dedo! Apenas os olhos se esgazearam quando reconheceu Gringo e a caixa das ferramentas cirúrgicas.

Gringo estava medonho! Sujo, a calça, a camisa e o cabelo empastados de barro vermelho; os olhos alucinados, brilhando como carvões acesos. Estava completamente desequilibrado. Fitou o aleijado e na sua mente pervertida parecia vacilar uma terrível decisão. Finalmente, recuou para fora, ergueu um fardo do solo e deitou-o junto da enxerga. Teve um riso convulso, de alegria demente, e mirou extasiado o pesado volume que deitara a seus pés.

Então, o pavor do aleijado centuplicou-se; gelou-se-lhe o sangue nas

veias e o sistema nervoso, antes tão flácido, retezou-se como arame farpado, parecendo estalar debaixo da pele.

O fardo, objeto da volúpia do louco, era Virgínia!!!

Angustiado, sem refletir, botou a mão espalmada no peito da jovem, perscrutando-lhe o coração, pois ela estava inerte.

Gringo teve uma expressão de fúria. Pegou-o pelo pescoço e o atirou de encontro à parede, junto à porta. O choque violento fê-lo bater os dentes, e das gengivas escorreu sangue. Mas ele apenas sentira uma cousa: Virgínia ainda vivia! Desmaiara, talvez, diante de excessiva brutalidade.

O demente parecia já tê-lo esquecido. Curvou-se, outra vez, do lado de fora, e trouxe quatro fragmentos de madeira pontiaguda; na mão esquerda uns pedaços de corda nova. E, diante

do olhar espavorido do “Polvo”, fincou as estacas de madeira no chão de terra da cabana, formando um retângulo e em cujo centro colocou Virgínia.

Vigorosamente ele amarrou os pulsos da jovem, um em cada estaca superior e, igualmente, os tornozelos nas inferiores. Virgínia ficara com os braços e as pernas num mesmo angulo, semelhante a uma cruz de Santo André.

Isso tudo fora feito em silêncio, automaticamente, como o artista que já estudara minuciosamente o papel. Aquilo era a materialização perfeita da ideia que o bruto viera alimentando gradativamente, desde há muito tempo.Vivia, agora, os sádicos recalques que exprimiam a mórbida rede psicopata de que era dotado desde jovem.

Virgínia abriu os olhos atordoada e, a princípio, ficara surpreendida. Subitamente, viu aquela figura alucinada debruçada sobre si e quis mexer os braços. Sentiu-os atados e deu conta da situação: estava em poder dum louco furioso! Não pode dominar um grito de pavor!...

O olhar de Gringo avivou-se, ante a associação pervertida do passado. Ele não via Virgínia à sua mercê; no seu cérebro ensandecido confundiam-se duas imagens: a jovem e a rês! Lembrava-se daquela rês que custara a morrer! Onde ele inseria a faca, o vermelho realçava e se movia num tom cintilante. Mas era tão vermelho! Afogueava, oprimia e apressava-lhe o sangue nas veias, e ele precisava arrefecer a escaldante sensação. Aquele tom rosa!... Ah! Como seria doce, suave, refrescante!...

O aleijado erguera-se com dificuldade; estava junto à porta com desejo intenso de fugir dali, afastar-se antes que pudesse perder o juízo, diante do que poderia acontecer. Escorria sangue dos seus lábios, mas ele não sentira o ferimento nem reparara o líquido que perdia. Olhava, estarrecido, para os funestos detalhes que o italiano realizava com o cuidado dum perito.

Virgínia tornara a si, novamente, e pôde ver o aleijado. Conhecendo a estranha monomania de Gringo a seu respeito, e vendo-o retirar da caixa de veludo um bisturi envolvido numa rosa amarfanhada, sentiu-se atingida pelo auge do pavor. Possuía uma poderosa resistência moral diante das dores físicas e às que atingem o coração, mas ali essas forças a abandonavam e ela revelava-se frágil criança.

Dificilmente poderia suportar com serenidade tão medonha cena: a cabana solitária, no meio duma clareira de mato, envolta por uma manhã triste e obscura e abrigando dois seres horripilantes.

Olhou para o "Polvo", súplice:

Pelo amor de Deus — clamou — mate-me antes que esse homem me enlouqueça!...

O doloroso apelo fez o aleijado sentir uma cousa invulgar. Era a primeira vez que alguém suplicava por ele, que o convocava a prestar auxílio. Havia, dentro de si, um conjunto de sentimentos que ignorava e que efervesceu na possibilidade de ser útil à vida. Então, aqueles princípios generosos tomaram-no conta e esquecido da sua própria inutilidade física, ele apanhou o facão e atirou-se para cima do louco. Não teve forcas para cravá-lo. Apenas pode perfurar a camisa barrenta de Gringo e causar-lhe leve ferimento. Sentiu-se erguido como uma criança, o teto da cabana rodopiou-lhe sob as vistas e foi bater-se contra o caixilho da porta, para depois amontoar-se na soleira, arquejante e sangrando. Tinha a impressão de que o peito se partira em pedaços, e apenas as pernas achavam-se mais vigorosas por causa da circulação sanguínea mais apressada.

Voltou-se para Virgínia e viu-a fazer uma cruciante oração. Provavelmente encomendava-se a Deus, diante de haver se destruído a última esperança da salvação.

Circundou a vista, desesperado, na ânsia de encontrar o que pudesse auxiliá-lo na defesa da jovem. Somente uma arma de fogo poderia servir-lhe, mas ele não a possuía. Não lhe seria possível dominar um louco que, quando

são, vencia com facilidade dois homens robustos.

Deus!... — murmurou baixinho e com o fervor dum agonizante. — Inspira-me!... Aceita a minha vida em troca da de Virgínia!

Mas o milagre não se realizou! Não havia tempo a perder porque Gringo arregaçara as mangas da camisa e se dispunha a iniciar a sua obra nefanda. Já desembaraçara diversas ferramentas e as colocava em grupos, junto à jovem.

O "Polvo" ainda esquadrinhou todos os recantos do aposento

e, inesperadamente, o seu olhar pousou num objeto. Quase gritou de júbilo, embora uma espantosa ideia germinasse-lhe no cérebro. Primeiro, diante da sua concretização, recuou acovardado. Mas essa ideia cresceu e os olhos encheram-se de estranha beleza na perspectiva de corajosa renúncia. Pegou, então, o objeto da sua impressionante cogitação: era a garrafa de querosene que o médico lhe havia dado dias antes!!!

Bateu o gargalo no topo duma costaneira e nervosamente foi-se embebendo do líquido pegajoso; besuntou a cara, os cabelos, a camisa e o peito até a cintura. A sua figura repulsiva tornou-se hedionda: a pele do rosto, cheia de buracos, brilhou como o couro envernizado dum batráquio. Não se satisfez: retirou a torcida do lampião de folha e embebeu os braços com o conteúdo oleoso.

O ser mais apático estremeceria diante do seu aspecto medonho. Virgínia fitou-o, corajosamente, percebendo a incrível decisão:

Não!... Não faça isso!... — exclamou angustiada. — Deixe-me, eu saberei morrer, e a sua vida perante Deus é tão útil quanto à minha. Não, por favor!...

E ela viu que aquela cara viscosa, igual como se tivesse sido feita de retalhos de cadáveres deformados e untados de querosene, teve um sorriso que, em outra fisionomia seria ascético. Pressentiu nele a volúpia do ser humano que finalmente encontra o meio de renunciar em holocausto pelo ente que ama acima da própria vida!

O aleijão respondeu-lhe numa,voz em que se lia inabalável decisão e uma felicidade inumana:

Possa eu realizar tudo com êxito!... Então peço dizerdes ao santo homem que me quis bem, vosso pai, que eu nunca o traí, mesmo em pensamento!...

Virgínia desejou opor-se ainda, mas inadvertidamente soltou um grito doloroso. O doido havia-lhe inserido o bisturi no dorso do pé; iniciando a sádica tarefa. O “Polvo” sentiu uma força quase sobre-humana invadir-lhe todas as fibras do ser e apanhando a garrafa com um resto de querosene, quebrou-lhe pelo meio e atirou o fundo com as bordas vivas no rosto de Gringo. Então, recuou até junto da porta, ficando à distância de

três passos do italiano, e guardou qualquer cousa em ambas as mãos e que Virgínia não pôde ver.

Gringo sentiu-se perturbado no seu objetivo mórbido; compreendeu que aquele homem ali só o embaraçava, causava ruptura no escoamento sádico da sua psicose. Era preciso exterminá-lo!... E esse pensamento dominou-o ferozmente! Ergueu-se, aos poucos, retesando os músculos e arqueando as mãos como dois nodosos ganchos vivos. O querosene escorria-lhe pela testa, penetrava nos olhos e fazia-o piscar grotescamente; tinha a boca entreaberta e engolia dois fios do líquido pegajoso. Os cacos da garrafa feriram-no levemente nas bochechas, mas o sangue corria com prodigalidade porque estava todo à flor da pele. Entretanto, somente o querosene nos olhos parecia incomodá-lo; talvez porque lhe dificultava a completa visão do aleijado, para quem concentrava toda a sua fúria.

Principiou a caminhar tão lento como a serpe que fascina o pássaro; as suas mãos vermelhas esgueiram-se e os dedos moveram-se como os tentáculos dum polvo irritado. Os lábios, separados, deixavam ver os dentes raivosamente cerrados.

O “Polvo” também se pôs em movimento, arrastando-se, de costas, em direção à porta. À distância entre os dois foi se encurtando e ele estava exausto pela comoção. As pernas tremeram-lhe, as juntas oscilaram e das feridas escorreram mais sangue que se misturou com o querosene que se infiltrava pela pele.

Os seus calcanhares bateram na soleira da porta; levantou um pé e depois o outro, mas não despregava os olhos das faces de Gringo, que avançava também com felina vagarosidade.

Atravessou o limiar da porta e contemplou Virgínia, num décimo de segundo, e fê-la entender que era o seu derradeiro olhar. Relanceou ainda, tão rápido como o relâmpago, os olhos pela paisagem que a envolvia: era também o extremo adeus à vida!...

Viu que o louco pressentira que as suas forças estavam cedendo e também que já cruzava o umbral da porta. Então, aqueles olhos ensandecidos cresceram para si, plantados na cara, fulva, demoníaca e lustrosa de querosene. As vigorosas manoplas vieram retesadas ao encontro do seu pescoço. Sentiu ainda os dedos do bruto roçar-lhe pela pele...

Então, célere, a sua mão direita riscou na caixa que a esquerda segurava, o fósforo que precipitou a tragédia. E o fogo lavrou pelo seu corpo untado de querosene e subiu pela cara do louco que já o segurava.

Gringo não chegou a compreender bem o que lhe acontecia. Sentiu apenas um vulto coberto de chamas, abraçar-lhe violentamente, debaixo dos seus próprios braços, trançar-lhe as pernas e cravar-lhe os dentes no pescoço, aferroando-se com veemente desespero e passar-lhe um medonho fogo; chamas que o lambiam da cintura aos cabelos!

Soltou um rugido de dor!... Esbravejou, distendeu-se como touro manietado e arremeteu, furioso, para frente, e depois, para trás. Dobrou-se, arqueou-se, exasperado, ululando como lobo acuado. Mas era inútil a sua insânia. A massa incendiária colara-se a ele como uma decisão implacável e agora a sua carne ardia e se ligava à carne ardente do agressor!... A tocha viva cozia-se no seu corpo, fundia-se com ele, dilacerava-lhe os músculos da cara, do pescoço e do peito!... Recuou, menos vigoroso, sacudiu-se entre estertores, arrastando ao chão pelo peso do assaltante incendiário. Breve, os uivos roucos foram-se transformando em soluços pungentes e estes em gemidos aflitivos, e que foram diminuindo gradativamente até que não mais se os ouvia. Ele estava nos últimos momentos e os prantos derradeiros eram mais humanos: pareciam realmente os gemidos de Gringo. Talvez o fogo tivesse acalmado aquela fúria sádica e despertado o espírito embrutecido!

O aleijado sucumbira antes, sem emitir um gemido, mas as suas mãos descarnadas tinham-se cravado como garras na carne queimada do louco, que se extinguira sem poder se livrar do fatídico amplexo.

O fogo fora insuficiente para carbonizar os corpos, mas da cintura para cima ambos estavam irreconhecíveis. E quando a turba chegou para linchar o aleijado, soube por boca de Virgínia a terrível verdade:

O “Polvo” ateara fogo a si mesmo, em holocausto à jovem! Então, o médico sentiu os olhos encherem-se de lágrimas e, curvando-se para a massa disforme, murmurou reverentemente:

Muito espírito formoso vive em morada monstruosa!...

© 2020 – Instituto Hercílio Maes Ramatís
www.institutoherciliomaes.com.br
Semeando e Colhendo
Ramatís / Hercílio Maes (1913-1993)
ISBN.: 9798555850546
Paraná — Brasil

Metrópole do “Grande Coração” — Comunidade espiritual situada sobre região populosa do Brasil. Vide as obras *A Vida Além da Sepultura* e *A Sobrevivência do Espírito*, edição da **EDITORA DO CONHECIMENTO**, de Atanagildo e Ramatís.

O médium não está autorizado a identificar o espírito do escritor J. T. e, se isso acontecer, será por mera coincidência, pois as iniciais do seu nome referem-se apenas à uma de suas criações literárias no Brasil.

Nota de Atanagildo: Releve-me, o leitor, a composição de tantos rodapés nesta obra, além das citações do médium; mas, sinceramente, não elaborei obra para divertimento, passatempo ou simples prazer de leitura, porém, conteúdo didático, informativo e esclarecedor, em co-participação com sublimes amigos das esferas superiores.

Atanagildo escreveu com Ramatís as obras *A Vida Além da Sepultura* e *A Sobrevivência do Espírito*, editadas pela **EDITORA DO CONHECIMENTO**.

No tempo em que J.T. vivia na Terra, era moda os “cadilacs” rabo de peixe; hoje substituídos pelos “impalas” e “bel-air”.

Nota do editor: O leitor deve atentar para os diferentes períodos de tempo entre a confecção do prefácio, o comentário da nota acima e os tempos atuais, em que nossos veículos possuem características bem diferentes.

Alusão à descoberta da eletricidade por Thomas Edson.

Dermatose Designação genérica das doenças da pele.

O autor alude ao personagem de H.G. Wells, da obra *O Homem Invisível*.

Parca A morte.

Jacá Espécie de cesto de forma variável, feito de taquara ou cipó, para conduzir, às costas dos animais, carnes salgadas, peixe, toucinho ou queijos.

Vidência Faculdade própria dos médiuns que podem enxergar os espíritos desencarnados.

Citado na Bíblia (Eclesiastes 12-6), o último cordão perispiritual a ser seccionado após a desencarnação.

Nota do Médium: No mesmo local, hoje existe o “Restaurante Tinguí”.

Nota do Médium: Atanagildo relata minuciosamente o seu processo desencarnatório na Terra, quando completava 28 anos de idade, na obra *A Vida Além da Sepultura***, EDITORA DO CONHECIMENTO** desde os capítulos iniciais e cuja segunda parte pertence a Ramatís.

Nota do Médium: Em face da grande semelhança entre o pensamento do espírito Abelardo e do Irmão X (pseudônimo de Humberto de Campos) quanto à diferença notável entre “amparar” e “esclarecer”, transcrevemos “Lição nas Trevas” no final deste capítulo.

Nota do Médium: Conceito do espírito André Luiz, por psicografia de Chico Xavier, em *Agenda Cristã*.

Nota de Atanagildo: Em face do avanço canceroso de Giordano no lado direito da cabeça, ele só poderia mover a pálpebra esquerda, sob a ação reflexiva dos nervos motores.

O amarelo dourado representa, na cromosofia astral, os efeitos da mente; o tom claro e translúcido define objetivos intelectuais elevados e os matizes escuros ou oleosos retratam as criaturas que subvertem esse poder para fins egocêntricos.

Os matizes lilases e violeta definem a humildade, a resignação e a doçura.

Aconselhamos o leitor a consultar o capítulo “Entre Árvores”, da obra *Os Mensageiros*, e o final do capítulo”Cidadão do Nosso Lar”, da obra *Nosso Lar*, que descrevem acontecimentos semelhantes ditados pelo espírito André Luiz a Chico Xavier, ambas as edições da FEB.

Hino com orquestra e coro da Coral Beethoviniana, cantada em alemão: *Under Cherub Steht Vor Gott*.

Nota de Atanagildo: Lixar é termo muito usado no Espaço para definir o polimento cármico que se processa entre desafetos ou adversários do passado quando defrontados em existências posteriores.

Termo usado no Espaço no sentido de nomear-se o espírito “não vibrátil” às injunções da consciência espiritual. É a entidade primária e inconsciente, muito subjugada pelo automatismo instintivo.

Nota de Atanagildo: Os “Senhores do Carma” da escolástica hindu, ou “Mentores Cármicos” da sinalética oriental, controlam cada espírito desde os primeiros bruxoleios de sua consciência, através das fichas cármicas com o prefixo sideral da família espiritual a que pertence, acrescidas dos dados da sua graduação sempre atualizados. O número sideral é a identificação definitiva do “espírito-indivíduo” em todas suas encarnações e ascese sideral. É evidente que se determinado espírito chama-se na Terra, João, Rafael, Júlio César ou Sócrates, isso se refere apenas à sua existência, transitória na carne, não propriamente à sua verdadeira identidade espiritual, que é um número sideral permanente.
Focomélico: Sem braços.
Nota do Médium: Atanagildo é entidade suficientemente esclarecida para conhecer a solução das perguntas acima, mas ele prefere armar os diálogos desse modo a fim de facilitar ao leitor uma compreensão gradativa dos assuntos transcendentais.
Nota Atanagildo: Na época da infância de Clementino não havia colchão de molas; os ricos adquiriam o colchão de crina animal, o mais requintado.
Nota de Atanagildo: As filhas gêmeas de Clementino, Dorinha e Otília, cujos nomes verdadeiros ocultamos por motivos óbvios, foram assassinadas nos seus prostíbulos em noite de grossa desordem.
Nota de Atanagildo: Peso magnético, que faz o espírito baixar às regiões purgatoriais ou subir para os planos superiores.
Nota de Atanagildo: Onde começa o mundo astralino e termina a Crosta; conhecido por Umbral, região dos detritos decantados nas purgações dos espíritos com as vestes perispirituais intoxicadas.
Os charcos absorvem as impurezas do perispírito, embora isto seja doloroso, até o momento de a entidade sentir-se capacitada para ser socorrida e conduzida às colônias espirituais de tratamento após a drenagem.
A drenagem amistosa é intervenção de técnicos experimentados que ajudam a entidade a libertar-se da crosta mais onerosa do perispírito, mas é preciso que goze de credenciais para isso, provenientes de atividades sacrificiais ao próximo.
Nota de Atanagildo: Vide o capítulo “Algumas Noções Sobre o Prana”, da obra *Elucidações do Além*, do autor espiritual Ramatís, psicografada por Hercílio Maes. O prana físico é de cor branca em sua manifestação unitária, mas provém da associação de várias cores, onde predomina o róseo esbranquiçado.
Nota de Atanagildo: Vide o capítulo “Duplo Etérico e Suas Funções”, também da obra citada acima. O duplo etérico é um corpo ou veículo provisório, espécie de mediador plástico ou elemento de ligação entre o perispírito e o corpo físico do homem e se compõe do “éter-físico” da Terra.
A penetração do duplo etérico na região Astral, em torno da Crosta, aguça os sentidos do espírito numa hipersensibilidade vital astralina.
Nota de Atanagildo: Os magos antigos usavam do exemplo do cocheiro, do cavalo e do carro, para ensinar, respectivamente, a ideia do espírito, energia ou duplo etérico, e o corpo físico. O espírito atua no duplo etérico, através do perispírito e consequente ação no corpo físico
Nota de Atanagildo: Apenas tentamos dar uma ideia do processo inacessível ao entendimento dos encarnados, efetuado num campo vibratório sem analogia com acontecimentos materiais. Num exemplo grosseiro, poderíamos considerar Luciano um hábil eletricista enfeixando fios elétricos num só cabo, que depois usaria como conduto de uma carga mais compacta.
Nota de Atanagildo: Vide o capítulo “Companheiro Libertado”, do livro *Obreiros da Vida Eterna*, do autor espiritual André Luiz, psicografado por Chico Xavier, com excelentes esclarecimentos sobre a influência da mente encarnada sobre os parentes agonizantes e os prejuízos decorrentes de tal atitude.
Eclesiastes, Bíblia: 12-6.
Nota de Atanagildo: Não olvide o leitor de que estamos relatando um processo de desencarnação disciplinada e coerente, com os “cortes” dos cordões e interrupção de atividades perispírito-carnal no tempo certo e previsto. Em casos de acidentes e mortes violentas, tais elementos se rompem e expluem

o “tônus vital” num desperdício lastimável. Há que distinguir, portanto, o rompimento de órgãos e tecidos proveniente de desastres e acidentes, aí na Terra, que depois exigem o socorro imediato, com as operações amparadas dos recursos preventivos e protetores do enfermo.
Vide a obra *A Vida Além da Sepultura*, **EDITORA DO CONHECIMENTO**, dos autores espirituais Ramatís e Atanagildo, também psicografada por Hercílio Maes, capítulo “Como Servimos de Repastos Vivos aos Espíritos das Trevas”.
Vide o capítulo “O Fogo Purificador”, da obra *Obreiros da Vida Eterna*, do autor espiritual André Luiz, psicografada por Chico Xavier.
Vide capítulo “Os Charcos de Fluidos Nocivos do Astral Inferior” da obra *A Vida Além da Sepultura*, **EDITORA DO CONHECIMENTO**, de Atanagildo em co-participação com Ramatís.
Vide o capítulo “Algumas Noções Sobre o Prana”, capítulo 18 da obra *Elucidações do Além*, **EDITORA DO CONHECIMENTO** de Ramatís.
Caleça Tipo antigo de carruagem de quatro rodas, dois assentos e de boleia descoberta.
Carbureto Gás de composto químico binário de carbono com metais, usado antigamente para produzir a iluminação nas lanternas das carruagens e dos primeiros automóveis, hoje usado na solda.
Nota de Atanagildo: Não esqueçamos que Verinha, além de espírito bastante liberto dos desejos da carne, desencarnou com 14 anos, em cuja idade é bem mais fácil o desprendimento dos veículos mais densos.
Vide o capítulo “A Caminho do Além”, da obra *A Vida Além da Sepultura*, **EDITORA DO CONHECIMENTO** de Atanagildo e Ramatís.
Nota de Atanagildo: Salan Aleikun significa “a paz seja contigo”. Aleikun essalãn, “seja contigo a paz”.
Sahhed; “senhor”; “Thaleb”, mentor.
Nota de Atanagildo: Em árabe, “Deus é grande.”
Nota de Atanagildo: Em árabe, significa “Luz da Religião”.
No Espaço, o vocábulo “cascão” refere-se a espírito superior manifestando-se em forma perispiritual, que já lhe serviu há tempos na matéria. Na umbanda, há elevadas entidades que baixam nos terreiros, usando os velhos cascões de pretos-velhos, caboclos, vovozinhas ou mães-pretas.
Nota de Atanagildo: Raros espiritualistas mostram-se esclarecidos quanto ao verdadeiro sentido da recuperação cármica, pois mesmo entre os espíritas ainda confunde-se o programa técnico de limpeza perispiritual com a concepção de castigos, sofrimentos ou resgates de culpas pregressas. Não existem departamentos corretivos nos planos superiores para punir faltas dos filhos de Deus. Afora alguns arremedos de tribunais de justiça, sediados nas regiões do Astral Inferior sob o comando de entidades malévolas do submundo espiritual, a dor, a desdita, a desgraça, a tragédia ou a infelicidade são apenas fases de um processo técnico, benfeitor, traçado inteligentemente pelos “Senhores do Carma”, com o objetivo exclusivo de proporcionar a felicidade breve aos espíritos ignorantes.
Nota de Atanagildo: Verinha e Silvano estão reencarnados em São Paulo; a primeira desempenha algumas funções de médium intuitiva e de cura; o segundo prepara-se para casar e sua mediunidade há de florescer dois ou três anos após o matrimônio. No seu esquema mediúnico, figura a faculdade psicográfica, cujo conteúdo deverá ser simples, coerente e seguro, mas sem desmentir o cientificismo do mundo. Quando Silvano casar-se, será profundamente influenciado pela esposa, médium excepcional, e também, sem dúvida, por Verinha. Marília, mais idosa, é médium já conhecida nas esferas espiritistas do Brasil e desempenha o seu trabalho com precisão e carinho.
Nota de Atanagildo: Ainda não podemos esclarecer, satisfatoriamente, o processo de inserção de residuais tóxicos fluídicos, ou “residuais sintéticos astralinos”, que podem acelerar a vida de certos germens vírus, além de suas cotas-mínimas de segurança existentes no organismo físico. Esses residuais sintéticos podem provocar moléstias semelhantes às provenientes da toxicidade natural dos espíritos comprometidos com a Lei. Nesse processo, só entendível no Espaço e dificílimo de traduzir pelos vocábulos terrícolas, ocorre algo semelhante ao uso e função deliberada das vacinas ou recursos

da “maleoterapia”. Apenas alguns iniciados do alto espiritualismo devem compreender melhor essa providência que as almas piedosas, às vezes, requerem no sentido de compartilharem nas mesmas provas acerbas dos seus familiares na carne.

Nota de Atanagildo: Impossibilitados de descrever as paisagens das regiões venturosas, em face da pobreza da linguagem humana, somos obrigados a recorrer ao recurso metafórico e ao palavreado de uso literário do mundo, tal qual o fizemos na descrição do “Anfiteatro das Papoulas”. Releve-nos, o leitor, a nossa tentativa infrutífera de transmitir uma ideia pálida das esferas espirituais superiores, onde usamos e abusamos de imagens “argênteas, translúcidas, cristalinas, refulgentes, cambiantes ou revérberos”, tentando associar na mente dos leitores as suas próprias lembranças da realidade imortal. Exercemos verdadeira garimpagem na mente do nosso médium, mas, infelizmente, o ouro e o diamante que ali podemos faiscar ainda são insuficientes para uma singela compreensão do cenário edênico.

Nota do Médium: Pergunta 93, do capítulo “Do Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos”, parte segunda e capítulo I, “Dos Espíritos”, da obra *Livro dos Espíritos*, editada pela Livraria da Federação Espírita Brasileira.

Vide as seguintes obras sobre “duplo etérico” e os “chacras”: *Elucidações do Além*, **EDITORA DO CONHECIMENTO**), de Ramatís, ou “Chacras”, Editora Pensamento de Leadbeater e *Passes e Radiações*, capítulo “Chacras”, de Edgard Armond.

Senhores do Carma Assim conhecidos pela filosofia oriental; espíritos encarregados de esquematizarem os programas redentores dos encarnados no processo de retificação espiritual.

Marcos, 8: 34-36; Lucas, 9: 23-25; Mateus, 10: 39.

Maurício, tribuno e militar, era comandante de uma legião romana. Ele e seus soldados, quando se achavam em Jerusalém, impressionados com os relatos da vida de Jesus, converteram-se ao Cristianismo. Tendo o imperador Diocleciano destacado essa legião para liquidar os rebeldes na Gália e ordenado que prestassem culto aos deuses e falsas divindades, todos negaram-se a isso e foram passados a fio de espada ao cair da noite de 28 de Setembro de 286. Maurício, hoje, é o guia e o paraninfo da “Cruzada dos Militares Espíritas” no Brasil, inspirando entre os próprios militares o espírito de paz e amor.

Um dia do calendário sideral compreende 2.160 anos do calendário terreno, ou seja, um signo astrológico completo. O signo de Pisces iniciou-se quase em vésperas do nascimento de Jesus, cuja influência finda-se em breve, substituída pela do signo de Aquário, considerada ideal para o desenvolvimento do Espírito no campo mental e científico. Aliás, em face da penetração da Ciência no mundo imponderável, a própria definição de materialismo enfraquece-se, ante uma concepção de espiritualismo positivo, em que, muito breve, o espírito será identificado nas balanças de precisão dos laboratórios terrenos. Vide o capítulo “Considerações Sobre o Grande Plano e Calendário Sideral” da obra *O Sublime Peregrino*, **EDITORA DO CONHECIMENTO** de Ramatís, psicografada por Hercílio Maes.

Vide o capítulo “Os que Emigrarão para um Planeta Inferior”, da obra *Mensagens do Astral*, **EDITORA DO CONHECIMENTO** de Ramatís.

Vide a obra *Mensagens do Astral*, de Ramatís, cujo astro intruso, apesar de sua descrição física algo incoerente com as leis astronômicas, e, mesmo impraticável, numa passagem brusca entre o Sol e a Terra, oculta um dos acontecimentos mais importantes para a humanidade terrícola previsto há milênios. No momento, só os estudiosos rosa-cruzes, teosofistas e talvez iogues devem entender a verdadeira significação do astro instruso, como futura habitação dos exilados da Terra. Na sua órbita de 6.666 anos, esconde-se grande parte da revelação ainda imatura ao homem, porque se prende principalmente à ocorrência de ordem espiritual.

Talvez o leitor estranhe a nomenclatura prosaica à guisa de contabilidade terrena; porém a terminologia sideral é bem mais rigorosa e disciplinada do que nas organizações humanas transitórias. Na realidade, ela controla o trânsito dos espíritos entre os mundos espirituais e físicos, e abrange panoramicamente o

tempo de cada consciência individualizada no Cosmo.
Vide a "Parábola do festim de bodas" (Mateus, 22: 8-14), alusão ao perispírito purificado e limpo, simbolizado na túnica nupcial imaculada que permite seu dono participar do banquete divino, pois em caso contrário será atirado às trevas exteriores, ou seja, nos charcos da purificação astralina ou no purgatório da existência humana.
Maioral O comando supremo do mundo das Trevas.
Vide capítulo "Jesus e sua Descida à Terra", da obra *O Sublime Peregrino*,
EDITORA DO CONHECIMENTO.
Apesar da formosa tradição sobre Davi, o salmista e filho de Salomão, do qual a Bíblia transmitiu-nos uma ideia lisonjeira, o certo é que ele também não passou de um feroz guerreiro cruel e vingativo, a trucidar mulheres, crianças e velhos indefesos. Como exemplo a esmo de suas barbaridades, eis o que se encontra em "Samuel, Livro 2º, cap. XII, vers. 31", da Bíblia, que transcrevemos: "E trazendo os seus moradores, os mandou serrar; e que passassem por cima deles carroças ferradas; e que os fizessem em pedaços com cutelos; e os botassem em fornos de cozer tijolos; assim fê-lo com todas as cidades dos amonitas; e voltou Davi com todo o seu exército para Jerusalem". Conforme comunicação mediúnica de fonte fidedigna, os mesmos soldados e comparsas de Davi e autores das atrocidades relatadas, retornaram à Terra e sob a "lei do choque de retorno", expiaram como judeus, e sob o jugo alemão, os crimes do passado. Há mesmo quem diga que Adolf Hitler e Davi são os mesmos, o que nos parece bastante coerente, pois entre ambos é difícil dizer qual deles é o mais feroz e falso místico!
Seria muito complexo esmiuçar para os leitores um gráfico de "horas culposas" sob a responsabilidade dos departamentos de planejamento cármico. Sendo matéria que em breve será transmitida para a Terra de maneira didática e expositiva, cabe-nos apenas a tarefa de assentar as bases dessas primeiras revelações numa conceituação geral. Aliás, o levantamento de tal gráfico não se prende propriamente a segundos, minutos e horas terrícolas, mas é fruto de exames do "estado mental e emotivo" do espírito culposo, cujo processo não encontra analogia nas coisas do mundo carnal.
Entidades conscientes podem decidir quanto à expiar suas horas culposas numa só existência carnal, caso sintam-se capazes de resistir às provas máximas de purgação psíquica, ou então dividi-las em liquidações parciais, através de algumas vidas na carne. Malgrado os conselhos superiores, muitos espíritos preferem uma liquidação ou expurgo de sua toxicidade perispiritual numa só existência; mas, diante das dores atrozes e vicissitudes incomuns, às vezes suicidam-se agravando ainda mais a sua situação espiritual em face de tais desatinos.
Quando, na matéria, um caminhão bate a máquina e precisa ser retificado, ninguém considera isso castigo ou punição, mas providência indispensável para o conserto imprescindível. Em breve, sob o processo técnico da oficina mecânica, o caminhão readquire a sua capacidade e função comuns, voltando a trafegar pelas estradas do mundo e produzindo, novamente, a receita para o seu dono. O espírito, quando claudica por imprudência ou ignorância, também precisa submeter-se à "retificação cármica" ou reajuste espiritual que depois o devolve em condições de prosseguir pela estrada de sua angelização.
Buscamos analogia de certos acontecimentos e objetos da Terra, que possam dar uma ideia mais aproximada da realidade do Mundo Espiritual Superior, onde as coisas são realmente "diáfanas, translúcidas, refulgentes, delicadas etc."
Nota de Atanagildo: Diz-nos irmão Navarro, que foi médico no Brasil,"que nos cromossomos, em verdade, há um verdadeiro projeto, programa ou roteiro que tem por fim assegurar as características fundamentais do indivíduo na sua estrutura corporal e dentro de um esquema peculiar dos ascendentes hereditários. No entanto, a substância fundamental do cromossomo são as núcleo-proteínas. Embora as proteínas sejam substâncias de alto peso molecular, compostas de carbono, oxigênio, nitrogênio, hidrogênio e às vezes com algum fósforo e enxofre, cujas pedras de construção são os aminoácidos, as proteínas também compõem certas substâncias fisiologicamente ativas, como por exemplo toxinas,

tóxicos e “enzimas”. As enzimas, como moléculas protéicas, estão presentes em todas as coisas vivas, e atualmente alguns cientistas estão convictos de que praticamente todas as doenças têm sua origem na falta de enzimas ou por causa de enzimas insuficientes. E o que é mais importante: existe no cromossomo um gene específico como fator de hereditariedade, que governa toda produção, ajuste e atividade das enzimas no organismo. Evidentemente, quando falta esse gene diretor ou é defeituoso, acontece fenômeno idêntico com a enzima, decorrendo também as alterações do indivíduo. Apenas para dar uma ideia aos leitores do processo “demolidor” dos cientistas das confrarias negras do Espaço, diríamos que eles conseguem bombardear “magneticamente” esse gene diretor da anatomia e fisiologia das enzimas, produzindo, assim, as perturbações na composição do organismo e resultando inúmeras enfermidades e consequências funestas no nascituro. Esses genes, assim como o espermatozoide, significam para nós, no Além, apenas os “detonadores psíquicos” que ligam as energias do éter-cósmico com as energias do éter-físico; são elementos que ainda sofrem a nossa ação “mental-magnética” e funcionam no limiar da vida astral e física. Daí, certo poder radioativo que podemos exercer em tais genes, porque suas estruturas astralinas sobrepõem-se, propriamente, à energia, ao vitalismo do mundo físico. Aliás, a própria ciência terrena admite que as radiações atômicas agindo na medula óssea produzem fenômenos anômalos na hemocitopoese inceloide.

Embora a terminologia do mundo astralino possa ser entendida sob outros aspectos, que identifiquem “estados angélicos” ou “estados diabólicos”, há realmente uma nomenclatura no gênero que especificamos. Não se trata de ficção muito ao gosto humano; mas são confrarias e instituições cujas denominações identificam-lhes perfeitamente o gênero de atividades destruidoras, agressivas e subversivas do padrão angélico da alma. Algumas delas surgiram na Terra, fundadas por espíritos exilados de outros orbes; mas sempre copiaram a ação agressiva ou destrutiva de certos animais, répteis ou insetos. Em consequência, inspiram-se no dragão que vomita fogo ou, ainda, na serpente que rasteja pérfida e traiçoeira, cujos adeptos fanáticos são capazes de tudo no Astral Inferior. Em antítese, os trabalhadores do Bem distinguem-se pela sua filiação à”Comunidade do Cordeiro”, símbolo de mansuetude, humildade e ternura sob a égide do Cristo.

Os leitores não devem estranhar as referências propositadas nestes contos verídicos, pois atendemos a instruções dos nossos Maiores, que acham de bom alvitre transmitirmos para a Terra mais alguns fragmentos da realidade da vida oculta. Os médicos ou cientistas das esferas superiores criam, ajudam e aliviam; os das Trevas prestam-se a toda sorte de maquiavelismos, tarefas destruidoras e indígnas, diferenciam-se tanto quanto o médico terreno e sacerdote, que cura e socorre, do que serve ao “ganguesterismo” do mundo, ou faz da dor alheia uma tábua de negócios.

Fogo serpentino Força telúrica, fruto da transformação do éter-cósmico pelo campo do astral terráqueo.Vivifica o homem através do “chacra” kundalíneo (sacrococígeno), cujo desenvolvimento prematuro é perigoso sem a devida espiritualização crística, por se tratar de força que tanto cria como destroi. Jesus tinha o “chacra kundalíneo” desenvolvido em existências anteriores e curava à distância pela força do seu Amor. Tamerlão, Gengis-Can, Átila, Aníbal, Alexandre, Hitler e outros, através de processos censuráveis de magia negra, também o haviam desenvolvido. No entanto, a mesma energia que lhes dava o poder sobre as massas, terminou por destrui-los no vórtice de sua ação violenta pelo choque de retorno.

Serpente Vermelha, Dragões, Escorpiões e Caprinos são remanescentes de velhas confrarias de magos negros que existiram na Terra desde os evos da Atlântida, pois chegavam a dizimar tribos adversas à longa distância, agindo pelo éter-físico através do “chacra esplênico” — sobre o baço —, interrompendo ou intoxicando o afluxo do “prana” ou energia vital emanada do Sol. As vítimas sucumbiam pela exaustão, algo parecido à leucemia ou à anemia perniciosa. Não podemos nos alongar nas minúcias desses processos, porque seria incentivo à criação de adeptos mal-intencionados, bem assim como devemos proteger o médium de assaltos perigosos do Astral Inferior.

Nota de Atanagildo: A título de advertência às mães gestantes, esclareço que os espíritos exilados, ou

“anjos decaídos”, quando aceitam a encarnação terrena como ensejo de redenção espiritual e consequente adesão à comunidade do Cristo, ficam estigmatizados pelos próprios comparsas do mundo oculto na condição de renegados perseguidos impiedosamente. A fim de dificultar-lhes a encarnação redentora, os cientistas das Trevas procuram atuar na mente e na emotividade das mães gestantes, insuflando-lhes vícios, paixões, frustrações ou irascibilidades que proporcionam um clima etéreo-físico poluído capaz de facilitar o bombardeio magnético sobre o nascituro. A mulher grávida imprudente ou invigilante pode alimentar esse clima ou ambiente fluídico nocivo engendrado pelos adversários, prejudicando o desenvolvimento embrionário do próprio filho. Os trevosos tentam atingir a tessitura cromossômica dos nascituros, para impedi-los de uma vida sadia ou consciente na matéria. As parturientes deviam evitar ambientes viciosos, reuniões fúteis, espetáculos licenciosos, palestras maledicentes, novelas, filmes, teatros e diversões que chocam, enauseam e excitam o sistema nervoso repercutindo na mente da própria criança. A mãe é a médium da vida e quase sempre ignora a aflição dos protetores do seu futuro filho, quando ela mesma favorece a consecução dos objetivos daninhos e diabólicos do astral inferior. O programa severo da gestante deveria ser sempre moldado em bons pensamentos, amizades espiritualizadas, linguagem limpa, leituras construtivas, prece habitual, alimentação suave, rejeição ao álcool, fumo e excitantes, proporcionando assim o ambiente tranquilo e sadio para o descendente carnal.

Nota de Atanagildo: Como ainda não posso esmiuçar notícias prematuras a muitos leitores incipientes nos escaninhos da Espiritualidade, os mais percucientes poderão entrever, nas entrelinhas destes contos, o assunto iniciático e que já é entrevisto nas obras de Ramatís, o nosso “Mestre de Exílio Planetário”. A visão panorâmica do Cosmo é conhecida entre os santos como o êxtase e entre os iniciados hindus como “samadhi”; é a beatitude ou Paz de Espírito impossível de se descrever com as palavras do vocabulário humano. O ser abrange o conhecimento cósmico e funde-se com o Criador, numa fração de segundo, sem perder sua individualidade. O espírito do homem modifica-se depois do “samadhi”, pela poderosa vibração que lhe revoluciona o íntimo; dali por diante assenta os seus propósitos espirituais na linha reta da angelitude. Como todo homem é uma centelha individualizada no seio da Consciência Cósmica, o êxtase ou “samadhi” pode surgir da conjugação de circunstâncias inesperadas, que elevam a emoção do ser ao máximo de sua suportação consciencial. É um extravasamento de força que rompe a personalidade humana, num impulso esférico ou em todos os sentidos e sem limite, cuja ação poderosa e centrífuga do espírito lança-o fora do tempo e do espaço, no oceano cósmico do Criador.

Nota do Médium:Vide o capítulo VI, da obra *O Fio da Navalha*, de W. Somerset Maughan, sobre a realidade divina ou a imersão no Absoluto. Idem a obra *Autobiografia de Un Yogi Contemporaneo*, principalmente o último terço da mesma obra. “Ediciones Siglo Veinte” — Buenos Aires — S.R.L. Juncal 1121 — Argentina.

Vide os “Devas” e os “Arquétipos”.

Vide capítulo “Reencarnação”, da obra *Missionários da Luz*, de André Luiz, psicografada por Chico Xavier, em que o assunto do “perispírito fetal” é elucidado de modo minucioso.

Nomes fictícios, apesar da maioria dos leitores saber quem foram os médicos autores dessas experimentações cruéis.

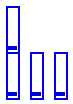
Amuh-Ramaya é entidade graduada pela iniciação hindu e egípcia, conhecedor profundo da psicologia das duas raças e familiar dos protagonistas.

No transe da recuperação energética, Isaac captava, através da mente poderosa, a reação furiosa dos seus próprios camparsas que abandonara pela redenção espiritual.

Na cromosofia astralina, as mesmas cores podem identificar dois extremos de graduação espiritual, variando conforme a claridade, brilho e opacidade. Assim, o verde sujo representa ciúmes e o verde ardósia, a falsidade baixa, enquanto o verde claríssimo, brilhante, identifica tolerância, tato, adaptabilidade ou sabedoria do mundo. O amor sensual e grosseiro pode se exprimir por um carmim escuro e opaco, enquanto o rosa claro e brilhante define elevada forma de amor. O azul-escuro, sujo,

interpreta a religiosidade interesseira e censurável, mas o claro luminoso demonstra sentimento religioso elevado e alta espiritualidade. Na própria concepcão do mundo físico, o preto é a cor negativa representando o ódio, a malícia e a vingança, combinadas ao tom vermelho chamejante. O branco, no entanto, é a pureza de coração! Em verdade, o preto, o encarnado chamejante ou o amarelo violento dominam nos planos inferiores; no entanto, o verdadeiro amarelo claríssimo e formoso define a iluminação espiritual, enquanto a cor do sétimo princípio, que é o Espírito, é absolutamente branca e inimaginável para o homem.

Vide a obra *Quatorze Lições de Filosofia Yogi*, capítulo "Os Princípios Mentais", Editora Pensamento de Yogi Ramacharaka, compêndio utilíssimo aos estudiosos da vida imortal.

Índice de contenido

1. Preâmbulo
2. Algumas palavras
3. Prefácio
4. O quebra ossos
5. Não se levanta!...
6. O ergástulo de carne
7. A mina
8. Os romeiros
9. Assim estava escrito
10. Inquisição moderna
11. O cantor
12. A serraria
13. Um mau negócio
14. Frustração
15. Adestramento materno
16. Hei de ser rico!
17. A vida contra a vida
18. Expurgo psíquico
19. Anjos rebeldes
20. CADERNOS DA BOLSA DOS INÉDITOS
21. Apresentação
22. O Polvo